

Sumário

6.2.2 FAUNA.....	1
6.2.2.1 Introdução	1
6.2.2.2 Fauna Terrestre	1
6.2.2.2.1 Metodologia.....	1
Justificativa para escolha dos grupos faunísticos e das áreas amostrais.....	1
Caracterização das Áreas de Estudo	4
Delineamento amostral.....	16
6.2.2.2.2 Resultados.....	37
Fauna de Provável Ocorrência na Área de Estudo do Empreendimento	37
Fauna Ocorrente na Área de Estudo do Empreendimento	89
Fauna Atropelada	189
6.2.2.2.3 Discussão e Conclusões	215
Anfíbios.....	215
Répteis.....	232
Avifauna	251
Mastofauna.....	263
Fauna Atropelada	269
6.2.2.3 Fauna Aquática.....	290
6.2.2.3.1 Metodologia.....	290
Invertebrados bentônicos.....	290
Ictiofauna	298
6.2.2.3.2 Resultados.....	300
Fauna de Provável Ocorrência na Área de Estudo do Empreendimento	300

ÍNDICE DE TABELA

TABELA 6.2. 1- ÁREAS DE AMOSTRAGEM DE ACORDO COM ACCT.	3
TABELA 6.2. 2 - TABELA SÍNTESE DOS MÉTODOS E ESFORÇOS APLICADOS NO LEVANTAMENTO DE FAUNA.	16
TABELA 6.2. 3 - TABELA COMPARATIVA ENTRE OS ESFORÇOS PROPOSTOS E OS EFETIVAMENTE APLICADOS NO LEVANTAMENTO DE FAUNA.....	17
TABELA 6.2. 4- EXEMPLARES DA HERPETOFAUNA COLETADOS E DEPOSITADOS NA UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS.	23
TABELA 6.2. 5 - EXEMPLARES DA MASTOTOFAUNA COLETADOS E DEPOSITADOS NA UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS	32
TABELA 6.2. 6- ABUNDÂNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DAS ESPÉCIES REGISTRADAS EM CADA SÍTIO AMOSTRAL NDO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	101
TABELA 6.2. 7- ABUNDÂNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM CADA SÍTIO AMOSTRADO E NO SOMATÓRIO DAS ÁREAS.	118
TABELA 6.2. 8- ABUNDÂNCIA ABSOLUTA E RELATIVA POR SÍTIO AMOSTRAL PARA A AVIFAUNA REGISTRADA DURANTE LEVANTAMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS PARA EIA DA DUPLICAÇÃO DA BR101-BA.....	152
TABELA 6.2. 9- ABUNDÂNCIA ABSOLUTA (N) E RELATIVA (%) DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NAS AMOSTRAGENS QUANTITATIVAS DO EIA-RIMA PARA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.....	176
TABELA 6.2. 10- ABUNDÂNCIA ABSOLUTA (N) E RELATIVA (%) DAS ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES CAPTURADAS EM CADA MÓDULO DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	186
TABELA 6.2. 11- DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 01 DE FAUNA ATROPELADA.....	189
TABELA 6.2. 12- LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 01 E REGISTROS.....	192
TABELA 6.2. 13-DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 02 DE FAUNA ATROPELADA.	193
TABELA 6.2. 14-LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 02 E REGISTROS.	196
TABELA 6.2. 15 - DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 03 DE FAUNA ATROPELADA.	198
TABELA 6.2. 16-LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 03 E REGISTROS.	201
TABELA 6.2. 17 -DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 04 DE FAUNA ATROPELADA.....	202
TABELA 6.2. 18- LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 04 E REGISTROS.....	205
TABELA 6.2. 19- DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 05 DE FAUNA ATROPELADA.....	206
TABELA 6.2. 20- LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 05 E REGISTROS.....	210
TABELA 6.2. 21- DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 06 DE FAUNA ATROPELADA.	211
TABELA 6.2. 22- LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 06 E REGISTROS.....	214
TABELA 6.2. 23- ESPÉCIES E NÚMEROS DE ANFÍBIOS REGISTRADOS DURANRE AS SEIS CAMPANHAS DE LEVANTAMENTO DE FAUNA ATROPELADA NA BR-101/BA.....	270
TABELA 6.2. 24- ESPÉCIES E NÚMEROS DE AVES REGISTRADOS DURANRE AS SEIS CAMPANHAS DE LEVANTAMENTO DE FAUNA ATROPELADA NA BR-101/BA.....	270
TABELA 6.2. 25- ESPÉCIES E NÚMEROS DE MAMÍFEROS REGISTRADOS DURANRE AS SEIS CAMPANHAS DE LEVANTAMENTO DE FAUNA ATROPELADA NA BR-101/BA.....	272
TABELA 6.2. 26 - ESPÉCIES E NÚMEROS DE RÉPTEIS REGISTRADOS DURANRE AS SEIS CAMPANHAS DE LEVANTAMENTO DE FAUNA ATROPELADA NA BR-101/BA.....	272
TABELA 6.2. 27- ÁREAS SELECIONADAS PARA COLETA DE ZOOBENTOS E ANÁLISE DE ÁGUA.....	290
TABELA 6.2. 28- COMUNIDADE DE INVERTEBRADOS BENTÔNICOS - CAMPANHA 01 (JULHO DE 2014).	313
TABELA 6.2. 29- COMUNIDADE DE INVERTEBRADOS BENTÔNICOS - CAMPANHA 02 (OUTUBRO DE 2014).....	314

INDICE DE FIGURAS

FIGURA 6.2 - 1 - DISTRIBUIÇÃO PLUVIOMÉTRICA MENSAL MÉDIA COM ERRO PADRÃO, ENTRE OS ANOS DE 1983 E 2013. DADOS COLETADOS NA ESTAÇÃO METEOROLÓGICA DE CRUZ DAS ALMAS-BA(FONTE: INMET. ACESSO: 23/01/2013).	2
FIGURA 6.2 - 2 - FLORESTA OMBRÓFILA DENSA TRANSFORMADA EM CACAU-CABRUCU. CACAUEIROS EM DESTAQUE.	6
FIGURA 6.2 - 3 VISTA PANORÂMICA DA FORMAÇÃO VEGETAL NO SÍTIO AFT1.	6
FIGURA 6.2 - 4 - ÁREA ALAGADIÇA PRESENTE NA ÁREA DE ESTUDO.	7
FIGURA 6.2 - 5 - VISTA DO INTERIOR DA ÁREA DE AMOSTRAGEM.	8
FIGURA 6.2 - 6 - PRESENÇA DE CACAUEIROS EM ÁREA DE BAIXA REPRESENTATIVIDADE DE ESPÉCIES ARBÓREAS NATIVAS.	9
FIGURA 6.2 - 7 - VISTA DO INTERIOR DA ÁREA DE AMOSTRAGEM.	9
FIGURA 6.2 - 8 - SISTEMA DE PLANTIO EM “CACAU-CABRUCU”. CACAUEIROS EM DESTAQUE.	10
FIGURA 6.2 - 9 - UMA DAS ÁREAS ALAGADIÇAS QUE COMPÕE A FISIONOMIA DA ÁREA DE ESTUDO.	10
FIGURA 6.2 - 10 - VISTA DA REGENERAÇÃO FLORESTAL EM UMA DAS ÁREAS DE AMOSTRAGEM.	11
FIGURA 6.2 - 11 - NO DETALHE, UMA ANTIGA OCUPAÇÃO HUMANA.	11
FIGURA 6.2 - 12 - VISTA PARCIAL DO DOSEL DA ÁREA.	11
FIGURA 6.2 - 13 - VISTA PARCIAL DA ÁREA.	11
FIGURA 6.2 - 14 - VISTA PANORÂMICA DA FORMAÇÃO VEGETAL DA ÁREA.	12
FIGURA 6.2 - 15 - VISTA DO INTERIOR DA ÁREA.	12
FIGURA 6.2 - 16 - VEGETAÇÃO EM ESTÁGIO MÉDIO DE REGENERAÇÃO.	12
FIGURA 6.2 - 17 - NO DETALHE O CACAUEIRO E, AO FUNDO, ÁRVORES DE DOSEL ESPARSAS.	12
FIGURA 6.2 - 18 - A ESQUERDA UM ESPÉCIME DE CACAU. NOTA-SE QUE A ÁREA SOFREU CORTE SELETIVO DE ESPÉCIES ARBÓREAS PARA A ENTRADA DE LUMINOSIDADE PARA A PLANTAÇÃO DE CACAU.	13
FIGURA 6.2 - 19 - VISTA EXTERNA DO FRAGMENTO ESTUDADO.	13
FIGURA 6.2 - 20 - VISTA EXTERNA DO FRAGMENTO FLORESTAL, NO DETALHE <i>ERYTHRINA</i> SP., ESPÉCIE EXÓTICA UTILIZADA PARA O SOMBREAMENTO DO CACAUEIRO.	14
FIGURA 6.2 - 21 - NO DETALHE: CACAUEIROS. AO FUNDO ARVÓRES DE DOSEL ESPARSAS AO LONGO DO FRAGMENTO. FISIONOMIA TÍPICA DA CABRUCU.	14
FIGURA 6.2 - 22 - VISTA DA FORMAÇÃO VEGETAL DO MÓDULO DE AMOSTRAGEM 6.	15
FIGURA 6.2 - 23 - VISTA DA FORMAÇÃO VEGETAL DO MÓDULO DE AMOSTRAGEM 6.	15
FIGURA 6.2 - 24 - VISTA DA FORMAÇÃO VEGETAL DO MÓDULO DE AMOSTRAGEM 6.	15
FIGURA 6.2 - 25 - VISTA DA FORMAÇÃO VEGETAL DO MÓDULO DE AMOSTRAGEM 6.	15
FIGURA 6.2 - 26 - EM PRIMEIRO PLANO OS CACAUEIROS E AO FUNDO ESPÉCIMES ARBÓREOS NATIVOS.	16
FIGURA 6.2 - 27 - PROFISSIONAL REALIZANDO BUSCA ATIVA NOTURNA.	18
FIGURA 6.2 - 28 - PROFISSIONAL REALIZANDO BUSCA ATIVA DIURNA.	18
FIGURA 6.2 - 29 - ÁREA ALAGADA ONDE FOI REALIZADA A BUSCA ATIVA NO MÓDULO 2.	19
FIGURA 6.2 - 30 - TRILHA ONDE FOI REALIZADA A BUSCA ATIVA NO MÓDULO 6.	19
FIGURA 6.2 - 31 - SÍTIO REPRODUTIVO REGISTRADO NO MÓDULO 2.	19
FIGURA 6.2 - 32 - SÍTIO REPRODUTIVO REGISTRADO EM AFT3.	19
FIGURA 6.2 - 33 - ESTAÇÃO DE ARMADILHAS DE INTERCEPÇÃO E QUEDA NO MÓDULO 6.	20
FIGURA 6.2 - 34 - PEDAÇO DE ISOPOR E ABRIGO, COLOCADOS DENTRO DO BALDE.	20
FIGURA 6.2 - 35 - BALDE TAMPADO ENTRE A CAMPANHA 1 E 2.	20

FIGURA 6.2 - 36 - PROFISSIONAL REALIZANDO A REVISÃO DA ARMADILHA DE INTERCEPÇÃO E QUEDA.	21
FIGURA 6.2 - 37 - ANFÍBIO SENDO MARCADO COM ELASTÔMERO FLUORESCENTE DE IMPLANTE VISÍVEL (VIE).....	22
FIGURA 6.2 - 38 - LAGARTO SENDO MARCADO COM ELASTÔMERO FLUORESCENTE DE IMPLANTE VISÍVEL (VIE).	22
FIGURA 6.2 - 39 - ANFÍBIO MARCADO COM ELASTÔMERO FLUORESCENTE DE IMPLANTE VISÍVEL (VIE) SOB LUZ FLUORESCENTE. ...	22
FIGURA 6.2 - 40 - ANFÍBIO MARCADO COM ELASTÔMERO FLUORESCENTE DE IMPLANTE VISÍVEL (VIE) SOB LUZ FLUORESCENTE. ...	22
FIGURA 6.2 - 41 - CORTE DE ESCAMA EM SERPENTE CAPTURADA.....	22
FIGURA 6.2 - 42 - MEDIÇÃO DE CRC DE INDIVÍDUO CAPTURADO.	22
FIGURA 6.2 - 43 - IMAGEM ILUSTRATIVA DA EXECUÇÃO DO MÉTODO DE PONTO FIXO DE CONTAGEM.....	24
FIGURA 6.2 - 44 - IMAGEM ILUSTRATIVA DA EXECUÇÃO DO MÉTODO DE TRANSECÇÃO.....	25
FIGURA 6.2 - 45 - IMAGEM ILUSTRATIVA DE CAPTURA COM O AUXÍLIO DE REDES DE NEBLINA.	26
FIGURA 6.2 - 46 - REDE DE NEBLINA INSTALADA EM PARCELA DO MÓDULO 2.	26
FIGURA 6.2 - 47 - MEDIÇÃO DO BICO.	26
FIGURA 6.2 - 48 - MEDIÇÃO DO TARSO.....	26
FIGURA 6.2 - 49 - PESAGEM.	27
FIGURA 6.2 - 50 - ANILHAMENTO.	27
FIGURA 6.2 - 51 - VERIFICAÇÃO DA PLACA DE INCUBAÇÃO.	27
FIGURA 6.2 - 52 - SOLTURA DE INDIVÍDUO CAPTURADO.....	27
FIGURA 6.2 - 53 - PROFISSIONAL REALIZANDO CENSO POR TRANSECÇÃO.....	28
FIGURA 6.2 - 54 - EXEMPLO DE TRILHA ONDE FOI REALIZADO CENSO POR TRANSECÇÃO.....	28
FIGURA 6.2 - 55 - ENCONTRO DE PEGADAS DE <i>MAZAMA GOUAZOUBIRA</i> DURANTE TRANSECÇÃO EM AFT1.	28
FIGURA 6.2 - 56 - ARMADILHA FOTOGRÁFICA SENDO INSTALADA PELO PROFISSIONAL.....	29
FIGURA 6.2 - 57 - ARMADILHA FOTOGRÁFICA INSTALADA.....	29
FIGURA 6.2 - 58 - ARMADILHA DE PEGADAS DISPOSTA NO TRANSECTO PRINCIPAL DO MÓDULO 2.....	30
FIGURA 6.2 - 59 - ISCAGEM E ARMADILHAMENTO.	31
FIGURA 6.2 - 60 - ARMADILHA DISPOSTA NO SOLO.....	31
FIGURA 6.2 - 61 - ARMADILHA DISPOSTA NO SOLO.....	31
FIGURA 6.2 - 62 - ARMADILHA DISPOSTA NO SUB-BOSQUE.	31
FIGURA 6.2 - 63 - PROFISSIONAL REALIZANDO A VERIFICAÇÃO DIÁRIA E ISCAGEM DAS ARMADILHAS.	31
FIGURA 6.2 - 64 - SOLTURA DE INDIVÍDUO.....	31
FIGURA 6.2 - 65 - INDIVÍDUO ANILHADO.	32
FIGURA 6.2 - 66 - MEDIÇÃO DO CORPO.	32
FIGURA 6.2 - 67 - MEDIÇÃO DA CAUDA.	33
FIGURA 6.2 - 68 - SEXAGEM.	33
FIGURA 6.2 - 69 - PESAGEM.	33
FIGURA 6.2 - 70 - SOLTURA.	33
FIGURA 6.2 - 71 - RIQUEZA MÉDIA REGISTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRADOS DO EIA/RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.....	89
FIGURA 6.2 - 72 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.....	95

FIGURA 6.2 - 73 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS EM AFT1 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	96
FIGURA 6.2 - 74 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS NO MÓDULO2 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	96
FIGURA 6.2 - 75 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS EM AFT2 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	97
FIGURA 6.2 - 76 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS EM AFT3 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	97
FIGURA 6.2 - 77 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS NO MÓDULO5 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DA CAMPANHA 1 DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	98
FIGURA 6.2 - 78 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS NO MÓDULO6 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	98
FIGURA 6.2 - 79 - ESPÉCIES DE ANFÍBIOS COM MAIS DE 140 REGISTROS NAS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	99
FIGURA 6.2 - 80 - <i>DENDROPSOPHUS BRANNERI</i>	99
FIGURA 6.2 - 81 - <i>DENDROPSOPHUS ELEGANS</i>	99
FIGURA 6.2 - 82 - <i>HYPISIBOAS SEMILINEATUS</i>	99
FIGURA 6.2 - 83 - ABUNDÂNCIA MÉDIA REGISTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRAIS.	100
FIGURA 6.2 - 84 - SIMILARIDADE ENTRE OS SÍTIOS AMOSTRAIS DO ESTUDO PARA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	104
FIGURA 6.2 - 85 - DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE OBTIDAS PARA OS SÍTIOS E AMOSTRADOS E NO ACUMULADO DAS ÁREAS.	105
FIGURA 6.2 - 86 - ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADOS NOS DIFERENTES TIPOS DE HABITATS NOS SÍTIOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	105
FIGURA 6.2 - 87 - <i>HYPISIBOAS CREPITANS</i>	106
FIGURA 6.2 - 88 - <i>HYPISIBOAS FABER</i>	106
FIGURA 6.2 - 89 - <i>LEPTODACTYLUS NATALENSIS</i>	106
FIGURA 6.2 - 90 - <i>LEPTODACTYLUS SPIXII</i>	106
FIGURA 6.2 - 91 - <i>PIPA CARVALHOI</i>	106
FIGURA 6.2 - 92 - <i>PROCERATOPHRYNUS SCHIRCHI</i>	106
FIGURA 6.2 - 93 - <i>CHIASMOCLEIS CRUCIS</i>	107
FIGURA 6.2 - 94 - <i>ALLOBATES OLFEROIDES</i>	107
FIGURA 6.2 - 95 - <i>DENDROPSOPHUS NOVAISI</i>	107
FIGURA 6.2 - 96 - <i>HYOPHRYNE HISTRIO</i>	107
FIGURA 6.2 - 97 - <i>HYPISIBOAS ATLANTICUS</i>	107
FIGURA 6.2 - 98 - <i>HYPISIBOAS POMBALI</i>	107
FIGURA 6.2 - 99 - <i>ISCHNOCNEMA BILINEATA</i>	108
FIGURA 6.2 - 100 - <i>ISCHNOCNEMA PAULODUTRAI</i>	108
FIGURA 6.2 - 101 - RIQUEZA MÉDIA DE RÉPTEIS REGISTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRADOS.	109
FIGURA 6.2 - 102 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS NAS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	113
FIGURA 6.2 - 103 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO SÍTIO AFT1 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	114

FIGURA 6.2 - 104 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO MÓDULO 2 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	114
FIGURA 6.2 - 105 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO SÍTIO AFT2 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	115
FIGURA 6.2 - 106 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO SÍTIO AFT3 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	115
FIGURA 6.2 - 107 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO MÓDULO 5 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	116
FIGURA 6.2 - 108 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO MÓDULO 6 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	116
FIGURA 6.2 - 109 - ESPÉCIES MAIS ABUNDANTES NAS AMOSTRAGENS.	117
FIGURA 6.2 - 110 - ABUNDÂNCIA MÉDIA POR PARCELA AMOSTRADA NOSSÍTIOS AMOSTRAIS.	117
FIGURA 6.2 - 111 - DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE REGISTRADAS NOS MÓDULOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	120
FIGURA 6.2 - 112 - SIMILARIDADE ENTRE SÍTIOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	121
FIGURA 6.2 - 113 - ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADOS NOS HABITATS PRESENTES NOS MÓDULOS AMOSTRAIS.	122
FIGURA 6.2 - 114 - <i>COLEODACTYLUS MERIDIONALIS</i>	122
FIGURA 6.2 - 115 - <i>DIPSAS VARIEGATA</i>	122
FIGURA 6.2 - 116 - <i>ENYALIUS CATENATUS</i>	123
FIGURA 6.2 - 117 - <i>ERYTHROLAMPLUS REGINAE</i>	123
FIGURA 6.2 - 118 - <i>KENTROPYX CALCARATA</i>	123
FIGURA 6.2 - 119 - <i>LEPOSOMA SCINCOIDES</i>	123
FIGURA 6.2 - 120 - <i>NOROPS FUSCOAURATUS</i>	123
FIGURA 6.2 - 121 - <i>TROPIDURUS TORQUATUS</i>	123
FIGURA 6.2 - 122 - <i>BOTHROPS CF. LEUCURUS</i>	124
FIGURA 6.2 - 123 - <i>CHIRONIUS FUSCUS</i>	124
FIGURA 6.2 - 124 - <i>ELAPOMORPHUS WUCHERERI</i>	124
FIGURA 6.2 - 125 - <i>GYMNODACTYLUS DARWINII</i>	124
FIGURA 6.2 - 126 - <i>HEMIDACTYLUS MABOUIA</i>	124
FIGURA 6.2 - 127 - <i>ERYTHROLAMPRUS MILIARIS</i>	124
FIGURA 6.2 - 128 - RIQUEZA MÉDIA REGISTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRADOS.	146
FIGURA 6.2 - 129 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES PARA A ÁREA DE ESTUDO DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	147
FIGURA 6.2 - 130 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES EM AFT1 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	147
FIGURA 6.2 - 131 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES NO MÓDULO 2 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	148
FIGURA 6.2 - 132 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES EM AFT2 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	148
FIGURA 6.2 - 133 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES EM AFT3 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	149
FIGURA 6.2 - 134 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES NO MÓDULO 5 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	149

FIGURA 6.2 - 135 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES NO MÓDULO 6 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	150
FIGURA 6.2 - 136 - ABUNDÂNCIA MÉDIA POR SÍTIO AMOSTRAL DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	151
FIGURA 6.2 - 137 - CAMBACICA (<i>COEREBE FLAVEOLA</i>).	151
FIGURA 6.2 - 138 - XEXÉU (<i>CACICUS CELA</i>).	151
FIGURA 6.2 - 139 - PERIQUITO-RICO (<i>BROTOGERIS TIRICA</i>).	151
FIGURA 6.2 - 140 - CATATAU (<i>CAMPYLORHYNCHUS TURDINUS</i>).	151
FIGURA 6.2 - 141 - ESPÉCIES COM MAIOR IPA (ÍNDICE PONTUAL DE ABUNDÂNCIA) NAS AMOSTRAGENS.	160
FIGURA 6.2 - 142 - XEXÉU (<i>CACICUS CELA</i>) ESPÉCIE COM O MAIOR IPA.	160
FIGURA 6.2 - 143 - PERIQUITO-RICO (<i>BROTOGERIS TIRICA</i>), SEGUNDA ESPÉCIE COM MAIOR IPA.	160
FIGURA 6.2 - 144 - SAÍRA-SETE-CORES (<i>TANGARA SELEDON</i>), ESPÉCIE COM SEXTO MAIOR IPA.	161
FIGURA 6.2 - 145 - ESPÉCIES COM MAIOR DENSIDADE NAS AMOSTRAGENS.	161
FIGURA 6.2 - 146 - CAMBACICA (<i>COEREBE FLAVEOLA</i>).	162
FIGURA 6.2 - 147 - SABIÁ-LARANJEIRA (<i>TURDUS RUFIVENTRIS</i>).	162
FIGURA 6.2 - 148 - ESPÉCIES COM MAIOR CPUE NAS AMOSTRAGENS.	162
FIGURA 6.2 - 149 - RENDEIRA (<i>MANACUS MANACUS</i>).	163
FIGURA 6.2 - 150 - CHOQUINHA-DE-FLANCO-BRANCO (<i>MYRMOTHERULA AXILLARIS</i>).	163
FIGURA 6.2 - 151 - BALANÇA-RABO-DE-BICO-TORTO (<i>GLAUCIS HIRSUTUS</i>).	163
FIGURA 6.2 - 152 - DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE REGISTRADAS NAS AMOSTRAGENS DE AVIFAUNA.	164
FIGURA 6.2 - 153 - DENDROGRAMA DE SIMILARIDADE ENTRE AS ÁREAS, UTILIZANDO-SE BRAY-CURTIS.	164
FIGURA 6.2 - 154 - VISSIÁ (<i>RHYTIPTERNA SIMPLEX</i>).	165
FIGURA 6.2 - 155 - FURRIEL (<i>CARYOTHAUTES CANADENSIS</i>).	165
FIGURA 6.2 - 156 - RIQUEZA MÉDIA DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE REGISTRADA POR SÍTIO AMOSTRAL NO EIA/RIMA PARA A DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	165
FIGURA 6.2 - 157 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS GLOBAIS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NA ÁREA DE ESTUDO DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	166
FIGURA 6.2 - 158 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO SÍTIO AFT1 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	166
FIGURA 6.2 - 159 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO SÍTIO AFT2 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	167
FIGURA 6.2 - 160 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO SÍTIO AFT3 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	167
FIGURA 6.2 - 161 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO MÓDULO 2 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	168
FIGURA 6.2 - 162 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO MÓDULO 5 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	168
FIGURA 6.2 - 163 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO MÓDULO 6 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	169
FIGURA 6.2 - 164 - ABUNDÂNCIA MÉDIA REGISTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRAIS DURANTE O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	173
FIGURA 6.2 - 165 - REGISTRO VISUAL DE <i>CALLITHRIX KUHLII</i>	174
FIGURA 6.2 - 166 - REGISTRO POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA DE <i>CERDOCYON THOUS</i>	174

FIGURA 6.2 - 167 - REGISTRO POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA DE <i>CUNICULUS PACA</i>	174
FIGURA 6.2 - 168 - REGISTRO DE PEGADA DE <i>C. PACA</i>	174
FIGURA 6.2 - 169 - REGISTRO POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA DE <i>P. CANCRIVORUS</i>	174
FIGURA 6.2 - 170 - REGISTRO POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA DE <i>PECARI TAJACU</i>	174
FIGURA 6.2 - 171 - REGISTRO VISUAL DE <i>LEONTOPITHECUS CHRYSOMELAS</i>	175
FIGURA 6.2 - 172 - REGISTRO POR PEGADA DE <i>LEOPARDUS PARDALIS</i>	175
FIGURA 6.2 - 173 - REGISTRO VISUAL DE <i>S. XANTHOSTERNOS</i>	175
FIGURA 6.2 - 174 - REGISTRO POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA DE <i>L. TIGRINUS</i>	175
FIGURA 6.2 - 175 - DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE OBTIDAS NOS SÍTIOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	177
FIGURA 6.2 - 176 - SIMILARIDADE ENTRE OS SÍTIOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.....	178
FIGURA 6.2 - 177 - RIQUEZA MÉDIA DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE POR SÍTIO AMOSTRADO NO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	179
FIGURA 6.2 - 178 - CURVA DE ACUMULAÇÃO DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE DURANTE NA CAMPANHA 1 DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	179
FIGURA 6.2 - 179 - CURVA DE ACUMULAÇÃO DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE NO MÓDULO 2 NAS CAMPANHAS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	180
FIGURA 6.2 - 180 - CURVA DE ACUMULAÇÃO DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE NO MÓDULO 5 NAS CAMPANHAS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	180
FIGURA 6.2 - 181 - CURVA DE ACUMULAÇÃO DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE NO MÓDULO 6 NAS CAMPANHAS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	181
FIGURA 6.2 - 182 - ABUNDÂNCIA MÉDIA DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE NAS AMOSTRAGENS PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	184
FIGURA 6.2 - 183 - <i>MARMOSA MURINA</i>	184
FIGURA 6.2 - 184 - <i>METACHIRUS NUDICAUDATUS</i>	184
FIGURA 6.2 - 185 - <i>HYLAEAMYS SEUANEZI</i>	185
FIGURA 6.2 - 186 - <i>DIDELPHIS AURITA</i>	185
FIGURA 6.2 - 187 - <i>NECROMYS LASIURUS</i>	185
FIGURA 6.2 - 188 - <i>OECOMYS CATHERINAE</i>	185
FIGURA 6.2 - 189 - ÍNDICE DE DIVERSIDADE DE SHANNON-WIENER (H') DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE E EQUITABILIDADE DE PIELOU (J') POR SÍTIO AMOSTRAL E TOTAL (GLOBAL) NO EIA/RIMA PARA A DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.....	187
FIGURA 6.2 - 190 - SIMILARIDADE ENTRE AS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE REGISTRADAS NOS MÓDULOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.	188
FIGURA 6.2 - 191 - REGISTRO DE <i>G. MICROTARSUS</i> NO MÓDULO 2.....	188
FIGURA 6.2 - 192 - REGISTRO DE <i>M. PARAGUAYANUS</i> NO MÓDULO 2.	188
FIGURA 6.2 - 193 - REGISTRO DE <i>N. SQUAMIPES</i>	188
FIGURA 6.2 - 194 - REGISTRO DE <i>T. NIGRITA</i>	188
FIGURA 6.2 - 195 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 01 ..	190
FIGURA 6.2 - 196 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 01.....	191
FIGURA 6.2 - 197 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 01	191

FIGURA 6.2 - 198 - REGISTRO DO ESPÉCIME DE ANFÍBIO ATROPELADO NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 01 ..	192
FIGURA 6.2 - 199 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 02 ..	194
FIGURA 6.2 - 200 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 02 ..	195
FIGURA 6.2 - 201 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 02 ..	195
FIGURA 6.2 - 202 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE ANFÍBIOS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 02 ..	196
FIGURA 6.2 - 203 - PLACA DO DNIT INFORMANDO SOBRE OS SERVIÇOS DE RESTAURAÇÃO E MANUTENÇÃO ..	197
FIGURA 6.2 - 204 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 03 ..	199
FIGURA 6.2 - 205 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 03 ..	200
FIGURA 6.2 - 206 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 03 ..	200
FIGURA 6.2 - 207 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE ANFÍBIOS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 03 ..	201
FIGURA 6.2 - 208 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 04 ..	203
FIGURA 6.2 - 209 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 04 ..	204
FIGURA 6.2 - 210 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 04 ..	204
FIGURA 6.2 - 211 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE ANFÍBIOS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 04 ..	205
FIGURA 6.2 - 212 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 05 ..	208
FIGURA 6.2 - 213 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 05 ..	208
FIGURA 6.2 - 214 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 05 ..	209
FIGURA 6.2 - 215 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE ANFÍBIOS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 05 ..	209
FIGURA 6.2 - 216 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 06 ..	212
FIGURA 6.2 - 217 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 06 ..	213
FIGURA 6.2 - 218 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 06 ..	213
FIGURA 6.2 - 219 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE ANFÍBIOS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 06 ..	214
FIGURA 6.2 - 220 - <i>PHYSALAEMUS GR. SIGNIFER</i> ..	216
FIGURA 6.2 - 221 - <i>PHYLLODYSTES SP.</i> ..	216
FIGURA 6.2 - 222 - <i>CHIASMOCLEIS CRUCIS</i> ..	217
FIGURA 6.2 - 223 - <i>ALLOBATES OLFERSIOIDES</i> ..	218
FIGURA 6.2 - 224 - <i>PHYLLODYSTES MACULOSUS</i> ..	218
FIGURA 6.2 - 225 - <i>PHYLLODYSTES KAUTSKYI</i> ..	218
FIGURA 6.2 - 226 - <i>ISCHNOCNEMA BILINEATA</i> ..	219

FIGURA 6.2 - 227 - <i>MACROGENIOGLOTTUS ALIPIOI</i>	219
FIGURA 6.2 - 228 - <i>HYOPHRYNE HISTRIO</i>	219
FIGURA 6.2 - 229 - <i>DENDROPSOPHUS BIPUNCTATUS</i>	219
FIGURA 6.2 - 230 - <i>TRACHYCEPHALUS MESOPHAEUS</i>	220
FIGURA 6.2 - 231 - <i>PHYLLOMEDUSA NORDESTINA</i>	220
FIGURA 6.2 - 232 - <i>ISCHNOCNEMA PARVA</i>	222
FIGURA 6.2 - 233 - <i>PHYSALAEMUS CAMACAN</i>	222
FIGURA 6.2 - 234 - <i>HYSIBOAS ATLANTICUS</i>	223
FIGURA 6.2 - 235 - <i>HYSIBOAS POMBALI</i>	223
FIGURA 6.2 - 236 - <i>SCINAX ARGYREORNATUS</i>	223
FIGURA 6.2 - 237 - <i>SCINAX EURYDICE</i>	223
FIGURA 6.2 - 238 - <i>HADDADUS BINOTATUS</i>	223
FIGURA 6.2 - 239 - <i>LEPTODACTYLUS MACROSTERNUM</i>	223
FIGURA 6.2 - 240 - <i>AGALYCNIS ASPERA</i>	224
FIGURA 6.2 - 241 - <i>PHYSALAEMUS ERIKAE</i>	224
FIGURA 6.2 - 242 - <i>SCINAX STRIGILATUS</i>	225
FIGURA 6.2 - 243 - <i>DENDROPSOPHUS ANCEPS</i>	226
FIGURA 6.2 - 244 - <i>DENDROPSOPHUS BIPUNCTATUS</i>	226
FIGURA 6.2 - 245 - <i>DENDROPSOPHUS DECIPIENS</i>	226
FIGURA 6.2 - 246 - <i>DENDROPSOPHUS MINUTUS</i>	226
FIGURA 6.2 - 247 - <i>DENDROPSOPHUS NOVAISI</i>	226
FIGURA 6.2 - 248 - <i>DENDROPSOPHUS SENICULUS</i>	226
FIGURA 6.2 - 249 - <i>PRISTIMANTIS PAULOUDTRAI</i>	227
FIGURA 6.2 - 250 - <i>RHINELLA HOOGMOEDI</i>	227
FIGURA 6.2 - 251 - <i>DENDROPSOPHUS HADDADI</i>	228
FIGURA 6.2 - 252 - <i>DENDROPSOPHUS GIESLERI</i>	228
FIGURA 6.2 - 253 - <i>HYSIBOAS ALBOMAGINATUS</i>	228
FIGURA 6.2 - 254 - <i>PRISTIMANTIS RAMAGII</i>	228
FIGURA 6.2 - 255 - <i>RHINELLA CRUCIFER</i>	228
FIGURA 6.2 - 256 - <i>SCINAX JUNCAE</i>	228
FIGURA 6.2 - 257 - <i>ITAPOTIHYLA LANGSDORFFII</i>	231
FIGURA 6.2 - 258 - <i>LEPTODACTYLUS LATRANS</i>	231
FIGURA 6.2 - 259 - <i>PHYLLOMEDUSA BURMEISTERI</i>	231
FIGURA 6.2 - 260 - <i>PHYLLOMEDUSA RHODEI</i>	231
FIGURA 6.2 - 261 - <i>RHINELLA GRANULOSA</i>	231
FIGURA 6.2 - 262 - <i>RHINELLA JIMI</i>	231
FIGURA 6.2 - 263 - <i>SCINAX X-SIGNATUS</i>	232
FIGURA 6.2 - 264 - <i>SIPHONOPS ANNULATUS</i>	232
FIGURA 6.2 - 265 - <i>SPHAENORHYNCHUS PAULOALVINI</i>	232

FIGURA 6.2 - 266 - <i>TRACHYCEPHALUS ATLAS</i>	232
FIGURA 6.2 - 267 - <i>DENDROPHIDION ATLANTICA</i>	233
FIGURA 6.2 - 268 - <i>LEPOSOMA SCINCOIDES</i>	234
FIGURA 6.2 - 269 - <i>GYMNODACTYLUS DARWINII</i>	235
FIGURA 6.2 - 270 - <i>ENYALIUS CATENATUS</i>	235
FIGURA 6.2 - 271 - <i>ACANTOCHELYS RADIOLATA</i>	236
FIGURA 6.2 - 272 - <i>PSEUDOBOA NIGRA</i>	238
FIGURA 6.2 - 273 - <i>LEPOSOMA ANNECTANS</i>	239
FIGURA 6.2 - 274 - <i>ATRACTUS GUENTHERI</i>	239
FIGURA 6.2 - 275 - <i>OXYRHOPUS PETOLARIUS</i>	240
FIGURA 6.2 - 276 - <i>PHYLLOPEZUS LUTZAE</i>	241
FIGURA 6.2 - 277 - <i>DIPSAS CATESBYI</i>	242
FIGURA 6.2 - 278 - <i>KENTROPYX CALCARATA</i>	242
FIGURA 6.2 - 279 - <i>PSYCHOSAURA MACRORHYNCHA</i>	243
FIGURA 6.2 - 280 - <i>COPEOGLOSSUM NIGROPUNCTATUM</i>	243
FIGURA 6.2 - 281 - <i>ELAPOMORPHUS WUCHERERI</i>	244
FIGURA 6.2 - 282 - <i>HEMIDACTYLUS MABOUIA</i>	245
FIGURA 6.2 - 283 - <i>LEPOSTERNON WUCHERERI</i>	245
FIGURA 6.2 - 284 - <i>CHIRONIUS FUSCUS</i>	246
FIGURA 6.2 - 285 - <i>LEPTODEIRA ANNULATA</i>	246
FIGURA 6.2 - 286 - <i>TROPIDURUS TORQUATUS</i>	247
FIGURA 6.2 - 287 - <i>ERYTROLAMPRUS MILIARIS</i>	249
FIGURA 6.2 - 288 - <i>ERYTROLAMPRUS REGINAE</i>	249
FIGURA 6.2 - 289 - <i>DACTYLOA PUNCATATA</i>	249
FIGURA 6.2 - 290 - <i>DIPSAS VARIEGATA</i>	249
FIGURA 6.2 - 291 - <i>NOROPS FUSCOAURATUS</i>	250
FIGURA 6.2 - 292 - <i>POLYCHRUS MARMORATUS</i>	250
FIGURA 6.2 - 293 - <i>SIPHLOPHIS COMPRESSUS</i>	250
FIGURA 6.2 - 294 - <i>SALVATOR MERIANAE</i>	250
FIGURA 6.2 - 295 - <i>TYPHLOPS BRONGESMINIANUS</i>	250
FIGURA 6.2 - 296 - <i>XENOPHOLIS SCALARIS</i>	250
FIGURA 6.2 - 297 - <i>BOTHROPS JARARACA</i>	251
FIGURA 6.2 - 298 - <i>COLEODACTYLUS MERIDIONALIS</i>	251
FIGURA 6.2 - 299 - <i>CHIRONIUS CF. EXOLETUS</i>	251
FIGURA 6.2 - 300 - <i>STROBILURUS TORQUATUS</i>	251
FIGURA 6.2 - 301 - BALANÇA-RABO-CANELA (<i>GLAUCIS DOHRNII</i>) ESPÉCIE AMEAÇADA DE EXTINÇÃO, CAPTURADO NO MÓDULO 6.252	
FIGURA 6.2 - 302 - PICA-PAU-DE-COLEIRA (<i>CELEUS TORQUATUS TINNUNCULUS</i>) TÁXON AMEAÇADA DE EXTINÇÃO.	253
FIGURA 6.2 - 303 - TIRIBA-GRANDE (<i>PYRRHURA CRUENTATA</i>) ESPÉCIE AMEAÇADA DE EXTINÇÃO.....	254
FIGURA 6.2 - 304 - TIRIBA-DE-ORELHA-BRANCA (<i>PYRRHURA LEUCOTIS</i>) ESPÉCIE AMEAÇADA DE EXTINÇÃO.	254

FIGURA 6.2 - 305 - CHOQUINHA-CHUMBO (<i>DYSITHAMNUS PLUMBEUS</i>) ESPÉCIE AMEAÇADA DE EXTINÇÃO.....	255
FIGURA 6.2 - 306 - RABO-AMARELO (<i>THRIPOPHAGA MACROURA</i>) ESPÉCIE AMEAÇADA DE EXTINÇÃO, REGISTRADO NO MÓDULO 2.	256
FIGURA 6.2 - 307 - CASACA-DE-COURO-DA-LAMA (<i>FURNARIUS FIGULUS</i>), EXEMPLO DE ESPÉCIE DE ÁREA ABERTA.	258
FIGURA 6.2 - 308 - LAVADEIRA-DE-MÁSCARA (<i>FLUVICOLA NENGETA</i>) EXEMPLO DE ESPÉCIE DE ÁREA ABERTA.	258
FIGURA 6.2 - 309 - CIGARRA-DO-COQUEIRO (<i>TIARIS FULIGINOSUS</i>), EXEMPLO DE ESPÉCIE FLORESTAL DE SOBOSQUE.	258
FIGURA 6.2 - 310 - FLAUTIM-MARROM (<i>SCHIFFORNIS TURDINA</i>), EXEMPLO DE ESPÉCIE FLORESTAL DE SOBOSQUE.	258
FIGURA 6.2 - 311 - CAPITÃO-DE-SAÍRA-AMARELO (<i>ATTILA SPADICEUS</i>), EXEMPLO DE ESPÉCIE FLORESTAL DE EXTRATO SUPERIOR.	258
FIGURA 6.2 - 312 - MACURU-DE-BARRIGA-CASTANHA (<i>NOTHARCHUS SWAINSONI</i>), EXEMPLO DE ESPÉCIE FLORESTAL DE EXTRATO SUPERIOR.....	258
FIGURA 6.2 - 313 - CHORÃO (<i>SPOROPHILA LEUCOPTERA</i>),ESPÉCIE REGISTRADA EXCLUSIVAMENTE NO MÓDULO 1.....	259
FIGURA 6.2 - 314 - ASSANHADINHO (<i>MYIOBIUS BARBATUS</i>), ESPÉCIE REGISTRADA EXCLUSIVAMENTE NO MÓDULO 2.	260
FIGURA 6.2 - 315 - ARAPAÇU-DE-GARGANTA-AMARELA (<i>XIPHORHYNCHUS GUTTATUS</i>), ESPÉCIE BIOINDICADORA.....	261
FIGURA 6.2 - 316 - GAVIÃO-PATO (<i>SPIZAETUS MELANOLEUCUS</i>), ESPÉCIE BIOINDICADORA REGISTRADA EXCLUSIVAMENTE NO MÓDULO 6.....	262
FIGURA 6.2 - 317 - PINTADINHO (<i>DRYMOPHILA SQUAMATA</i>),ESPÉCIE BIOINDICADORA EXCLUSIVAMENTE REGISTRADA NO MÓDULO 6.....	262
FIGURA 6.2 - 318 - MORADIAS NA ÁREA DE ENTORNO DOS SÍTIOS DE AMOSTRAGEM.	265
FIGURA 6.2 - 319 - ESTRADAS ABERTAS PARA O TRANSPORTE DE CACAU E TRÂNSITO DE VEÍCULOS DOS MORADORES LOCAIS.	265
FIGURA 6.2 - 320 - ATIVIDADE PASTORIL NAS ÁREAS DE ENTORNO DOS SÍTIOS DE AMOSTRAGEM.....	265
FIGURA 6.2 - 321 - CULTIVO DE CACAU NO INTERIOR DOS SÍTIOS DE AMOSTRAGEM.	265
FIGURA 6.2 - 322 - ANÁLISE COM A ESTATÍSTICA K 2D DE RIPLEY PARA AVES REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO L(R) É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.	274
FIGURA 6.2 - 323 - ANÁLISE 2D HOTSPOT IDENTIFICATION PARA AVES REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO NEVENTS - NSIMULATED É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.	275
FIGURA 6.2 - 324 - DESCARTE DE CARCAÇAS DE ANIMAIS DE CORTE PROVENIENTES DE UM MATADOURO NO KM 528.	275
FIGURA 6.2 - 325 - ESPÉCIME DE CORAGYPS ATRATUS REGISTRADO NO KM 528.....	275
FIGURA 6.2 - 326 - ANÁLISE COM A ESTATÍSTICA K 2D DE RIPLEY PARA MAMÍFEROS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO L(R) É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.	276
FIGURA 6.2 - 327 - ANÁLISE 2D HOTSPOT IDENTIFICATION PARA MAMÍFEROS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO NEVENTS - NSIMULATED É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.	276
FIGURA 6.2 - 328 - ESPÉCIME DE C. THOUS REGISTRADO NA BR-101/BA.....	277
FIGURA 6.2 - 329 - ESPÉCIME DE C. THOUS REGISTRADO NA BR-101/BA.....	277
FIGURA 6.2 - 330 - REGISTRO DE ATROPELAMENTO DE <i>LEOPARDUS</i> SP. NA RODOVIA BR 101/BA REALIZADO PELA EQUIPE DE MASTOFAUNA.....	277
FIGURA 6.2 - 331 - ANÁLISE COM A ESTATÍSTICA K 2D DE RIPLEY PARA RÉPTEIS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO L(R) É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.....	278

FIGURA 6.2 - 332 - ANÁLISE 2D HOTSPOT IDENTIFICATION PARA ANFÍBIOS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO $N_{EVENTS} - N_{SIMULATED}$ É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.	278
FIGURA 6.2 - 333 - EPICRATES CENCHRIA.	279
FIGURA 6.2 - 334 - ANÁLISE COM A ESTATÍSTICA K 2D DE RIPLEY PARA ANFÍBIOS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO L(R) É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.	279
FIGURA 6.2 - 333 - ANÁLISE 2D HOTSPOT IDENTIFICATION PARA ANFÍBIOS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO $N_{EVENTS} - N_{SIMULATED}$ É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.	280
FIGURA 6.2 - 336 - ANÁLISE COM A ESTATÍSTICA K 2D DE RIPLEY DOS QUATRO GRUPOS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO L(R) É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.	281
FIGURA 6.2 - 337 - ANÁLISE 2D HOTSPOT IDENTIFICATION PARA OS QUATRO GRUPOS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO $N_{EVENTS} - N_{SIMULATED}$ É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.	281
FIGURA 6.2 - 338 - CERCA CONDUTORA DE FAUNA INSTALADA NA RODOVIA BR-471 NO TAIM. FOTO: FÁBIO GOMES.	286
FIGURA 6.2 - 339 - PASSAGEM DE FAUNA TIPO GALERIA INSTALADA NA RODOVIA TERRITORIAL HWY-OREGON/EUA. FOTO: JOHN LEVENHAGEN.	287
FIGURA 6.2 - 340 - PASSAGEM DE FAUNA TIPO GALERIA INSTALADA NA RODOVIA SP-300/BR. FOTO: HTTP://WWW.VIARONDON.COM.BR	287
FIGURA 6.2 - 341 - PASSAGEM DE FAUNA “INFERIOR” INSTALADA NA RODOVIA I-80/NEW JERSEY/EUA. FOTO: HTTP://PHILLY.COM	287
FIGURA 6.2 - 342 - PASSAGEM DE FAUNA “INFERIOR” INSTALADA NA RODOVIA BR-101/SUL. FOTO: HTTP://GESTAOAMBIENTALRODOVIAS.BLOGSPOT.COM.BR	287
FIGURA 6.2 - 343 - PASSAGEM DE FAUNA “INFERIOR” INSTALADA SOB FERROVIA NO SUL DE MATO GROSSO/BR. FOTO: ANDREY GABRIEL.	288
FIGURA 6.2 - 344 - PASSAGEM DE FAUNA (PASSA GADO) INSTALADA NA RODOVIA SP-300/BR. FOTO: HTTP://WWW.VIARONDON.COM.BR	288
FIGURA 6.2 - 345 - PASSAGEM DE FAUNA AÉREA INSTALADA NA RODOVIA BA-001/BR. FOTO: SANDOVAL MENDES.	288
FIGURA 6.2 - 346 - EXEMPLO DE PASSAGEM DE FAUNA AÉREA FOTO: ACERVO DO PROGRAMA MACACOS URBANOS.	288
FIGURA 6.2 - 347 - ECO DUTO INSTALADO NA RODOVIA 464/ALEMANHA. FOTO: KLAUS FOEL.	289
FIGURA 6.2 - 348 - ECODUTO INSTALADO NA RODOVIA A-494/ESPAÑA. FOTO: FLÁVIA PETER.	289
FIGURA 6.2 - 349 - BALIZA PARA AVES EM REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA	289
FIGURA 6.2 - 350 - EXEMPLO DE PLACA SINALIZADORA DE TRAVESSIA DE FAUNA. FOTO: HTTP://WWW.RODOSOL.COM.BR	290
FIGURA 6.2 - 351 - PONTO 1 LOCALIZADO NO RIO SUBAÉ.	292
FIGURA 6.2 - 352 - PONTO 2 LOCALIZADO NO RIO CAPIVARI.	292
FIGURA 6.2 - 353 - PONTO 3 LOCALIZADO NO RIO ICARAÍ.	293
FIGURA 6.2 - 354 - PONTO 4 LOCALIZADO NO RIO JAGUARIBE.	293
FIGURA 6.2 - 355 - PONTO 5 LOCALIZADO NO RIO JEQUITIBÁ.	294
FIGURA 6.2 - 356 - PONTO 6 LOCALIZADO NO RIO PITANGA.	294
FIGURA 6.2 - 357 - PONTO 7 LOCALIZADO NO RIO RIACHÃO.	295
FIGURA 6.2 - 358 - PONTO 8 LOCALIZADO NO RIO PIAU.	295
FIGURA 6.2 - 359 - PONTO 9 LOCALIZADO NO RIO PRETO.	296

FIGURA 6.2 - 360 - PONTO 10 LOCALIZADO NO RIO REVÉS	296
FIGURA 6.2 - 361 - PONTO 11 LOCALIZADO NO RIO DE UNA. COLETA DE ZOOBENTOS UTILIZANDO A DRAGA DE PERTERSEN.	297
FIGURA 6.2 - 362 - PONTO 12 LOCALIZADO NO RIO UNA OU ALIANÇA.....	297
FIGURA 6.2 - 363 - PONTO 13 LOCALIZADO NO RIO DA PEDRA BRANCA	298
FIGURA 6.2 - 364 - PONTO 14 LOCALIZADO NO RIO LIMOEIRO.	298
FIGURA 6.2 - 365 - FREQUÊNCIA MÉDIA DOS TÁXONS REGISTRADOS	315
FIGURA 6.2 - 366 - ABUNDÂNCIA MÉDIA DOS TÁXONS REGISTRADOS	315
FIGURA 6.2 - 367 - ABUNDÂNCIA TOTAL (Nº.IND./M ²)	316
FIGURA 6.2 - 368 - RIQUEZA DE TÁXONS.....	317
FIGURA 6.2 - 369 - ANÁLISE DE CLUSTER A PARTIR DA MATRIZ DE ABUNDÂNCIA LOGARITIMIZADA, JUNHO (J) E OUTUBRO (OU)...	317
FIGURA 6.2 - 370 - PORCENTAGEM DE ÁREAS CRÍTICAS PARA CONSERVAÇÃO NAS PRINCIPAIS BACIAS HIDROGRÁFICAS DO BRASIL. REGIÕES MARCADAS EM VERMELHO REPRESENTAM AS ÁREAS COM IMPACTO DIRETO. FONTE: NOGUEIRA ET AL., 2010. RESTRICTED-RANGE FISHES AND THE CONSERVATION OF BRAZILIAN FRESHWATERS.	319

INDICE DE QUADRO

QUADRO 6.2.2 - 1-LISTA DE ESPÉCIES DE ANFÍBIOS POSSÍVEL OCORRÊNCIA PARA AS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. TRECHO: ENTR. BR-324 – ENTR. BR-367 NO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS NO SEGMENTO KM 166,5 – KM 717,8, COM EXTENSÃO TOTAL DE 551,3 KM. LEGENDA: STATUS DE CONSERVAÇÃO: AMEAÇADOS SEGUNDO IUCN - <i>INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE</i> , SEGUNDO A CATEGORIA: DD = DADOS INSUFICIENTES - DATA DEFICIENT; NE = NÃO AVALIADA - NOT EVALUATED; LC = POUCO PREOCUPANTE - LEAST CONCERN; NT = QUASE AMEAÇADA - NEAR THREATENED; VU = VULNERÁVEL – VULNERABLE. ENDÊMICA: BA = BAHIA; MA = MATA ATLÂNTICA.	38
QUADRO 6.2 - 2- LISTA DE ESPÉCIES DE RÉPTEIS DE POSSÍVEL OCORRÊNCIA PARA AS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. TRECHO: ENTR. BR-324 – ENTR. BR-367 NO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS NO SEGMENTO KM 166,5 – KM 717,8, COM EXTENSÃO TOTAL DE 551,3 KM. LEGENDA: STATUS DE CONSERVAÇÃO: SEGUNDO IUCN: LC = POUCO PREOCUPANTE - LEAST CONCERN; NT = QUASE AMEAÇADA - NEAR THREATENED; VU = VULNERÁVEL – VULNERABLE. SEGUNDO IBAMA: VU = VULNERÁVEL; EN = EM PERIGO ENDÊMICA: BA = BAHIA; MA = MATA ATLÂNTICA.	48
QUADRO 6.2 - 3- AVIFAUNA REGISTRADA POR DADOS SECUNDÁRIOS NA BR 101/BA. TRECHO: ENTR. BR-324 – ENTR. BR-367 NO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS NO SEGMENTO KM 166,5 – KM 717,8, COM EXTENSÃO TOTAL DE 551,3 KM. – ASPECTOS ECOLÓGICOS, GRAU E STATUS DE AMEAÇA DE CADA ESPÉCIE SENDO: CR - CRITICAMENTE EM PERIGO; EP – AMEAÇADA; VU – VULNERÁVEL; HÁBITAT: AA – CAMPO E ÁREAS ABERTAS; FL – FLORESTA; AQ – AQUÁTICO E AMBIENTES ÚMIDOS. LEGENDA: STATUS DE CONSERVAÇÃO: SEGUNDO IUCN: LC = POUCO PREOCUPANTE - LEAST CONCERN; NT = QUASE AMEAÇADA - NEAR THREATENED; VU = VULNERÁVEL – VULNERABLE. SEGUNDO IBAMA: VU = VULNERÁVEL; EN = EM PERIGO ENDÊMICA: BA = BAHIA; MA = MATA ATLÂNTICA. REFERÊNCIAS: 1= SILVEIRA ET AL. 2005; 2= LAPS, 2006; 3= MACHADO ET AL., 2008; 4= INFONATURA, 2007.....	58
QUADRO 6.2 - 4- LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTECOM PROVÁVEL DISTRIBUIÇÃO NAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. TRECHO: ENTR. BR-324 – ENTR. BR-367 NO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS NO SEGMENTO KM 166.5 – KM 717.8, COM EXTENSÃO TOTAL DE 551.3 KM. STATUS DE CONSERVAÇÃO SEGUNDO IUCN (2014) E IBAMA (2003): DD = DADOS INSUFICIENTES; LC = POUCO PREOCUPANTE; NT = QUASE AMEAÇADA; VU = VULNERÁVEL; EN= EM PERIGO E CR= CRITICAMENTE EM PERIGO. ESPÉCIE ENDÊMICA: MA= ESPÉCIE ENDÊMICA PARA O BIOMA DA MATA ATLÂNTICA E BA= ESPÉCIE COM DISTRIBUIÇÃO RESTRITA AO ESTADO DA BAHIA. AS REFERÊNCIAS ESTÃO CITADAS NO ÍNDICE REFERENTE À REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.	81
QUADRO 6.2 - 5- LISTA DAS ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES COM PROVÁVEL DISTRIBUIÇÃO NAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. TRECHO: ENTR. BR-324 – ENTR. BR-367 NO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS NO SEGMENTO KM 166.5 – KM 717.8, COM EXTENSÃO TOTAL DE 551.3 KM. STATUS DE CONSERVAÇÃO SEGUNDO IUCN (2014) E IBAMA (2003): DD = DADOS INSUFICIENTES; LC = POUCO PREOCUPANTE; NT = QUASE AMEAÇADA; VU = VULNERÁVEL; EN= EM PERIGO E CR= CRITICAMENTE EM PERIGO. ESPÉCIE ENDÊMICA: MA= ESPÉCIE ENDÊMICA PARA O BIOMA DA MATA ATLÂNTICA E BA= ESPÉCIE COM DISTRIBUIÇÃO RESTRITA AO ESTADO DA BAHIA. AS REFERÊNCIAS ESTÃO CITADAS NO ÍNDICE REFERENTE À REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.	86

QUADRO 6.2 - 6- ANFÍBIOS REGISTRADOS NA AID DO EMPREENDIMENTO. LEGENDA: DESCRIÇÃO DO HABITAT: BF = BORDA FLORESTAL; FL = FLORESTAL; LA = LAGOA EM ÁREA ABERTA; L F = LAGOA EM BORDA FLORESTAL; CAC = CACAUAL; CAB = CABRUCU. STATUS DE CONSERVAÇÃO: AMEAÇADOS SEGUNDO IUCN - *INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE*, SEGUNDO A CATEGORIA: DD = DADOS INSUFICIENTES - DATA DEFICIENT; NE = NÃO AVALIADA - NOT EVALUATED; LC = POUCO PREOCUPANTE - LEAST CONCERN; NT = QUASE AMEAÇADA - NEAR THREATENED; VU = VULNERÁVEL – VULNERABLE. ENDÊMICA: BA = BAHIA; MA = MATA ATLÂNTICA. DEMAIS ATRIBUTOS: V= VENENOSA; C = CINEGÉTICA..... 90

QUADRO 6.2 - 7-RÉPTEIS REGISTRADOS NA ÁREA DE ESTUDO DO EMPREENDIMENTO. LEGENDA: DESCRIÇÃO DO HABITAT: BF = BORDA FLORESTAL; FL = FLORESTAL; ANT = ANTROPIZADO; CAM = CAMPO; CAC = CACAUAL; CAB = CABRUCU. STATUS DE CONSERVAÇÃO: AMEAÇADOS SEGUNDO IUCN - *INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE*, SEGUNDO A CATEGORIA: LC = POUCO PREOCUPANTE - LEAST CONCERN; NT = QUASE AMEAÇADA - NEAR THREATENED ENDÊMICA: BA = BAHIA; MA = MATA ATLÂNTICA..... 110

QUADRO 6.2 - 8-AVIFAUNA REGISTRADA NAÁREA DE ESTUDO DURANTE LEVANTAMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS, ASPECTOS ECOLÓGICOS, GRAU E STATUS DE AMEAÇA DE CADA ESPÉCIE SENDO: EN – EM PERIGO; VU – VULNERÁVEL; NT – QUASE AMEAÇADA. 126

QUADRO 6.2 - 9-LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE REGISTRADAS NA COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS PARA O EIA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. LEGENDA: STATUS DE CONSERVAÇÃO SEGUNDO IUCN (2014) E IBAMA (2003): LC = POUCO PREOCUPANTE; NT = QUASE AMEAÇADA; VU = VULNERÁVEL; EN= EM PERIGO E CR= CRITICAMENTE EM PERIGO. ESPÉCIE ENDÊMICA: MA= ESPÉCIE ENDÊMICA PARA O BIOMA DA MATA ATLÂNTICA E BA= ESPÉCIE COM DISTRIBUIÇÃO RESTRITA AO ESTADO DA BAHIA. HÁBITAT DE REGISTRO: FL: FLORESTAL E CA: CABRUCU. 170

QUADRO 6.2 - 10-LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DE PEQUENO PORTE NÃO VOADORES REGISTRADAS NAA AMOSTRAGENS PARA O EIA/RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. STATUS DE CONSERVAÇÃO SEGUNDO IUCN (2014) E IBAMA (2003): LC = POUCO PREOCUPANTE; NT = QUASE AMEAÇADA; VU = VULNERÁVEL; EN= EM PERIGO E CR= CRITICAMENTE EM PERIGO. ESPÉCIE ENDÊMICA: MA= ESPÉCIE ENDÊMICA PARA O BIOMA DA MATA. HÁBITAT DE REGISTRO: FL: FLORESTAL, AA: ÁREAS ÚMIDAS E CA: CABRUCU. (AF): ESPÉCIE REGISTRADA POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA; (CAP): ESPÉCIE CAPTURADA ARMADILHA TIPO “LIVE TRAP”.182

QUADRO 6.2 - 11-ESPÉCIES DE ANFÍBIOS BIOINDICADORAS..... 230

QUADRO 6.2 - 12-ESPÉCIES DE RÉPTEIS BIOINDICADORAS REGISTRADAS DURANTE LEVANTAMENTO FAUNÍSTICO. 249

QUADRO 6.2 - 13-REFERÊNCIAS ENCONTRADAS SOBRE A ICTIOFAUNA EXISTENTE NAS PROXIMIDADES DA RODOVIA À SER IMPLANTADA. (TRINDADE ET. AL.,2010); (CETRA ET. AL., 2009); (LIMA, 2010); (CETRA ET. AL., 2010) (SARMENTO-SOARES, 2010); (CARDOSO, 2010); (REIS-FILHO,2010); (BURGER ET. AL., 2010). 299

QUADRO 6.2 - 14-LISTA DA ICTIOFAUNA DE PROVÁVEL OCORRÊNCIA NA ÁREA DE ESTUDO DO EMPREENDIMENTO. QUANTO AOS ITENS EXPRESSOS NA TABELA: HAB= HÁBITAT, LOCALIZAÇÃO DA ESPÉCIE NA COLUNA D’ÁGUA (CD= DESLOCA-SE VERTICALMENTE NA COLUNA D’ÁGUA; BE= POSSUI CARACTERÍSTICA BENTÔNICA, JUNTO AO SUBSTRATO; AL= HABITA ÁREAS ALAGADAS.); END/RAR= ENDÊMICA OU RARA.; CIN= CINEGÉTICA E MIG= MIGRADORA (P= POTAMÓDROMO: MIGRAM ENTRE DIFERENTES LOCAIS NA ÁGUA DOCE; O= OCEANÓDROMO: MIGRAM ENTRE DIFERENTES LOCAIS NO OCEANO; D= DIÁDROMO: MIGRAM ENTRE RIOS E MARES). STATUS= AMEAÇA À EXTINÇÃO (BA= BAHIA; BR=BRASIL: (VU= VULNERÁVEL; EN= EM PERIGO; CR= CRITICAMENTE AMEAÇADO) ; IUCN= UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA: (NT= QUASE AMEAÇADO; NE= NÃO AVALIADO; LC= POUCO PREOCUPANTE E DD= DADOS DEFICIENTES). REF= REFERÊNCIAS UTILIZADAS:1:(TRINDADE ET. AL.,2010); 2: (CETRA ET. AL., 2009); 3: (LIMA, 2010); 4: (CETRA ET. AL., 2010) 5: (SARMENTO-SOARES, 2010); 6: (CARDOSO, 2010); 7: (REIS-FILHO,2010); 8: (BURGER ET. AL., 2010)..... 302

ÍNDICE DE GRÁFICO

GRÁFICO 6.2. 1 - PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TAXONÔMICO – CAMPANHA 01	190
GRÁFICO 6.2. 2: PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TAXONÔMICO – CAMPANHA 02.....	194
GRÁFICO 6.2. 3: PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TOXONÔMICO – CAMPANHA 03.....	198
GRÁFICO 6.2. 4: PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TAXONÔMICO – CAMPANHA 04.....	203
GRÁFICO 6.2. 5 PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TAXONÔMICO – CAMPANHA 05	207
GRÁFICO 6.2. 6: PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TAXONÔMICO – CAMPANHA 06.....	211
GRÁFICO 6.2. 7: NÚMERO DE REGISTROS POR GRUPO TAXONÔMICO.....	269
GRÁFICO 6.2. 8: PORCENTAGEM DE REAMOSTRAGEM POR GRUPO TAXONÔMICO	270

6.2.2 FAUNA

6.2.2.1 Introdução

Neste capítulo são apresentadas as informações relativas ao meio biótico, componente fauna, com detalhamento dos métodos empregados no levantamento de dados secundários e primários, desenho amostral, apresentação e discussão dos resultados acumulados, obtidos nas duas campanhas de amostragem referente ao componente “Fauna” do Estudo de Impactos Ambientais (EIA) para Duplicação da Rodovia BR-101/BA – Trecho: Entr. BR-324 (Feira de Santana) – Entr. BR-367 (Eunápolis) no segmento km 166,5 – km 717,8, com extensão total de 551,3 km.

6.2.2.2 Fauna Terrestre

6.2.2.2.1 Metodologia

Justificativa para escolha dos grupos faunísticos e das áreas amostrais

O estudo avalia os seguintes grupos faunísticos terrestres: anfíbios, répteis, aves e mamíferos não-voadores. Este conjunto de organismos foi escolhido por ser considerado modelo clássico em avaliações desta natureza. Os representantes destes grupos são amplamente utilizados como indicadores para caracterização de ambientes e condições em que se encontram os ecossistemas, além de ter sua presença e abundâncias associadas ao monitoramento de áreas objeto de intervenções. Todos os *taxa* amostrados são bastante representativos, tendo espécies ocupando praticamente todos os ambientes da área de estudo.

Considerando tais condições, definiu-se por dois períodos de amostragens, um para a estação chuvosa (abril a agosto) e outra para a estação de seca (setembro a fevereiro) (Figura 6.2.1). O diagnóstico se refere a uma série de amostragens compreendida entre os meses de junho e julho de 2014 (período chuvoso) e entre os meses de outubro e novembro de 2014 (período seco).

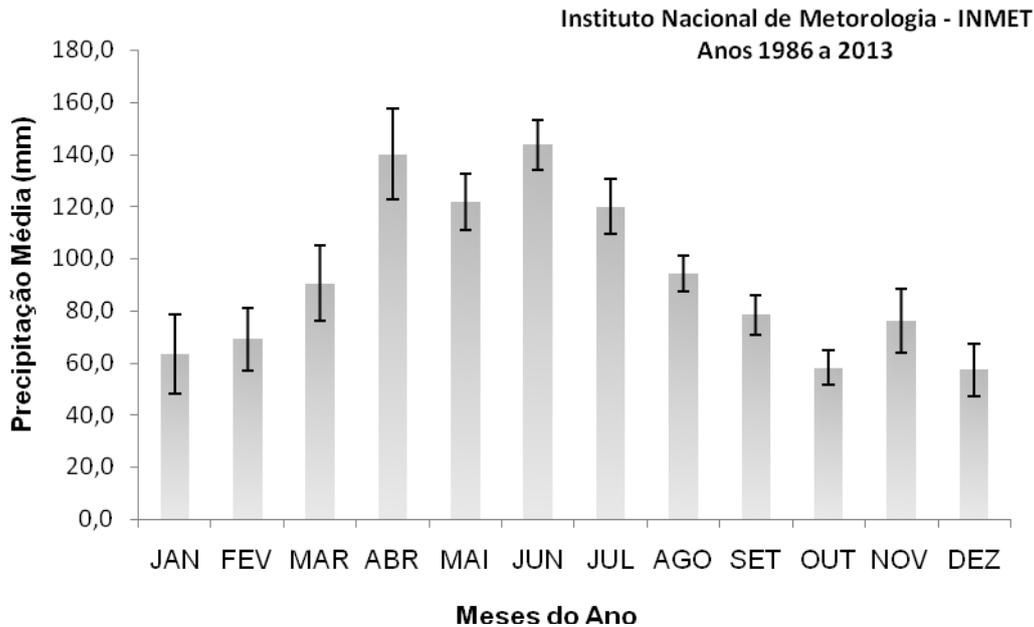


FIGURA 6.2 - 1 - DISTRIBUIÇÃO PLUVIOMÉTRICA MENSAL MÉDIA COM ERRO PADRÃO, ENTRE OS ANOS DE 1983 E 2013. DADOS COLETADOS NA ESTAÇÃO METEOROLÓGICA DE CRUZ DAS ALMAS-BA(FONTE: INMET. ACESSO: 23/01/2013).

A princípio, cabe salientar que a diversidade dos fatores estáticos somada à conjunção de diferentes sistemas de circulação, faz da climatologia do trecho em estudo (Estado da Bahia) uma das mais complexas da América do Sul, refletindo uma extraordinária distribuição dos totais pluviométricos no estado. A área de estudo encontra-se em zona de transição climática, onde as precipitações correspondem ao elemento climático de maior importância na definição do clima regional. Esta característica explicita-se na diminuição dos totais pluviométricos de leste para oeste, ou seja, de sua faixa litorânea em direção ao interior. Essa tendência só é quebrada quando da ação de efeitos orogênicos como aqueles ocorrentes na região das Serras e Planaltos do sul baiano e da Chapada Diamantina, onde os totais pluviométricos ultrapassam os 1000 mm anuais.

Embora se trate de zona de transição climática, identifica-se no trecho em estudo a predominância de três tipos de clima dispostos em faixas longitudinais. Na faixa litorânea, observa-se o clima quente super úmido, sem seca. Já em sentido oeste, a BR-101 localiza-se em área de atuação dos climas quente superúmido com sub-seca e quente superúmido com um a dois meses secos.

Em síntese, conclui-se que o trecho da BR-101 em estudo está sob atuação de climas quentes e chuvosos, com precipitações bem distribuídas ao longo do ano. À exceção do início do trecho (km 166.5 e km 222), não foram identificados meses com totais médios inferiores a 60 mm, o que restringe a existência de períodos intensos de estiagem ao longo do ano. De fato, as precipitações são abundantes e bem distribuídas, sendo que as médias tendem a diminuir no sentido E-W.

No que diz respeito à classificação climática, foram observados comportamentos típicos de clima mediterrâneo, com totais precipitados concentrados entre o final do outono e início do inverno. Todavia, também se identificaram regimes tipicamente tropicais, onde as maiores alturas pluviométricas ocorrem durante o verão austral.

A seleção das áreas de amostragem levou em consideração análises de imagens de satélite, com o objetivo de avaliar a paisagem local e o estado de conservação da vegetação autóctone, além de vistoria no local para confirmação das áreas propostas. A região é forte produtora de cacau-cabruca, onde o cultivo dos cacauais são realizados no sub-bosque da mata, não podendo ser observada por imagens de satélite. Com base nesses dados, foram selecionadas áreas que representassem as formações vegetacionais existentes na área de inserção do empreendimento. Ressalta-se que as áreas de amostragem foram selecionadas levando-se em consideração as áreas frequentadas pela fauna – habitats faunísticos - em ambientes com diferentes tipologias vegetacionais que contemplam as áreas de influência do projeto proposto.

Por ocasião do Plano de Fauna, foram propostas seis áreas de amostragem (Módulos 1 a 6).

A Autorização de Captura, Coleta e Transporte de Material Biológico (ACCT) nº 467/2014 foi emitida com a aprovação destas áreas e solicitação de inclusão de uma sétima, doravante denominada Módulo 7, todas sob domínio da Floresta Ombrófila Densa (FOD), formação florestal pertencente ao bioma Mata Atlântica (Tabela 6.2. 1). Esta fitofisionomia é predominante nas áreas potencialmente sob influência do empreendimento. O Volume de Mapeamento Temático apresenta em seu Tomo IV os Mapas de Localização dos Sítios Amostrais de Fauna Terrestre e o Mapa Comparativo.

TABELA 6.2. 1- ÁREAS DE AMOSTRAGEM DE ACORDO COM ACCT.

ÁREA AMOSTRAL	FITOFISIONOMIA	COORDENADAS PLANAS (UTM – 24 L)		MUNICÍPIO
Módulo 1	Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)	457708	8447379	Ibirapitanga
Módulo 2	Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)	463441	8435570	Maraú e Camamu
Módulo 3	Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)	465924	8413907	Itacaré e Aurelino Leal
Módulo 4	Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)	467376	8348492	Buerarema
Módulo 5	Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)	446223	8302389	Camacan
Módulo 6	Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)	452160	8292833	Camacan
Módulo 7	Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)	443121	8244551	Itapebi

O trabalho de instalação dos módulos foi bastante árduo e demorado, tendo em vista a acidentada topografia regional, as condições climáticas adversas, provocadas pela estação chuvosa, além de delicadas questões fundiárias (*i.e.* presença de assentamentos do MST; desavenças entre proprietários de fazendas de cacau, entre outros).

Estas supra citadas questões fundiárias impossibilitaram a implantação de alguns módulos amostrais de acordo com o planejado.

Desta forma, buscando manter-se a espacialidade e temporalidade do estudo, foram amostradas áreas adjacentes àquelas nas quais o acesso tornou-se inviável, com utilização apenas dos métodos não invasivos estabelecidos pela IN 13/2013, ou seja, sem realização de capturas, mas mantendo-se a configuração modular das áreas.

Estes novos sítios amostrais, apesar de manterem o desenho amostral estabelecido pela IN13 para os módulos, serão doravante denominadas AFTs (Áreas de Amostragens de Fauna Terrestre). A não utilização da palavra Módulo na denominação destes sítios objetiva facilitar a compreensão do diagnóstico quando da comparação das áreas estudadas àquelas propostas no Plano de Fauna.

Caracterização das Áreas de Estudo

A Mata Atlântica é um Bioma caracterizado pelo alto grau de endemismo e alta riqueza de espécies (MORI *et al.*, 1983; BROOKS & BALMFORD, 1996; THOMAS & CARVALHO, 1997; THOMAS *et al.*, 1998; MYERS *et al.*, 2000). Essas características, concomitantemente ao intenso desmatamento e fragmentação, torna a Mata Atlântica um dos ecossistemas prioritários para conservação da biodiversidade (MYERS *et al.*, 2000; CONSERVATION INTERNATIONAL DO BRASIL, 2000).

A exploração da Mata Atlântica teve início no século XVI na região litorânea do Estado da Bahia, contudo, somente no século XIX a região Sul do Bahia foi ocupada e iniciada as atividades da cacauicultura (LOBÃO *et al.*, 1997; LOBÃO *et al.*, 2002; SILVA *et al.*, 2002). Nessa região, muitas árvores nativas de grande porte foram mantidas nas áreas onde o cultivo do cacau foi implantado no sub-dossel da floresta primária raleada, em um sistema conhecido como “cacau-cabruca”. Estima-se que aproximadamente 10.000 km² de florestas na região tenham sido transformadas em plantações de cacau, dos quais cerca de 70% seriam no sistema “cacau-cabruca” (FRANCO *et al.*, 1994). Nesse sistema de plantio, conserva-se apenas uma parte selecionada de árvores nativas, substituindo-se o sub-bosque por cacauzeiros. Alves (1990), através de um estudo realizado com fauna mostrou que a diversidade de aves e mamíferos nesse sistema de plantio é menor em relação à encontrada em floresta primária, porém, gera menos impacto que em sistemas de plantio onde há a derrubada total do dossel nativo e sua substituição por espécimes exóticos (MELLO & BISPO, 2005; SETENTA *et al.*, 2005).

Devido às características únicas no método de plantio do cacau no sistema cacau-cabruca, essa atividade agrossilvicultural é reconhecida como uma das atividades agrícolas tropicais que melhor relaciona o desenvolvimento socioeconômico com a conservação ambiental (VAN BELLE *et al.*, 2003; SETENTA *et al.*, 2005; LOBÃO, 2007). Nesse sentido, o plantio de cacau no método cacau-cabruca é importante, por funcionar como corredores ecológicos interligando os fragmentos florestais e minimizando o efeito de borda gerado pela fragmentação (PARDINI, 2004). Sambuichi & Haridasan (2007), estudando áreas de cabruca abandonadas no sul da Bahia, mostraram também que estas áreas apresentam um grande potencial para restauração de áreas de floresta na região. A importância desse sistema de plantio na conservação se faz notar também, pela ineficiência das unidades de conservação presentes na região, visto que são pequenas, impactadas e por apresentarem

baixo grau de efetividade, sendo insuficientes para a conservação dos recursos naturais e conseqüentemente das espécies nativas da flora e fauna (DIETZ *et al.*, 1996; ARTAZA-BARRIOS & SCHIAVETTI, 2007).

(i) AFT1 (em substituição ao Módulo 1)

As áreas de amostragem do Módulo 1, a partir das informações obtidas na vistoria, poderiam ser implantadas com o estabelecimento de dois transectos principais de 1 km, um em cada lado da rodovia BR 101, em uma fazenda de produção de cacau (*Theobroma cacao*), no município de Ibirapitanga, na qual os plantios mantêm parte da vegetação original e são entremeados por trechos de mata nativa.

Foi obtida a anuência do proprietário durante a vistoria, no entanto, posteriormente, por ocasião da montagem do módulo, verificou-se que a área passava por grande intervenção antrópica, com roçada de plantações, corte de trechos de mata e abertura de clareiras para replantio de cacau. A partir desta constatação, optou-se pela amostragem de uma área similar, também no município de Ibirapitanga, na reserva legal de uma propriedade rural (Fazenda Três Pedras), onde o plantio de cacau foi parcialmente abandonado, distante apenas 5 km do módulo original.

O sítio AFT1 está inserido em fragmento de 172,5 ha e perímetro de 7 km, cuja coordenada central UTM é 24 L 454603 E, 8451118 S. Devido à ação antrópica e favorecimento pela localização geográfica, possui em sua maior parte (cerca de 80%) a cultura do cacau localizada no sub-bosque da floresta. Também compreende dois fragmentos isolados de floresta secundária e a área conta com a presença de pequenos corpos hídricos, entre os quais se encontra a porção inicial do rio Oricó Grande. Possui relevo acidentado com altitude variando entre 150 e 220 metros. Faz divisa com propriedades, que além de serem produtoras de cacau, realizam a atividade de pecuária.

Nesta área foi implantado um transecto principal de 1 km e uma parcela perpendicular a este, com realização de todos os métodos estipulados na IN 13/2013, exceto capturas com AIQs, ACVs e redes de neblina.



FIGURA 6.2 - 2 - FLORESTA OMBRÓFILA DENSA TRANSFORMADA EM CACAU-CABRUCÁ. CACAUEIROS EM DESTAQUE.



FIGURA 6.2 - 3 VISTA PANORÂMICA DA FORMAÇÃO VEGETAL NO SÍTIO AFT1.

(ii) Módulo 2

O módulo 2 é formado por quatro parcelas, duas em cada lado da rodovia, com dois transectos principais de 2 km de comprimento cada. O transecto do lado esquerdo da via está inserido em um fragmento de 677,7 ha e perímetro de 12,2 km (coordenada central UTM: 24 L 463747 E, 8436968 S), enquanto o transecto do lado direito está inserido em um fragmento com área de 576,2 ha e perímetro de 10,8 km (coordenada central UTM: 24 L 463003 E, 8434156 S). O limite leste dos fragmentos é o rio Oricó Grande.

Inicialmente estava prevista a implantação de um módulo de 5 km na área. No entanto, em razão de intervenção dos trabalhadores assentados sobre a vegetação

ocorrente na extremidade direita do módulo, não foi possível a implantação do último quilômetro do transecto e, conseqüentemente, da 5ª parcela do módulo.

A vegetação nativa presente nestas áreas se encontra em estágio médio de regeneração, com árvores de grande porte e sub-bosque denso, composto por muitas lianas e plantas epífitas, principalmente da família Bromeliaceae. A área ao entorno das quatro parcelas é marcada por uma matriz de monocultura de cacau. A região onde está localizado o presente módulo é uma região úmida, com alto índice pluviométrico e marcada pela presença de riachos e córregos que cruzam as parcelas, sendo que duas dessas possuem o agravante ambiental de receber esgoto *in natura* das cidades adjacentes em um dos córregos que as intercepta.

A topografia dos fragmentos é pouco acidentada, na maior porção de sua área, com a altitude variando de 90 a 130 metros.



FIGURA 6.2 - 4 - ÁREA ALAGADIÇA PRESENTE NA ÁREA DE ESTUDO.



FIGURA 6.2 - 5 - VISTA DO INTERIOR DA ÁREA DE AMOSTRAGEM.

(iii) AFT2 (em substituição ao Módulo 3)

O Módulo 3 havia sido projetado para implantação em duas fazendas de proprietários distintos (1 km + 1 km), a partir de informações obtidas com os funcionários responsáveis, que garantiram o acesso.

Por ocasião da montagem, como houve dificuldade na obtenção de uma autorização definitiva, buscou-se uma área próxima (menos de 5 km), mantendo-se as mesmas características, que permitisse uma amostragem segura, implantando-se dois transectos de 1 km na propriedade chamada Fazenda Indaiatuba, após anuência do proprietário, com realização de todos os métodos estipulados na IN 13/2013, exceto capturas com AIQs, ACVs e redes de neblina.

Ambos os transectos estão inseridos dentro do sistema de plantio em cabruca, apresentando árvores de dossel, variando entre 10 a 30 metros de altura, com pouca representação da flora nativa, predominando uma vegetação formada por espécimes do gênero *Erythrina*, introduzidos com a finalidade de promover o sombreamento à monocultura de cacau e cupuaçu (*T. grandiflorum*). São encontradas, além disso, muitas espécies de lianas e plantas epífitas, principalmente da família Bromeliaceae. A região onde está inserido o presente módulo apresenta alto índice pluviométrico e é marcada pela presença de riachos e córregos que cruzam as parcelas de amostragem, entre os quais destaca-se o Rio do Ouro. A vegetação nativa nestas áreas encontra-se em estágio intermediário de regeneração.

O fragmento do lado esquerdo da via tem uma área de 183,4 ha e perímetro de 5,3 km (coordenada central UTM: 24 L 465711 E, 8419843 S) em terreno pouco acidentado, com altitude variando entre 80 e 110 metros. Já o fragmento do lado direito possui área de 201,2 ha e perímetro de 5,7 km (coordenada central UTM: 24 L 464177 E, 8420124 S), com topografia acidentada e altitude variando entre 90 e 240 metros.



FIGURA 6.2 - 6 - PRESENÇA DE CACAUEIROS EM ÁREA DE BAIXA REPRESENTATIVIDADE DE ESPÉCIES ARBÓREAS NATIVAS.



FIGURA 6.2 - 7 - VISTA DO INTERIOR DA ÁREA DE AMOSTRAGEM.



FIGURA 6.2 - 8 - SISTEMA DE PLANTIO EM “CACAU-CABRUCÁ”. CACAUEIROS EM DESTAQUE.



FIGURA 6.2 - 9 - UMA DAS ÁREAS ALAGADIÇAS QUE COMPÕE A FISIONOMIA DA ÁREA DE ESTUDO.

(iv) AFT3 (em substituição ao Módulo 4)

O Módulo 4, originalmente com 4 km (1 km + 3 km), teve sua localização modificada em razão da ocorrência de conflitos violentos envolvendo indígenas e fazendeiros nas redondezas da área originalmente escolhida.

Constatado o fato, ocorrido após a realização da vistoria, estendendo-se pelo período de montagem dos módulos, optou-se pela implantação, de forma segura, de uma área amostral de 4 km (2 km em cada lado da rodovia) em ambiente similar, a 30 km do

local original (AFT3), com realização de todos os métodos estipulados na IN 13/2013, exceto capturas com AIQs, ACVs e redes de neblina.

O fragmento do lado esquerdo da via tem uma área de 665,4 ha e perímetro de 12,1 km (coordenada central UTM: 24 L 454082 E, 8320239 S). O fragmento do lado direito possui área de 961,8 ha e perímetro de 16,1 km (coordenada central UTM: 24 L 451721 E, 8321603 S).

Trata-se de uma região inserida nos domínios da Floresta Ombrófila Densa, estando a vegetação nativa das áreas de amostragem em estágio médio de regeneração, com presença de lianas, epífitas e árvores de grande porte formando um dossel aberto. Além da cabruca, nota-se no local a presença de lavoura de cacau com poucos indivíduos arbóreos. O terreno nessas áreas é íngreme, com aproximadamente 45° de inclinação e altitude variando entre 300 e 400 metros. Pode-se notar, em algumas parcelas, pontuais afloramentos rochosos e ruínas de ocupações utilizadas pelas antigas lavouras de cacau que atualmente estão abandonadas. Não há presença significativa de corpos hídricos na área amostrada.



FIGURA 6.2 - 10 - VISTA DA REGENERAÇÃO FLORESTAL EM UMA DAS ÁREAS DE AMOSTRAGEM.



FIGURA 6.2 - 11 - NO DETALHE, UMA ANTIGA OCUPAÇÃO HUMANA.



FIGURA 6.2 - 12 - VISTA PARCIAL DO DOSSEL DA ÁREA.



FIGURA 6.2 - 13 - VISTA PARCIAL DA ÁREA.



FIGURA 6.2 - 14 - VISTA PANORÂMICA DA FORMAÇÃO VEGETAL DA ÁREA.



FIGURA 6.2 - 15 - VISTA DO INTERIOR DA ÁREA.



FIGURA 6.2 - 16 - VEGETAÇÃO EM ESTÁGIO MÉDIO DE REGENERAÇÃO.



FIGURA 6.2 - 17 - NO DETALHE O CACAUEIRO E, AO FUNDO, ÁRVORES DE DOSEL ESPARSAS.

(v) Módulo 5

Nesta área foi implantado um transecto de 2 km em um fragmento florestal composto por árvores de alturas variando entre 10 a 30 metros, com pouca representação nativa, onde predomina uma vegetação formada pela espécie do gênero *Erythrina*, introduzida com a finalidade de promover o sombreamento da monocultura de cacau (*Theobroma cacao*), que domina todo o sub-bosque. São encontradas, além disso, muitas espécies de lianas e plantas epífitas, principalmente da família Bromeliaceae. Essa região é bem úmida e com alto índice pluviométrico, o que favorece a formação de pequenos riachos e córregos que cortam as parcelas, entre os quais destaca-se um córrego formador do rio Panelinha.

O fragmento amostrado possui área de 503,2 ha e perímetro de 12,6 km. Está inserido na propriedade Fazenda Rainha do Sul, no município de Camacan (coordenada central UTM: 24 L 448181 E, 8302091 S) em área de relevo pouco acidentado, com altitude variando entre 470 e 500 metros.

Em razão do bom estado de conservação da vegetação na área da propriedade, localizada em sua extremidade leste, incluindo-se a possibilidade de amostragem na área de reserva legal, foi adicionado 1 km de transecto ao módulo originalmente proposto no Plano de Fauna, sendo que neste km de transecto e na parcela adicional não foram realizadas capturas.



FIGURA 6.2 - 18 - A ESQUERDA UM ESPÉCIME DE CACAU. NOTA-SE QUE A ÁREA SOFREU CORTE SELETIVO DE ESPÉCIES ARBÓREAS PARA A ENTRADA DE LUMINOSIDADE PARA A PLANTAÇÃO DE CACAU.



FIGURA 6.2 - 19 - VISTA EXTERNA DO FRAGMENTO ESTUDADO.

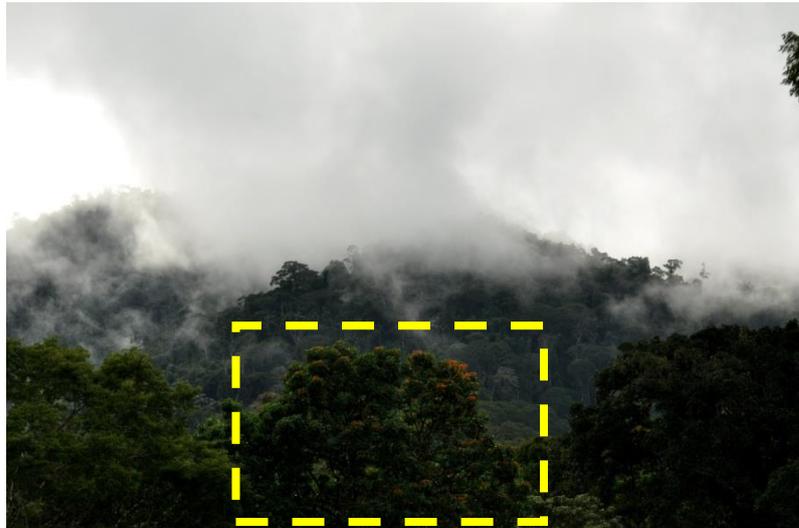


FIGURA 6.2 - 20 - VISTA EXTERNA DO FRAGMENTO FLORESTAL, NO DETALHE *ERYTHRINA SP.*, ESPÉCIE EXÓTICA UTILIZADA PARA O SOMBREAMENTO DO CACAUEIRO.



FIGURA 6.2 - 21 - NO DETALHE: CACAUEIROS. AO FUNDO ÁRVORES DE DOSSEL ESPARSAS AO LONGO DO FRAGMENTO. FISIONOMIA TÍPICA DA CABRUCÁ.

(vi) Módulo 6

O Módulo 6 está inserido em fragmentos de propriedade da Fazenda Vargito, no município de Camacan.

Este módulo é composto por dois transectos de 2 km e quatro parcelas, duas em cada lado da rodovia. O fragmento do lado esquerdo da via tem uma área de 466 ha e perímetro de 11,9 km (coordenada central UTM: 24 L 453184 E, 8293203 S). O fragmento do lado direito possui área de 356,2 ha e perímetro de 11,6 km (coordenada central UTM: 24 L 450861 E, 8292663 S). Em razão do bom estado de conservação da vegetação, incluindo-se a possibilidade de amostragem na área de reserva legal da propriedade, foram adicionados 2 km de transectos ao módulo originalmente proposto no Plano de Fauna,

sendo que nestes 2 km de transecto e nas duas parcelas adicionais não foram realizadas capturas.

A fitofisionomia presente é Floresta Ombrófila Densa em estágio secundário de regeneração com vegetação de sub-bosque em estágio inicial de regeneração, com presença de árvores de grande porte formando o dossel da mata, epífitas, lianas de diversos tamanhos e helicônias. Ao longo da área, o grau de regeneração aumenta, sendo uma floresta primária com presença de árvores de grande porte, lianas de diversos tamanhos, epífitas. Há a presença de plantação de cacau “cabruca”, em alguns trechos do módulo onde há presença de pequenos cursos d’água, com destaque para os rios Panelinha e Panelão, que permeiam o fragmento do lado direito da rodovia. O módulo apresenta terreno irregular, com declividade pouco acentuada, apesar da altitude variar entre 340 e 400 metros, devido à grande extensão da área.



FIGURA 6.2 - 22 - VISTA DA FORMAÇÃO VEGETAL DO MÓDULO DE AMOSTRAGEM 6.



FIGURA 6.2 - 23 - VISTA DA FORMAÇÃO VEGETAL DO MÓDULO DE AMOSTRAGEM 6.



FIGURA 6.2 - 24 - VISTA DA FORMAÇÃO VEGETAL DO MÓDULO DE AMOSTRAGEM 6.



FIGURA 6.2 - 25 - VISTA DA FORMAÇÃO VEGETAL DO MÓDULO DE AMOSTRAGEM 6.



FIGURA 6.2 - 26 - EM PRIMEIRO PLANO OS CACAUEIROS E AO FUNDO ESPÉCIMES ARBÓREOS NATIVOS.

(vii) Módulo 7

Este Módulo foi solicitado pelo IBAMA, a partir de imagens de satélite. A equipe de montagem foi até a área e constatou, junto aos moradores, que há divergências quanto às divisas e, portanto, não houve possibilidade do módulo ser implantado com a segurança necessária de que fosse mantido e preservado ao longo do estudo.

A equipe buscou alternativas na mesma região, sem sucesso.

Delineamento amostral

As técnicas, procedimentos e esforços utilizados neste estudo seguem as determinações da Instrução Normativa Ibama nº 13, de 19/07/2013.

A Tabela 6.2. 2 apresenta uma síntese dos métodos e esforços aplicados no levantamento de dados faunísticos (Campanha 01 = junho-julho/2014; Campanha 02 = outubro-novembro/2014).

TABELA 6.2. 2 - TABELA SÍNTESE DOS MÉTODOS E ESFORÇOS APLICADOS NO LEVANTAMENTO DE FAUNA.

ÁREA AMOSTRAL	GRUPO	MÉTODO	ESFORÇO TOTAL
Módulos 2, 5 e 6 (7 parcelas com capturas + 3 parcelas sem capturas)	Anfíbios	Armadilhas de Interceptação e Queda (AIQ)	1.960 armadilhas-noite
		Busca Ativa Visual	280 transecções (250 metros)
		Busca Ativa Auditiva	7.000 pontos
		Amostragem em sítios reprodutivos	140 hs-homem
	Répteis	Armadilhas de Interceptação e Queda (AIQ)	1.960 armadilhas-noite
		Busca Ativa Visual	280 transecções

ÁREA AMOSTRAL	GRUPO	MÉTODO	ESFORÇO TOTAL	
	Aves	Pontos de Escuta	(250 metros)	
		Censo por Transecto de Varredura	700 pontos	
		Redes de Neblina	280 km	
	Mamíferos	Armadilhas de Intercepção e Queda (AIQ)	169.344 m ² /rede-hora	
		Armadilhas de Captura e contenção (ACC)	1.960 armadilhas-noite	
		Busca Ativa	3.136 armadilhas-noite	
		Armadilhas fotográficas	280 km	
		Armadilhas de pegada	13.440 armadilhas-hora	
	AFT1, AFT2 e AFT3 (7 parcelas sem capturas)	Anfíbios	Busca Ativa Visual	8.400 armadilhas-hora
			Busca Ativa Auditiva	196 transecções (250 metros)
Amostragem em sítios reprodutivos			4.900 pontos	
Répteis		Busca Ativa Visual	98 hs-homem	
Aves		Pontos de Escuta	196 transecções (250 metros)	
		Censo por Transecto de Varredura	532 pontos	
Mamíferos		Busca Ativa	196 km	
		Armadilhas fotográficas	9.408 armadilhas-hora	
		Armadilhas de pegada	6.384 armadilhas-hora	

A Tabela 6.2. 3 apresenta uma comparação entre os esforços propostos no Plano de Fauna e aqueles efetivamente levados á cabo, em razão das limitações impostas na implantação dos módulos amostrais. Percebe-se um prejuízo nos esforços relativo aos métodos que envolvem capturas, em que pese o esforço realizado já ter sido considerável, ao passo que todos os demais esforços foram mantidos, de forma a não haver prejuízo ao resultado final.

TABELA 6.2. 3 - TABELA COMPARATIVA ENTRE OS ESFORÇOS PROPOSTOS E OS EFETIVAMENTE APLICADOS NO LEVANTAMENTO DE FAUNA.

Grupo	Método	Esforço Previsto	Esforço Realizado
Anfíbios	Armadilhas de Intercepção e Queda (AIQ)	4.760 armadilhas-noite	1.960 armadilhas-noite
	Busca Ativa Visual	476 transecções (250 metros)	476 transecções (250 metros)
	Busca Ativa Auditiva	11.900 pontos	11.900 pontos
	Amostragem em sítios reprodutivos	-	238 hs-homem
Répteis	Armadilhas de Intercepção e Queda (AIQ)	4.760 armadilhas-noite	1.960 armadilhas-noite

Grupo	Método	Esforço Previsto	Esforço Realizado
	Busca Ativa Visual	476 transecções (250 metros)	476 transecções (250 metros)
Aves	Pontos de Escuta	1.232 pontos	1.232 pontos
	Censo por Transecto de Varredura	476 km	476 km
	Redes de Neblina	411.264 m ² /rede-hora	169.344 m ² /rede-hora
Mamíferos	Armadilhas de Interceptação e Queda (AIQ)	4.760 armadilhas-noite	1.960 armadilhas-noite
	Armadilhas de Captura e contenção (ACC)	7.616 armadilhas-noite	3.136 armadilhas-noite
	Busca Ativa	476 km	476 km
	Armadilhas fotográficas	22.848 armadilhas-hora	22.848 armadilhas-hora
	Armadilhas de pegada	14.784 armadilhas-hora	14.784 armadilhas-hora

(i) Herpetofauna

BUSCA ATIVA VISUAL

A busca ativa foi realizada durante o dia e a noite em todas as parcelas amostrais, durante sete dias consecutivos. Todo o micro-habitat potencial para anuros e répteis foi cuidadosamente examinado (terrestres, aquáticos e arbóreos), substratos (folhiço, árvores caídas, troncos em decomposição e sob rochas) e microclimas (insolação e umidade) (SUTHERLAND, 1996; BERNARDE, 2012). Os locais foram revirados manualmente ou com o auxílio de um gancho, com a intenção de desalojar indivíduos que estivessem em repouso ou abrigados (FIGURA 6.2 - 27 a FIGURA 6.2 - 30).

Nas parcelas amostrais, é percorrida, por duas pessoas, uma faixa de 40 x 250 metros, correspondente a 20 metros para cada lado da linha central de cada parcela.



FIGURA 6.2 - 27 - PROFISSIONAL REALIZANDO BUSCA ATIVA NOTURNA.



FIGURA 6.2 - 28 - PROFISSIONAL REALIZANDO BUSCA ATIVA DIURNA.



FIGURA 6.2 - 29 - ÁREA ALAGADA ONDE FOI REALIZADA A BUSCA ATIVA NO MÓDULO 2.



FIGURA 6.2 - 30 - TRILHA ONDE FOI REALIZADA A BUSCA ATIVA NO MÓDULO 6.

BUSCA ATIVA AUDITIVA – PONTOS DE ESCUTA

O levantamento auditivo por pontos de escuta (HEYER *et al.*, 1994) consiste na identificação das espécies de anfíbios em atividade de vocalização em seus ambientes de reprodução tais como lagoas, riachos, córregos e áreas úmidas. Na execução deste método, os pesquisadores percorrem a linha central das parcelas de 250 metros, registrando as vocalizações de anfíbios, em 25 segmentos de 10 metros, conforme IN 13, Anexo V, item 1.2.2.

SÍTIOS DE REPRODUÇÃO

O levantamento auditivo por pontos de escuta (HEYER *et al.*, 1994) consiste na identificação das espécies de anfíbios em atividade de vocalização em seus ambientes de reprodução tais como lagoas, riachos, córregos e áreas úmidas (FIGURA 6.2 - 31 e FIGURA 6.2 - 32). Este método foi utilizado para complementar a Busca Ativa, realizada apenas nas parcelas, e teve por objetivo a obtenção de dados sobre riqueza e distribuição no ambiente.



FIGURA 6.2 - 31 - SÍTIO REPRODUTIVO REGISTRADO NO MÓDULO 2.



FIGURA 6.2 - 32 - SÍTIO REPRODUTIVO REGISTRADO EM AFT3.

ARMADILHA DE INTERCEPTAÇÃO E QUEDA (PITFALL TRAP)

Estas armadilhas permitem a captura de anfíbios, répteis e pequenos mamíferos não voadores, alguns dos quais de difícil registro por outros métodos.

Nas sete parcelas alocadas nos Módulos 2, 5 e 6 (numa área chamada de Zona de *Pitfalls*), foram instalados cinco conjuntos constituídos de 04 baldes de 60 litros, dispostos de forma de “Y” distando 10 m entre si, conectados por uma lona de 50 cm de altura, com a extremidade inferior (5 cm) enterrada (FIGURA 6.2 - 33). Dentro de cada balde foi colocado um pedaço de isopor (quadrado de cerca de 20x20cm), um abrigo e um pedaço de laranja, visando reduzir a mortalidade de pequenos mamíferos (FIGURA 6.2 - 34). Entre os períodos de amostragem os baldes foram fechados (FIGURA 6.2 - 35). As armadilhas foram verificadas diariamente, pela manhã e à tarde, por um período de 7 dias por campanha (FIGURA 6.2 - 36).



FIGURA 6.2 - 33 - ESTAÇÃO DE ARMADILHAS DE INTERCEPÇÃO E QUEDA NO MÓDULO 6.



FIGURA 6.2 - 34 - PEDAÇO DE ISOPOR E ABRIGO, COLOCADOS DENTRO DO BALDE.



FIGURA 6.2 - 35 - BALDE TAMPADO ENTRE A CAMPANHA 1 E 2.



FIGURA 6.2 - 36 - PROFISSIONAL REALIZANDO A REVISÃO DA ARMADILHA DE INTERCEPÇÃO E QUEDA.

Espécimes capturados e não coletados, após serem devidamente analisados e identificados, foram marcados e liberados no local de captura. Dois sistemas de marcação foram adotados: cortes de escamas em répteis e implante visível de elastômero fluorescente em anfíbios e répteis.

Para a marcação de serpentes, quelônios, crocodilianos e lagartos de médio e grande porte, foram realizados pequenos cortes de bordas de escamas, com auxílio de tesoura. Para cada grupo taxonômico, selecionou-se um local específico para o corte, sendo criado um código de marcação (FIGURA 6.2 - 41).

Os anfíbios e pequenos lagartos capturados foram marcados com Elastômero Fluorescente de Implante Visível (VIE). O sistema de elastômero utiliza um material em elastômero fluorescente de duas partes, biocompatível e especialmente desenvolvido para marcação de animais. Na primeira campanha foi utilizada a cor azul e na segunda as cores laranja e verde (FIGURA 6.2 - 37 a FIGURA 6.2 - 40). Os animais foram marcados nos membros posteriores e o lado do corpo a ser marcado no animal correspondia ao lado da BR-101 no qual o módulo estava inserido. O mesmo sistema foi aplicado para o posicionamento dos cortes de escamas ventrais das serpentes.

Os indivíduos capturados foram marcados, identificados e medidos (CRC – comprimento rostro-cloacal – HEYER et al, 1990), no próprio local de captura visando sua soltura imediata (FIGURA 6.2 - 42).



FIGURA 6.2 - 37 - ANFÍBIO SENDO MARCADO COM ELASTÔMERO FLUORESCENTE DE IMPLANTE VISÍVEL (VIE).



FIGURA 6.2 - 38 - LAGARTO SENDO MARCADO COM ELASTÔMERO FLUORESCENTE DE IMPLANTE VISÍVEL (VIE).



FIGURA 6.2 - 39 - ANFÍBIO MARCADO COM ELASTÔMERO FLUORESCENTE DE IMPLANTE VISÍVEL (VIE) SOB LUZ FLUORESCENTE.



FIGURA 6.2 - 40 - ANFÍBIO MARCADO COM ELASTÔMERO FLUORESCENTE DE IMPLANTE VISÍVEL (VIE) SOB LUZ FLUORESCENTE.



FIGURA 6.2 - 41 - CORTE DE ESCAMA EM SERPENTE CAPTURADA.



FIGURA 6.2 - 42 - MEDIÇÃO DE CRC DE INDIVÍDUO CAPTURADO.

Em acordo com a Autorização de Captura, Coleta e Transporte de Material Biológico nº 467/2014, quando necessário foram coletados até dois espécimes de cada morfoespécie para confirmação de identidade taxonômica e depósito em coleção científica como material testemunho (Tabela 6.2. 4 e Volume de Anexos – Anexo 9). Não houve coleta de indivíduos da herpetofauna na segunda campanha.

A preservação desses exemplares coletados foi realizada de acordo com a metodologia de rotina para anfíbios e répteis (FRANCO & SALOMÃO, 2002; CALLEFFO, 2002).

Os exemplares coletados foram acondicionados em sacos plásticos, potes com furos, sacos de pano ou caixas plásticas com furos, e transportados a laboratório de campo, para o processo de preservação. A eutanásia foi induzida através da aplicação intraperitoneal de anestésico Tiopental® ou lidocaína no caso de répteis, e imersão em solução aquosa de lidocaína no caso de anfíbios. Em seguida, para a fixação, os exemplares receberam injeção de solução de formalina (formol 10 %), foram montados sobre bandeja plástica, cobertos com papel absorvente (exceto exemplares diminutos), encharcados com formalina, cobertos com sacos plásticos e permaneceram em fixação por um período de 24 a 72 horas. Após esse período, foram lavados em água corrente, etiquetados e conservados em álcool 70 %. Todos os espécimes preservados foram etiquetados (etiquetas plásticas) e receberam número de campo individualizado.

Os exemplares registrados foram identificados até o nível de espécie. Procedeu-se às identificações em campo e, em casos de dúvidas, em laboratório com auxílio de literatura científica especializada e comparação com espécimes de coleções científicas previamente identificados. As identificações foram obtidas através da análise de caracteres diagnósticos de morfologia externa e coloração, além de reconhecimento de vocalizações de machos. Foi utilizada a nomenclatura taxonômica atualizada, segundo Bérnills (2010) e SBH (2014).

TABELA 6.2. 4- EXEMPLARES DA HERPETOFAUNA COLETADOS E DEPOSITADOS NA UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS.

Espécie	Nr Tombo	ID campo	Data da Coleta	Município	Coordenadas (UTM)
<i>Scinax cf strigilatus</i>	300	BRH01h	26/06/2014	Camacan	24 L 447007/8301660
<i>Scinax cf strigilatus</i>	301	BRH02h	28/06/2014	Camacan	24 L 447007/8301660
<i>Dendropsophus elegans</i>	302	BRH03h	08/07/2014	Aurelino Leal	24 L 462879/8434940
<i>Dactyloa punctata</i>	522	BRH04h	09/07/2014	Ubaitaba	24 L 466862/8415800
<i>Siphonops annulatus</i>	303	BRH01h	27/06/2014	Camacan	24 L 450869/8292683
<i>Siphonops annulatus</i>	304	BRH05h	24/06/2014	Camacan	24 L 452538/8292864
<i>Dipsas catesbyi</i>	523	BRH06h	09/07/2014	Ibirapitanga	24 L 462769/8436443
<i>Polychrus marmoratus</i>	524	BRH07h	09/07/2014	Ibirapitanga	24 L 462769/8436443
<i>Typhlops brongersmianus</i>	525	BRH08h	09/07/2014	Ibirapitanga	24 L 462686/8434968
<i>Macrogenioglottus alipioi</i>	305	BRH09h	06/07/2014	Ubaitaba	24L 464585/8416200
<i>Stereocyclops incrassatus</i>	306	BHR10h	23/06/2014	Camacan	24 L 452538/8292864
<i>Allobates olfersioides</i>	307	BRH11h	04/07/2014	Itacaré	24 L 463594/8435614
<i>Hypsiboas semilineatus</i>	308	BRH12h	13/07/2014	Aurelino Leal	24 L462879/8434940
<i>Philodryas olfersii</i>	526	BRH13h	14/07/2014	Itacaré	24 L 464746/8433495

ENCONTROS OCASIONAIS

Considera-se encontro ocasional todo o encontro de anuros e répteis, vivos ou mortos, na área de estudo e adjacências, ocorrido durante as atividades de campo, em qualquer momento que não na procura ativa.

Durante a aplicação das referidas técnicas, os animais encontrados foram devidamente identificados e, em todas as ocasiões, tiveram anotados os seguintes dados: data, área amostral, local de amostragem (coordenadas), ambiente, método de localização e horário.

(ii) Avifauna

PONTOS FIXOS DE CONTAGEM

Foi utilizada a metodologia de Ponto Fixo para o levantamento quantitativo da avifauna (FIGURA 6.2 - 43). As aves foram amostradas através de registro focal e auditivo por meio de pontos fixos (e.g. Pontos de escuta) com raio de 30 m (BIBBY *et al.*, 1992). Foram realizados pontos de escuta equidistantes 500 m ao longo do transecto principal de cada módulo, ao amanhecer e ao crepúsculo, em sete dias consecutivos a fim de maximizar a detecção de espécies em cada unidade amostral. Cada ponto foi amostrado por 10 minutos, sendo registrados todos os indivíduos de cada espécie de ave avistada e/ou detectada pela vocalização. Para a identificação das aves, são utilizados De La Pena & Rumboll (1998), Dunning (1987) e Sick (1997).



FIGURA 6.2 - 43 - IMAGEM ILUSTRATIVA DA EXECUÇÃO DO MÉTODO DE PONTO FIXO DE CONTAGEM.

TRANSECÇÕES

Em cada censo de transecto foi percorrido toda extensão do módulo (1, 2 ou 4 km), estabelecendo uma faixa de contagem de 20m para cada lado (FIGURA 6.2 - 44). Os transectos foram realizados ao amanhecer e também no final da tarde. Realizaram-se dois transectos por dia, durante sete dias consecutivos. Com este método obteve-se o Índice Quilométrico de Abundância, que corresponde ao número total de registros, dividido pelo número de quilômetros percorridos.



FIGURA 6.2 - 44 - IMAGEM ILUSTRATIVA DA EXECUÇÃO DO MÉTODO DE TRANSECÇÃO.

REDES DE NEBLINA

Foram utilizadas oito redes de neblina (12 m x 2,5 mm) dispostas em linha, em cada uma das sete parcelas coincidentes com as propostas no Plano de Fauna e aprovadas via ACCTMB 467/2014, alocadas nos módulos 2, 5 e 6.

As redes foram abertas em sete dias consecutivos, a partir das 5 horas da manhã e permaneceram abertas durante seis horas, sendo revisadas em intervalos máximos de 30 minutos (FIGURA 6.2 - 45 e FIGURA 6.2 - 46). Para este método, foi calculado o Índice Captura, que é número de indivíduos capturados, dividido pelo número de horas-rede.



FIGURA 6.2 - 45 - IMAGEM ILUSTRATIVA DE CAPTURA COM O AUXÍLIO DE REDES DE NEBLINA.



FIGURA 6.2 - 46 - REDE DE NEBLINA INSTALADA EM PARCELA DO MÓDULO 2.

Depois de capturadas em redes de neblina, as aves foram identificadas, anilhadas, sexadas e pesadas com a utilização de balanças de precisão Pesola®. Além disso, dados morfo e biométricos foram obtidos, com auxílio de um paquímetro ou régua e transcritos para caderneta específica. Os dados obtidos foram: comprimento da asa, cauda, bico e tarso, além da condição das placas de incubação (FIGURA 6.2 - 47 a FIGURA 6.2 - 49).

Foram consideradas placas de incubação as placas com pele flácida, bem irrigadas e desprovidas de penas, representando as classes 1 a 3 do Manual do Anilhador do CEMAVE (1994) (FIGURA 6.2 - 51).

A marcação foi realizada por anilhamento com anilhas metálicas padronizadas cedidas pelo ICMBIO/CEMAVE, cuidadosamente colocadas no tarso (FIGURA 6.2 - 50) de cada indivíduo capturado.

Não houve coleta de espécimes em nenhuma das duas campanhas.

As identificações e marcações foram realizadas no próprio local da captura, possibilitando a breve soltura do indivíduo em seu habitat (FIGURA 6.2 - 52).



FIGURA 6.2 - 47 - MEDIÇÃO DO BICO.



FIGURA 6.2 - 48 - MEDIÇÃO DO TARSO

**FIGURA 6.2 - 49 - PESAGEM.****FIGURA 6.2 - 50 - ANILHAMENTO.****FIGURA 6.2 - 51 - VERIFICAÇÃO DA PLACA DE INCUBAÇÃO.****FIGURA 6.2 - 52 - SOLTURA DE INDIVÍDUO CAPTURADO.**

(iii) Mastofauna

Devido a grande diversidade de mamíferos, no que consiste a variação no uso de habitats, nichos ecológicos ou diferenças de massa corporal, estudos, inventários e pesquisas requerem a utilização de metodologias específicas para diferentes grupos de espécies (VOSS & EMMONS, 1996).

Durante o levantamento da mastofauna foram utilizados métodos de acordo com a diferença entre a massa corporal de mamíferos não voadores, separados em mamíferos de pequeno porte (peso médio dos adultos até 1 kg), médio porte (peso médio dos adultos entre 1 e 10 kg) e grande porte (peso médio dos adultos superior a 10 kg) (CHEREM, 2005), conforme descrito a seguir:

MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE

CENSO POR TRANSECÇÃO

A busca por vestígios (fezes, pegadas, pêlos, tocas/abrigos) que indiquem a presença de mamíferos de médio e grande porte são consideradas tão eficazes como o uso de outras metodologias de maior custo e/ou invasivas (QUADROS, 2002; SILVEIRA *et al.*, 2003).

Em cada uma das áreas selecionadas foi percorrido o transecto principal, em sua totalidade, a pé por um observador, ao amanhecer e ao entardecer, em um período de sete dias consecutivos, buscando contato visual e/ou auditivo (vocalizações) de indivíduos e vestígios (pegadas, fezes, tocas, marcações e restos de carcaças) (FIGURA 6.2 - 53, FIGURA 6.2 - 54 e FIGURA 6.2 - 55). Os indivíduos e os vestígios observados foram georreferenciados e, sempre que possível, fotografados para registro.



FIGURA 6.2 - 53 - PROFISSIONAL REALIZANDO CENSO POR TRANSECÇÃO.



FIGURA 6.2 - 54 - EXEMPLO DE TRILHA ONDE FOI REALIZADO CENSO POR TRANSECÇÃO.



FIGURA 6.2 - 55 - ENCONTRO DE PEGADAS DE *MAZAMA GOUAZOUBIRA* DURANTE TRANSECÇÃO EM AFT1.

ARMADILHA FOTOGRÁFICA

O uso de armadilhas fotográficas possibilita o monitoramento de diversos locais de amostragem por longos períodos de tempo, possibilitando o registro fotográfico de espécies esquivas, de hábitos noturnos e de baixa densidade populacional (TOMAS & MIRANDA, 2003).

Em cada parcela de amostragem um par de armadilhas fotográficas (*Trophy Camera* – *Bushnell*[®]) foi instalada em local propício à obtenção de registros de mamíferos (TOMAS & MIRANDA, 2003) (FIGURA 6.2 - 56 e FIGURA 6.2 - 57). Cada armadilha permaneceu ativa por 14 dias consecutivos, 24 horas por dia, em cada campanha.



FIGURA 6.2 - 56 - ARMADILHA FOTOGRÁFICA SENDO INSTALADA PELO PROFISSIONAL.

FIGURA 6.2 - 57 - ARMADILHA FOTOGRÁFICA INSTALADA.

ARMADILHAGEM PARA PEGADAS (PARCELAS DE AREIA)

O uso de armadilhas de pegadas permite o registro desses vestígios em lugares que não são propícios para a sua marcação em substrato natural (DIRZO & MIRANDA 1990). A contagem de pegadas pode fornecer índices de abundância relativa de espécies, assim como estimativas de riqueza e permite a criação de inventários e estudos sobre o uso do habitat (CONNER *et al.*, 1983; PARDINI, 2001; PARDINI *et al.*, 2004). Porém, deve-se estar atento às restrições analíticas do método, que podem superestimar índices de abundância relativa para algumas espécies e erros de interpretação de dados de uso do habitat, principalmente em trabalhos que visam o estudo de comunidades, onde espécies de diferentes distribuições espaciais e abundâncias são amostradas simultaneamente (CONNER *et al.*, 1983; SCOSS, 2002; BASSI, 2003).

Para cada parcela amostrada foram instaladas duas (2) armadilhas de pegadas, montadas com substrato arenoso fino de 1 m² com 2.5 cm de profundidade (SCOSS *et al.*, 2004) distante 500 metros entre si. As armadilhas foram instaladas ao longo dos transectos principais e revisadas diariamente em um período de sete dias consecutivos (FIGURA 6.2 - 58). Em cada revisão, os blocos de areia eram descompactados, homogeneizados e limpos (retirada de folhiços) a fim de facilitar a visualização das impressões e o registro de animais de pequeno porte (NEGRÃO & VALLADARES-PÁDUA, 2006).

Os rastros e pegadas foram identificados segundo os guias disponíveis (GONZÁLEZ, 2001; OLIVEIRA & CASSARO, 2005; CARVALHO JR. & LUZ, 2008 e MAMEDE & ALHO, 2008).



FIGURA 6.2 - 58 - ARMADILHA DE PEGADAS DISPOSTA NO TRANSECTO PRINCIPAL DO MÓDULO 2.

ENCONTROS OCASIONAIS

Os indivíduos e/ou vestígios (pegadas, fezes, tocas e restos de carcaças) observados fora método de censo por transecção foram considerados como encontros ocasionais. Esses encontros foram georreferenciados e fotografados para registro e posterior identificação da espécie.

PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES

ARMADILHAGEM DE CONTENÇÃO VIVA (LIVE-TRAP)

Para a amostragem de espécies de pequenos mamíferos não voadores foram utilizadas 32 armadilhas do tipo “live-trap”, em cada parcela de amostragem alocada nos módulos 2, 5 e 6, coincidentes com as propostas no Plano de Fauna e aprovadas via ACCTMB 467/2014.

As armadilhas foram dispostas em duas linhas paralelas à linha central da parcela. Cada linha continha oito pares de armadilhas instaladas alternadamente no solo e sub-bosque e iscadas com uma mistura de farinha de milho, banana, essência de baunilha, óleo de fígado de bacalhau e sardinha (FIGURA 6.2 - 59 a FIGURA 6.2 - 62).

As armadilhas foram verificadas diariamente, no meio da manhã e no meio da tarde, em um período de sete dias consecutivos (FIGURA 6.2 - 63). Os animais capturados foram identificados, marcados e medidos em campo, visando sua imediata soltura na mesma área da captura (FIGURA 6.2 - 64). O manuseio dos espécimes foi realizado com todo o zelo necessário, seguindo as orientações e normas de bons tratos de animais da Sociedade Americana de Mastozoólogos (SIKES & GANNON, 2011).



FIGURA 6.2 - 59 - ISCAGEM E ARMADILHAMENTO.



FIGURA 6.2 - 60 - ARMADILHA DISPOSTA NO SOLO.



FIGURA 6.2 - 61 - ARMADILHA DISPOSTA NO SOLO.



FIGURA 6.2 - 62 - ARMADILHA DISPOSTA NO SUB-BOSQUE.



FIGURA 6.2 - 63 - PROFISSIONAL REALIZANDO A VERIFICAÇÃO DIÁRIA E ISCAGEM DAS ARMADILHAS.



FIGURA 6.2 - 64 - SOLTURA DE INDIVÍDUO.

ARMADILHAGEM DE INTERCEPTAÇÃO E QUEDA (*PITFALL TRAP*)

Ver subitem anterior sobre o mesmo tema no item Herpetofauna.

Os pequenos mamíferos capturados foram marcados com anilhas metálicas numeradas (*ear-tags*) (FIGURA 6.2 - 65) e identificados segundo Gaedner (2007), Bonvicino et al. (2008), Rossi *et al.* (2011) e Oliveira & Bonvicino (2011).

Os indivíduos foram manuseados com auxílio de luvas e acondicionados em sacos de pano ou de plástico. Todos os indivíduos capturados foram identificados quanto à espécie, sexo, condição reprodutiva e tiveram suas medidas biométricas tomadas: comprimento total do corpo (mm), da cauda (mm) e peso (g) (FIGURA 6.2 - 66 a FIGURA 6.2 - 69).

Os espécimes coletados para posterior identificação foram eutanasiados com uma superdosagem de anestésico (mistura de ketamina e xilazina) aplicado intramuscular, para depois serem taxidermizados ou fixados em meio líquido (álcool 70%) (Tabela 6.2. 5).

Não houve coleta de indivíduos na segunda campanha de amostragens.

Após a anotação dos dados morfométricos e identificação dos espécimes, estes foram soltos no próprio local de captura (FIGURA 6.2 - 70).

TABELA 6.2. 5 - EXEMPLARES DA MASTOTOFAUNA COLETADOS E DEPOSITADOS NA UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Espécie	Nr Tombo	ID Campo	Data da Coleta	Município	Coordenadas (UTM)
<i>Micoureus sp.</i>	560	BRM01h	23/06/2014	Camacan	24 L 447007/8301660
<i>Akodon cursor</i>	561	BRM02h	29/06/2014	Camacan	24 L 447315/8302179
<i>Oligozymys sp1</i>	562	BRM03h	09/06/2014	Camacan	24L 450869/8292683
<i>Monodelphis americana</i>	563	BRM04h	26/06/2014	Camacan	24 L 453456/8292961
<i>Oligozymys sp2</i>	564	BRM05h	23/06/2014	Camacan	24 L 452538/8292864
<i>Akodon cursor</i>	565	BRM06h	14/07/2014	Aurelino Leal	24 L 462897/8436535
<i>Marmosa murina</i>	566	BRM07h	27/06/2014	Camacan	24 L 447315/8302179
<i>Oligorizomys sp2</i>	567	-	25/06/2014	Camacan	24 L 452538/8292864
<i>Monodelphis iheringi</i>	568	-	12/07/2014	Aurelino Leal	24 L 462879/8434940
<i>Oligorizomys sp1</i>	569	-	11/07/2014	Aurelino Leal	24 L 462879/8434940



FIGURA 6.2 - 65 - INDIVÍDUO ANILHADO.



FIGURA 6.2 - 66 - MEDIÇÃO DO CORPO.



FIGURA 6.2 - 67 - MEDIÇÃO DA CAUDA.



FIGURA 6.2 - 68 - SEXAGEM.



FIGURA 6.2 - 69 - PESAGEM.



FIGURA 6.2 - 70 - SOLTURA.

(iv) Parâmetros de Análise

Para cada grupo de fauna terrestre amostrado, são apresentados os valores de riqueza, abundância e índice de diversidade de *Shannon*, por campanha e para o conjunto das campanhas, por área amostrada e pelo conjunto das áreas (MAGURRAN, 2004). Para possibilitar um comparativo entre as áreas, uma vez que possuem tamanhos diferentes e, conseqüentemente, esforços amostrais diferentes, a riqueza e abundância média, calculadas por parcela/km, são também apresentadas.

A memória de cálculo dos esforços amostrais empregados para o levantamento faunístico e das análises estatísticas realizadas são apresentadas em meio magnético no Volume de Anexos – Anexo 10. Neste mesmo Anexo 10 estão as tabelas de dados brutos primários.

Além destes, apresenta-se o comparativo de similaridade entre as áreas, para cada grupo, no conjunto das campanhas a similaridade faunística entre as áreas (análise de cluster – índice de *Bray-Curtis* (ZAR, 1999), calculado através do *software* livre BioDiversity Pro (MCALEECE *et al.*, 1997).

SUFICIÊNCIA AMOSTRAL E ESTIMATIVA DE RIQUEZA

A construção de uma curva de suficiência amostral se dá a partir da acumulação da riqueza obtida em cada dia de amostragem. Trata-se da representação gráfica do número acumulado de espécies ocorrentes em uma área definida, como uma medida de esforço gasto para encontrá-las (COLWELL & CODDINGTON, 1994).

A ordem na qual são acrescentados os indivíduos amostrados afeta a forma da curva, expressando, além do erro amostral, a heterogeneidade entre as unidades amostrais. Para eliminar esta arbitrariedade, a ordenação das unidades amostrais é aleatorizada com uso do *software* livre EstimateS (COLWELL, 2013), com 100 randomizações, estimando-se a riqueza esperada com a utilização da técnica de reamostragem “bootstrap”, que considera a amostra obtida como um universo amostral (MANLY, 1997).

ABUNDÂNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DAS ESPÉCIES REGISTRADAS

Para cada área amostrada e para o somatório das áreas contidas na Área de Estudo, foram apresentadas as abundâncias absolutas, ou seja, a quantidade de registros de cada espécie amostrada. Com o intuito de demonstrar a ocorrência de espécies dominantes foi apresentada, adicionalmente, a abundância relativa de cada espécie por área amostrada e no total das áreas. A abundância relativa de uma espécie e a razão entre a quantidade de registros da espécie pela quantidade de registros total, resultando num valor percentual.

DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE

A diversidade de espécie refere-se à variedade de espécies de organismos vivos de uma determinada comunidade, habitat ou região. A diversidade pode ser subdividida em dois grupos: Riqueza e Equitabilidade.

A riqueza refere-se ao número de espécies presentes em uma determinada área, enquanto a equitabilidade diz respeito a distribuição de indivíduos entre as espécies. Áreas mais ricas e com maior equitabilidade entre as espécies apresentarão maiores índices de diversidade.

O Índice de Diversidade de Shannon dá maior peso para as espécies raras e quanto maior for o valor de H' , maior será a diversidade da população em estudo (MAGURRAN, 1988). É um dos índices mais usados pois, uma vez que utiliza a base de logaritmos naturais, as propriedades matemáticas de H' apresentam maior consistência e coerência (HUTCHESON, 1970).

Os valores são obtidos a partir da aplicação da seguinte fórmula:

$$H' = \frac{\left[N \ln(N) - \sum_{i=1}^S n_i \ln(n_i) \right]}{N}$$

Onde:

H' = Índice de Shannon

ni=Número de indivíduos amostrados da i-ésima espécie.

N=número total de indivíduos amostrados.

S=número total de espécies amostradas.

ln=logaritmo de base neperiana.

Já o índice de Equitabilidade de Pielou (J') mede a uniformidade da distribuição dos indivíduos entre as espécies, ou seja, expressa o quão igualmente os indivíduos estão distribuídos entre as espécies (LUDWIG & REYNOLDS, 1988). Seu valor máximo é 1 e a proximidade a este valor revela o quanto as espécies são igualmente abundantes.

A fórmula de cálculo é a seguinte:

$$J = \frac{H'}{H \max.}$$

Onde:

Hmáx= ln(S)

J = Equabilidade de Pielou

S = número total de espécies amostradas

H' = índice de diversidade de Shannon

Ambos os índices foram calculados com utilização do *software* livre Past (HAMMER *et al*, 2001).

(v) Fauna Atropelada

O período de amostragem compreende doze (12) meses (de junho de 2014 a maio de 2015), seis amostragens mensais para compor o EIA/Rima e seis amostragens mensais para embasar os Programas Ambientais, sendo uma amostragem por mês, percorrendo o trecho da BR-101/BA entre o km 166,5 e o km 717,8, nos dois sentidos da via. As seis primeiras campanhas foram realizadas três no período chuvoso (junho a agosto) e três em período seco (setembro a novembro).

A coleta dos dados baseia-se em avistamentos de carcaças realizados com auxílio de carro, trafegando a 55 km/h. Para o fator de correção dos atropelamentos foram

aleatorizados 25 trechos de 1 km cada na qual serão percorridos a pé, nos dois sentidos da via.

Os dados climáticos da região no período de realização das campanhas, incluindo índice pluviométrico, temperatura média e outros dados relevantes serão apresentados, uma vez que os mesmos podem influenciar na atividade ou no comportamento dos diferentes grupos faunísticos, além de poderem influenciar na metodologia do monitoramento, sendo pela remoção das carcaças da via, ou pela dificuldade de visualização das carcaças em caso de chuva forte ou mesmo estando a pista molhada. Os dados foram obtidos no site do INMET. Outros fatores como obras de manutenção da rodovia também serão relatados.

Sempre que havia visualização ou indício de animal atropelado no empreendimento ou em sua faixa de domínio, o deslocamento era interrompido para que a equipe obtivesse as informações constantes do "Formulário para Registro de Atropelamentos de Espécimes da Fauna", que foi preenchido com os dados disponíveis, posteriormente, compilado em planilha eletrônica única (apresentado em meio digital no Volume de Anexos – Anexo 10), de modo a possibilitar a alimentação de um banco de dados.

Todo animal encontrado atropelado e morto foi marcado com tinta spray, visando evitar a recontagem e auxiliar na obtenção de dados para o cálculo da taxa de remoção de carcaça. Além disso, as carcaças que apresentavam perigo à segurança do tráfego da rodovia eram retiradas e especificadas nas planilhas, as demais permaneceram no local, para que a taxa de remoção de carcaça pudesse ser calculada.

Houve a sincronização entre o horário da câmera fotográfica (as fotos estão com data e hora anexadas) e do GPS Garmin eTrex 20® antes do início de cada levantamento no respectivo trecho.

FATOR DE CORREÇÃO CARRO/CAMINHAMENTO

Visando uma estimativa mais precisa das taxas de atropelamento de fauna, o fator de correção a partir da comparação entre as taxas obtidas por meio das amostragens de carro e a pé (caminhamento) foi calculado.

Para o cálculo foram descartados as carcaças de médio e grande porte, por sua fácil observação quando trafegando à baixa velocidade (55 km/h). As carcaças de animais de pequeno porte, como passeriformes e alguns répteis tiveram o valor total extrapolado para o comprimento total da rodovia, considerando o deslocamento em ambos os lados da rodovia. Os 25 km de caminhamento correspondem a 2,26% do total da rodovia.

TAXA DE REMOÇÃO DE CARÇAÇA

Para a obtenção de uma estimativa mais precisa das taxas de atropelamento de fauna, será calculada a taxa de remoção de carcaças para cada grupo taxonômico monitorado. Para que isso seja possível, as carcaças são marcadas com tinta spray, além de o número do registro ser anotado ao lado da carcaça. Em cada campanha, foram observadas as carcaças que ainda encontravam-se no local do registro, sendo confirmada com o auxílio do GPS, e os dados compilados foram calculados.

TRECHOS CRÍTICOS PARA O ATROPELAMENTO DA FAUNA E MEDIDAS MITIGADORAS

Os trechos críticos para atropelamento da fauna (*HotSpots*) serão analisados com auxílio do Programa Siriema 1.1.0, o qual mensura a não aleatoriedade dos atropelamentos ao longo de diversas escalas (Ripley 1981; Cressie, 1993; Levine, 2004 apud Siriema 2011) e identifica os principais trechos de atropelamento considerando os agrupamentos significativos ao longo da rodovia.

Os dados gerados serão apresentados no item de Discussão e Conclusão, embasando as proposições de medidas mitigadoras, que serão refinadas para apresentação do PBA (Plano Básico Ambiental) após execução do Projeto Básico.

6.2.2.2.2 Resultados

Fauna de Provável Ocorrência na Área de Estudo do Empreendimento

(i) Anfíbios

Foi realizada consulta bibliográfica em diversos trabalhos realizados na região das áreas de influência do empreendimento. Este levantamento teve como base os trabalhos de Hoogmoed & Cascon (1994), Caramaschi & Rodrigues (2003), Cruz *et al.* (2003), Cruz & Pimenta (2004), Pimenta *et al.* (2005), Silva-Filho & Juncá (2006), Cruz *et al.* (2008), Napoli & Pimenta (2003), Pimenta & Caramaschi (2007), Cassimiro *et al.* (2008), Prado & Pombal Jr (2008), Izecksohn *et al.* (2009), Camurugi *et al.* (2010), Nunes & Pombal (2010), Orrico (2010), Recorder *et al.* (2010), Freitas (2011), Lantyer Silva *et al.* (2011), Napoli *et al.* (2011), Juncá *et al.* (2012), Simon & Peres (2012), Haddad *et al.* (2013), Cruz *et al.* (2014). O habitat preferencial e o endemismo da espécie foi baseado em Haddad *et al.* (2013).

O grau de ameaça de extinção foi baseado na Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (IBAMA, 2003) e de acordo com os critérios e categorias da União Mundial para a Natureza – IUCN - *International Union for Conservation of Nature* (IUCN, 2014).

A seguir são apresentados os dados secundários obtidos para as espécies com possível ocorrência nas áreas de influência do empreendimento, levando-se em consideração: Habitat preferencial, Status de Conservação; Espécie endêmica do Bioma Mata Atlântica ou do Estado da Bahia, Espécie cinegética, Espécies de relevante interesse médico ou sanitário, juntamente com as referências bibliográficas.

QUADRO 6.2.2 - 1-LISTA DE ESPÉCIES DE ANFÍBIOS POSSÍVEL OCORRÊNCIA PARA AS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. TRECHO: ENTR. BR-324 – ENTR. BR-367 NO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS NO SEGMENTO KM 166,5 – KM 717,8, COM EXTENSÃO TOTAL DE 551,3 KM. LEGENDA: **STATUS DE CONSERVAÇÃO:** AMEAÇADOS SEGUNDO IUCN - *INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE*, SEGUNDO A CATEGORIA: DD = DADOS INSUFICIENTES - DATA DEFICIENT; NE = NÃO AVALIADA - NOT EVALUATED; LC = POUCO PREOCUPANTE - LEAST CONCERN; NT = QUASE AMEAÇADA - NEAR THREATENED; VU = VULNERÁVEL – VULNERABLE. **ENDÊMICA:** BA = BAHIA; MA = MATA ATLÂNTICA.

TÁXON/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HABITAT PREFERENCIAL	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDÊMICA/ RARA	ESPÉCIE CINEGÉTICA	RELEVANTE INTERESSE MÉDICO/SANITÁRIO	REFERÊNCIAS
AROMOBATIDAE							
<i>Allobates offersioides</i>	sapinho-pulga	Áreas abertas ou florestadas	VU - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
BRACHYCEPHALIDAE							
<i>Brachycephalus pulex</i>	sapinho-pulga	Florestal	NE - IUCN	EN - BA EN - MA			Napoli <i>et al.</i> (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>“Eleuterodactylus” bilineatus</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - BA EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Ischnocnema parva</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Ischnocnema verrucosa</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Orrico (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
BUFONIDAE							
<i>Dendrophryniscus proboscideus</i>	sapo-bicudo	Florestal	LC - IUCN	EN - MA		Venoso	Haddad <i>et al.</i> (2013) Lantyer-Silva <i>et al.</i> (2011)
<i>Dendrophryniscus oreites</i>	sapinho-da-bromélia	Florestal	NE - IUCN	EN - BA EN – MA Rara		Venoso	Freitas (2011) Recorder <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Frostius erythrophthalmus</i>	sapinho-do-olho-vermelho	Florestal	LC - IUCN	EN - BA EN – MA		Venoso	Pimenta ; Caramaschi (2007) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Frostius pernambucensis</i>	sapinho-da-restinga	Florestal	LC - IUCN	EN - MA		Venoso	Juncá <i>et al.</i> (2012) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Rhinella crucifer</i>	sapo-cururuzinho	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - MA		Venoso	Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Rhinella granulosa</i>	sapo-granuloso	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN			Venoso	Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Rhinella hoogmoedi</i>	sapo- cururu	Florestal	LC - IUCN	EN - MA		Venoso	Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)

TÁXON/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HABITAT PREFERENCIAL	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDÊMICA/RARA	ESPÉCIE CINEGÉTICA	RELEVANTE INTERESSE MÉDICO/SANITÁRIO	REFERÊNCIAS
<i>Rhinella jimi</i>	sapo- cururu	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN			Veneno	Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
CERATOPHRYIDAE							
<i>Ceratophrys aurita</i>	sapo-intanha	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
CENTROLENIDAE							
<i>Vitreorana eurygnatha</i>	rã-de-vidro	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
CRAUGASTORIDAE							
<i>Haddadus binotatus</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Pristimantis paulodutra</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Pristimantis ramagii</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Pristimantis vinhai</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
CYCLORAMPHIDAE							
<i>Cycloramphus migueli</i>	rãzinha-de-corredeira	Florestal	DD - IUCN	EN - BA EN - MA			Cassimiro <i>et al.</i> (2008) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Thoropa miliaris</i>	rã-do-costão	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
ELEUTHERODACTYLIDAE							
<i>Adelophryne pachydactyla</i>	rãzinha-pulga	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Hoogmoed; Cascon (1994) Haddad <i>et al.</i> (2013)
HEMIPHRACTIDAE							Izecksohn <i>et al.</i> (2009) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Gastrotheca megacephala</i>	perereca-marsupial	Florestal	NE - IUCN	EN - MA			Freitas (2011)
<i>Gastrotheca pulchra</i>	perereca-marsupial	Florestal	LC - IUCN	EN - MA Rara			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
HYLIDAE							

TÁXON/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HABITAT PREFERENCIAL	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDÊMICA/RARA	ESPÉCIE CINEGÉTICA	RELEVANTE INTERESSE MÉDICO/SANITÁRIO	REFERÊNCIAS
<i>Agalychnis aspera</i>	perereca-das-folhagens	Florestal	LC - IUCN	EN - BA EN - MA Rara		Veneno	Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Aplastodiscus cavicola</i>	perereca	Florestal	LC - IUCN	EM- MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010)
<i>Aplastodiscus ibirapitanga</i>	perereca	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Cruz <i>et al.</i> (2003) Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Aplastodiscus sibilatus</i>	perereca	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Bokermannohyla capra</i>	perereca	Florestal	LC - IUCN	EN - BA EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Bokermannohyla circumdata</i>	perereca	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Freitas <i>et al.</i> (2011) Napoli <i>et al.</i> (2011)
<i>Bokermannohyla lucianae</i>	perereca	Florestal	NT - IUCN	EN - BA EN -MA			Napoli; Pimenta (2003) Feitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus anceps</i>	pererequinha-do-brejo	Área aberta	LC - IUCN	EN - MA			Feitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus bipunctatus</i>	pererequinha-do-brejo	Área aberta	LC - IUCN	EN - MA			Feitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus branneri</i>	pererequinha-do-brejo	Área aberta	LC - IUCN				Camurugi <i>et al.</i> (2010) Feitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus decipiens</i>	pererequinha-do-brejo	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN				Feitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus elegans</i>	pererequinha-do-brejo	Área aberta	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus giesleri</i>	pererequinha-do-brejo	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Feitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus haddadi</i>	pererequinha-do-brejo	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Feitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus meridianus</i>	pererequinha-do-brejo	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - MA			Feitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)

TÁXON/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HABITAT PREFERENCIAL	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDÊMICA/RARA	ESPÉCIE CINEGÉTICA	RELEVANTE INTERESSE MÉDICO/SANITÁRIO	REFERÊNCIAS
<i>Dendropsophus microps</i>	pererequinha-dobrejo	Florestal	LC - IUCN	EN- MA			Feitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus minutus</i>	pererequinha-dobrejo	Área aberta	LC - IUCN				Camurugi <i>et al.</i> (2010) Feitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus nanus</i>	pererequinha-dobrejo	Área aberta	LC - IUCN				Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus novaisi</i>	pererequinha-dobrejo	Área aberta	DD - IUCN				Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus oliveirai</i>	pererequinha-dobrejo	Área aberta	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Dendropsophus seniculus</i>	pererequinha-dobrejo	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Hypsiboas albomarginatus</i>	perereca	Área aberta	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Hypsiboas atlanticus</i>	perereca	Área aberta	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Hypsiboas crepitans</i>	perereca-gladiadora	Área aberta	LC - IUCN				Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Hypsiboas exastis</i>	perereca-gladiadora	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Caramaschi; Rodrigues (2003) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Hypsiboas faber</i>	sapo-ferreiro	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Hypsiboas pombali</i>	perereca	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Hypsiboas punctatus</i>	perereca	Área aberta	LC - IUCN				Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Hypsiboas raniceps</i>	perereca-rizada-de-bruxa	Área aberta	LC - IUCN				Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Hypsiboas semilineatus</i>	perereca	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)

TÁXON/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HABITAT PREFERENCIAL	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDÊMICA/RARA	ESPÉCIE CINEGÉTICA	RELEVANTE INTERESSE MÉDICO/SANITÁRIO	REFERÊNCIAS
<i>Itapotihyla langsdorffii</i>	perereca-castanhola	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phasmahyla exilis</i>	perereca-das-folhagens	Florestal	LC - IUCN	EN - MA		Veneno	Cruz <i>et al.</i> (2008) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phasmahyla spectabilis</i>	perereca-das-folhagens	Florestal	NT - IUCN	EN - MA		Veneno	Cruz <i>et al.</i> (2008) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phasmahyla timbo</i>	perereca-das-folhagens	Florestal	DD - IUCN	EN - BA EN - MA			Cruz <i>et al.</i> (2008) Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phyllodytes kautskyi</i>	perereca-das-bromélias	Florestal	LC - IUCN	EN- MA			Simon; Peres (2012) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phyllodytes maculosus</i>	perereca-das-bromélias	Florestal	DD - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phyllodytes wuchereri</i>	perereca-das-bromélias	Florestal	LC - IUCN	EN - BA EN -MA			Cruz <i>et al.</i> (2004) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phyllodytes luteolus</i>	perereca-das-bromélias	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phyllodytes melanomystax</i>	pererequina-de-bigode-da-bromélia	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phyllodytes tuberculatus</i>	perereca-das-bromélias	Área aberta	LC - IUCN	EN - MA			Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phyllomedusa bahiana</i>	perereca-das-folhagens	Florestal	LC - IUCN	EN - MA		Veneno	Silva-Filho; Juncá (2006) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	perereca-das-folhagens	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - MA		Veneno	Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phyllomedusa nordestina</i>	perereca-das-folhagens	Florestal	LC - IUCN			Veneno	Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Phyllomedusa rohdei</i>	perereca-das-folhagens	Florestal	LC - IUCN	EN - MA		Veneno	Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax agilis</i>	perereca	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)

TÁXON/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HABITAT PREFERENCIAL	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDÊMICA/RARA	ESPÉCIE CINEGÉTICA	RELEVANTE INTERESSE MÉDICO/SANITÁRIO	REFERÊNCIAS
<i>Scinax alter</i>	perereca	Área aberta	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax argyreornatus</i>	perereca	Área aberta	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax auratus</i>	perereca	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax cuspidatus</i>	perereca	Áreas abertas	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax eurydice</i>	perereca	Áreas abertas	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax fuscomarginatus</i>	pererequinha-do-brejo	Áreas abertas	LC - IUCN				Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax fuscovarius</i>	raspa-cuia	Áreas abertas	LC - IUCN				Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax juncae</i>	perereca	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Nunes; Pombal (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax pachycrus</i>	perereca	Áreas abertas	LC - IUCN	EN - MA			Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax similis</i>	raspa-cuia	Áreas abertas	LC - IUCN				Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax strigilatus</i>	perereca	Florestal	DD - IUCN	EN - BA EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Scinax x-signatus</i>	raspa-cuia	Áreas abertas	LC - IUCN				Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Sphaenorhynchus palustris</i>	sapinho-limão	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Sphaenorhynchus pauloalvini</i>	sapinho-limão	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Sphaenorhynchus prasinus</i>	sapinho-limão	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Trachycephalus atlas</i>	perereca-grudenta	Áreas abertas	LC - IUCN	EN - MA		V	Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Trachycephalus mesophaeus</i>	perereca-grudenta	Florestal	LC - IUCN	EN - MA		V	Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011)

TÁXON/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HABITAT PREFERENCIAL	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDÊMICA/RARA	ESPÉCIE CINEGÉTICA	RELEVANTE INTERESSE MÉDICO/SANITÁRIO	REFERÊNCIAS
							Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Trachycephalus nigromaculatus</i>	perereca-grudenta	Florestal	LC - IUCN			V	Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
LEPTODACTYLIDAE							
<i>Leptodactylus fuscus</i>	rãzinha-assobiadora	Áreas abertas	LC - IUCN				Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Leptodactylus latrans</i>	rãzinha-do-folhiço	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN		X		Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Leptodactylus macrosternum</i>	caçote, jia	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN		X		Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Leptodactylus mystaceus</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN				Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Leptodactylus natalensis</i>	rãzinha-pingo-de-chuva	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Leptodactylus spixi</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Leptodactylus thomei</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Leptodactylus troglodytes</i>	rãzinha-do-folhiço	Áreas abertas	LC - IUCN				Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Leptodactylus viridis</i>	rã-manteiga	Áreas abertas	LC - IUCN				Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Physalaemus camacran</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - BA EN - MA			Pimenta <i>et al.</i> (2005) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Physalaemus cuvieri</i>	rãzinha-do-folhiço	Áreas abertas	LC - IUCN				Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Physalaemus erikae</i>	rãzinha-do-folhiço	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN	EN - BA EN - MA			Cruz; Pimenta (2004) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Physalaemus kroyeri</i>	rãzinha-do-folhiço	Áreas abertas	LC - IUCN				Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Physalaemus signifer</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
MICROHYLIDAE							

TÁXON/ NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	HABITAT PREFERENCIAL	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDÊMICA/RARA	ESPÉCIE CINEGÉTICA	RELEVANTE INTERESSE MÉDICO/SANITÁRIO	REFERÊNCIAS
<i>Chiasmocleis carvalhoi</i>	rãzinha-da-mata	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Chiasmocleis crucis</i>	rãzinha-da-mata	Florestal	DD - IUCN	EN- BA EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Chiasmocleis schubarti</i>	rãzinha-da-mata	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Stereocyclops histrio</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN- BA EN - MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Stereocyclops incrassatus</i>	rãzinha-do-folhiço	Florestal	LC - IUCN	EN - MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
ODONTOPHRYNIDAE							
<i>Macrogenioglottus alipioi</i>	sapo-andarilho	Florestal	LC - IUCN	EN -MA Rara		Venoso	Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Odontophrynus carvalhoi</i>	sapo-boi	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN			Venoso	Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Proceratophrys laticeps</i>	sapo-de-chifres	Florestal	LC - IUCN	EN -MA			Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Proceratophrys renalis</i>	sapo-de-chifres	Florestal	LC - IUCN	EN -MA			Prado; Pombal Jr (2008) Camurugi <i>et al.</i> (2010) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Proceratophrys schirchi</i>	sapo-de-chifres	Florestal	LC - IUCN	EN -MA			Camurugi <i>et al.</i> (2010) Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
PIPIDAE							
<i>Pipa carvalhoi</i>	sapo-pipa	Áreas abertas	LC - IUCN				Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
RANIDAE							
<i>Lithobates palmipes</i>	rã-verdadeira	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN				Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
ORDEM GYMNOPHIONA							
SIPHONOPIIDAE							
<i>Siphonops annulatus</i>	cecília	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN				Freitas (2011) Haddad <i>et al.</i> (2013)
<i>Siphonops paulensis</i>	cecília	Áreas abertas ou florestadas	LC - IUCN				Haddad <i>et al.</i> (2013)

Segundo bibliografia consultada, 115 espécies de anfíbios estão citadas com possível ocorrência para as áreas de influência do empreendimento, sendo três classificadas com algum grau de ameaça segundo a IUCN (Vulnerável - *Allobates olfersioides*; Quase Ameaçada - *Bokermannohyla lucianae* e *Phasmahyla spectabilis*). Ressalta-se que algumas espécies, segundo a IUCN, não foram avaliadas (NE) ou possuem dados deficientes (DD) não podendo avaliar a real situação das mesmas.

Sessenta e quatro espécies de anfíbios possuem preferência por áreas florestadas, 30 por áreas abertas e vinte e uma espécies vivem tanto em áreas abertas como florestais. Em relação ao endemismo, 85 espécies de possível ocorrência são endêmicas do Bioma Mata Atlântica, 15 do Estado da Bahia e quatro espécies são consideradas raras na natureza.

Dentre as espécies de possível ocorrência, cabe ressaltar as espécies do gênero *Rhinella* (*R. crucifer*, *R. granulosa*, *R. hoogmoedi* e *R. jimi*) e *Frostius* (*F. erythrophthalmus* e *F. pernambucensis*) consideradas tóxicas para o homem e animais domésticos por armazenarem veneno em suas glândulas paratóides, localizadas atrás dos olhos. Quando ferida ou pressionada, o veneno escorre por poros locais. É raro casos de intoxicação humana, a maioria ocorre com cães e gatos (DEIQUES *et al.*, 2007). Cães são as vítimas mais frequentes de intoxicação por bufonídeos, principalmente em épocas mais quentes do ano ou durante a noite e após as chuvas (RODER, 2003). Os sinais clínicos incluem vômitos, cegueira, dor abdominal, convulsões, estupor e coma (ROBERTS *et al.*, 2000). A morte dos mesmos está relacionada ao efeito cardiotoxico do veneno levando à morte por fibrilação ventricular (SAKATE & OLIVEIRA, 2001). A manifestação dos sinais clínicos se dá rapidamente após a intoxicação, sendo que a morte pode ocorrer 15 minutos após o aparecimento dos sinais clínicos (SAKATE & OLIVEIRA, 2001).

A maioria dos anuros produz substâncias químicas na pele que podem ser venenosas se ingeridas ou se entrarem em contato com os olhos. O pouco de secreção que fica nas mãos após tocar em um sapo não causará problemas se ingerido, mas pode causar irritação se entrar em contato com os olhos como ocorre com os gêneros *Phasmahyla* (*P. exilis* e *P. spectabilis*), *Phyllomedusa* (*P. bahiana*, *P. burmeisteri*, *P. nordestina* e *P. rohdei*) *Trachycephalus* (*T. atlas*, *T. mesophaeus* e *T. nigromaculatus*) e as espécies *Agalychnis aspera*, *Dendrophryniscus proboscideus*, *Dendrophryniscus oreites*, *Macrogenioglottus alipioi* e *Odontophrynus carvalhoi* (LIMA *et al.*, 2006).

Para este grupo, as espécies *Leptodactylus latrans* e *L. macrosternum* são consideradas cinegéticas devido ao consumo de sua carne (MACHADO & BERNARDE, 2002).

(ii) Répteis

O inventário dos répteis com provável distribuição nas áreas de influência foi gerado a partir dos dados existentes na bibliografia especializada, utilizando-se os registros da fauna de répteis obtidos nas proximidades do empreendimento contidos em Argôlo (2004), Curcio *et al.* (2012), Freitas (2011), BAHIA-SEMARH (2005), MMA (1998), Rodrigues (2002a, 2002b, 2013) e CEPEMAR, 2011.

Ainda seguindo esta bibliografia, são apresentados também os habitats preferenciais, espécies cinegéticas, espécies de importância médica, as espécies que ocorrem na área de estudo consideradas endêmicas do Bioma Mata Atlântica ou do Estado da Bahia foram assinaladas como tal e o status de conservação das espécies são aqueles apresentados na Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (IBAMA, 2003) e de acordo com os as categorias da União Mundial para a Natureza – IUCN - International Union for Conservation of Nature (IUCN, 2014). A nomenclatura e classificação sistemática seguem a utilizada pela Sociedade Brasileira de Herpetologia atualmente (BÉRNILS, 2012).

O uso de tais informações é essencial para um melhor entendimento da composição da comunidade de répteis de uma região, pois, estes são animais de difícil registro na natureza devido aos seus hábitos de vida, e conseqüentemente demandam um grande esforço de coleta para a obtenção de uma amostragem significativa.

QUADRO 6.2 - 2- LISTA DE ESPÉCIES DE RÉPTEIS DE POSSÍVEL OCORRÊNCIA PARA AS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. TRECHO: ENTR. BR-324 – ENTR. BR-367 NO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS NO SEGMENTO KM 166,5 – KM 717,8, COM EXTENSÃO TOTAL DE 551,3 KM. LEGENDA: STATUS DE CONSERVAÇÃO: SEGUNDO IUCN: LC = POUCO PREOCUPANTE - LEAST CONCERN; NT = QUASE AMEAÇADA - NEAR THREATENED; VU = VULNERÁVEL – VULNERABLE. SEGUNDO IBAMA: VU = VULNERÁVEL; EN = EM PERIGO ENDÊMICA: BA = BAHIA; MA = MATA ATLÂNTICA.

Táxon/ Nome científico	Nome popular	Habitat preferencial	Status de conservação	Endêmica/ Rara	Espécie cinegética	Relevante interesse médico/sanitário	Referências
ALLIGATORIDAE							
<i>Caiman latirostris</i>	jacaré-do-papo-amarelo	Aquático	LC-IUCN		X		Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	jacaré-paguá	Aquático	LC-IUCN		X		Freitas 2011 CEPEMAR 2011
AMPHISBAENIDAE							
<i>Amphisbaena alba</i>	cobra-de-duas-cabeças	Generalista	LC-IUCN				Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Amphisbaena leucocephala</i>	cobra-de-duas-cabeças	X		EN-BA EN-MA			Freitas 2011
<i>Amphisbaena pretrei</i>	cobra-de-duas-cabeças	Generalista	LC-IUCN				Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Amphisbaena vermicularis</i>	cobra-de-duas-cabeças	Generalista					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Leposternon infraorbitale</i>	cobra-de-duas-cabeças	Generalista		EN-MA			Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Leposternon microcephalum</i>	cobra-de-duas-cabeças	Generalista		EN-MA			Freitas 2011
<i>Leposternon wuchereri</i>	cobra-de-duas-cabeças	Generalista		EN-MA			Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
ANOMALEPIDIDAE							
<i>Liotyphlops trefauti</i>	cobra-cega			EN-MA			Freitas 2011
BOIDAE							
<i>Boa constrictor</i>	jibóia	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Corallus hortulanus</i>	cobra-veadeira	Florestal					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Epicrates cenchria</i>	salamanta	Florestal					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998

Táxon/ Nome científico	Nome popular	Habitat preferencial	Status de conservação	Endêmica/ Rara	Espécie cinegética	Relevante interesse médico/sanitário	Referências
<i>Eunectes murinus</i>	sucuri	Generalista					Argôlo 2004 MMA 1998
CHELIDAE							
<i>Acanthochelys radiolata</i>	cágado-pescoço-de-cobra	Aquático	NT-IUCN				Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Hydromedusa maximiliani</i>	cágado	Aquático	VU-IUCN				Freitas 2011
<i>Phrynops geoffroanus</i>	cágado-de-barbela	Aquático					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
COLUBRIDAE							
<i>Chironius bicarinatus</i>	espia-caminho	Florestal		EN-MA			Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Chironius carinatus</i>	serra-véia	Florestal					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Chironius exoletus</i>	espia-caminho	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Chironius foveatus</i>	cobra-cipó	Florestal		EN-MA			Freitas 2011
<i>Chironius fuscus</i>	espia-caminho	Florestal					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Chironius laevicollis</i>	caninana	Florestal		EN-MA			Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Chironius quadricarinatus</i>	cobra-cipó	Generalista					Argôlo 2004
<i>Drymarchon corais</i>	caninana	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Drymoluber dichrous</i>	cobra	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Leptophis ahaetulla</i>	cobra	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Mastigodryas bifossatus</i>	malha-de-traíra	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Oxybelis aeneus</i>	cobra-cipó	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Pseustes sulphureus</i>	caninana	Florestal					Argôlo 2004 Freitas 2011

Táxon/ Nome científico	Nome popular	Habitat preferencial	Status de conservação	Endêmica/ Rara	Espécie cinegética	Relevante interesse médico/sanitário	Referências
							SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Spilotes pullatus</i>	caninana	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Tantilla melanocephala</i>	cabeça-preta	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
DACTYLOIDAE							
<i>Dactyloa punctata</i>	labrigó-verde	Florestal					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Norops fuscoauratus</i>	labrigó-marrom	Florestal					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Norops ortonii</i>	papa-vento	Florestal					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
DIPLOGLOSSIDAE							
<i>Diploglossus fasciatus</i>	calango	Florestal					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Ophiodes striatus</i>	cobra-de-vidro	Florestal					SEMARH/BAHIA 2005 CEPEMAR 2011
DIPSADIDAE							
<i>Apostolepis longicaudata</i>	cabeça-preta	Generalista					CEPEMAR 2011
<i>Atractus guentheri</i>	cobra	Florestal		EN-BA EN-MA			Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Caeteboia amarali</i>	cobra	Florestal		EN-MA			Freitas 2011
<i>Clelia plumbea</i>	rabo-de-veludo	Florestal				Peçonhento	Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Coronelaps lepidus</i>	falsa-coral	Florestal		EN-MA			Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Elapomorphus wuchereri</i>	cabeça-preta	Florestal		EN-MA			Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	falsa-coral	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Dipsas catesbyi</i>	cobra	Florestal	LC-IUCN				Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005

Táxon/ Nome científico	Nome popular	Habitat preferencial	Status de conservação	Endêmica/ Rara	Espécie cinegética	Relevante interesse médico/sanitário	Referências
<i>Dipsas indica indica</i>	pingo-de-ouro	Florestal					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Dipsas indica petersi</i>	pingo-de-ouro	Florestal		EN-MA			Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Dipsas variegata</i>	jararacuçu	Florestal		EN-MA			Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Dipsas sazimai</i>	jararacuçu	Florestal		EN-MA			Freitas 2011
<i>Echinerthera cephalostriata</i>	cobra	Florestal		EN-MA			Freitas 2011
<i>Erythrolamprus almadensis</i>	cobra	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011
<i>Erythrolamprus cobella</i>	cobra	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Erythrolamprus miliaris</i>	cobra-d'água	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Erythrolamprus poecilogyrus</i>	cobra-d'água	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Erythrolamprus reginae</i>	cobra-d'água	Generalista					Argôlo 2004 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Erythrolamprus semiaureus</i>	cobra-d'água	Generalista					Freitas 2011
<i>Erythrolamprus taeniogaster</i>	cobra	Florestal		EN-MA			Freitas 2011
<i>Erythrolamprus viridis</i>	cobra	Generalista	LC-IUCN				Argôlo 2004
<i>Leptodeira annulata</i>	cobra	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Imantodes cenchoa</i>	cobra	Florestal					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Oxyrhopus clathratus</i>	falsa-coral	Generalista					Freitas 2011
<i>Oxyrhopus formosus</i>	falsa-coral	Florestal					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Oxyrhopus guibei</i>	falsa-coral	Florestal					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Oxyrhopus petolarius</i>	cobra	Florestal					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998

Táxon/ Nome científico	Nome popular	Habitat preferencial	Status de conservação	Endêmica/ Rara	Espécie cinegética	Relevante interesse médico/sanitário	Referências
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	falsa-coral	Generalista					CEPEMAR 2011
<i>Philodryas aestiva</i>	cobra-cipó	Generalista					Freitas 2011
<i>Philodryas olfersii</i>	cobra-verde	Generalista				Peçonhento	Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Philodryas patagoniensis</i>	papa-pinto	Generalista				Peçonhento	Freitas 2011 MMA 1998
<i>Philodryas viridissima</i>	cobra-cipó	Florestal				Peçonhento	Freitas 2011
<i>Pseudoboa nigra</i>	cobra-espada	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Sibynomorphus neuwiedi</i>	dormideira	Florestal		EN-MA			Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Siphlophis compressus</i>	falsa-coral	Florestal	LC-IUCN				Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Siphlophis leucocephalus</i>	cobra	Florestal	LC-IUCN				Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Siphlophis pulcher</i>	falsa-coral	Florestal	LC-IUCN	EN-MA			Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Taeniophallus affinis</i>	cobra	Florestal	LC-IUCN	EN-MA			Freitas 2011
<i>Taeniophallus occipitalis</i>	cobra	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011
<i>Thamnodynastes cf. nattereri</i>	cobra	Florestal		EN-MA			Freitas 2011
<i>Thamnodynastes pallidus</i>	cobra	Florestal	LC-IUCN				Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Tropidodryas serra</i>	cobra	Florestal					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Uromacerina ricardinii</i>	cobra	Florestal					Freitas 2011
<i>Xenodon merremii</i>	boipeva	Generalista					Argôlo 2004 Freitas 2011
<i>Xenodon rabdocephalus</i>	falsa-jararacuçu	Florestal		EN-MA			Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Xenopholis scalaris</i>	cobra	Florestal	LC-IUCN				Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998

Táxon/ Nome científico	Nome popular	Habitat preferencial	Status de conservação	Endêmica/ Rara	Espécie cinegética	Relevante interesse médico/sanitário	Referências
ELAPIDAE							
<i>Micrurus corallinus</i>	coral	Florestal		EN-MA		Peçonhento	Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Micrurus ibiboboca</i>	coral	Florestal		EN-MA		Peçonhento	Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Micrurus lemniscatus</i>	coral	Generalista				Peçonhento	Freitas 2011
GEKKONIDAE							
<i>Hemidactylus mabouia</i>	lagartixa-de-parede	Peridomiciliar	Exótica			Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005	
GYMNOPHTHALMIDAE							
<i>Alexandresaurus camacan</i>	lagartinho	Florestal		EN-BA EN-MA			Freitas 2011
<i>Leposoma annectans</i>	lagartinho	Florestal		EN-BA EN-MA			Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 Rodrigues 2002b
<i>Leposoma nanodactylus</i>	lagartinho	Florestal		EN-BA EN-MA			Rodrigues 2002a
<i>Leposoma puk</i>	lagartinho	Florestal		EN-BA EN-MA			Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 Rodrigues 2002b
<i>Leposoma scincoides</i>	lagartinho	Florestal		EN-MA			Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Leposoma sinepollex</i>	lagartinho	Florestal		EN-BA EN-MA			Rodrigues <i>et al.</i> 2013
IGUANIDAE							
<i>Iguana iguana</i>	camaleão	Generalista			X		Freitas 2011
LEIOSAURIDAE							
<i>Enyalius catenatus</i>	papa-vento	Florestal					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
LEPTOTYPHLOPIDAE							
<i>Trilepida macrolepis</i>	cobra-cega	Florestal					Argôlo 2004
<i>Trilepida salgueiroi</i>	cobra-cega	Florestal		EN-MA			Freitas 2011

Táxon/ Nome científico	Nome popular	Habitat preferencial	Status de conservação	Endêmica/ Rara	Espécie cinegética	Relevante interesse médico/sanitário	Referências
MABUYIDAE							
<i>Brasiliscincus heathi</i>	bibra-brilhante	Generalista					CEPEMAR 2011
<i>Psychosaura macrorhyncha</i>	bibra-brilhante	Florestal		EN-MA			Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
PHYLLODACTYLIDAE							
<i>Gymnodactylus darwini</i>	lagartixa	Florestal		EN-MA			Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Phyllopezus lutzae</i>	lagartixa	Florestal		EN-MA			Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Phyllopezus pollicaris</i>	lagartixa	Generalista					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
POLYCHROTIDAE							
<i>Polychrus marmoratus</i>	camaleão	Florestal					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
SPHAERODACTYLIDAE							
<i>Coleodactylus meridionalis</i>	lagatinho	Florestal		EN-MA			Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
TEIIDAE							
<i>Ameiva ameiva</i>	calango	Generalista					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Ameivula nativo</i>	calanguinho	Florestal	VU-Ibama	EN-MA			CEPEMAR 2011
<i>Kentropyx calcarata</i>	calanguinho	Florestal					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Salvator merianae</i>	teiú	Generalista	LC-IUCN		X		Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
TESTUDINIDAE							
<i>Chelonoidis carbonaria</i>	jabuti	Generalista		Introduzida	X		Freitas 2011
<i>Chelonoidis denticulata</i>	jabuti	Generalista	VU-IUCN		X		Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
TROPIDURIDAE							
<i>Strobilurus torquatus</i>	calango	Florestal		EN-MA			Freitas 2011

Táxon/ Nome científico	Nome popular	Habitat preferencial	Status de conservação	Endêmica/ Rara	Espécie cinegética	Relevante interesse médico/sanitário	Referências
							SEMARH/BAHIA 2005
<i>Tropidurus hispidus</i>	labigó	Generalista					Freitas 2011
<i>Tropidurus torquatus</i>	calango	Generalista	LC-IUCN				Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
TROPIDOPHIIDAE							
<i>Tropidophis grapiuna</i>	jibóia-anã	Florestal		EN-BA EN-MA			Curcio <i>et al.</i> 2012 Freitas 2011
TYPHLOPIDAE							
<i>Typhlops brongersmianus</i>	cobra-cega	Generalista					Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
VIPERIDAE							
<i>Bothrops bilineatus</i>	ouricana	Florestal				Peçonhento	Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Bothrops jararaca</i>	jararaca	Florestal				Peçonhento	Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Bothrops leucurus</i>	malha-de-sapo	Generalista				Peçonhento	Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998
<i>Bothrops pirajai</i>	jararacuçu-tapete	Florestal	VU-IUCN/EN-Ibama	EN-BA EN-MA		Peçonhento	Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005
<i>Crotalus durissus</i>	cascavel	Generalista	LC-IUCN			Peçonhento	Freitas 2011
<i>Lachesis muta</i>	surucucu	Florestal				Peçonhento	Argôlo 2004 Freitas 2011 SEMARH/BAHIA 2005 MMA 1998

A partir dos dados secundários obtidos na bibliografia foi possível registrar um total de 121 espécies de répteis pertencentes a 25 famílias com provável ocorrência na BR-101/BA no trecho relativo as áreas de influência do empreendimento. Destas espécies, três estão classificadas como Vulneráveis (*Hydromedusa maximiliani*, *Chelonoidis denticulata* e *Bothrops pirajai*) segundo a IUCN, sendo que esta última também aparece como “Em Perigo” na Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (IBAMA, 2003), juntamente com *Ameivula nativo*, que figura como Vulnerável nesta mesma lista.

Segundo a bibliografia consultada Argôlo (2004), Curcio *et al.* (2012), Freitas (2011), BAHIA-SEMARH (2005), MMA (1998), Rodrigues (2002a, 2002b, 2013) e CEPEMAR (2011), 39 destas 121 espécies são consideradas endêmicas da mata Atlântica e 8 endêmicas do estado da Bahia. Quanto ao habitat preferencial, 65 espécies ocorrem em áreas florestais e 48 são generalistas na escolha de habitats, uma é peridomiciliar (*Hemidactylus mabouia*) e para uma não existem dados disponíveis (*Amphisbaena leucocephala*). Os quelônios e crocodilianos (5 espécies) são associadas com habitats aquáticos.

Um total de 6 espécies foram consideradas cinegéticas, dois jacarés (*Caiman latirostris* e *Paleosuchus palpebrosus*), pelo consumo da carne, os dois jabutis do gênero *Chelonoidis* (*C. carbonaria* e *C. denticulata*), tanto pelo consumo da carne e ovos como pela manutenção em cativeiro como animal de estimação e, por fim, dois lagartos (*Iguana iguana* e *Salvator merianae*), que também são caçados como alimento e no caso de *I. iguana* também como animal de estimação.

Existem 13 espécies de serpentes peçonhentas com provável ocorrência na área de estudo e que são de importância médica (LIRA-DA-SILVA *et al.* 2009) e estão distribuídas em 3 famílias: Dipsadidae (4 espécies), Elapidae (3 espécies) e Viperidae (6 espécies).

Dentre os Viperídeos, destaca-se o gênero *Bothrops* com algumas espécies responsáveis pelos 90% dos cerca de 20.000 acidentes ofídicos anuais notificados no Brasil. As espécies que são as maiores causadoras de acidentes ofídicos na região são *Bothrops leucurus*, que é a espécie de viperídeo mais comum na faixa atlântica do Nordeste e *Bothrops jararaca* que é a mais comum da região Sudeste do Brasil, ambas adaptam-se bem a ambientes urbanos densamente povoados (LIRA-DA-SILVA *et al.* 2009, ARGÔLO, 2004).

Ainda dentre os Viperídeos, vale a pena ressaltar que *Bothrops bilineatus*, *B. pirajai* e *Lachesis muta* são muito dependentes de ambientes florestais e, com isso, mais expostas a alterações ambientais, e assim como em outras regiões da Mata Atlântica, as serpentes peçonhentas mais expostas a risco são as que menos causam acidentes (ARGÔLO, 2004). Vale destacar novamente *Bothrops pirajai* pelo seu endemismo e status de ameaça citados acima.

As espécies do gênero *Micrurus* (*M. corallinus*, *M. ibiboboca* e *M. lemniscatus*) merecem destaque aqui porque apesar da baixa incidência de acidentes com estes animais, os que ocorrem são considerados como graves.

As serpentes *Clelia plumbea* e as três espécies do gênero *Philodryas* (*P. olfersii*, *P. patagoniensis* e *P. viridissima*) não eram consideradas uma ameaça real aos seres

humanos até 1999, quando o Ministério da Saúde passou a considerar como serpentes de importância médica, mas que ainda são tomadas como inofensivas por moradores da região (ARGÔLO, 2004).

(iii) Avifauna

As regiões montanhosas costeiras do sul do estado da Bahia nunca foram objeto de maiores estudos ornitológicos até o início dos anos 1990. A descoberta de uma comunidade única de aves nestas montanhas tem atraído a atenção de diversos pesquisadores e novas espécies foram descritas ou redescobertas nestas serras litorâneas. Apesar de serem extremamente interessantes do ponto de vista biogeográfico, estas áreas são ainda muito pouco conhecidas e sofrem constante pressão antrópica (SILVEIRA *et al.* 2005). Silveira *et al.* (2005) chamam a atenção para a existência de duas espécies novas para a ciência, ainda não descritas, que são restritas para esta região da Bahia, um trepadorzinho do gênero *Heliobletus* (Furanariidae) e um tapaculo do gênero *Scytalopus* (Rhinocryptidae).

De acordo com Bencke *et al.* (2006), dentro da área de estudo são reconhecidas seis IBAS (Áreas Importantes para conservação de aves), desta forma, com base na literatura, foi possível compilar a ocorrência de 415 espécies de aves para a região sul do estado da Bahia, sendo que destas, 30 estão enquadradas em alguma categoria de ameaça de extinção e 95 são endemismo da mata atlântica (QUADRO 6.2 - 3). Isso confirma a grande importância da região sul da Bahia para a conservação das aves do sudeste do Brasil.

QUADRO 6.2 - 3- AVIFAUNA REGISTRADA POR DADOS SECUNDÁRIOS NA BR 101/BA. TRECHO: ENTR. BR-324 – ENTR. BR-367 NO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS NO SEGMENTO KM 166,5 – KM 717,8, COM EXTENSÃO TOTAL DE 551,3 KM. – ASPECTOS ECOLÓGICOS, GRAU E STATUS DE AMEAÇA DE CADA ESPÉCIE SENDO: CR - CRITICAMENTE EM PERIGO; EP – AMEAÇADA; VU – VULNERÁVEL; HÁBITAT: AA – CAMPO E ÁREAS ABERTAS; FL – FLORESTA; AQ – AQUÁTICO E AMBIENTES ÚMIDOS. LEGENDA: STATUS DE CONSERVAÇÃO: SEGUNDO IUCN: LC = POUCO PREOCUPANTE - LEAST CONCERN; NT = QUASE AMEAÇADA - NEAR THREATENED; VU = VULNERÁVEL – VULNERABLE. SEGUNDO IBAMA: VU = VULNERÁVEL; EN = EM PERIGO ENDÊMICA: BA = BAHIA; MA = MATA ATLÂNTICA. REFERÊNCIAS: 1= SILVEIRA ET AL. 2005; 2= LAPS, 2006; 3= MACHADO ET AL., 2008; 4= INFONATURA, 2007.

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
TINAMIDAE									
<i>Tinamus solitarius</i>	macudo	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	Sim
<i>Crypturellus soui</i>	tururim	FL	-	-	-	-	-	-	Sim
<i>Crypturellus obsoletus</i>	inhambuguaçu	FL	-	-	-	-	-	-	Sim
<i>Crypturellus noctivagus</i>	jaó-do-sul	FL	Am	VU	-	-	Sim	-	Sim
<i>Crypturellus variegatus</i>	inhambu-anhangá	FL	-	-	-	-	Sim	-	Sim
<i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu-chororó	FL	-	-	-	-	-	-	Sim
<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chintã	FL	-	-	-	-	-	-	Sim
<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz	AA	-	-	-	-	-	-	Sim
ANATIDAE									
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	pé-vermelho	AQ	-	-	-	-	-	-	Sim
CRACIDAE									
<i>Penelope superciliaris</i>	jacupemba	FL	-	-	-	-	Sim	-	Sim
<i>Aburria jacutinga</i>	jacutinga	FL	Am	EP	Sim	-	Sim	-	Sim
<i>Ortalis araucuan</i>	aracuã-de-barriga-branca	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Crax blumenbachii</i>	mutum-de-bico-vermelho	FL	Am	EP	Sim	-	Sim	-	Sim
ODONTOPHORIDAE									
<i>Odontophorus capueira</i>	uru	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	Sim
PODICIPEDIDAE									

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Tachybaptus dominicus</i>	mergulhão-pequeno	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Podylimbus podiceps</i>	mergulhão-caçador	AQ	-	-	-	-	-	-	-
PHALACROCORACIDAE									
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	biguá	AQ	-	-	-	-	-	-	-
ARDEIDAE									
<i>Tigrisoma lineatum</i>	socó-boi	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Nycticorax nycticorax</i>	savacu	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Butorides striata</i>	socozinho	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Ardea cocoi</i>	garça-moura	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Ardea alba</i>	garça-branca-grande	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pilherodius pileatus</i>	garça-real	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena	AQ	-	-	-	-	-	-	-
CATHARTIDAE									
<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Cathartes burrovianus</i>	urubu-de-cabeça-amarela	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Coragyps atratus</i>	urubu-de-cabeça-preta	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
ACCIPITRIDAE									
<i>Leptodon cayanensis</i>	gavião-de-cabeça-cinza	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Gampsonyx swainsonii</i>	gaviãozinho	AA	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Harpagus didon</i>	gavião-bombachinha	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Ictinia plumbea</i>	sovi	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Rostrhamus sociabilis</i>	gavião-caramujeiro	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Geranospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Heterospizias meridionalis</i>	gavião-caboclo	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Amadonastur lacermulatus</i>	gavião-pombo-pequeno	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Urubitinga urubitinga</i>	gavião-preto	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Geranoaetus albicaudatus</i>	gavião-de-rabo-branco	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pseudastur polionotus</i>	gavião-pombo-grande	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Buteo nitidus</i>	gavião-pedrês	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Buteo albonotatus</i>	gavião-de-rabo-barrado	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Harpia harpyja</i>	gavião-real	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Spizaetus tyrannus</i>	gavião-pega-macaco	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Spizaetus melanoleucus</i>	gavião-pato	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Spizaetus ornatus</i>	gavião-de-penacho	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
RALLIDAE									
<i>Aramides cajaneus</i>	saracura-três-potes	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Amaurolimnas concolor</i>	saracura-lisa	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Laterallus viridis</i>	sanã-castanha	AA	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Porzana albicollis</i>	sanã-carijó	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pardirallus nigricans</i>	saracura-sanã	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Gallinula galeata</i>	frango-d'água-comum	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Porphyrio martinicus</i>	frango-d'água-azul	AQ	-	-	-	-	-	-	-
CHARADRIIDAE									
<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	AA	-	-	-	-	-	-	-
JACANIDAE									
<i>Jacana jacana</i>	jaçanã	AQ	-	-	-	-	-	-	-
COLUMBIDAE									
<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-roxa	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Columbina squammata</i>	fogo-apagou	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Columbina picui</i>	rolinha-picuí	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Claravis pretiosa</i>	pararu-azul	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Claravis geoffroyi</i>	pararu-espelho	FL	Am	CR	Sim	-	Sim	-	Sim
<i>Patagioenas speciosa</i>	pomba-trocal	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Patagioenas picazuro</i>	pombão	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	FL	-	-	-	-	-	-	Sim
<i>Patagioenas plumbea</i>	pomba-amargosa	FL	-	-	-	-	-	-	Sim
<i>Zenaida auriculata</i>	pomba-de-bando	AA	-	-	-	-	-	-	Sim
<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	FL	-	-	-	-	-	-	Sim
<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemeadeira	FL	-	-	-	-	-	-	Sim
<i>Geotrygon violacea</i>	juriti-vermelha	FL	-	-	-	-	Sim	-	Sim

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Geotrygon montana</i>	pariri	FL	-	-	-	-	-	-	Sim
CUCULIDAE									
<i>Playa cayana</i>	alma-de-gato	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Crotophaga major</i>	anu-coroca	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Guira guira</i>	anu-branco	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tapera naevia</i>	saci	AA	-	-	-	-	-	-	-
TYTONIDAE									
<i>Tyto furcata</i>	coruja-da-igreja	AA	-	-	-	-	-	-	-
STRIGIDAE									
<i>Megascops choliba</i>	corujinha-do-mato	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Megascops atricapilla</i>	corujinha-sapo	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Pulsatrix perspicilata</i>	murucututu	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Pulsatrix koenigswaldiana</i>	murucututu-de-barriga-amarela	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Strix virgata</i>	coruja-do-mato	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Glaucidium minutissimum</i>	caburé-miudinho	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Asio clamator</i>	coruja-orelhuda	AA	-	-	-	-	-	-	-
NYCTIBIIDAE									
<i>Nyctibius grandis</i>	mãe-da-lua-gigante	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Nyctibius griseus</i>	mãe-da-lua	FL	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Nyctibius leucopterus</i>	urutau-de-asa-branca	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
CAPRIMULGIDAE									
<i>Antrostomus rufus</i>	joão-corta-pau	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	bacurau-ocelado	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Hydropsalis albicollis</i>	bacurau	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Hydropsalis parvula</i>	bacurau-chintã	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Hydropsalis torquata</i>	bacurau-tesoura	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Chordeiles acutipennis</i>	bacurau-de-asa-fina	AA	-	-	-	-	-	-	-
APODIDAE									
<i>Cypseloides fumigatus</i>	taperuçu-preto	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Streptoprocne zonaris</i>	taperuçu-de-coleira-branca	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Chaetura spinicaudus</i>	andorinhão-de-sobre-branco	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Chaetura cinereiventris</i>	andorinhão-de-sobre-cinzentos	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Panyptila cayennensis</i>	andorinhão-estofador	AA	-	-	-	-	-	-	-
TROCHILIDAE									
<i>Glaucis dohrnii</i>	balança-rabo-canela	FL	Am	EP	Sim	-	Sim	-	-
<i>Glaucis hirsutus</i>	balança-rabo-de-bico-torto	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Phaethornis squalidus</i>	rabo-branco-pequeno	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Phaethornis ruber</i>	rabo-branco-rubro	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Phaethornis pretrei</i>	rabo-branco-acanelado	AA	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Phaethornis eurynome</i>	rabo-branco-de-garganta-rajada	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flor-tesoura	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Aphantochroa cirrochloris</i>	beija-flor-cinza	AA	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Florisuga fusca</i>	beija-flor-preto	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Lophornis magnificus</i>	topetinho-vermelho	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Discosura langsdorffi</i>	rabo-de-espinho	FL	Am	VU	-	-	Sim	-	-
<i>Discosura longicaudus</i>	bandeirinha	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Chlorostilbon notatus</i>	beija-flor-de-garganta-azul	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vermelho	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-de-fronte-violeta	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Hylocharis sapphirina</i>	beija-flor-safira	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Hylocharis cyaneus</i>	beija-flor-roxo	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-de-banda-branca	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Amazilia fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta-verde	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Clytolaema rubicauda</i>	beija-flor-rubi	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Heliothyryx auritus</i>	beija-flor-de-bochecha-azul	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Calliphlox amethystina</i>	estrelinha-ametista	AA	-	-	-	-	-	-	-
TROGONIDAE									
<i>Trogon viridis</i>	surucuá-grande-de-barriga-amarela	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Trogon surrucura</i>	surucuá-variado	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Trogon rufus</i>	surucuá-de-barriga-amarela	FL	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
ALCEDINIDAE									
<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno	AQ	-	-	-	-	-	-	-
MOMOTIDAE									
<i>Baryphthengus ruficapillus</i>	juruva-verde	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
GALBULIDAE									
<i>Galbula ruficauda</i>	ariramba-de-cauda-ruiva	FL	-	-	-	-	-	-	-
BUCCONIDAE									
<i>Notharchus swainsoni</i>	macuru-de-barriga-castanha	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Nystalus maculatus</i>	rapazinho-dos-velhos	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Malacoptila striata</i>	barbudo-rajado	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Monasa morphoeus</i>	chora-chuva-de-cara-branca	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Chelidoptera tenebrosa</i>	urubuzinho	FL	-	-	-	-	-	-	-
RAMPHASTIDAE									
<i>Ramphastos vitellinus</i>	tucano-de-bico-preto	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Selenidera maculirostris</i>	araçari-poca	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Pteroglossus aracari</i>	araçari-de-bico-branco	FL	-	-	-	-	-	-	-
PICIDAE									
<i>Picumnus exilis</i>	pica-pau-anão-de-pintas-amarelas	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Picumnus pygmaeus</i>	pica-pau-anão-pintado	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Picumnus albosquamatus</i>	pica-pau-anão-escamado	FL	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Melanerpes flavifrons</i>	benedito-de-testa-amarela	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Veniliornis affinis</i>	picapauzinho-avermelhado	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Piculus flavigula</i>	pica-pau-bufador	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Piculus polyzonus</i>	pica-pau-dourado-grande	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-dourado	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Celeus torquatus</i>	pica-pau-de-coleira	FL	Am	VU	-	-	Sim	-	-
<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca	FL	-	-	-	-	-	-	-
FALCONIDAE									
<i>Caracara plancus</i>	caracará	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	acauã	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-caburé	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Micrastur semitorquatus</i>	falcão-relógio	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Falco sparverius</i>	quiquiri	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Falco ruficularis</i>	cauré	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Falco femoralis</i>	falcão-de-coleira	AA	-	-	-	-	-	-	-
PSITTACIDAE									
<i>Primolius maracana</i>	maracanã-verdadeira	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	periquitão-maracanã	AA	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Aratinga auricapillus</i>	jandaia-de-testa-vermelha	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Eupsittula aurea</i>	periquito-rei	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pyrrhura cruentata</i>	tiriba-grande	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Pyrrhura frontalis</i>	tiriba-de-testa-vermelha	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Pyrrhura leucotis</i>	tiriba-de-orelha-branca	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Brotogeris tirica</i>	periquito-rico	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Touit melanonotus</i>	apuim-de-costas-pretas	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Touit surdus</i>	apuim-de-cauda-amarela	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Pionopsitta pileata</i>	cuiú-cuiú	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Pionus reichenowi</i>	maitaca-de-barriga-azul	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Amazona amazonica</i>	curica	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Amazona rhodocorytha</i>	chauá	FL	Am	EP	Sim	-	Sim	-	-
THAMNOPHILIDAE									
<i>Terenura maculata</i>	zidedê	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Myrmotherula axillaris</i>	choquinha-de-flanco-branco	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myrmotherula minor</i>	choquinha-pequena	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Myrmotherula urosticta</i>	choquinha-de-rabo-cintado	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Formicivora grisea</i>	papa-formiga-pardo	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Thamnomanes caesius</i>	ipecuá	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Rhopias gularis</i>	choquinha-de-garganta-pintada	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Dysithamnus stictothorax</i>	choquinha-de-peito-pintado	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Dysithamnus mentalis</i>	choquinha-lisa	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Dysithamnus plumbeus</i>	choquinha-chumbo	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	chorozinho-de-asa-vermelha	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Thamnophilus torquatus</i>	choca-de-asa-vermelha	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Thamnophilus palliatus</i>	choca-listrada	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Thamnophilus ambiguus</i>	choca-de-sooretama	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Taraba major</i>	choró-boi	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Hypoedaleus guttatus</i>	chocão-carijó	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Mackenziaena severa</i>	borralhara	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Myrmoderus loricatus</i>	formigueiro-assobiador	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Pyriglena leucoptera</i>	papa-taoca-do-sul	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Drymophila ferruginea</i>	trovoada	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Drymophila ochropyga</i>	choquinha-de-dorso-vermelho	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Drymophila squamata</i>	pintadinho	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
CONOPOPHAGIDAE									
<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Conopophaga melanops</i>	cuspidor-de-máscara-preta	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
GRALLARIIDAE									
<i>Grallaria varia</i>	tovacuçu	FL	Am	VU	-	-	Sim	-	-
RHINOCRYPTIDAE									
<i>Merulaxis stresemanni</i>	entufado-baiano	FL	Am	CR	Sim	-	Sim	-	-
<i>Eleoscytalopus psychopompus</i>	macuquinho-baiano	FL	Am	CR	Sim	-	Sim	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Scytalopus</i> sp. Nov.	tapaculo	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
FORMICARIIDAE									
<i>Formicarius colma</i>	galinha-do-mato	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Chamaeza campanisona</i>	tovaca-campainha	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Chamaeza meruloides</i>	tovaca-cantadora	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
SCLEURURIDAE									
<i>Sclerurus macconnelli</i>	vira-folha-de-peito-vermelho	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Sclerurus caudacutus</i>	vira-folha-pardo	FL	Am	EP	-	-	Sim	-	-
DENDROCOLAPTIDAE									
<i>Dendrocincla turdina</i>	arapaçu-liso	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Glyphorhynchus spirurus</i>	arapaçu-bico-de-cunha	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	arapaçu-rajado	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	arapaçu-de-garganta-amarela	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Campylorhynchus falcularius</i>	arapaçu-de-bico-torto	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Campylorhynchus trochilrostris</i>	arapaçu-beija-flor	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Dendroplex picus</i>	arapaçu-de-bico-branco	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Lepidocolaptes squamatus</i>	arapaçu-escamado	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	arapaçu-grande	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	arapaçu-de-garganta-branca	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
XENOPIIDAE									
<i>Xenops minutus</i>	bico-virado-miúdo	FL	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Xenops rutilans</i>	bico-virado-carijó	FL	-	-	-	-	-	-	-
FURNARIIDAE									
<i>Furnarius figulus</i>	casaca-de-couro-da-lama	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Lochmias nematura</i>	joão-porca	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Automolus leucophthalmus</i>	barranqueiro-de-olho-branco	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Anabazenops fuscus</i>	trepador-de-coleira	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Anabacerthia lichtensteini</i>	limpa-folha-ocráceo	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Philydor atricapillus</i>	limpa-folha-coroado	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Philydor rufum</i>	limpa-folha-de-testa-baia	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Heliobletus</i> sp. nov.	trepadorzinho	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Cichlocolaptes leucophrus</i>	trepador-sobrancelha	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Pseudoseisura cristata</i>	casaca-de-couro	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	joão-de-pau	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	curutié	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Synallaxis whitneyi</i>	joão-baiano	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Synallaxis spixi</i>	joão-teneném	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Acrobatornis fonsecai</i>	acrobata	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Cranioleuca pallida</i>	arredio-pálido	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Thripophaga macroura</i>	rabo-armarelo	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
PIPRIDAE									

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Ceratopipra rubrocapilla</i>	cabeça-encarnada	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Manacus manacus</i>	rendeira	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Machaeropterus regulus</i>	tangará-rajado	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Dixiphia pipra</i>	cabeça-branca	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Ilicura militaris</i>	tangarazinho	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Chiroxiphia pareola</i>	tangará-falso	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
OXYRUNCIDAE									
<i>Oxyruncus cristatus</i>	araponga-do-horto	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
ONYCHORHYNCHIDAE									
<i>Myiobius barbatus</i>	assanhadinho	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
TITYRIDAE									
<i>Schiffornis turdina</i>	flautim-marrom	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Laniocera hypopyrra</i>	chorona-cinza	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Laniisoma elegans</i>	chibante	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Iodopleura pipra</i>	anambezinho	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco-de-rabo-preto	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pachyramphus viridis</i>	caneleiro-verde	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pachyramphus castaneus</i>	caneleiro	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pachyramphus polychopterus</i>	caneleiro-preto	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pachyramphus marginatus</i>	caneleiro-bordado	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pachyramphus validus</i>	caneleiro-de-chapeu-preto	FL	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
COTINGIDAE									
<i>Lipaugus vociferans</i>	cricrió	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Lipaugus lanioides</i>	tropeiro-da-serra	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Xipholena atropurpurea</i>	anambé-de-asa-branca	FL	Am	EP	Sim	-	Sim	-	-
<i>Procnias nudicollis</i>	araponga	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Cotinga maculata</i>	crejoá	FL	Am	EP	Sim	-	Sim	-	-
<i>Carpornis melanocephala</i>	sabiá-pimenta	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
PLATYRINCHIDAE									
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	patinho	FL	-	-	-	-	-	-	-
RHYNCHOCYCLIDAE									
<i>Mionectes oleagineus</i>	abre-asa	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Leptopongon amaurocephalus</i>	cabeçudo	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Phylloscartes beckeri</i>	borboletinha-baiana	FL	Am	EP	Sim	-	Sim	-	-
<i>Phylloscartes oustaleti</i>	papa-moscas-de-olheiras	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i>	bico-chato-grande	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tolmomyias poliocephalus</i>	bico-chato-de-cabeça-cinza	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	bico-chato-amarelo	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Todirostrum cinereum</i>	ferreirinho-relógio	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Poecilotriccus fumifrons</i>	ferreirinho-de-testa-parda	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiornis auricularis</i>	miudinho	FL	-	-	Sim	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Hemitriccus diops</i>	olho-falso	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	tachuri-campainha	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
TYRANNIDAE									
<i>Hirundinea ferruginea</i>	gibão-de-couro	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tyranniscus burmeisteri</i>	piolhinho-chiador	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Ornithion inerme</i>	poiaeiro-de-sobrancelhas	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Elaenia spectabilis</i>	guaracava-grande	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Elaenia cristata</i>	guaracava-de-topete-uniforme	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiopagis caniceps</i>	guaracava-cinzenta	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Capsiempis flaveola</i>	marianinha-amarela	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Phaeomyias murina</i>	bagageiro	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolhinho	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Attila rufus</i>	capitão-de-saíra	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Attila spadiceus</i>	capitão-de-saíra-amarelo	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Legatus leucophaeus</i>	bem-te-vi-pirata	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiarchus tuberculifer</i>	maria-cavaleira-pequena	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiarchus tyrannulus</i>	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado	FL	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Sirystes sibilator</i>	gritador	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Rhytipterna simplex</i>	vissia	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Philoydor lictor</i>	bentevizinho-do-brejo	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Machetornis rixosa</i>	suiriri-cavaleiro	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de-penacho-vermelho	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Empidonomus varius</i>	peitica	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Conopias trivirgatus</i>	bem-te-vi-pequeno	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Colonia colonus</i>	viuvinha	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira-mascarada	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Arundinicola leucocephala</i>	freirinha	AQ	-	-	-	-	-	-	-
<i>Lathrotriccus euleri</i>	enferrujado	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Contopus cinereus</i>	papa-moscas-cinzento	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Xolmis irupero</i>	noivinha	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno	AA	-	-	-	-	-	-	-
VIREONIDAE									
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	FL	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Vireo chivi</i>	juruviana	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	vite-vite-de-olho-cinza	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Hylophilus thoracicus</i>	vite-vite	FL	-	-	-	-	-	-	-
CORVIDAE									
<i>Cyanocorax cyanopogon</i>	galha-cancã	FL	-	-	-	-	-	-	-
HIRUNDINIDAE									
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Progne tapera</i>	andorinha-do-campo	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Progne chalybea</i>	andorinha-doméstica-grande	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco	AA	-	-	-	-	-	-	-
TROGLODYTIDAE									
<i>Troglodytes musculus</i>	corruíra	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Campylorhynchus turdinus</i>	catatau	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Pheugopedius genibarbis</i>	garrinchão-pai-avô	FL	-	-	-	-	-	-	-
DONACOBIIIDAE									
<i>Donacobius atricapilla</i>	japacanim	AA	-	-	-	-	-	-	-
POLIOPTILIDAE									
<i>Ramphocaenus melanurus</i>	bico-assoavelado	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Polioptila plumbea</i>	balança-rabo-de-chapeu-preto	FL	-	-	-	-	-	-	-
TURDIDAE									

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Cichlopsis leucogenys</i>	sabiá-castanho	FL	Am	EP	-	-	Sim	-	-
<i>Turdus flavipes</i>	sabiá-una	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Turdus fumigatus</i>	sabiá-da-mata	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira	FL	-	-	-	-	-	-	-
MIMIDAE									
<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo	AA	-	-	-	-	-	-	-
MOTACILLIDAE									
<i>Anthus lutescens</i>	caminheiro-zumbidor	AA	-	-	-	-	-	-	-
PASSERELLIDAE									
<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Arremon taciturnus</i>	tico-tico-de-bico-preto	FL	-	-	-	-	-	-	-
PARULIDAE									
<i>Setophaga pitiayumi</i>	mariquita	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pia-cobra	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiothlypis flaveola</i>	canário-do-mato	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Myiothlypis rivularis</i>	pula-pula-ribeirinho	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
ICTERIDAE									

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Psarocolius decumanus</i>	japu	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Cacicus cela</i>	xexéu	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	encontro	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Icterus jamacaii</i>	corrupião	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Gnorimopsar chopi</i>	graúna	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	garibaldi	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Agelaioides fringillarius</i>	asa-de-telha-pálido	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Molothrus oryzivorus</i>	iraúna-grande	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Molothrus bonariensis</i>	vira-bosta	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sturnella superciliaris</i>	polícia-inglesa-do-sul	AA	-	-	-	-	-	-	-
THRAUPIDAE									
<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Saltator fuliginosus</i>	pimentão	FL	-	-	Sim	-	Sim	-	-
<i>Saltator maximus</i>	tempera-viola	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro-verdadeiro	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Nemosia pileata</i>	saíra-de-chapeu-preto	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tachyphonus rufus</i>	pipira-preta	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Ramphocelus bresilius</i>	tiê-sangue	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Lanio cristatus</i>	tiê-galo	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tangara brasiliensis</i>	cambada-de-chaves	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Tangara cyanomelas</i>	saíra-pérola	FL	-	-	Sim	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Tangara seledon</i>	saíra-sete-cores	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Tangara cyanocephala</i>	saíra-militar	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Tangara sayaca</i>	sanhaçu-cinzeno	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tangara cyanoptera</i>	sanhaçu-de-encontro-azul	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Tangara palmarum</i>	sanhaçu-do-coqueiro	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tangara ornata</i>	sanhaçu-de-encontro-amarelo	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Tangara cayana</i>	saíra-amarela	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	bico-de-veludo	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Paroaria dominicana</i>	cardeal-do-nordeste	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Cyanerpes cyaneus</i>	saíra-beija-flor	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Chlorophanes spiza</i>	saí-verde	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	saíra-ferrugem	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Hemithraupis flavicollis</i>	saíra-galega	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra-verdadeiro	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Emberizoides herbicola</i>	canário-do-campo	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sporophila frontalis</i>	pichochó	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Sporophila falcirostris</i>	cigarra-verdadeira	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	-	-
<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho	AA	-	-	-	-	-	-	-

Nome	Nome Popular	Habitat	Status de Conservação	Grau de Ameaça	Espécie Endêmica	Spp. Migratória	Bioindicador	Spp. de interesse de saúde pública	Cinegética
<i>Sporophila nigricollis</i>	baiano	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sporophila caerulescens</i>	coleirinho	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sporophila albogularis</i>	golinho	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sporophila leucoptera</i>	chorão	AA	-	-	-	-	-	-	-
<i>Sporophila angolensis</i>	curió	AA	-	-	-	-	Sim	-	-
<i>Tiaris fuliginosus</i>	cigarra-do-coqueiro	FL	-	-	-	-	Sim	-	-
CARDINALIDAE									
<i>Habia rubica</i>	tiê-do-mato-grosso	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Caryothraustes canadensis</i>	furriel	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Cyanoloxia brissonii</i>	azulão	FL	-	-	-	-	-	-	-
FRINGILLIDAE									
<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Euphonia cyanocephala</i>	gaturamo-rei	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Euphonia xanthogaster</i>	fim-fim-grande	FL	-	-	-	-	-	-	-
<i>Euphonia pectoralis</i>	ferro-velho	FL	-	-	Sim	-	-	-	-
<i>Chlorophonia cyanea</i>	gaturamo-bandeira	FL	-	-	-	-	-	-	-

(iv) Mastofauna

A classificação taxonômica e nomenclatura das espécies seguem Wilson & Reeder (2005), Bonvicino *et al.* (2008), Reis *et al.* (2006) e Alfaro *et al.* (2012), a distribuição geográfica e o status de conservação estão de acordo com a IUCN – *International Union for Conservation of Nature* (IUCN, 2014). O status de conservação das espécies no Brasil está de acordo com a Lista de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (IBAMA, 2003).

MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE

Segundo a bibliografia consultada, são citadas 51 espécies de mamíferos de médio e grande porte (>1000g), com provável ocorrência na região onde será instalado empreendimento (QUADRO 6.2 - 4). Destas, 17 espécies estão inseridas em algum status de ameaça na Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção da IUCN (IUCN, 2014) e 16 na Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (IBAMA, 2003), ressaltando os primatas *Brachyteles hypoxanthus*, *Callicebus barbarabrownae* e *Sapajus xanthosternos* classificados como Criticamente em Perigo (CR) e *Leontopithecus chrysomelas* como Em Perigo (EN) em ambas as Listas de Espécies Ameaçadas. Soma-se a essas, a espécie *C. coimbrai* classificada como Em Perigo (EM) e Criticamente em Perigo (CR), respectivamente. Quanto ao endemismo, 15 espécies inventariadas são consideradas como endêmicas da Mata Atlântica e duas restritas ao Estado da Bahia. Considerando os tamanhos populacionais, 13 espécies são apontadas como raras: *B. hypoxanthus*, *Bradypus torquatus*, *C. barbarabrownae*, *C. coimbrai*, *Callithrix kuhlii*, *Callicebus melanochir*, *L. chrysomelas*, *Myrmecophaga tridactyla*, *Panthera onca*, *Potos flavus*, *Puma concolor*, *S. xanthosternos* e *Speothos venaticus* (QUADRO 6.2 - 4). Todas as espécies foram apontadas como espécies cinegéticas, seja pela caça de subsistência, esporte, comércio de pele e/ou uso como animais de estimação (IUCN, 2014; FERREIRA *et al.*, 2013).

Os mamíferos, principalmente as espécies de hábitos sinantrópicos e indivíduos criados em cativeiros, são citados como de interesse médico/sanitário (QUADRO 6.2 - 4) por serem reservatórios e transmissores de diversas zoonoses relevantes à saúde pública (ex. febre aftosa, febre amarela, febre maculosa, leptospirose, peste, tétano e toxoplasmose) (ANDRADE, 2002; BARBOSA *et al.*, 2011). Porém, perturbações antrópicas nos ambientes naturais promovem a aproximação das populações humanas às populações silvestres, ocasionando concomitantemente a aproximação a zoonoses que antes estavam restritas ao meio silvestre (CORRÊA & PASSOS, 2001).

QUADRO 6.2 - 4- LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTECOM PROVÁVEL DISTRIBUIÇÃO NAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. TRECHO: ENTR. BR-324 – ENTR. BR-367 NO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS NO SEGMENTO KM 166.5 – KM 717.8, COM EXTENSÃO TOTAL DE 551.3 KM. STATUS DE CONSERVAÇÃO SEGUNDO IUCN (2014) E IBAMA (2003): DD = DADOS INSUFICIENTES; LC = POUCO PREOCUPANTE; NT = QUASE AMEAÇADA; VU = VULNERÁVEL; EN= EM PERIGO E CR= CRITICAMENTE EM PERIGO. ESPÉCIE ENDÊMICA: MA= ESPÉCIE ENDÊMICA PARA O BIOMA DA MATA ATLÂNTICA E BA= ESPÉCIE COM DISTRIBUIÇÃO RESTRITA AO ESTADO DA BAHIA. AS REFERÊNCIAS ESTÃO CITADAS NO ÍNDICE REFERENTE À REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.

Táxon / Nome científico	Nome popular	Hábitat preferencial	Status de conservação IUCN / IBAMA	Espécie endêmica	Espécie rara	Espécie cinérgica	Interesse médico/sanitário
ORDEM RODENTIA							
Família Cricetidae							
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	capivara	presença de corpos d'água	LC	-	-	x	x
Família Cuniculidae							
<i>Cuniculus paca</i>	paca	florestal	LC	-	-	x	-
Família Dasyproctidae							
<i>Dasyprocta prymnolopha</i>	cutia	diversos	LC	-	-	x	-
<i>Dasyprocta aguti</i>	cutia	diversos	LC	-	-	x	-
Família Erethizontidae							
<i>Chaetomys subspinosus</i>	ouriço-preto	florestal	VU / VU	MA	-	x	-
<i>Coendou prehensilis</i>	ouriço-cacheiro	florestal	LC	-	-	x	-
<i>Sphiggurus insidiosus</i>	ouriço-amarelo	florestal	LC	MA	-	x	-
ORDEM PILOSA							
Família Myrmecophagidae							
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	tamanduá-bandeira	diversos	VU / VU	-	x	x	-
<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-mirim	diversos	LC	-	-	x	-
Família Bradypodidae							
<i>Bradypus torquatus</i>	preguiça-de-coleira	florestal	VU / VU	MA	x	x	-
<i>Bradypus variegatus</i>	peguiça-comum	florestal	LC	-	-	x	-

Táxon / Nome científico	Nome popular	Hábitat preferencial	Status de conservação IUCN / IBAMA	Espécie endêmica	Espécie rara	Espécie cinérgica	Interesse médico/sanitário
ORDEM CINGULATA							
Família Dasypodidae							
<i>Cabassous tatouay</i>	tatu-do-rabo-mole-grande	diversos	LC	-	-	x	-
<i>Cabassous unicinctus</i>	tatu-do-rabo-mole-pequeno	diversos	LC	-	-	x	-
<i>Dasypus novemcinctus</i>	tatu-galinha	diversos	LC	-	-	x	-
<i>Dasypus septemcinctus</i>	tatu-mirim	diversos	LC	-	-	x	-
<i>Euphractus sexcinctus</i>	tatu-peludo	diversos	LC	-	-	x	-
<i>Priodontes maximus</i>	tatu-canastra	diversos	LC	-	-	x	-
ORDEM PRIMATES							
Família Atelidae							
<i>Alouatta guariba</i>	bugio-ruivo	florestal	LC	MA	-	x	x
<i>Brachyteles hypoxanthus</i>	mono-carvoeiro	florestal	CR / CR	MA	x	x	x
Família Cebidae							
<i>Callithrix geoffroyi</i>	sagui-de-cara-branca	florestal	LC	MA	-	x	x
<i>Callithrix jacchus</i>	sagui-de-tufos-brancos	florestal	LC	-	-	x	x
<i>Callithrix kuhlii</i>	sagui	florestal	NT	MA / BA	x	x	x
<i>Callithrix penicillata</i>	sagui-de-tufos-pretos	florestal	LC	MA	-	x	x
<i>Leontopithecus chrysomelas</i>	mico-leão-da-cara-dourada	florestal	EN / EN	MA / BA	x	x	x
<i>Sapajus nigritus</i>	macaco-prego	florestal	NT	MA	-	x	x
<i>Sapajus robustus</i>	macaco-prego-de-crista	florestal	EN / VU	MA	-	x	x
<i>Sapajus xanthosternos</i>	macaco-prego-do-peito-amarelo	florestal	CR / CR	MA	x	x	x
Família Pitheciidae							

Táxon / Nome científico	Nome popular	Hábitat preferencial	Status de conservação IUCN / IBAMA	Espécie endêmica	Espécie rara	Espécie cinérgica	Interesse médico/sanitário
<i>Callicebus barbarabrownae</i>	guigó-da-caatinga	caatinga arbórea	CR / CR	-	x	x	x
<i>Callicebus coimbrai</i>	guigó-de-coimbra	florestal	EN / CR	MA	x	x	x
<i>Callicebus melanochir</i>	guigó	florestal	VU / VU	MA	x	x	x
<i>Callicebus personatus</i>	guigó	florestal	VU / VU	MA	-	x	x
ORDEM LAGOMORPHA							
Família Leporidae							
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	tapiti	florestal	LC	-	-	x	-
ORDEM CARNIVORA							
Família Canidae							
<i>Cerdocyon thous</i>	cachorro-do-mato	diversos	LC	-	-	x	x
<i>Speothos venaticus</i>	cachorro-vinagre	diversos	NT / VU	-	x	x	-
Família Felidae							
<i>Leopardus pardalis</i>	jaguarica	diversos	LC	-	-	x	-
<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do-mato-pequeno	cobertura vegetal densa	VU / VU	-	-	x	-
<i>Leopardus wiedii</i>	gato-maracajá	florestal	NT / VU	-	-	x	-
<i>Herpailurus yagouaroundi</i>	jaguarundi	diversos	LC	-	-	x	-
<i>Panthera onca</i>	onça-pintada	presença de corpos d'água	NT / VU	-	x	x	-
<i>Puma concolor</i>	puma	diversos	LC / VU	-	x	x	-
Família Mephitidae							
<i>Conepatus semistriatus</i>	jaritataca	diversos	LC	-	-	x	-
Família Mustelidae							
<i>Galictis vittata</i>	furão	diversos	LC	-	-	x	-

Táxon / Nome científico	Nome popular	Hábitat preferencial	Status de conservação IUCN / IBAMA	Espécie endêmica	Espécie rara	Espécie cinérgica	Interesse médico/sanitário
<i>Eira barbara</i>	irara	florestal	LC	-	-	x	-
<i>Lontra longicaudis</i>	lontra	diversos	DD	-	-	x	-
Família Procyonidae							
<i>Potos flavus</i>	jupará	florestal	LC	-	x	x	-
<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada	presença de corpos d'água	LC	-	-	x	-
<i>Nasua nasua</i>	quati	florestal	LC	-	-	x	-
ORDEM CETARTIODACTYLA							
Família Tayassuidae							
<i>Pecari tajacu</i>	cateto	diversos	LC	-	-	x	-
<i>Tayassu pecari</i>	queixada	florestal	VU	-	-	x	-
Família Cervidae							
<i>Mazama gouazoubira</i>	veado	diversos	LC	-	-	x	-
ORDEM PERISSODACTYLA							
Família Tapiridae							
<i>Tapirus terrestris</i>	anta	diversos	LC	-	-	x	-

PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES

Das 43 espécies de pequenos mamíferos não-voadores ($\leq 1000\text{g}$) citadas com provável distribuição na região do empreendimento (QUADRO 6.2 - 5), apenas duas estão apontadas na Lista da IUCN (IUCN, 2014) e uma na Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (IBAMA, 2003). Ressaltam-se as espécies *Callistomys pictus* e *Hylaeamys laticeps* inseridas nas categorias em Perigo (EN) e Quase Ameaçada (NT) pela IUCN (IUCN, 2104), respectivamente, e *C. pictus* como Vulnerável (VU) na Lista Brasileira (IBAMA, 2003). Os marsupiais *Cryptonanus agricolai* e *Monodelphis rubida* e os roedores *Phyllomys lamarum* e *Trinomys mirapitanga* são outros pontos relevante na lista, visto que pela IUCN essas espécies apresentam dados insuficientes (DD) devido a falta de dados recentes sobre seu status de conservação e requerimentos ecológicos. Das espécies inventariadas, 11 são endêmicas do Bioma Mata Atlântica, sendo *C. pictus* e *T. mirapitanga* restritas ao Estado da Bahia e espécies raras, devido à sua baixa densidade populacional, assim como *Blarinomus breviceps*, *M. rubida*, *P. lamarum* e *P. pattoni*.

Todas as espécies de pequenos mamíferos foram apontadas como de interesse médico/sanitário por serem reservatórios e transmissores de zoonoses relevantes a saúde pública (ANDRADE, 2002).

QUADRO 6.2 - 5- LISTA DAS ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES COM PROVÁVEL DISTRIBUIÇÃO NAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. TRECHO: ENTR. BR-324 – ENTR. BR-367 NO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS NO SEGMENTO KM 166.5 – KM 717.8, COM EXTENSÃO TOTAL DE 551.3 KM. STATUS DE CONSERVAÇÃO SEGUNDO IUCN (2014) E IBAMA (2003): DD = DADOS INSUFICIENTES; LC = POUCO PREOCUPANTE; NT = QUASE AMEAÇADA; VU = VULNERÁVEL; EN= EM PERIGO E CR= CRITICAMENTE EM PERIGO. ESPÉCIE ENDÊMICA: MA= ESPÉCIE ENDÊMICA PARA O BIOMA DA MATA ATLÂNTICA E BA= ESPÉCIE COM DISTRIBUIÇÃO RESTRITA AO ESTADO DA BAHIA. AS REFERÊNCIAS ESTÃO CITADAS NO ÍNDICE REFERENTE À REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.

Táxon / Nome científico	Nome popular	Hábitat preferencial	Status de conservação IUCN / IBAMA	Espécie endêmica	Espécie rara	Espécie cinérgica	Interesse médico/sanitário
DIDELPHIMORPHIA							
Didelphidae							
<i>Caluromys philander</i>	cuíca-lanosa	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Chironectes minimus</i>	cuíca-d'água	florestal/presença de corpo água	LC	-	-	-	x
<i>Cryptonanus agricolai</i>	cuíca	campestre/florestal	DD	-	-	-	x
<i>Didelphis albiventris</i>	gambá-de-orelha-branca	diversos	LC	-	-	-	x
<i>Didelphis aurita</i>	gambá-de-orelhas-pretas	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Gracilinanus agilis</i>	cuíca	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	cuíca	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Marmosa murina</i>	cuíca	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	cuíca-de-quatro-olhos	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Marmosa demerarae</i>	cuíca	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Marmosa paraguayanus</i>	cuíca	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Marmosops incanus</i>	cuíca	florestal	LC	MA	-	-	x
<i>Monodelphis americana</i>	cuíca-listrada	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Monodelphis domestica</i>	cuíca	diversos	LC	-	-	x	x
<i>Monodelphis iheringi</i>	cuíca-listrada	florestal	LC	MA	-	-	x
<i>Monodelphis rubida</i>	cuíca	florestal	DD	-	x	-	x
<i>Philander frenatus</i>	cuíca-cinza-de-quatro-olhos	florestal	LC	-	-	-	x
RODENTIA							

Táxon / Nome científico	Nome popular	Hábitat preferencial	Status de conservação IUCN / IBAMA	Espécie endêmica	Espécie rara	Espécie cinérgica	Interesse médico/sanitário
Sciuridae							
<i>Guerlinguetus ingrami</i>	esquilo	florestal	LC	-	-	-	x
Cricetidae							
<i>Akodon cursor</i>	rato	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Blarinomys breviceps</i>	rato	florestal	LC	MA	x		x
<i>Calomys expulsus</i>	rato	campestre	LC	-	-	-	x
<i>Cerradomys subflavus</i>	rato	diversos	LC	-	-	-	x
<i>Euryoryzomys russatus</i>	rato	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Holochilus brasiliensis</i>	rato	florestal/presença de corpo água	LC	-	-	-	x
<i>Hylaeamys laticeps</i>	rato	florestal	NT	MA	-	-	x
<i>Necomys lasiurus</i>	rato	diversos	LC	-	-	-	x
<i>Nectomys squamipes</i>	rato-d'água	florestal/presença de corpo água	LC	-	-	-	x
<i>Oecomys catherinae</i>	rato	florestal/campestre	LC	-	-	-	x
<i>Oligoryzomys flavescens</i>	rato	diversos	LC	-	-	-	x
<i>Oligoryzomys nigripes</i>	rato	diversos	LC	-	-	-	x
<i>Oxymycterus dasytrichus</i>	rato	florestal	LC	MA	-	-	x
<i>Pseudoryzomys simplex</i>	rato	campestre	LC	-	-	-	x
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	rato	florestal	LC	-	-	-	x
<i>Thaptomys nigrita</i>	rato	diversos	LC	-	-	-	x
Caviidae							
<i>Cavia aperea</i>	preá	diversos	LC	-	-	-	x
<i>Galea spixii</i>	preá	campestre	LC	-	-	-	x
Echimyidae							
<i>Callistomys pictus</i>	rato-do-cacau	plantação de cacau	EN / VU	MA / BA	x	-	x

Táxon / Nome científico	Nome popular	Hábitat preferencial	Status de conservação IUCN / IBAMA	Espécie endêmica	Espécie rara	Espécie cinérgica	Interesse médico/sanitário
<i>Phyllomys lamarum</i>	rato-d'árvore	florestal	DD	MA	x	-	x
<i>Phyllomys pattoni</i>	rato-d'árvore	florestal	LC	MA	x	-	x
<i>Thrichomys inermis</i>	rato	campestre/florestal	LC	-	-	-	x
<i>Trinomys albispinus</i>	rato-de-espinho	florestal	LC	MA	-	-	x
<i>Trinomys iheringi</i>	rato-de-espinho	florestal	LC	MA	-	-	x
<i>Trinomys mirapitanga</i>	rato-de-espinho	florestal	DD	MA / BA	x	-	x

Fauna Ocorrente na Área de Estudo do Empreendimento

(i) Anfíbios

RIQUEZA

Os trabalhos de campo para elaboração do EIA/RIMA resultaram no registro de 68 espécies de anfíbios (duas ordens e 10 famílias) correspondendo a 60% da riqueza com ocorrência esperada para a área de estudo (n=115). Do total de registros, 66 foram obtidos com a execução dos métodos propostos e duas espécies foram acrescentadas à riqueza através de encontros ocasionais (*Phyllodytes* sp. e *Scinax fuscovarius*).

Quarenta e nove espécies registradas em campo são endêmicas do Bioma Mata Atlântica e, destas, sete são, especificamente, endêmicas do Estado da Bahia, Duas são de raro encontro na natureza.

A riqueza média registrada nos sítios amostrais apresentou-se similar entre as áreas, com exceção de AFT3 que, apesar de ser um fragmento de tamanho considerável, onde foram implantados dois transectos de 2 km, um em cada lado da rodovia, apresentou uma riqueza média (n=15,5) inferior à média global por parcela, que foi de 20,2 espécies por parcela/km amostrado (FIGURA 6.2 - 71).

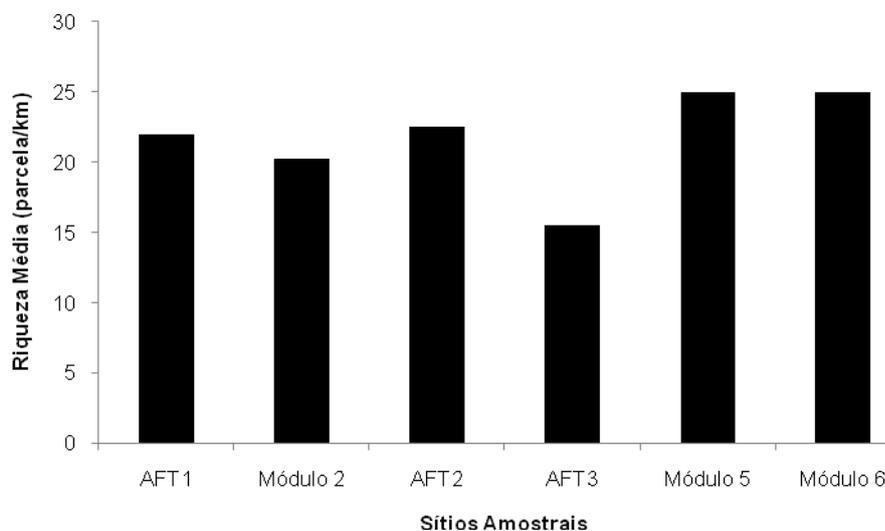


FIGURA 6.2 - 71 - RIQUEZA MÉDIA REGISTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRADOS DO EIA/RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Na QUADRO 6.2 - 6 são apresentadas as espécies registradas nas amostragens, seguido do nome popular e indicações da área onde a espécie foi registrada e habitat, sendo ainda destacadas as ameaçadas de extinção segundo as listas oficiais do Brasil e mundial da IUCN, além de espécies endêmicas (padrão de distribuição), raras (de raro encontro na natureza), cinegéticas, de interesse médico/sanitário (venenosa) e o grau de sensibilidade e vulnerabilidade das espécies com a intervenção ou influência do empreendimento.

QUADRO 6.2 - 6- ANFÍBIOS REGISTRADOS NA AID DO EMPREENDIMENTO. LEGENDA: DESCRIÇÃO DO HABITAT: BF = BORDA FLORESTAL; FL = FLORESTAL; LA = LAGOA EM ÁREA ABERTA; L F = LAGOA EM BORDA FLORESTAL; CAC = CACAUAL; CAB = CABRUCO. STATUS DE CONSERVAÇÃO: AMEAÇADOS SEGUNDO IUCN - *INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE*, SEGUNDO A CATEGORIA: DD = DADOS INSUFICIENTES - DATA DEFICIENT; NE = NÃO AVALIADA - NOT EVALUATED; LC = POUCO PREOCUPANTE - LEAST CONCERN; NT = QUASE AMEAÇADA - NEAR THREATENED; VU = VULNERÁVEL - VULNERABLE. ENDÊMICA: BA = BAHIA; MA = MATA ATLÂNTICA. DEMAIS ATRIBUTOS: V= VENENOSA; C = CINEGÉTICA.

Nome Científico	Nome Popular	Área Amostral de Registro	Habitat	Status de Conservação	Endemismo/ Rara	Demais atributos	Grau de sensibilidade	Grau de vulnerabilidade
ORDEM ANURA								
AROMOBATIDAE								
<i>Allobates olfersioides</i>	sapinho-foguete	Mód 2; AFT2	FI	VU - IUCN	EN - MA		alta	média
BRACHYCEPHALIDAE								
<i>"Eleutherodactylus" bilineatus</i>	rãzinha-do-folhicho	Mód 2	FI	LC - IUCN	EN - BA EN - MA		média	alta
<i>Ichnocnema parva</i>	rãzinha-do-folhicho	AFT1	FI	LC - IUCN	EN - MA		média	média
BUFONIDAE								
<i>Rhinella crucifer</i>	sapo-cururuzinho	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5	Bf; Cab; Cac; FI; La; Lf; R	LC - IUCN	EN - MA	V	baixa	média
<i>Rhinella granulosa</i>	sapo-granuloso	AFT1; AFT3; Mód 5; Mód 6	Cab	LC - IUCN			baixa	média
<i>Rhinella hoogmoedi</i>	sapo- cururu	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Cab; Cac; FI; Lf	LC - IUCN	EN - MA		alta	média
<i>Rhinella jimi</i>	sapo- cururu	Mód 6	Bf	LC - IUCN			média	média
CRAUGASTORIDAE								
<i>Haddadus binotatus</i>	rãzinha-do-folhicho	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Bf; Cab; Cac; FI; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Pristimantis paulodutraii</i>	rãzinha-do-folhicho	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Bf; Cab; Cac; FI; La; Lf; R	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Pristimantis ramagii</i>	rãzinha-do-folhicho	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Bf; Cab; Cac; FI; La; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Pristimantis vinhai</i>	rãzinha-do-folhicho	AFT2; Mód 6	FI	LC - IUCN	EN - MA		média	média
HYLIDAE								

Nome Científico	Nome Popular	Área Amostral de Registro	Habitat	Status de Conservação	Endemismo/Rara	Demais atributos	Grau de sensibilidade	Grau de vulnerabilidade
<i>Agalychnis aspera</i>	perereca-das-folhagens	Mód 2	FI	LC - IUCN	EN - BA EN - MA Rara	V	alta	alta
<i>Dendropsophus anceps</i>	pererequinha-do-brejo	Mód 2; Mód 5; Mód 6	Cab; FI; La	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Dendropsophus bipunctatus</i>	pererequinha-do-brejo	Mód 2; Mód 6	La; Lf	LC - IUCN	EN - MA		baixa	média
<i>Dendropsophus branneri</i>	pererequinha-do-brejo	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Bf; Cab; Cac; FI; La; Lf; R	LC - IUCN			baixa	média
<i>Dendropsophus decipiens</i>	pererequinha-do-brejo	AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Cac; Cab; FI; Lf;	LC - IUCN			baixa	média
<i>Dendropsophus elegans</i>	pererequinha-do-brejo	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2;Mód 5; Mód 6	Bf; Cab; Cac; La; Lf	LC - IUCN	EN - MA		baixa	média
<i>Dendropsophus giesler</i>	pererequinha-do-brejo	Mód 2; Mód 5	Cab; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Dendropsophus haddadi</i>	pererequinha-do-brejo	AFT3; Mód 2;Mód 5; Mód 6	Cab; Cac; FI; La; Lf; R	LC - IUCN	EN - MA		baixa	média
<i>Dendropsophus meridianus</i>	pererequinha-do-brejo	AFT2; AFT3; Mód 5; Mód 6	Cab; Cac; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Dendropsophus minutus</i>	pererequinha-do-brejo	AFT1; AFT3;Mód 6	Cac; Lf	LC - IUCN			baixa	média
<i>Dendropsophus nanus</i>	pererequinha-do-brejo	AFT1; AFT2; Mód 5; Mód 6	Cab; La; Lf	LC - IUCN			baixa	média
<i>Dendropsophus novaisi</i>	pererequinha-do-brejo	Mód 6	Lf	DD - IUCN			média	média
<i>Dendropsophus seniculus</i>	pererequinha-do-brejo	Mód 6	Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Hypsiboas albomarginatus</i>	perereca	AFT1AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Bf; Cab; Cac; FI; La; Lf; R	LC - IUCN	EN - MA		baixa	média
<i>Hypsiboas atlanticus</i>	perereca	AFT2; Mód 2	Bf; FI; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Hypsiboas crepitans</i>	perereca-gladiadora	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 6	Bf; Cab; Cac; FI; La; Lf	LC - IUCN			média	média
<i>Hypsiboas faber</i>	sapo-ferreiro	AFT2; AFT3; Mód 2;	Cab; Cac; FI;	LC - IUCN	EN - MA		média	média

Nome Científico	Nome Popular	Área Amostral de Registro	Habitat	Status de Conservação	Endemismo/Rara	Demais atributos	Grau de sensibilidade	Grau de vulnerabilidade
		Mód 5; Mód 6	La; Lf					
<i>Hypsiboas pombali</i>	perereca	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2;	Cac; Fl; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Hypsiboas semilineatus</i>	perereca	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Cab; Cac; Fl; La; Lf; R	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Itapotihyla langsdorffii</i>	perereca-castanhola	AFT1; AFT3	Bf; Cac; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Phyllodytes kautskyi</i>	perereca-das-bromélias	Mód 5	Cab	LC - IUCN	EN- MA		alta	alta
<i>Phyllodytes melanomystax</i>	pererequinha-de-bigode-da-bromélia	Mód 5	Cab	LC - IUCN	EM- MA		alta	alta
<i>Phyllodytes maculosus</i>	perereca-das-bromélias	Mód 5	Cab	DD - IUCN	EN - MA		alta	alta
<i>Phyllodytes</i> sp.	perereca-das-bromélias	Mód 5	Ant				alta	alta
<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	perereca-das-folhagens	AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Cab; Cac; Fl; La; Lf	LC - IUCN	EN - MA	V	média	média
<i>Phyllomedusa nordestina</i>	perereca-das-folhagens	AFT1; Mód 2	Lf	LC - IUCN		V	média	média
<i>Phyllomedusa rhodei</i>	perereca-das-folhagens	Mód 2	Bf; Fl; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Scinax argyreornatus</i>	perereca	AFT2; Mód 2; Mód 6	Cab; Fl; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Scinax auratus</i>	perereca	Mód 2	Fl	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Scinax cuspidatus</i>	perereca	AFT3	Cac	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Scinax eurydice</i>	perereca	AFT1; AFT2; Mód 2; Mód 6	An; Fl; La; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Scinax fuscovarius</i>	perereca-de-banheiro	Mód 5	An	LC - IUCN			baixa	baixa
<i>Scinax juncae</i>	perereca	AFT2; AFT3; Mód 6	Bf; Cab; Cac; Fl; La; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Scinax similis</i>	raspa-cuia	Mód 6	La	LC - IUCN			média	média
<i>Scinax strigilatus</i>	perereca	AFT1; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Cab; Cac; Fl; Lf	DD - IUCN	EN - BA EN - MA		alta	média
<i>Scinax x-signatus</i>	raspa-cuia	AFT1; Mód 2; Mód 6	Bf; Cab; Lf	LC - IUCN			média	média

Nome Científico	Nome Popular	Área Amostral de Registro	Habitat	Status de Conservação	Endemismo/Rara	Demais atributos	Grau de sensibilidade	Grau de vulnerabilidade
<i>Sphaenorhynchus pauloalvini</i>	sapinho-limão	AFT3; Mód6	Cac; Lf	LC - IUCN	EN- MA		média	média
<i>Trachycephalus atlas</i>	perereca-grudenta	Mód 6	La; Lf	LC - IUCN	EN- MA		média	média
<i>Trachycephalus mesophaeus</i>	perereca-grudenta	AFT1; Mód 2; Mód 5; Mód 6	An; Cab; Fl; La; Lf	LC - IUCN	EN- MA		média	média
LEPTODACTYLIDAE								
<i>Leptodactylus fuscus</i>	rãzinha-assobiadora	AFT2	Bf; Lf	LC - IUCN			baixa	média
<i>Leptodactylus latrans</i>	rãzinha-do-folhiço	AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Bf; Cab; Cac; Fl; Lf	LC - IUCN		C	baixa	média
<i>Leptodactylus macrosternum</i>	caçote, jia	AFT1; AFT2; AFT3; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Bf; Cab; Fl; La; Lf	LC - IUCN		C	baixa	média
<i>Leptodactylus natalensis</i>	rãzinha-pingo-de-chuva	Mód 2	Fl	LC - IUCN	EN - MA		alta	média
<i>Leptodactylus spixii</i>	rãzinha-do-folhiço	AFT1; AFT3; Mód 2; Mód 5.; Mód 6	Cab; Cac; Fl; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Leptodactylus thomei</i>	rãzinha-do-folhiço	Mód 2	Fl	LC - IUCN	EN - MA		alta	baixa
<i>Physalaemus camacan</i>	rãzinha-do-folhiço	Mód 2	Fl; Lf	LC - IUCN	EN - BA EN - MA		alta	média
<i>Physalaemus cuvieri</i>	rãzinha-do-folhiço	AFT2; Mód 5; Mód 6	Cab; Fl; Lf	LC - IUCN			média	média
<i>Physalaemus erikae</i>	rãzinha-do-folhiço	Mód 5; Mód 6	Ca; Lf	LC - IUCN	EN - BA EN - MA		alta	média
<i>Physalaemus gr. signifer</i>	rãzinha-do-folhiço	AFT2; Mód 2; Mód 6	Fl; Lf	LC - IUCN	EN - MA		média	média
<i>Physalaemus kroyeri</i>	rãzinha-do-folhiço	AFT2; Mód 2; Mód 5; Mód 6	Bf; Cab; Fl; La; Lf	LC - IUCN			média	média
<i>Physalaemus sp.</i>	rãzinha-do-folhiço	Mód 5; Mód 6	Cab; Fl				média	média
MICROHYLIDAE								
<i>Chiasmocleis crucis</i>	rãzinha-da-mata	AFT3; Mód 6	Cab; Fl	DD - IUCN	EN- BA EN - MA		alta	alta
<i>Stereocyclops histrio</i>	rãzinha-do-folhiço	Mód 6	Fl	LC - IUCN	EN- BA EN - MA		alta	alta
<i>Stereocyclops incrassatus</i>	rãzinha-do-folhiço	AFT1; AFT3; Mód 5;	Cab; Fl	LC - IUCN	EN - MA		alta	média

Nome Científico	Nome Popular	Área Amostral de Registro	Habitat	Status de Conservação	Endemismo/Rara	Demais atributos	Grau de sensibilidade	Grau de vulnerabilidade
		Mód 6						
ODONTOPHRYNIDAE								
<i>Macrogenioglottus alipioi</i>	sapo-andarilho	AFT2; Mód 6	FI	LC - IUCN	EN - MA Rara		alta	alta
<i>Proceratophrys schirchi</i>	sapo-de-chifres	Mód 6	FI	LC - IUCN	EN – MA		média	média
PIPIDAE								
<i>Pipa carvalhoi</i>	sapo-pipa	Mód 6	Lf	LC - IUCN			média	média
ORDEM GYMNOPHIONA								
SIPHONOPIDAE								
<i>Siphonops annulatus</i>	cecília	AFT2; AFT3; Mód 6	Cab; CAc; FI; Lf	LC - IUCN			média	média

Não ocorreu diferença pronunciada na riqueza entre a estação chuvosa e a seca. Como a amostragem é restrita a uma área específica (sítios amostrais), ela está mais sujeita às condições climáticas (temperatura, pluviosidade) aos dias que antecedem a amostragem e durante os dias de coleta, do que propriamente da sazonalidade. Este fato contribui para o registro de espécies com reprodução explosiva (grande número de indivíduos em reprodução por curto período- poucos dias), associado a chuvas fortes como espécies da família Microhylidae e alguns gêneros da família Hylidae.

A curva acumulativa de espécies de anfíbios registradas, mostra, tanto para a Área de Estudos (FIGURA 6.2 - 72), quanto para os sítios AFT1, AFT2, AFT3 e Módulo 2, uma tendência à estabilização nos últimos dias de campanha (FIGURA 6.2 - 73 a FIGURA 6.2 - 78). Porém, segundo o estimador de riqueza, para todos os sítios, exceto o Módulo 5, o esforço amostral empregado ainda não foi suficiente para atingir a riqueza esperada para as áreas, inclusive a global.

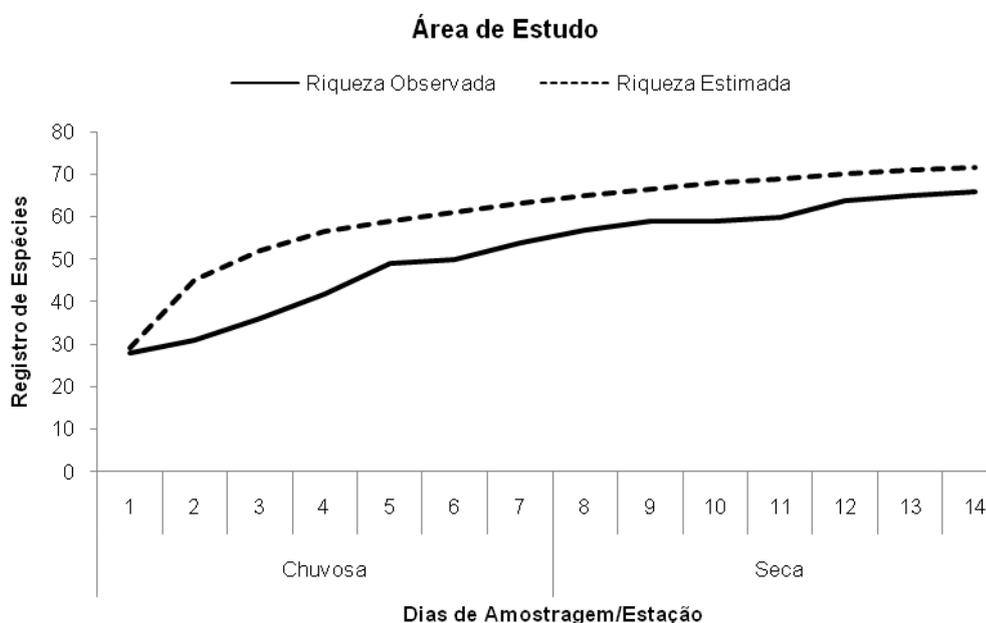


FIGURA 6.2 - 72 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

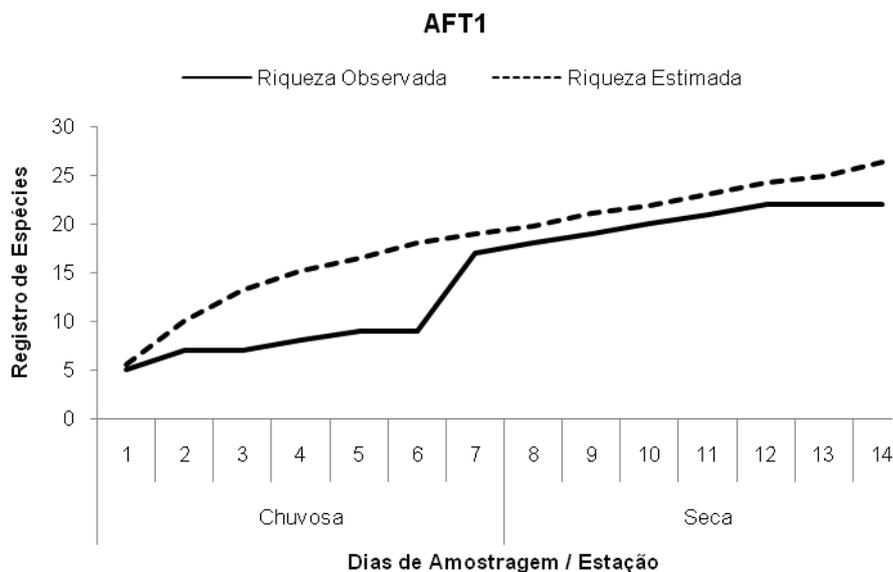


FIGURA 6.2 - 73 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS EM AFT1 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

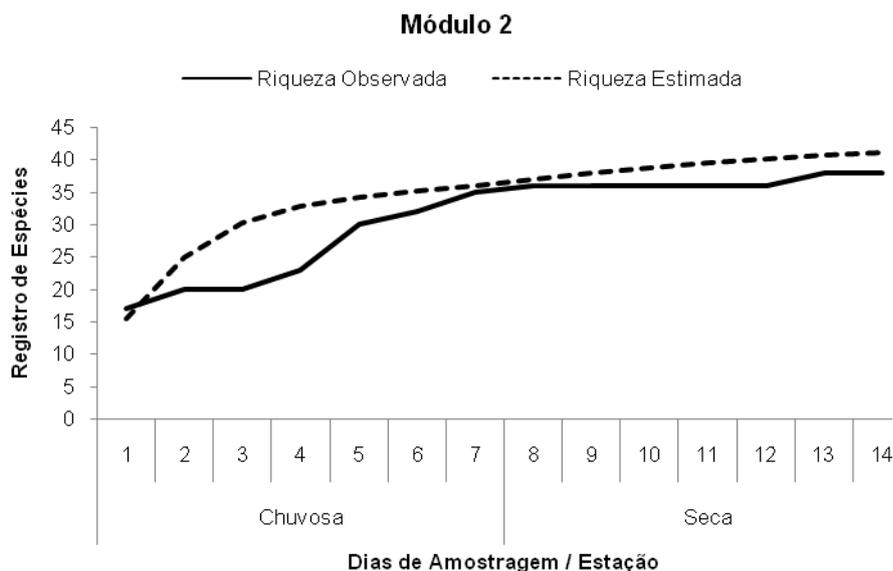


FIGURA 6.2 - 74 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS NO MÓDULO2 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

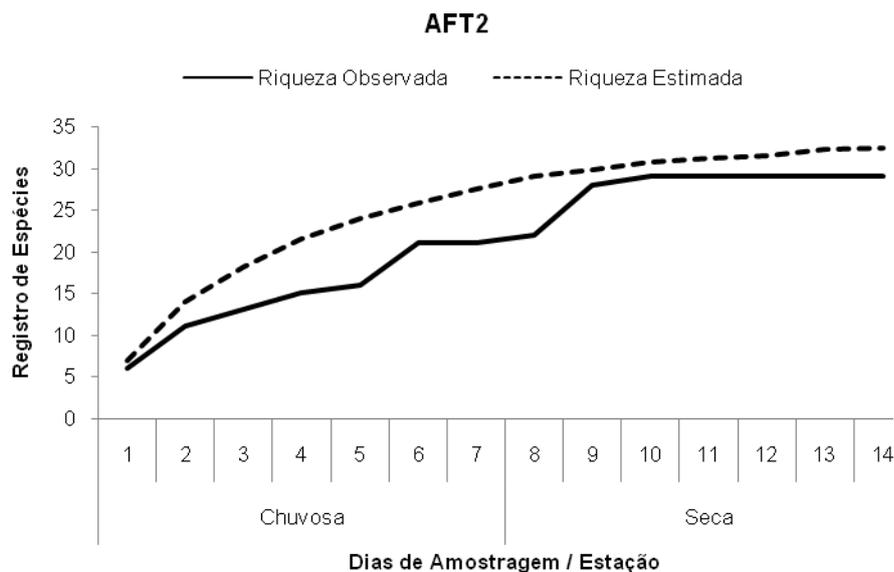


FIGURA 6.2 - 75 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS EM AFT2 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA

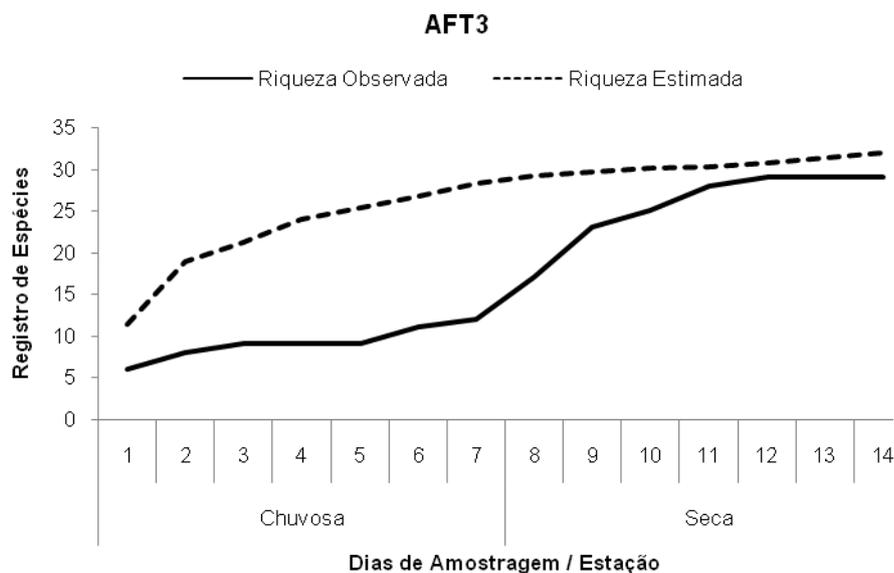


FIGURA 6.2 - 76 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS EM AFT3 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Módulo 5

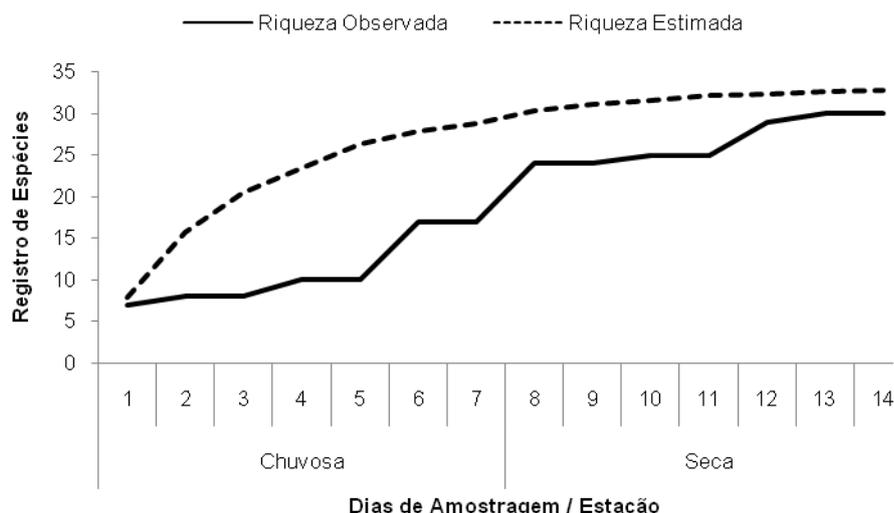


FIGURA 6.2 - 77 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS NO MÓDULO5 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DA CAMPANHA 1 DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Módulo 6

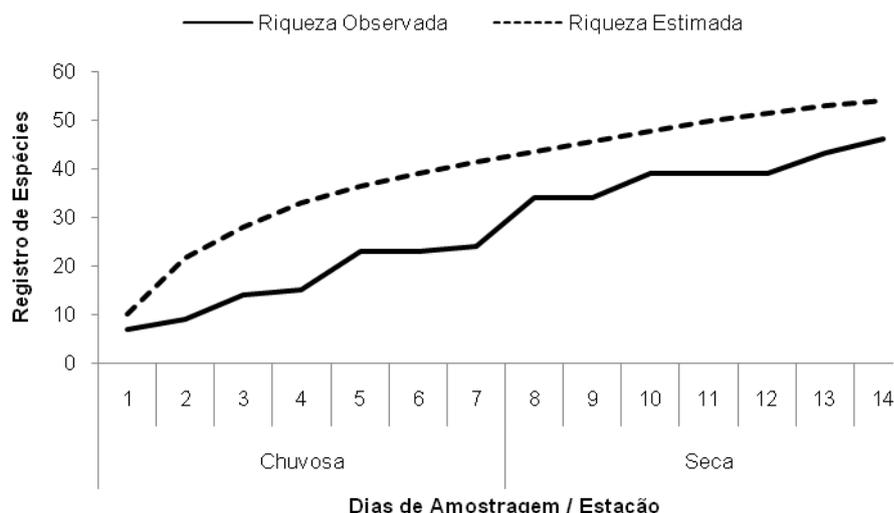


FIGURA 6.2 - 78 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS NO MÓDULO6 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

ABUNDÂNCIA

Durante as campanhas do EIA obteve-se 4537 registros, com maior abundância encontrada para a espécie *Dendropsophus branneri* (n=781, FIGURA 6.2 - 80), seguida de *D. elegans* (n=422, FIGURA 6.2 - 81) e *Hypsiboas semilineatus* (n=403, FIGURA 6.2 - 82). Somadas, as três espécies respondem por 35,4% dos registros totais. A FIGURA 6.2 - 79 mostra as espécies que obtiveram mais de 140 registros.

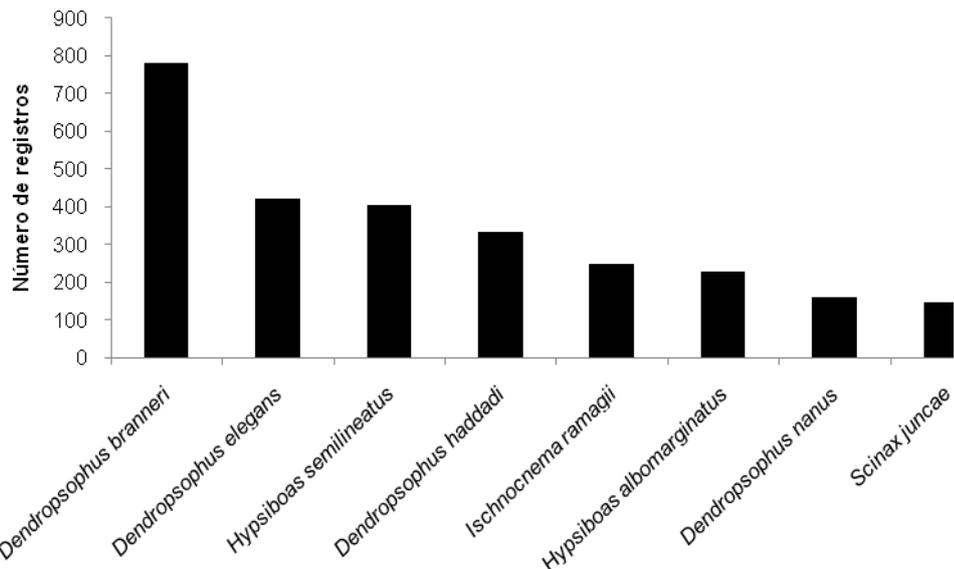


FIGURA 6.2 - 79 - ESPÉCIES DE ANFÍBIOS COM MAIS DE 140 REGISTROS NAS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.



FIGURA 6.2 - 80 - *DENDROPSOPHUS BRANNERI*.



FIGURA 6.2 - 81 - *DENDROPSOPHUS ELEGANS*.



FIGURA 6.2 - 82 - *HYSIBOAS SEMILINEATUS*.

A análise da abundância média registrada entre os sítios amostrados, aponta o Módulo 6 como o de maior abundância de anfíbios e AFT1 como o de menor abundância (FIGURA 6.2 - 83). Este resultado é fortemente influenciado pela presença de áreas úmidas no sítio, que favorecem a presença e registro de anfíbios.

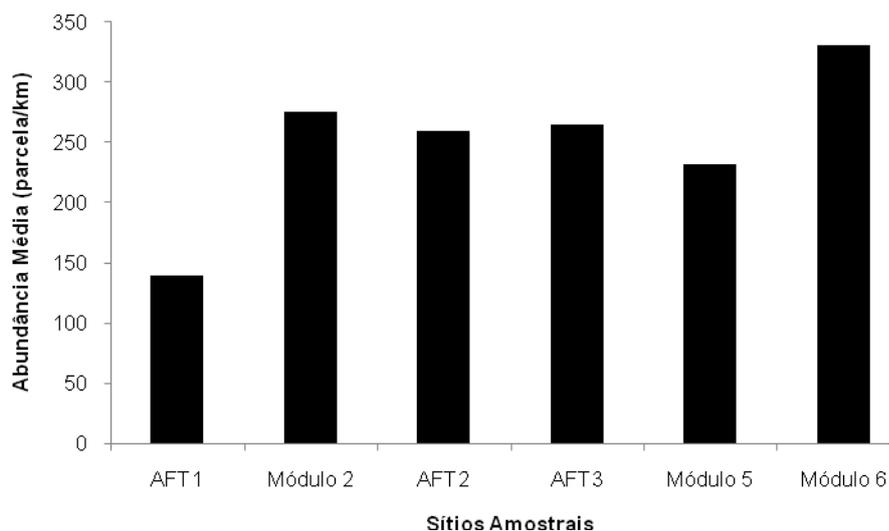


FIGURA 6.2 - 83 - ABUNDÂNCIA MÉDIA REGISTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRAIS.

A Tabela 6.2. 6 a seguir apresenta os resultados de abundância absoluta e relativa das espécies registradas em cada sítio amostral.

TABELA 6.2. 6- ABUNDÂNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DAS ESPÉCIES REGISTRADAS EM CADA SÍTIO AMOSTRAL NDO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Agalychnis aspera</i>	0	0	1	0,1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,02
<i>Allobates olfersioides</i>	0	0	7	0,6	10	1,9	0	0	0	0	0	0	17	0,37
<i>Chiasmocleis crucis</i>	0	0	0	0	0	0	1	0,1	0	0	2	0,2	3	0,07
<i>Dendropsophus anceps</i>	0	0	8	0,7	0	0	0	0	11	2,5	7	0,5	26	0,57
<i>Dendropsophus bipunctatus</i>	0	0	6	0,5	0	0	0	0	0	0	102	8,0	108	2,38
<i>Dendropsophus branneri</i>	2	1,4	88	8,0	59	11,3	238	22,4	67	15,3	327	25,6	781	17,21
<i>Dendropsophus decipiens</i>	0	0	43	3,9	12	2,3	53	5,0	28	6,4	3	0,2	139	3,06
<i>Dendropsophus elegans</i>	9	6,5	27	2,5	83	16,0	58	5,5	62	14,2	183	14,3	422	9,30
<i>Dendropsophus giesler</i>	0	0	103	9,4	0	0	0	0	5	1,1	0	0	108	2,38
<i>Dendropsophus haddadi</i>	0	0	159	14,4	0	0	18	1,7	6	1,4	151	11,8	334	7,36
<i>Dendropsophus meridianus</i>	0	0	0	0	13	2,5	8	0,8	17	3,9	13	1,0	51	1,12
<i>Dendropsophus minutus</i>	10	7,2	0	0	0	0	1	0,1	0	0	1	0,1	12	0,26
<i>Dendropsophus nanus</i>	10	7,2	0	0	105	20,2	0	0	10	2,3	35	2,7	160	3,53
<i>Dendropsophus novaisi</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10	0,8	10	0,22
<i>Dendropsophus seniculus</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,2	3	0,07
<i>Haddadus binotatus</i>	25	18,0	85	7,7	6	1,2	9	0,8	4	0,9	2	0,2	131	2,89
<i>Hypsiboas albomarginatus</i>	8	5,8	83	7,5	2	0,4	85	8,0	6	1,4	45	3,5	229	5,05
<i>Hypsiboas atlanticus</i>	0	0	21	1,9	34	6,5	0	0	0	0	0	0	55	1,21
<i>Hypsiboas crepitans</i>	11	7,9	11	1,0	11	2,1	43	4,1	0	0	17	1,3	93	2,05
<i>Hypsiboas faber</i>	0	0	8	0,7	3	0,6	7	0,7	14	3,2	4	0,3	36	0,79
<i>Hypsiboas pombali</i>	1	0,7	1	0,1	1	0,2	1	0,1	0	0	0	0	4	0,09
<i>Hypsiboas semilineatus</i>	1	0,7	19	1,7	39	7,5	258	24,3	27	6,2	59	4,6	403	8,88
<i>Ischnocnema bilineata</i>	0	0	9	0,8	0	0	0	0	0	0	0	0	9	0,20
<i>Ischnocnema parva</i>	1	0,7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,02
<i>Ischnocnema paulodutraii</i>	16	11,5	35	3,2	18	3,5	29	2,7	28	6,4	7	0,5	133	2,93
<i>Ischnocnema ramagii</i>	11	7,9	133	12,1	12	2,3	66	6,2	23	5,3	4	0,3	249	5,49

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Ischnocnema vinhai</i>	0	0	0	0	1	0,2	0	0	0	0	2	0,2	3	0,07
<i>Itapotihyla langsdorffii</i>	2	1,4	0	0	0	0	31	2,9	0	0	0	0	33	0,73
<i>Leptodactylus fuscus</i>	0	0	0	0	4	0,8	0	0	0	0	0	0	4	0,09
<i>Leptodactylus latrans</i>	0	0	1	0,1	6	1,2	3	0,3	5	1,1	3	0,2	18	0,40
<i>Leptodactylus macrosternum</i>	4	2,9	12	1,1	13	2,5	13	1,2	2	0,5	1	0,1	45	0,99
<i>Leptodactylus natalensis</i>	0	0	4	0,4	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0,09
<i>Leptodactylus spixii</i>	1	0,7	5	0,5	0	0	4	0,4	20	4,6	4	0,3	34	0,75
<i>Leptodactylus thomei</i>	0	0	1	0,1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,02
<i>Macrogenioglottus alipioi</i>	0	0	0	0	2	0,4	0	0	0	0	3	0,2	5	0,11
<i>Phyllodytes kautskyi</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,7	0	0	3	0,07
<i>Phyllodytes maculosos</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	14	3,2	0	0	14	0,31
<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	0	0	4	0,4	0	0	2	0,2	5	1,1	51	4,0	62	1,37
<i>Phyllomedusa nordestina</i>	1	0,7	1	0,1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,04
<i>Phyllomedusa rhodei</i>	0	0	17	1,5	0	0	0	0	0	0	0	0	17	0,37
<i>Physalaemus camacan</i>	0	0	2	0,2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,04
<i>Physalaemus cuvieri</i>	0	0	0	0	1	0,2	0	0	2	0,5	4	0,3	7	0,15
<i>Physalaemus erikae</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,2	1	0,1	2	0,04
<i>Physalaemus gr. signifer</i>	0	0	20	1,8	3	0,6	0	0	0	0	2	0,2	25	0,55
<i>Physalaemus kroyeri</i>	0	0	2	0,2	58	11,2	0	0	19	4,3	56	4,4	135	2,98
<i>Physalaemus sp.</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,2	1	0,1	2	0,04
<i>Pipa carvalhoi</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1	1	0,02
<i>Proceratophrys schirchi</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1	1	0,02
<i>Rhinella crucifer</i>	4	2,9	81	7,4	8	1,5	34	3,2	4	0,9	0	0	131	2,89
<i>Rhinella granulosa</i>	0	0	0	0	0	0	12	1,1	1	0,2	0	0	13	0,29
<i>Rhinella hoogmoedi</i>	1	0,7	45	4,1	3	0,6	6	0,6	5	1,1	3	0,2	63	1,39
<i>Rhinella jimi</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1	1	0,02
<i>Scinax argyreornatus</i>	0	0	14	1,3	3	0,6	0	0	0	0	5	0,4	22	0,48
<i>Scinax auratus</i>	0	0	1	0,1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,02

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Scinax cuspidatus</i>	0	0	0	0	0	0	2	0,2	0	0	0	0	2	0,04
<i>Scinax eurydice</i>	0	0	7	0,6	2	0,4	0	0	0	0	18	1,4	27	0,60
<i>Scinax juncae</i>	0	0	0	0	6	1,2	33	3,1	0	0	106	8,3	145	3,20
<i>Scinax similis</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,2	2	0,04
<i>Scinax strigilatus</i>	2	1,4	3	0,3	0	0	43	4,1	15	3,4	3	0,2	66	1,45
<i>Scinax x-signatus</i>	16	11,5	32	2,9	0	0	0	0	0	0	8	0,6	56	1,23
<i>Siphonops annulatus</i>	0	0	0	0	2	0,4	1	0,1	0	0	4	0,3	7	0,15
<i>Sphaenorhynchus pauloalvini</i>	0	0	0	0	0	0	1	0,1	0	0	1	0,1	2	0,04
<i>Stereocyclops histrio</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,1	1	0,02
<i>Stereocyclops incrassatus</i>	1	0,7	0	0	0	0	1	0,1	32	7,3	18	1,4	52	1,15
<i>Trachycephalus atlas</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,2	2	0,04
<i>Trachycephalus mesophaeus</i>	2	1,4	2	0,2	0	0	0	0	1	0,2	1	0,1	6	0,13
Total geral	139		1101		520		1061		438		1278		4537	

COMPOSIÇÃO

A análise de similaridade de Bray-Curtis, levando em consideração a presença/ausência de espécies e suas abundâncias, demonstrou baixa similaridade entre as áreas amostradas, com tendência ao agrupamento, como mais similares, de áreas que tiveram um mesmo esforço amostral (FIGURA 6.2 - 84). Neste sentido, as áreas Módulo 5 e AFT2, que possuem um transecto principal de 2 km e duas parcelas, foram as mais similares (53,4%), ao passo que AFT1, a única área que possui um transecto de apenas 1 km, apresenta uma similaridade média de apenas 18% em relação às demais. As áreas do Módulo 5 e AFT2, são os sítios onde sua maior parte é composta de cabruca e cacaual, com o registro de muitas espécies generalistas e típicas de áreas abertas ou pouco exigentes como as espécies do gênero *Dendropsophus*, ricamente registrado nestes sítios.

Contribuíram para a baixa similaridade entre as áreas, a presença abundante de algumas espécies, exclusivamente em um ou dois sítios e sua ausência nos demais, como por exemplo: *Dendropsophus giesler*, registrada no Módulo 2 e Módulo 5 e *D. bipunctatus* registrada nos Módulos 2 e Módulo 6.

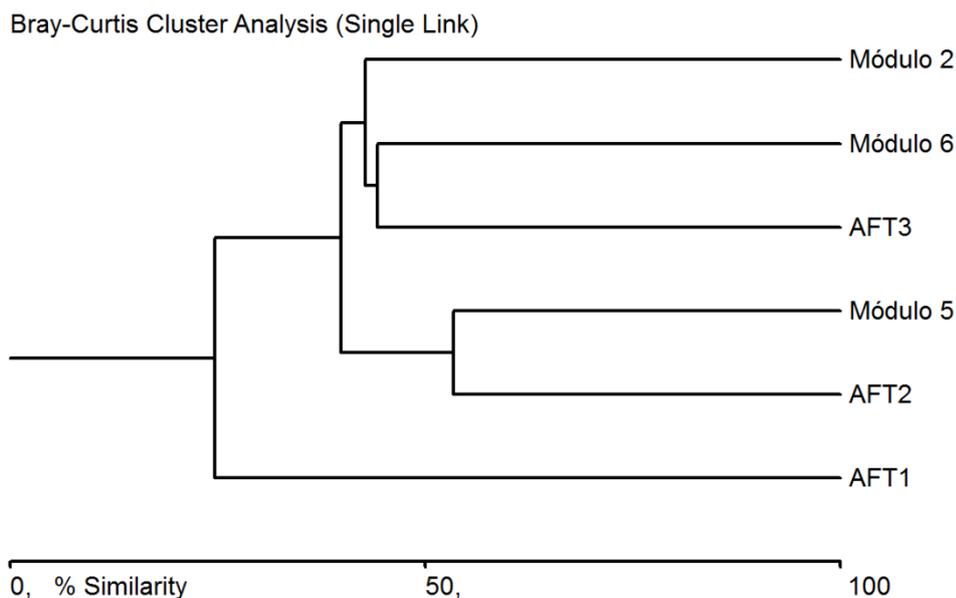


FIGURA 6.2 - 84 - SIMILARIDADE ENTRE OS SÍTIOS AMOSTRAIS DO ESTUDO PARA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

A diversidade global obtida foi de $H' = 3,16$, porém a equitabilidade calculada foi baixa ($J' = 0,75$), influenciada pela grande diferença nos valores de abundância entre as espécies registradas. Apenas sete das 66 espécies registradas respondem por 56% dos registros, com destaque para *Dendropsophus branneri* (16,9%). Em contrapartida, sete espécies apresentaram apenas um registro durante todo o período amostral, contribuindo com apenas 0,15% dos registros totais.

A maior diversidade de espécies foi observada no Módulo 5 ($H' = 2,89$), assim como a maior equitabilidade ($J' = 0,85$), evidenciando uma maior uniformidade entre os registros. As

demais áreas apresentaram valores semelhantes, com exceção de AFT3, que apresenta a menor diversidade ($H'=2,45$) e baixa equitabilidade ($J'=0,72$) (FIGURA 6.2 - 85).

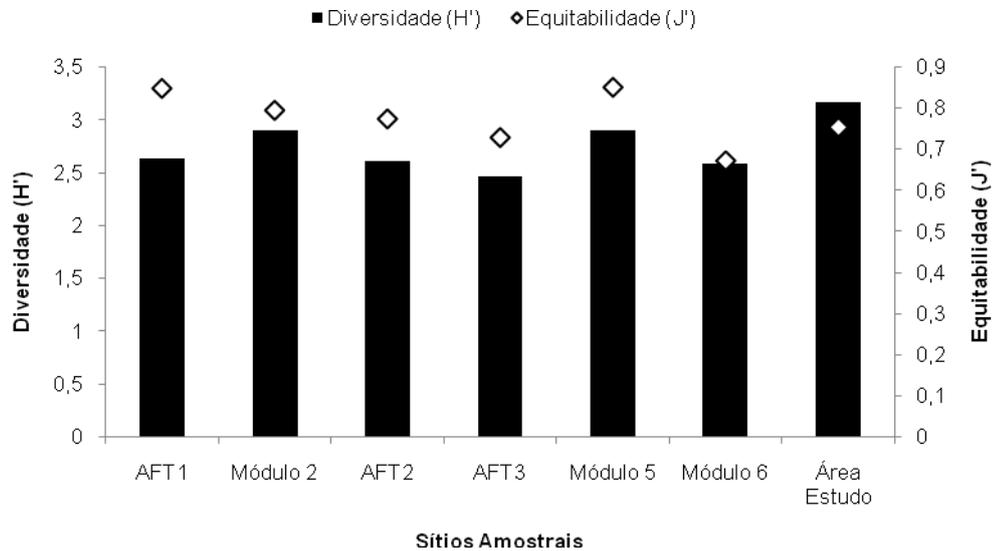


FIGURA 6.2 - 85 - DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE OBTIDAS PARA OS SÍTIOS E AMOSTRADOS E NO ACUMULADO DAS ÁREAS.

Nota-se que a maioria das espécies de anfíbios foi registrada em lagoas na borda florestal dos sítios, em especial espécies da família Hylidae, porém 44 espécies foram observadas em áreas florestais nos sítios amostrados (FIGURA 6.2 - 86). Salienta-se que uma espécie pode ter sido registrada em mais de um habitat.

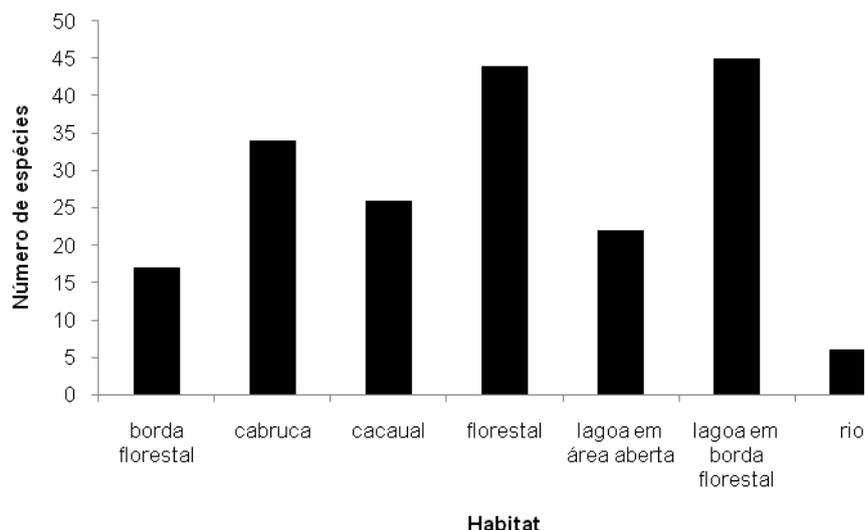


FIGURA 6.2 - 86 - ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADOS NOS DIFERENTES TIPOS DE HABITATS NOS SÍTIOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

REGISTROS FOTOGRÁFICOS



FIGURA 6.2 - 87 - *HYPSIBOAS CREPITANS*



FIGURA 6.2 - 88 - *HYPSIBOAS FABER*



FIGURA 6.2 - 89 - *LEPTODACTYLUS NATALENSIS*



FIGURA 6.2 - 90 - *LEPTODACTYLUS SPIXII*



FIGURA 6.2 - 91 - *PIPA CARVALHOI*



FIGURA 6.2 - 92 - *PROCERATOPHRYSSCHIRCHI*



FIGURA 6.2 - 93 - *CHIASMOCLEIS CRUCIS*



FIGURA 6.2 - 94 - *ALLOBATES OLFERSOIDES*



FIGURA 6.2 - 95 - *DENDROPSOPHUS NOVAISI*



FIGURA 6.2 - 96 - *HYOPHRYNE HISTRIO*



FIGURA 6.2 - 97 - *HYPISIBOAS ATLANTICUS*



FIGURA 6.2 - 98 - *HYPISIBOAS POMBALI*



FIGURA 6.2 - 99 - *ISCHNOCNEMA BILINEATA*



FIGURA 6.2 - 100 - *ISCHNOCNEMA PAULODUTRAI*

(ii) Répteis

RIQUEZA

Foi registrado, na área de estudo para a duplicação da Rodovia BR-101/BA, um total de 41 espécies de répteis distribuídas em 20 famílias, o que equivale a apenas 33,8% da riqueza de espécies com ocorrência esperada para a área (n=121). Dentre as espécies registradas, dez são endêmicas do Bioma Mata Atlântica, e destas, duas são endêmicas do Estado da Bahia. Para análises e construção das curvas de acumulação de espécies registradas não foram utilizados os registros obtidos somente por encontros ocasionais (sete espécies).

Os sítios com as maiores riquezas absolutas encontradas foram os módulos 2 e 6 com 25 e 15 espécies registradas, respectivamente. Estes são os módulos com a vegetação nativa em melhores condições de preservação e de regeneração, e uma maior riqueza de espécies nestes locais era esperada.

A riqueza média apresenta-se pouco similar entre os sítios com uma diferença de cinco espécies entre o de maior valor (AFT1) e o menor (Módulo 5) (FIGURA 6.2 - 101). No caso da baixa média no Módulo 5, essa possivelmente reflete a menor diversidade de ambientes disponíveis para a fauna de répteis no local, visto que esse módulo não possui muitos representantes da flora nativa.

Entretanto, chama a atenção os baixos valores médios obtidos no AFT3. Este é um sítio que contém cabucas e lavouras de cacau bastante ativas e vizinhas a comunidades de sem-terras e por isso, sujeita a trânsito de pessoas e animais de carga, assim como interferências no ambiente. Outro fator possível é o fato de que o sítio tem uma inclinação média de 45° com trechos de difícil acesso, o que diminui a capacidade de detecção por parte do amostrador nestes pontos.

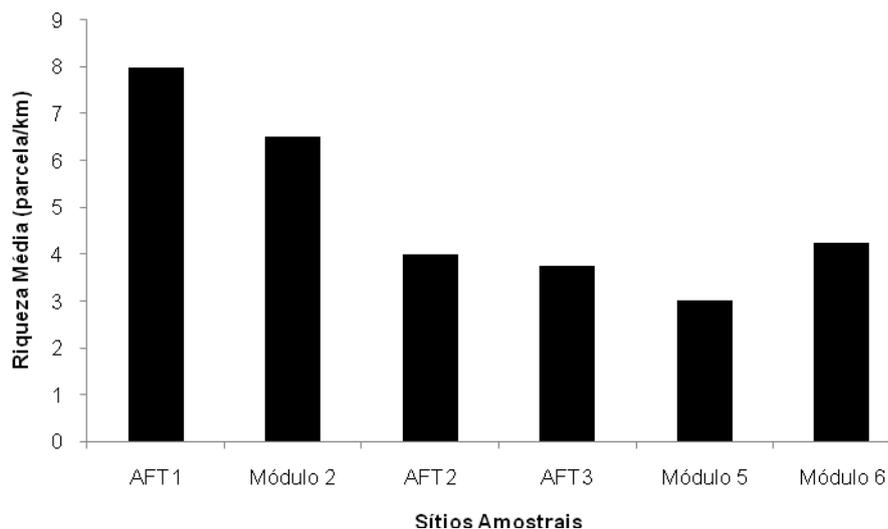


FIGURA 6.2 - 101 - RIQUEZA MÉDIA DE RÉPTEIS REGISTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRADOS.

A QUADRO 6.2 - 7 apresenta o nome das espécies, seguido dos nomes populares e da área de amostragem onde foram registradas e habitat em que as espécies foram encontradas. O mesmo quadro também indica as espécies ameaçadas de extinção segundo as listas oficiais do Brasil (IBAMA, 2003) e mundial da IUCN (IUCN, 2014), espécies endêmicas, cinegéticas, de interesse médico e o grau de sensibilidade e vulnerabilidade das mesmas com a intervenção ou influência do empreendimento.

QUADRO 6.2 - 7-RÉPTEIS REGISTRADOS NA ÁREA DE ESTUDO DO EMPREENDIMENTO. LEGENDA: DESCRIÇÃO DO HABITAT: BF = BORDA FLORESTAL; FL = FLORESTAL; ANT = ANTROPIZADO; CAM = CAMPO; CAC = CACAUAL; CAB = CABRUCÁ. STATUS DE CONSERVAÇÃO: AMEAÇADOS SEGUNDO IUCN - INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE, SEGUNDO A CATEGORIA: LC = POUCO PREOCUPANTE - LEAST CONCERN; NT = QUASE AMEAÇADA - NEAR THREATENED ENDÊMICA: BA = BAHIA; MA = MATA ATLÂNTICA.

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL DE REGISTRO	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDEMISMO/RARA	DEMAIS ATRIBUTOS	GRAU DE SENSIBILIDADE	GRAU DE VULNERABILIDADE
AMPHISBAENIDAE								
<i>Leposternon cf. wuchereri</i>	cobra-de-duas-cabeças	Mod6	FI		EN-MA		baixa	média
BOIDAE								
<i>Epicrates cenchria</i>	salamanta	AFT1, Mod2	Bf,Ant		não		média	média
COLUBRIDAE								
<i>Chironius cf. exoletus</i>	cobra-cipó	AFT1,AFT2	Cab,Cac		não		alta	alta
<i>Chironius fuscus</i>	cobra cipó	Mod6	FI		não		alta	alta
<i>Chironius laevicollis</i>	caninana	Mod2	Ant		EN-MA		alta	alta
<i>Chironius sp.</i>	Espia-caminho	AFT2, Mod6	Cab,FI					
<i>Dendrophidion atlantica</i>	Espia-caminho	Mod6	FI		EN-MA		média	média
<i>Spilotes pullatus</i>	caninana	Mod2	Ant		Não		média	média
DACTYLOIDAE								
<i>Norops fuscoauratus</i>	labrigó-marrom	AFT3, Mod2, Mod6	Cac,FI	LC	Não		média	média
<i>Dactyloa punctata</i>	lagarto	AFT1, AFT2, Mod2, Mod6	Cac,FI	LC	não		média	média
DIPSADIDAE								
<i>Atractus guentheri</i>	cobra	Mod6	FI		EN-BA EN-MA		média	média
<i>Dipsas catesbyi</i>	cobra	Mod2	FI	LC	não		alta	alta
<i>Dipsas variegata</i>	come-lesma	AFT1, AFT3, Mod5, Mod6	Cab,Cac,FI		EN-MA		média	média
<i>Elapomorphus wuchereri</i>	cabeça-preta	AFT3	Ant,FI		EN-MA		alta	média

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL DE REGISTRO	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDEMISSMO/RARA	DEMAIS ATRIBUTOS	GRAU DE SENSIBILIDADE	GRAU DE VULNERABILIDADE
<i>Erythrolamprus miliaris</i>	cobra-d'água	Mod2, Mod5	Cam,FI		não		alta	alta
<i>Erythrolamprus reginae</i>	cobra-d'água	Mod2, Mod5	FI	LC	Não		alta	alta
<i>Leptodeira annulata</i>	cobra	Mod6	Cam		Não		baixa	baixa
<i>Oxyrhopus petola</i>	falsa-coral	AFT1	Cab		não		média	média
<i>Philodryas olfersii</i>	cobra-verde	AFT1, Mod2	Ant,Cab		não	peçonhenta	alta	alta
<i>Pseudoboa nigra</i>	cobra-espada	Mod6	Ant		não		média	média
<i>Sibynomorphus neuwied</i>	dormideira	Mod2	Bf		EN-MA		alta	alta
<i>Siphlophis compressus</i>	falsa-coral	Mod2	FI	LC	Não		média	média
<i>Xenopholis scalaris</i>	cobrinha	AFT2, AFT3, Mod2	Cab,Cac,FI	LC	não		média	média
GEKKONIDAE								
<i>Hemidactylus mabouia</i>	lagartixa-de-parede	Mod5	Ant		não		baixa	baixa
GYMNOPHTALMIDAE								
<i>Leposoma annectans</i>	Lagartinho	AFT3, Mod2	Cac,FI		EN-BA EN-MA		alta	alta
<i>Leposoma scincoides</i>	Lagartinho	AFT3, Mod2, Mod6	Cac,FI		EN-MA		alta	média
LEIOSAURIDAE								
<i>Enyalius catenatus</i>	papa-vento	AFT3, Mod2, Mod5, Mod6	Ant,Cab,Cac,FI	LC	EN-MA		média	média
MABUYDAE								
<i>Copeoglossum nigropunctatum</i>	calango	AFT2	Cab		não		média	média
<i>Psychosaura macrorhyncha</i>	calango	AFT2	Cab		EN-MA		média	média
PHYLLODACTYLIDAE								
<i>Gymnodactylus darwini</i>	lagartixa	AFT3, Mod2,	FI	LC	EN-MA		alta	baixa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL DE REGISTRO	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	ENDESMISMO/RARA	DEMAIS ATRIBUTOS	GRAU DE SENSIBILIDADE	GRAU DE VULNERABILIDADE
		Mod5						
<i>Phyllopezus lutzae</i>	lagartixa	AFT1	Cab		EN-MA		média	média
POLYCHROTIDAE								
<i>Polychrus marmoratus</i>	camaleão	AFT3, Mod2	Cab,FI		Não		média	média
SPHAERODACTYLIDAE								
<i>Coleodactylus meridionalis</i>	Lagartinho	AFT2, Mod2	Cac,FI		Não		alta	baixa
TEIIDAE								
<i>Ameiva ameiva</i>	calango	Mod2	Ant		Não		média	baixa
<i>Kentropyx calcarata</i>	Calanguinho	Mod2	FI		Não		média	média
<i>Salvator merianae</i>	teiu	AFT2, Mod2	Bf,Cab,FI	LC	não		média	baixa
TROPIDURIDAE								
<i>Strobilurus torquatus</i>	calango	AFT2, Mod2	Bf		não		alta	média
<i>Tropidurus torquatus</i>	calango	AFT1, AFT2, AFT3, Mod2, Mod5, Mod6	Cab,Cac, Cam,FI	LC	não		média	média
TYPHLOPIDAE								
<i>Typhlops brongersmianus</i>	cobra-cega	AFT2, Mod2	FI		Não		alta	baixa
VIPERIDAE								
<i>Bothrops jararaca</i>	jararaca	Mod2, Mod6	FI		não	peçonhenta	alta	alta
ORDEM TESTUDINATA								
CHELIDAE								
<i>Acanthochelys radiolata</i>	cágado-pescoço-de-cobra	Mod6	FI	LR/NT	não		alta	alta

A seguir estão apresentadas as curvas de acumulação de espécies registradas nos módulos amostrados. Observa-se pela curva global que a sazonalidade não teve uma influência determinante na riqueza obtida (FIGURA 6.2 - 102). As curvas mais abruptas observadas nos sítios AFT2 (FIGURA 6.2 - 105) e Módulo 5 (FIGURA 6.2 - 107), de uma estação para a outra, devem resultar da falta de condições meteorológicas locais mais propícias para a atividade dos répteis durante os dias amostrados nestes sítios durante a estação chuvosa.

Visto que a amostragem é realizada somente nos sítios amostrais, estes locais estão sob influência de fatores ambientais (temperatura, pluviosidade, luminosidade) nos dias que antecedem e durante a amostragem, que são únicos para cada sítio. A importância destes fatores locais e temporais, exclusivos de cada módulo, em relação a uma possível relação com a sazonalidade, nos sítios AFT2 e Módulo 5, podem ser visualizada na curva do sítio AFT3 (FIGURA 6.2 - 106).

Tanto para os sítios amostrais quanto para a soma dos sítios, as curvas do coletor não apresentaram tendência à estabilização (FIGURA 6.2 - 102 a FIGURA 6.2 - 108).

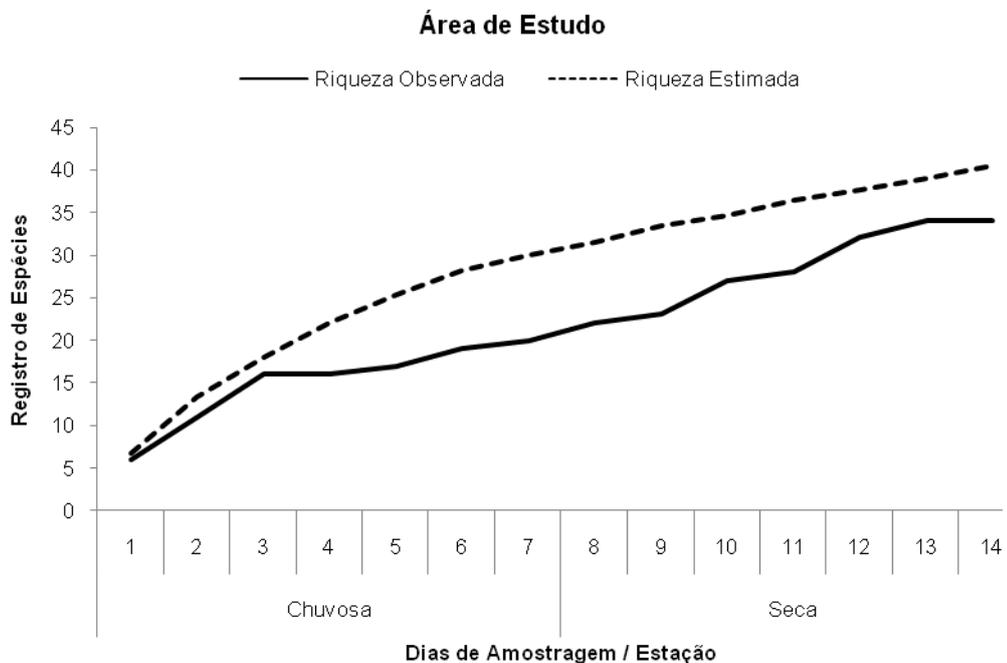


FIGURA 6.2 - 102 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS NAS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

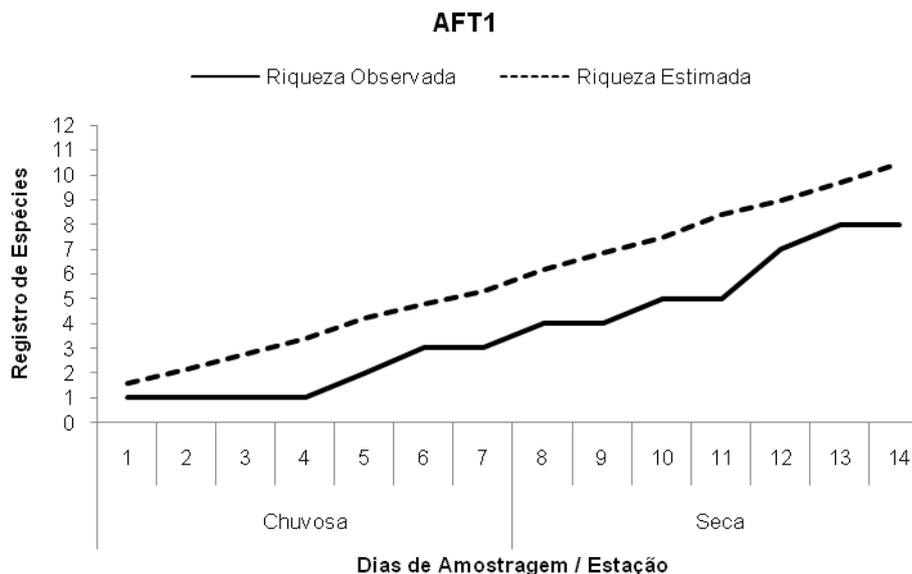


FIGURA 6.2 - 103 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO SÍTIO AFT1 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

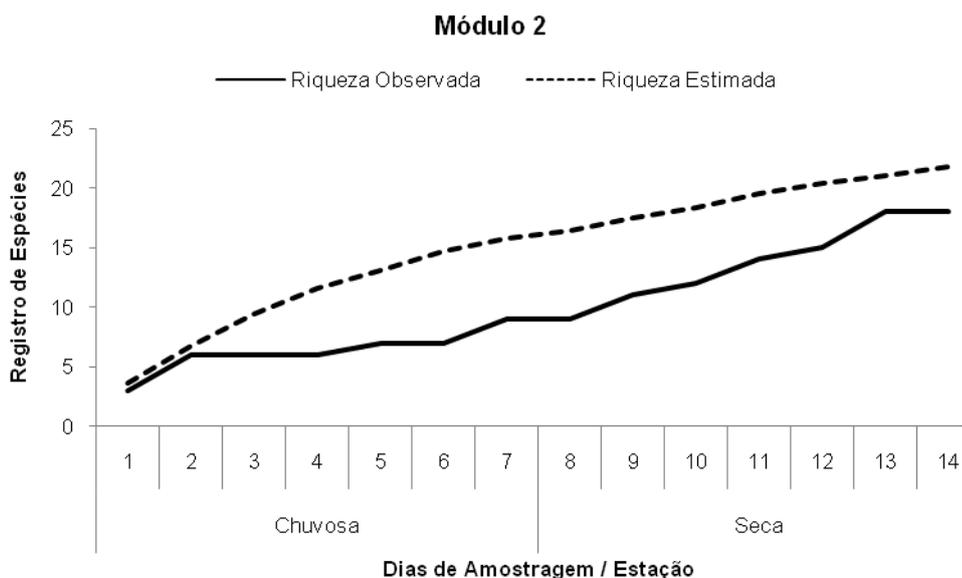


FIGURA 6.2 - 104 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO MÓDULO 2 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

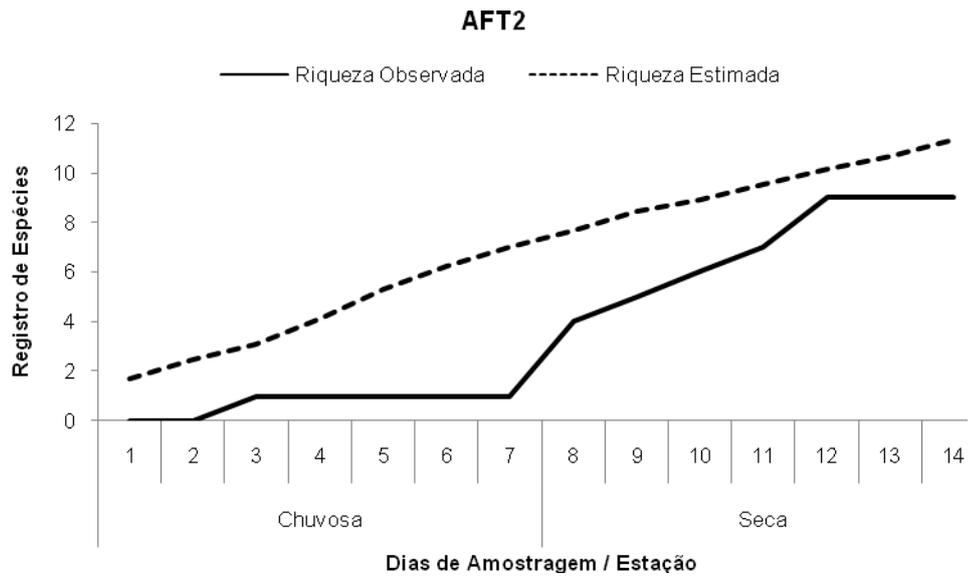


FIGURA 6.2 - 105 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO SÍTIO AFT2 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

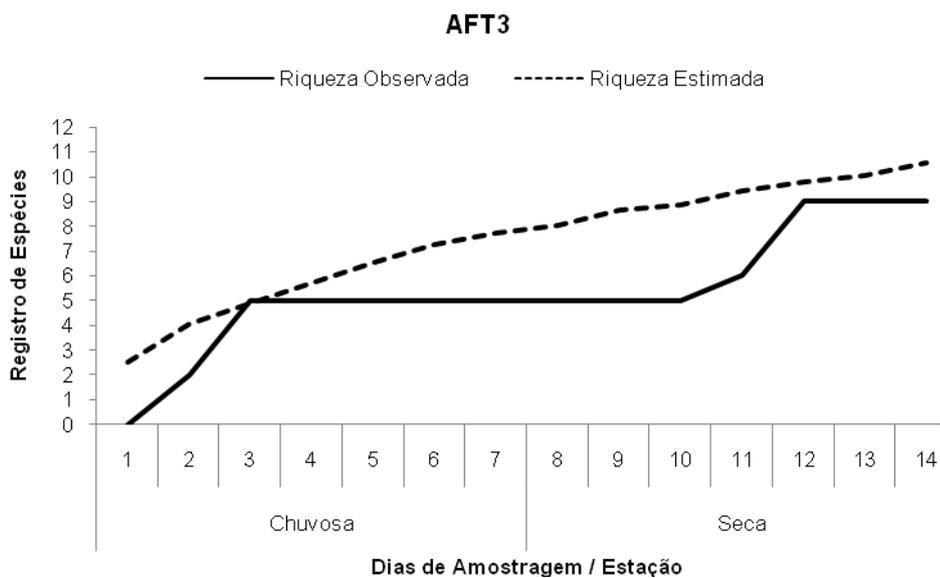


FIGURA 6.2 - 106 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO SÍTIO AFT3 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

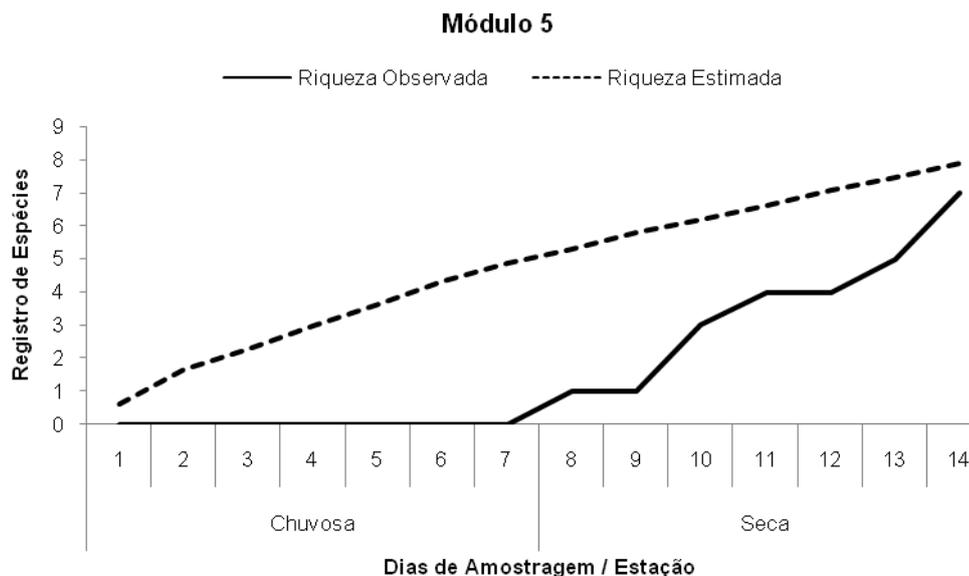


FIGURA 6.2 - 107 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO MÓDULO 5 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

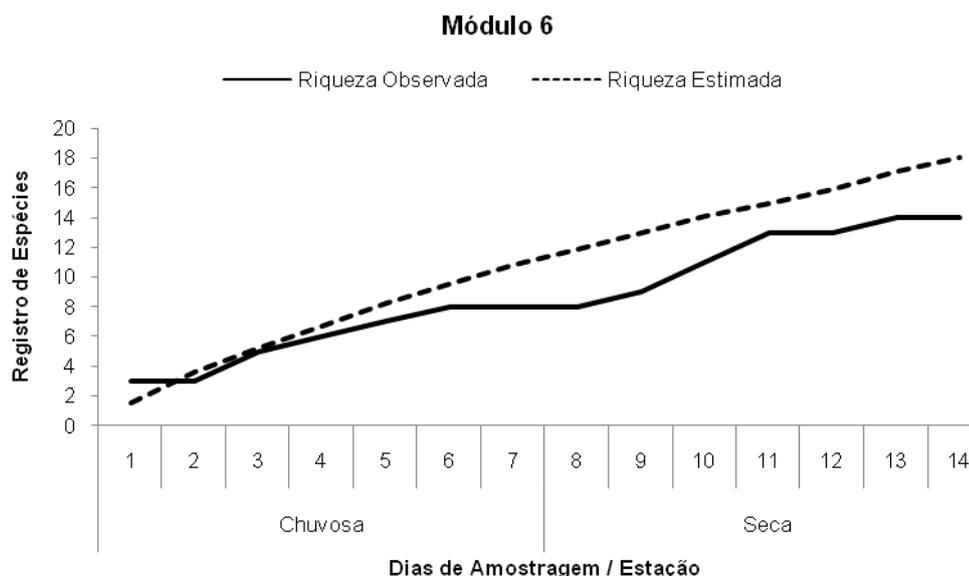


FIGURA 6.2 - 108 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS NO MÓDULO 6 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

ABUNDÂNCIA

Foi obtido um total de 134 registros de répteis na área do empreendimento. Deste total, 113 registros de répteis são resultantes das somas dos sítios amostrados, enquanto que os 21 restantes são resultado de encontros ocasionais e não serão contabilizados para os cálculos de abundância.

A espécie mais abundante foi o lagarto *Enyalius catenatus* (n=26), seguido por *Gymnodactylus darwinii* (n=12) e *Leposoma scincoides* com 11 registros, o que os tornam

responsáveis por 40,7% dos registros totais (FIGURA 6.2 - 109). Das 34 espécies registradas, 16 tiveram apenas um indivíduo registrado.

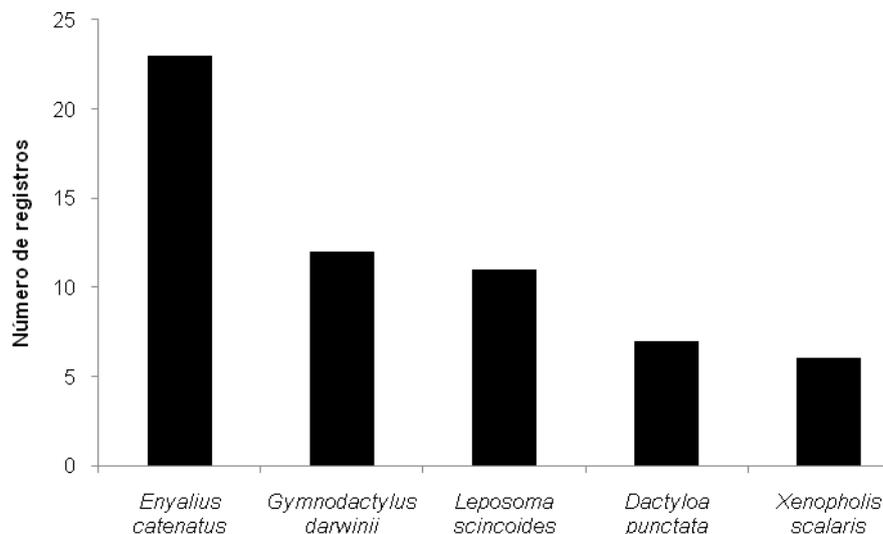


FIGURA 6.2 - 109 - ESPÉCIES MAIS ABUNDANTES NAS AMOSTRAGENS.

Os valores das abundâncias médias dos sítios amostrais varia em seis registros entre os que apresentaram o maior e menor valor (FIGURA 6.2 - 110). Os valores mais altos dos AFT3, Módulo 2 e Módulo 5 foram influenciados pela presença das três espécies mais abundantes citadas acima.

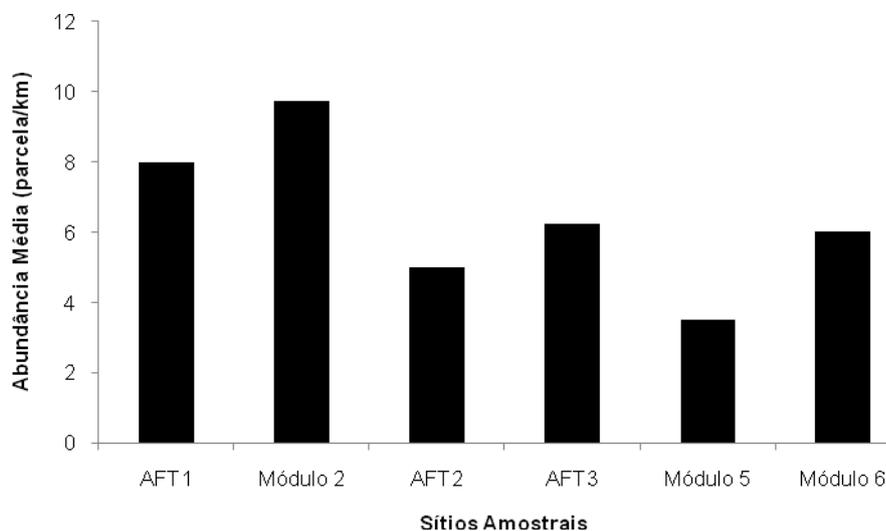


FIGURA 6.2 - 110 - ABUNDÂNCIA MÉDIA POR PARCELA AMOSTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRALIS.

TABELA 6.2. 7- ABUNDÂNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS EM CADA SÍTIO AMOSTRADO E NO SOMATÓRIO DAS ÁREAS.

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Acanthochelys radiolata</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4,2	1	0,9
<i>Amphisbaena cf. wuchereri</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4,2	1	0,9
<i>Atractus guentheri</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	8,3	2	1,8
<i>Bothrops jararaca</i>	0	0	1	2,6	0	0	0	0	0	0	1	4,2	2	1,8
<i>Chironius cf. exoletus</i>	1	12,5	0	0	1	10	0	0	0	0	0	0	2	1,8
<i>Chironius fuscus</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4,2	1	0,9
<i>Chironius sp.</i>	0	0	0	0	1	10	0	0	0	0	1	4,2	2	1,8
<i>Coleodactylus meridionalis</i>	0	0	3	7,7	1	10	0	0	0	0	0	0	4	3,5
<i>Copeoglossum nigropunctatum</i>	0	0	0	0	1	10	0	0	0	0	0	0	1	0,9
<i>Dactyloa punctata</i>	1	12,5	5	12,8	0	0	0	0	0	0	1	4,2	7	6,2
<i>Dendrophidion atlantica</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4,2	1	0,9
<i>Dipsas catesbyi</i>	0	0	1	2,6	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,9
<i>Dipsas variegata</i>	1	12,5	0	0	0	0	1	4	1	14,3	1	4,2	4	3,5
<i>Elapomorphus wuchereri</i>	0	0	0	0	0	0	1	4	0	0	0	0	1	0,9
<i>Enyalius catenatus</i>	0	0	7	17,9	0	0	7	28	1	14,3	8	33,3	23	20,4
<i>Epicrates cenchria</i>	1	12,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,9
<i>Erythrolamprus miliaris</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	1	14,3	0	0	1	0,9
<i>Erythrolamprus reginae</i>	0	0	2	5,1	0	0	0	0	2	28,6	0	0	4	3,5
<i>Gymnodactylus darwini</i>	0	0	6	15,4	0	0	5	20	1	14,3	0	0	12	10,6
<i>Kentropyx calcarata</i>	0	0	1	2,6	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,9
<i>Leposoma annectans</i>	0	0	1	2,6	0	0	1	4	0	0	0	0	2	1,8
<i>Leposoma scincoides</i>	0	0	1	2,6	0	0	7	28	0	0	3	12,5	11	9,7
<i>Leptodeira annulata</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4,2	1	0,9
<i>Norops fuscoauratus</i>	0	0	2	5,1	0	0	1	4	0	0	1	4,2	4	3,5
<i>Oxyrhopus petola</i>	1	12,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,9
<i>Philodryas olfersii</i>	1	12,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,9
<i>Phyllopezuz lutzae</i>	1	12,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,9

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Polychrus marmoratus</i>	0	0	1	2,6	0	0	1	4	0	0	0	0	2	1,8
<i>Psychosaura macrorhyncha</i>	0	0	0	0	1	10	0	0	0	0	0	0	1	0,9
<i>Salvator merianae</i>	0	0	2	5,1	2	20	0	0	0	0	0	0	4	3,5
<i>Siphlophis compressus</i>	0	0	1	2,6	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,9
<i>Tropidurus torquatus</i>	1	12,5	1	2,6	0	0	0	0	1	14,3	1	4,2	4	3,5
<i>Typhlops brongersmianus</i>	0	0	2	5,1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1,8
<i>Xenopholis scalaris</i>	0	0	2	5,1	3	30	1	4	0	0	0	0	6	5,3
Total Geral	8		39		10		25		7		24		113	

COMPOSIÇÃO

A diversidade total obtida no estudo foi $H'=3,0$, positivamente influenciada por uma significativa equitabilidade entre as abundâncias ($J'=0,85$). A diversidade registrada nos sítios amostrais foi, em geral, baixa, com destaque para o AFT3 que mesmo sendo um dos maiores sítios amostrados, apresentou uma das menores diversidades no estudo: $H'=1,8$; $J'=0,82$ (FIGURA 6.2 - 111).

Como informado anteriormente, três espécies foram responsáveis por 40,7% dos registros, enquanto 16 tiveram apenas um indivíduo registrado durante todo o período amostral, contribuindo com apenas 14,2% dos registros totais.

A maior diversidade de espécies foi observada no Módulo 2 ($H'=2,57$), já as maiores equitabilidades ($J'=1,00$ e $J'=0,97$) foram encontradas nos sítios AFT1 e módulo 5, que são dois dos três sítios de menor diversidade calculadas, evidenciando uma grande uniformidade entre seus registros.

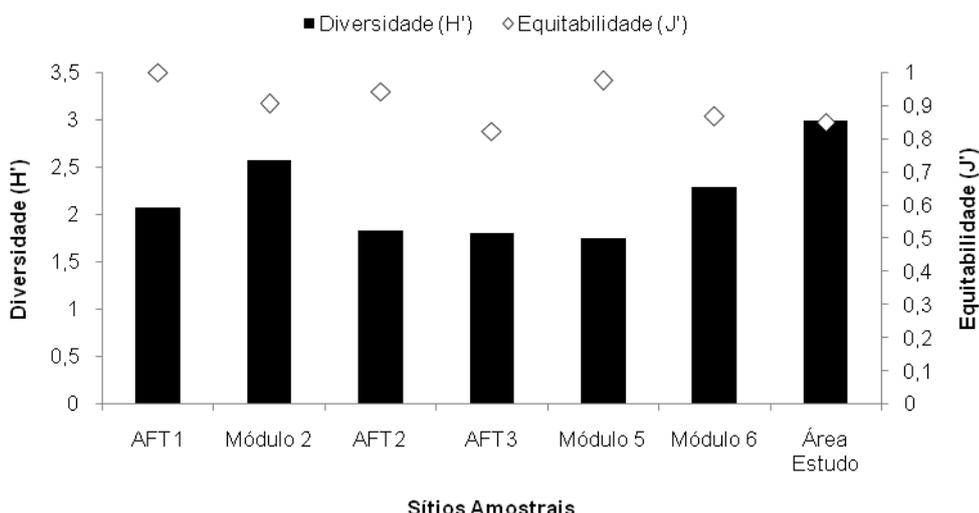


FIGURA 6.2 - 111 - DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE REGISTRADAS NOS MÓDULOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Através da análise de similaridade de Bray-Curtis, é possível verificar-se uma baixa similaridade entre as áreas amostradas, com tendência ao agrupamento dos sítios que tiveram um mesmo esforço amostral (FIGURA 6.2 - 112). Dessa maneira, os Módulos 2 e 6 e AFT3, que possuem dois transectos principais de 2 km e quatro parcelas, foram os mais similares entre si (cerca de 50%). Já o sítio AFT2 apresenta a menor similaridade com os demais (8,6%, em média) em razão da baixa riqueza, composta por espécies pouco comuns nas amostragens.

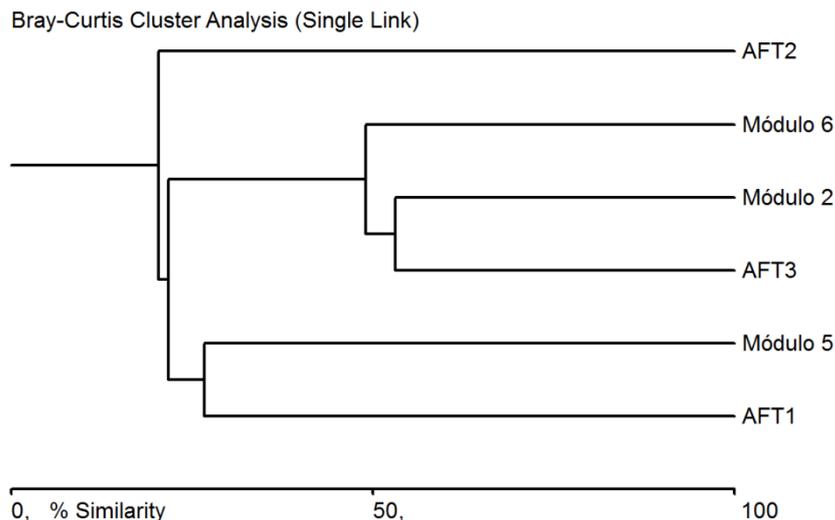


FIGURA 6.2 - 112 - SIMILARIDADE ENTRE SÍTIOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Considerando-se os registros das cinco espécies encontradas exclusivamente por encontro ocasional (*Ameiva ameiva*, *Spillotes pullatus*, *Chironius laevicollis*, *Hemidactylus mabouya* e *Pseudoboa nigra*) os módulos amostrados exibem grande diferença na composição das espécies.

Os sítios amostrais de maior riqueza (Módulo 2 e Módulo 6) foram também os com maior número de espécies registradas exclusivamente neles, com nove e seis espécies, respectivamente.

Apenas a espécie *Tropidurus torquatus* foi registrada em todos os sítios amostrais e outras três espécies (*Enyalius catenatus*, *Dactyloa punctata* e *Dipsas variegata*) foram registradas em quatro dos seis sítios.

Foram registradas dentro do ambiente florestado 26 espécies sendo 12 delas registradas unicamente neste habitat (FIGURA 6.2 - 113). O ambiente antropizado teve nove espécies registradas, cinco delas exclusivamente neste habitat. Este valor encontrado para esse habitat é devido aos seus nove registros serem provenientes de encontros ocasionais, sendo cinco deles de serpentes encontradas atropeladas. O ambiente de Cabruca teve quatro espécies registradas exclusivamente nele (*Oxyrhopus petola*, *Copeoglossum nigropunctatum*, *Psychosaura macrorhyncha* e *Phyllopezus lutzae*), enquanto que o habitat de borda de floresta teve duas (*Sibynomorphus neuwied* e *Strobilurus torquatus*) e apenas *Leptodeira annulata* foi registrada no campo. No ambiente de cacaual não houve registros exclusivos.

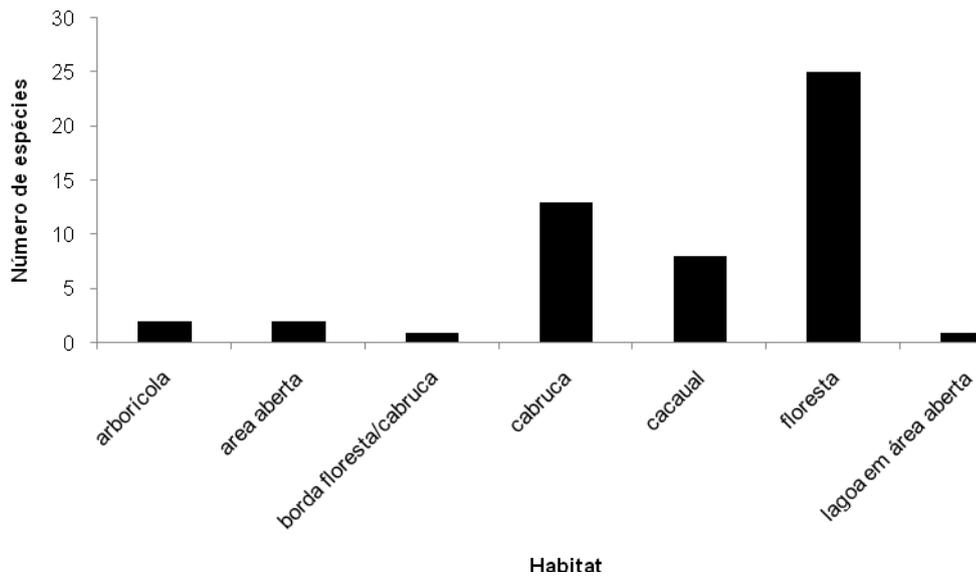


FIGURA 6.2 - 113 - ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADOS NOS HABITATS PRESENTES NOS MÓDULOS AMOSTRAIS.

Apesar de não existir grande diferença entre o número de espécies registradas entre as duas estações climáticas (32 espécies na seca e 26 na chuvosa), houve sim uma diferença na forma como estas se distribuíram. Dentre todas as 41 espécies encontradas, apenas 17 foram observadas nas duas estações, enquanto que 15 foram registradas somente na seca e nove exclusivamente na chuvosa.

REGISTROS FOTOGRÁFICOS



FIGURA 6.2 - 114 - *COLEODACTYLUS MERIDIONALIS*



FIGURA 6.2 - 115 - *DIPSAS VARIEGATA*



FIGURA 6.2 - 116 - *ENYALIUS CATENATUS*



FIGURA 6.2 - 117 - *ERYTHROLAMPLUS REGINAE*



FIGURA 6.2 - 118 - *KENTROPYX CALCARATA*



FIGURA 6.2 - 119 - *LEPOSOMA SCINCOIDES*



FIGURA 6.2 - 120 - *NOROPS FUSCOAURATUS*



FIGURA 6.2 - 121 - *TROPIDURUS TORQUATUS*



FIGURA 6.2 - 122 - *BOTHROPS CF. LEUCURUS*



FIGURA 6.2 - 123 - *CHIRONIUS FUSCUS*



FIGURA 6.2 - 124 - *ELAPOMORPHUS WUCHERERI*



FIGURA 6.2 - 125 - *GYMNODACTYLUS DARWINII*



FIGURA 6.2 - 126 - *HEMIDACTYLUS MABOUIA*



FIGURA 6.2 - 127 - *ERYTHROLAMPUS MILIARIS*

(iii) Avifauna

RIQUEZA

Durante as amostragens 233 espécies foram registradas para a área de estudo, pertencentes a 48 famílias, sendo que sete espécies encontram-se ameaçadas de extinção, sendo duas na categoria Em Perigo e cinco na categoria Vulnerável (QUADRO 6.2 - 8). Além destas, quatro espécies encontram-se listadas como quase ameaçadas.

Todas as espécies registradas já eram de ocorrência conhecida/esperada para a região/estudo, ou seja, nenhuma espécie nova, que não foi citada no levantamento de dados secundários foi encontrada

Analisando a sazonalidade nas quais as campanhas foram realizadas, durante a estação chuvosa (primeira campanha) foram registradas 201 espécies enquanto na estação seca (segunda campanha) 214 espécies foram registradas. Em relação as espécies que foram adicionadas na estação seca, pode-se inferir algum padrão migratório apenas para duas espécies de Tyrannidae, o bem-te-vi-rajado (*Myiodynastes maculatus*) e o bem-te-vi-pirata (*Legatus leucophaeus*).

Para as demais espécies, os dados não permitem uma conclusão em relação a movimentos migratórios, uma vez que muitas delas, espécies novas na segunda campanha, são espécies inconspícuas, ou com baixa densidade populacional, por exemplo o murucutu (*Pulsatrix perspicilata*), o falcão-relógio (*Micrastur semitorquatus*) e o urubu-rei (*Sarcoramphus papa*).

QUADRO 6.2 - 8-AVIFAUNA REGISTRADA NA ÁREA DE ESTUDO DURANTE LEVANTAMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS, ASPECTOS ECOLÓGICOS, GRAU E STATUS DE AMEAÇA DE CADA ESPÉCIE SENDO: EN – EM PERIGO; VU – VULNERÁVEL; NT – QUASE AMEAÇADA.

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
TINAMIDAE											
<i>Crypturellus soui</i>	tururim	Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	Sim
<i>Crypturellus obsoletus</i>	Inhambuguaçu	Mód 2,AFT2,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	Sim
<i>Crypturellus variegatus</i>	inhambu-anhangá	AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	Sim
<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chintã	Mód 2	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	Sim
CRACIDAE											
<i>Penelope superciliaris</i>	jacupemba	Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	Sim
ARDEIDAE											
<i>Tigrisoma lineatum</i>	socó-boi	Mód 5	AQ	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Nycticorax nycticorax</i>	Savacu	Mód 6	AQ	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Ardea alba</i>	garça-branca-grande	AFT1, AFT3	AQ	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Pilherodius pileatus</i>	garça-real	Mód 6	AQ	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
CATHARTIDAE											
<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha	AFT2, AFT3, Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Cathartes burrovianus</i>	urubu-de-cabeça-amarela	AFT1,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Coragyps atratus</i>	urubu-de-cabeça-preta	AFT1,Mód2,AFT2,AFT3, Mód5, Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei	AFT3	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Baixa	-
ACCIPITRIDAE											
<i>Leptodon cayanensis</i>	gavião-de-cabeça-cinza	AFT2,Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Baixa	-
<i>Chondroherax uncinatus</i>	caracoleiro	AFT3	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Média	-
<i>Geranospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo	AFT2,Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Baixa	-
<i>Urubitinga urubitinga</i>	gavião-preto	AFT1	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Baixa	-
<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Pseudastur polionotus</i>	gavião-pombo-grande	Mód 2,AFT3,Mód 5	FL	-	NT	Sim	-	Sim	Alta	Baixa	-
<i>Buteo nitidus</i>	gavião-pedrês	AFT2	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Buteo albonotatus</i>	gavião-de-rabo-barrado	Mód 2,AFT2,Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Média	Baixa	-
<i>Spizaetus tyrannus</i>	gavião-pega-macaco	AFT3	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Baixa	-
<i>Spizaetus melanoleucus</i>	gavião-pato	Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Baixa	-
RALLIDAE											
<i>Porzana albicollis</i>	sanã-carijó	AFT3,Mód 6	AQ	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
CHARADRIIDAE											
<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	AFT1,AFT2,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
JACANIDAE											

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Jacana jacana</i>	Jaçanã	AFT2, AFT3,,Mód 6	AQ	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
COLUMBIDAE											
<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-roxa	AFT1,Mód 2, AFT2,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Patagioenas speciosa</i>	pomba-trocal	Mód 2,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Baixa	-
<i>Patagioenas picazuro</i>	Pombão	AFT1,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Média	Baixa	-
<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	Mód 2,AFT2, Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Baixa	Sim
<i>Patagioenas plumbea</i>	pomba-amargosa	AFT3, Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	Sim
<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	AFT1,Mód 2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	Sim
<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemeadeira	Mód 2,AFT2, AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	Sim
<i>Geotrygon montana</i>	Pariri	AFT2,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	Sim
CUCULIDAE											
<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Guira guira</i>	anu-branco	AFT1,AFT2	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Tapera naevia</i>	saci	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
TYTONIDAE											

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Tyto furcata</i>	coruja-da-igreja	AFT1	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
STRIGIDAE											
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	murucututu	AFT3	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Glaucidium minutissimum</i>	caburé-miudinho	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Alta	-
<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé	Mód 2,AFT2,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
NYCTIBIIDAE											
<i>Nyctibius griseus</i>	mãe-da-lua	AFT3	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
CAPRIMULGIDAE											
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju	AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Hydropsalis albicollis</i>	bacurau	AFT1,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
APODIDAE											
<i>Chaetura cinereiventris</i>	andorinhão-de-sobre-cinzento	Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Baixa	Baixa	-
<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal	AFT1, AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Baixa	-
<i>Panyptila cayennensis</i>	andorinhão-estofador	Mód 2	FL	-	-	-	-	-	Baixa	Baixa	-
TROCHILIDAE											
<i>Glaucis dohrnii</i>	balança-rabo-canela	Mód 5,Mód 6	FL	Am	EN	Sim	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Glaucis hirsutus</i>	balança-rabo-de-bico-torto	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3, Mód	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
		5,Mód 6									
<i>Phaethornis ruber</i>	rabo-branco-rubro	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Phaethornis pretrei</i>	rabo-branco-acanelado	Mód 5	AA	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flor-tesoura	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Aphantochroa cirrochloris</i>	beija-flor-cinza	Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5	AA	-	-	Sim	-	-	Média	Alta	-
<i>Florisuga fusca</i>	beija-flor-preto	Mód 2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta	AFT1,Mód 2,AFT2,Mód 5	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Chrysolampis mosquitus</i>	beija-flor-vermelho	Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Chlorostilbon notatus</i>	beija-flor-de-garganta-azul	Mód 2,AFT2,,AFT3,Mód 5,Mód 6,	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vermelho	AFT1, AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-de-fronte-violeta	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Média	Alta	-
<i>Hylocharis sapphirina</i>	beija-flor-safira	Mód 2,AFT2,Mód 5	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Hylocharis cyaneus</i>	beija-flor-roxo	AFT1,Mód 2,AFT2	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-de-banda-branca	AFT1,Mód 2,AFT2,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Heliodytes auritus</i>	beija-flor-de-bochecha-azul	Mód 2, Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
TROGONIDAE											
<i>Trogon viridis</i>	surucuá-grande-de-barriga-amarela	Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Trogon surrucura</i>	surucuá-variado	AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Média	-
ALCEDINIDAE											
<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande	Mód 5	AQ	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde	Mód 6	AQ	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno	Mód 6	AQ	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
GALBULIDAE											
<i>Galbula ruficauda</i>	ariramba-de-cauda-ruiva	Mód 2,AFT2,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
BUCCONIDAE											
<i>Notharchus swainsoni</i>	macuru-de-barriga-castanha	Mód 2,Mód 5	FL	-	-	Sim	-	Sim	Alta	Baixa	-
<i>Nystalus maculatus</i>	rapazinho-dos-velhos	AFT2	AA	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Malacoptila striata</i>	barbudo-rajado	Mód 6	FL	-	-	Sim	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Chelidoptera tenebrosa</i>	urubuzinho	Mód 2,AFT3,Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Baixa	-
RAMPHASTIDAE											
<i>Ramphastos vitellinus</i>	tucano-de-bico-preto	AFT1,Mód 2,AFT2,,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Pteroglossus aracari</i>	araçari-de-bico-branco	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
PICIDAE											
<i>Picumnus exilis</i>	pica-pau-anão-de-pintas-amarelas	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Alta	-
<i>Picumnus pygmaeus</i>	pica-pau-anão-pintado	AFT1,Mód 2,AFT2,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco	AFT1,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Média	-
<i>Melanerpes flavifrons</i>	benedito-de-testa-amarela	AFT1,Mód 2,AFT2,,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Média	-
<i>Veniliornis affinis</i>	picapauzinho-avermelhado	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Piculus flavigula</i>	pica-pau-bufador	Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Média	-
<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-dourado	AFT1,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Celeus torquatus</i>	pica-pau-de-coleira	Mód 2,AFT2,Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Média	-
<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3, Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
FALCONIDAE											
<i>Caracara plancus</i>	caracará	AFT1,Mód 2,AFT2, AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro	AFT1,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	acauã	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-caburé	Mód 2	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Micrastur semitorquatus</i>	falcão-relógio	AFT3	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-
PSITTACIDAE											
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	periquitão-maracanã	AFT3	FL	-	-	-	-	-	Alta	Baixa	-
<i>Aratinga auricapillus</i>	jandaia-de-testa-vermelha	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3, Mód 5,Mód 6	FL	-	NT	-	-	Sim	Alta	Baixa	-
<i>Eupsittula aurea</i>	periquito-rei	AFT2,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Baixa	-
<i>Pyrrhura cruentata</i>	tiriba-grande	AFT3,Mód5	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	Alta	Média	-
<i>Pyrrhura leucotis</i>	tiriba-de-orelha-branca	AFT2, AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	NT	Sim	-	Sim	Alta	Média	-
<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Brotogeris tirica</i>	periquito-rico	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3, Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Média	Média	-
<i>Touit surdus</i>	apuim-de-cauda-amarela	AFT3	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	Alta	Média	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Amazona rhodocorytha</i>	chauá	Mód 5, Mód 6	FL	Am	EN	Sim	-	Sim	Alta	Baixa	-
THAMNOPHILIDAE											
<i>Myrmotherula axillaris</i>	choquinha-de-flanco-branco	AFT1, Mód 2, AFT2, AFT3, Mód 5, Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Myrmotherula urosticta</i>	choquinha-de-rabo-cintado	Mód 5	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Formicivora grisea</i>	papa-formiga-pardo	Mód 2, AFT2	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Thamnomanes caesius</i>	ipecuá	Mód 2	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Dysithamnus plumbeus</i>	choquinha-chumbo	AFT3	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	chorozinho-de-asa-vermelha	AFT1, AFT3, Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Thamnophilus palliatus</i>	choca-listrada	AFT1, Mód 2, AFT2, AFT3, Mód 5, Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Thamnophilus ambiguus</i>	choca-de-sooretama	Mód 2, AFT2, AFT3	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Alta	-
<i>Taraba major</i>	choró-boi	Mód 2, AFT2	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Pyriglena leucoptera</i>	papa-taoca-do-sul	Mód 2, AFT3, Mód 5, Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Alta	-
<i>Drymophila squamata</i>	pintadinho	Mód 6	FL	-	-	Sim	-	Sim	Alta	Alta	-
CONOPOPHAGIDAE											
<i>Conopophaga melanops</i>	cuspidor-de-máscara-preta	Mód 2, AFT3	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Alta	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
FORMICARIIDAE											
<i>Formicarius colma</i>	galinha-do-mato	AFT2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-
DENDROCOLAPTI DAE											
<i>Dendrocincla turdina</i>	arapaçu-liso	Mód 2,AFT3, Mód 5,Mód 6,	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Alta	-
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Glyphorhynchus spirurus</i>	arapaçu-bico-de-cunha	AFT1,Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	arapaçu-rajado	AFT1,Mód 2,AFT2,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Alta	-
<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	arapaçu-de-garganta-amarela	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Dendroplex picus</i>	arapaçu-de-bico-branco	Mód 2,AFT2	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	arapaçu-grande	AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	arapaçu-de-garganta-branca	AFT3,Mód 5	FL	-	-	Sim	-	Sim	Alta	Alta	-
XENOPIIDAE											
<i>Xenops minutus</i>	bico-virado-miúdo	Mód 2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Xenops rutilans</i>	bico-virado-carijó	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
FURNARIIDAE											

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Furnarius figulus</i>	casaca-de-couro-da-lama	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Furnarius leucopus</i>	casaca-de-couro-amarelo	Mód 2, AFT2	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	AFT1,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Pseudoseisura cristata</i>	casaca-de-couro	AFT2	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	joão-de-pau	AFT1,AFT2,AFT3	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	curutié	AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim	Mód 5	AA	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Synallaxis spixi</i>	joão-teneném	AFT1	AA	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Acrobatornis fonsecai</i>	acrobata	Mód 5	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	Alta	Média	-
<i>Thripophaga macroura</i>	rabo-armarelo	Mód 2, AFT3	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	Alta	Média	-
PIPRIDAE											
<i>Ceratopipra rubrocapilla</i>	cabeça-encarnada	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Manacus manacus</i>	rendeira	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Machaeropterus regulus</i>	tangará-rajado	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	Sim	Alta	Alta	-
ONYCHORHYNCHIDAE											
<i>Myiobius barbatus</i>	assanhadinho	Mód 2	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
TITYRIDAE											
<i>Schiffornis virescens</i>	flautim	Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Schiffornis turdina</i>	flautim-marrom	Mód 2, Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-
<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco-de-rabo-preto	AFT1, Mód 2, AFT2, Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Baixa	-
<i>Pachyramphus viridis</i>	caneleiro-verde	AFT1, Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Pachyramphus castaneus</i>	caneleiro	AFT1, AFT3, Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Pachyramphus polychopterus</i>	caneleiro-preto	AFT2, AFT3, Mód 5, Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Pachyramphus marginatus</i>	caneleiro-bordado	AFT1, Mód 2, AFT2, AFT3, Mód 5, Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Pachyramphus validus</i>	caneleiro-de-chapéu-preto	Mód 2, AFT2, Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
COTINGIDAE											
<i>Lipaugus lanioides</i>	tropeiro-da-serra	AFT3	FL	-	NT	Sim	-	Sim	Alta	Média	-
<i>Procnias nudicollis</i>	araponga	AFT3	FL	Am	VU	Sim	-	Sim	Alta	Média	-
RHYNCHOCYCLIDAE											
<i>Mionectes oleagineus</i>	abre-asa	AFT3	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	cabeçudo	Mód 2, AFT3, Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i>	bico-chato-grande	Mód 2, AFT3, Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Tolmomyias poliocephalus</i>	bico-chato-de-cabeça-cinza	Mód 2, AFT2,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Média	-
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	bico-chato-amarelo	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque	AFT3	FL	-	-	Sim	-	-	Média	Alta	-
<i>Todirostrum cinereum</i>	ferreirinho-relógio	AFT1,Mód 2,AFT2, AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Myiornis auricularis</i>	miudinho	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Alta	-
TYRANNIDAE											
<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	AFT1,Mód 2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Elaenia spectabilis</i>	guaracava-grande	AFT3	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Myiopagis caniceps</i>	guaracava-cinzenta	AFT1,AFT2,Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolhinho	Mód 2,AFT2	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Attila rufus</i>	capitão-de-saíra	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6,	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Alta	-
<i>Attila spadiceus</i>	capitão-de-saíra-amarelo	Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Legatus leucophaius</i>	bem-te-vi-pirata	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Myiarchus tuberculifer</i>	maria-cavaleira-pequena	Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré	AFT3	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira	AFT1,AFT2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Rhytipterna simplex</i>	vissia	Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Machetornis rixosa</i>	suiriri-cavaleiro	AFT1,AFT2,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de-penacho-vermelho	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Empidonomus varius</i>	peitica	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Colonia colonus</i>	viuvinha	Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe	AFT1, AFT3	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira-mascarada	AFT1,AFT2,AFT3,M	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
		ód 6									
<i>Lathrotriccus euleri</i>	enferrujado	AFT1,Mód 2, AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Contopus cinereus</i>	papa-moscas-cinzentos	Mód 5	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
VIREONIDAE											
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	AFT1,Mód 2, AFT2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Vireo chivi</i>	juruviana	AFT1,Mód 2, AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	vite-vite-de-olho-cinza	AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
HIRUNDINIDAE											
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	AFT1,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Média	-
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora	AFT1,Mód 2, AFT2,AFT3,Mód 5	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Média	-
<i>Progne tapera</i>	andorinha-do-campo	AFT1,Mód 2, AFT2,AFT3,Mód 5, Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Média	-
<i>Progne chalybea</i>	andorinha-doméstica-grande	AFT1,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Média	-
<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio	AFT1,AFT2	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Média	-
TROGLODYTIDAE											
<i>Troglodytes musculus</i>	corruíra	AFT1,Mód 2, AFT2,AFT3,Mód 5, Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Campylorhynchus turdinus</i>	catatau	AFT1,Mód 2, AFT2,AFT3,Mód	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
		5,Mód 6									
<i>Pheugopedius genibarbis</i>	garrinchão-pai-avô	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
DONACOBIIDAE											
<i>Donacobius atricapilla</i>	japacanim	AFT1,AFT3	AA	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
POLIOPTILIDAE											
<i>Ramphocaenus melanurus</i>	bico-assoavelado	Mód 2,AFT2,AFT3	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
TURDIDAE											
<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3	FL	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira	AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
PASSERELLIDAE											
<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	AFT1,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Arremon taciturnus</i>	tico-tico-de-bico-preto	Mód 2	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
PARULIDAE											
<i>Setophaga pitaiyumi</i>	mariquita	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
ICTERIDAE											
<i>Psarocolius decumanus</i>	japu	AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Baixa	-
<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Cacicus cela</i>	xexéu	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	encontro	Mód 2,AFT2	AA	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Icterus jamacaii</i>	corrupião	AFT1,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Média	-
<i>Gnorimopsar chopi</i>	graúna	AFT1,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	garibaldi	Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Molothrus oryzivorus</i>	iraúna-grande	AFT3	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Molothrus bonariensis</i>	vira-bosta	AFT2,AFT3	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
THRAUPIDAE											
<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Saltator maximus</i>	tempera-viola	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro-verdadeiro	AFT3	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRAU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Nemosia pileata</i>	saíra-de-chapeu-preto	AFT1,Mód 2,AFT2, AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Tachyphonus rufus</i>	pipira-preta	AFT2	FL	-	-	-	-	-	Média	Alta	-
<i>Ramphocelus bresilius</i>	tiê-sangue	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Média	Alta	-
<i>Lanio cristatus</i>	tiê-galo	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Tangara cyanomelas</i>	saíra-pérola	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Média	-
<i>Tangara seledon</i>	saíra-sete-cores	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Média	Média	-
<i>Tangara sayaca</i>	sanhaçu-cinzento	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Média	-
<i>Tangara palmarum</i>	sanhaçu-do-coqueiro	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Média	-
<i>Tangara cayana</i>	saíra-amarela	AFT1,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Paroaria dominicana</i>	cardeal-do-nordeste	AFT1,AFT3,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha	AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Cyanerpes cyaneus</i>	saíra-beija-flor	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Chlorophanes</i>	saí-verde	AFT2	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>spiza</i>											
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	saíra-ferrugem	Mód 5	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Média	-
<i>Hemithraupis flavicollis</i>	saíra-galega	AFT1	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Média	-
<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra-verdadeiro	AFT1,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Emberizoides herbicola</i>	canário-do-campo	Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	AFT1, Mód 2	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Sporophila nigricollis</i>	baiano	AFT1,Mód 5,Mód 6	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Sporophila caerulescens</i>	coleurinho	AFT1,AFT3	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Sporophila albogularis</i>	golinho	AFT1	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Sporophila leucoptera</i>	chorão	AFT1	AA	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Tiaris fuliginosus</i>	cigarra-do-coqueiro	Mód 2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	Sim	Alta	Alta	-
CARDINALIDAE											
<i>Habia rubica</i>	tiê-do-mato-grosso	AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
<i>Caryothraustes canadensis</i>	furriel	Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Alta	Alta	-
FRINGILLIDAE											

NOME	NOME POPULAR	ÁREA AMOSTRAL	HABITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO	GRU DE AMEAÇA	ESPÉCIE ENDÊMICA	SPP. MIGRATÓRIA	BIOINDICADOR	SENSIBILIDADE	VULNERABILIDADE	CINEGÉTICA
<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim	AFT1,AFT2,AFT3,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Baixa	Alta	-
<i>Euphonia xanthogaster</i>	fim-fim-grande	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	-	-	-	Média	Média	-
<i>Euphonia pectoralis</i>	ferro-velho	AFT1,Mód 2,AFT2,AFT3,Mód 5,Mód 6	FL	-	-	Sim	-	-	Alta	Média	-

As famílias mais representativas durante o estudo foram: Thraupidae (n = 28), Tyrannidae (n = 24), Trochilidae (n = 16) e Thamnophilidae (n = 11). Resultado esperado, uma vez que estas estão entre as famílias com maior número de espécies do Brasil. Destaque para Thamnophilidae, onde grande parte das espécies estão intimamente relacionadas com ambientes florestais.

A riqueza absoluta registrada nos sítios amostrais foi bastante similar entre as áreas. O sítio AFT3 apresentou a maior riqueza (n=160) seguido do Módulo 6 (n=156). Analisando-se a riqueza média por parcela, que busca equiparar as áreas, percebe-se, os sítios AFT1 e AFT2 com riqueza destacada, com registro de 124 e 121 espécies, em média, por parcela/km amostrado, respectivamente (FIGURA 6.2 - 128).

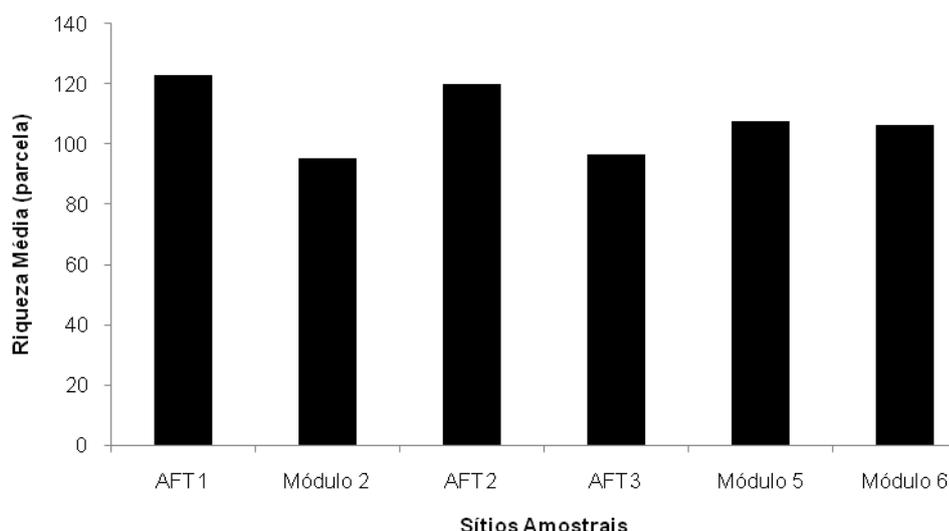


FIGURA 6.2 - 128 - RIQUEZA MÉDIA REGISTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRADOS.

Em relação aos habitats preferenciais das espécies registradas durante a campanha, 160 espécies ou 66,1% são típicas de ambientes florestais, 73 espécies ou 30,1% ocorrem preferencialmente em ambientes abertos e a minoria, nove espécies, ou 3,7% tem preferência por ambientes aquáticos. Cada módulo segue o padrão encontrado em âmbito geral, exceto o módulo 1, onde praticamente 45% das espécies são de áreas abertas.

As curvas de acumulação de espécies, no geral, apresentaram tendência à estabilização ao final das amostragens, com exceção do sítio AFT3 onde houve acréscimo de espécies nos últimos dias de amostragem levando a curva de riqueza estimada a um comportamento levemente ascendente (FIGURA 6.2 - 129 a FIGURA 6.2 - 135).

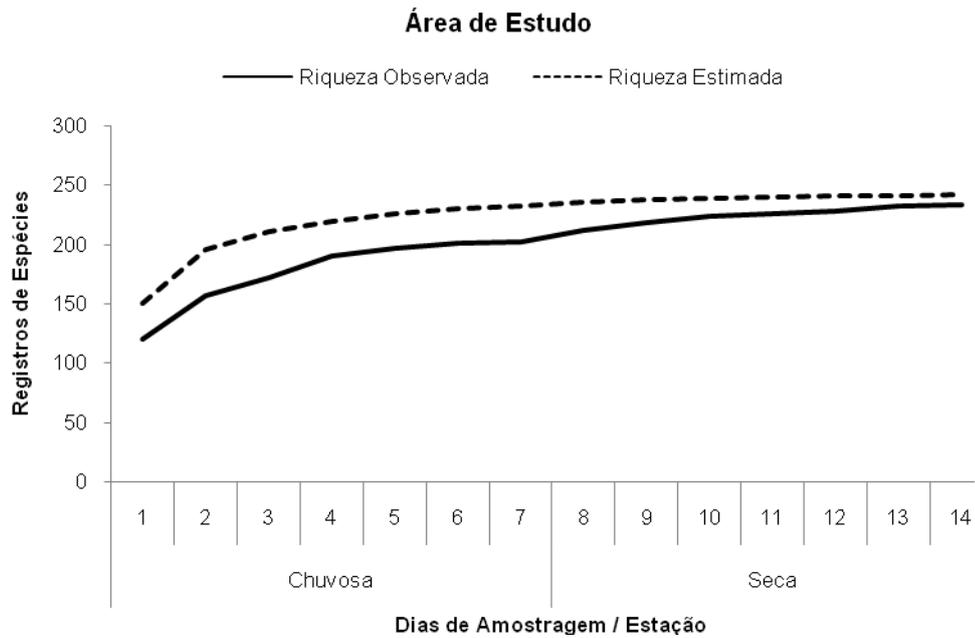


FIGURA 6.2 - 129 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES PARA A ÁREA DE ESTUDO DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

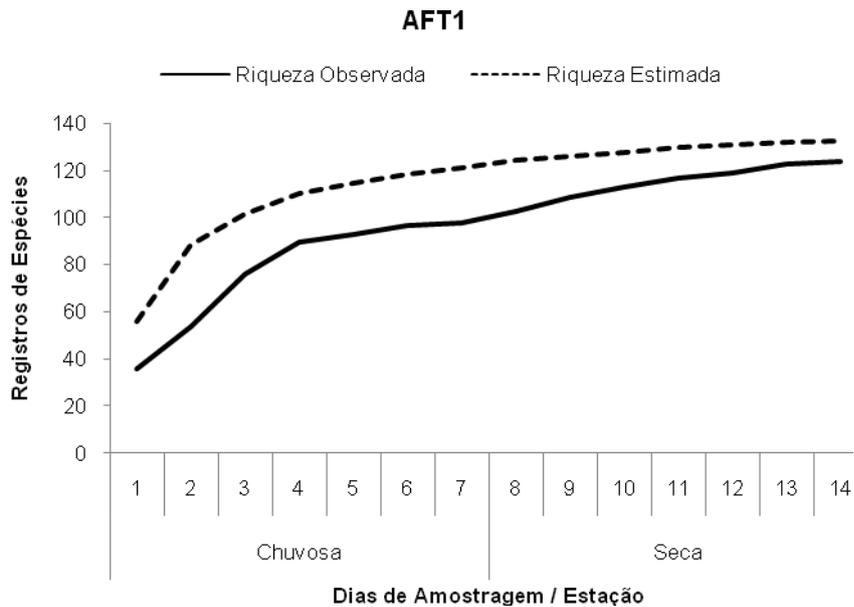


FIGURA 6.2 - 130 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES EM AFT1 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Módulo 2

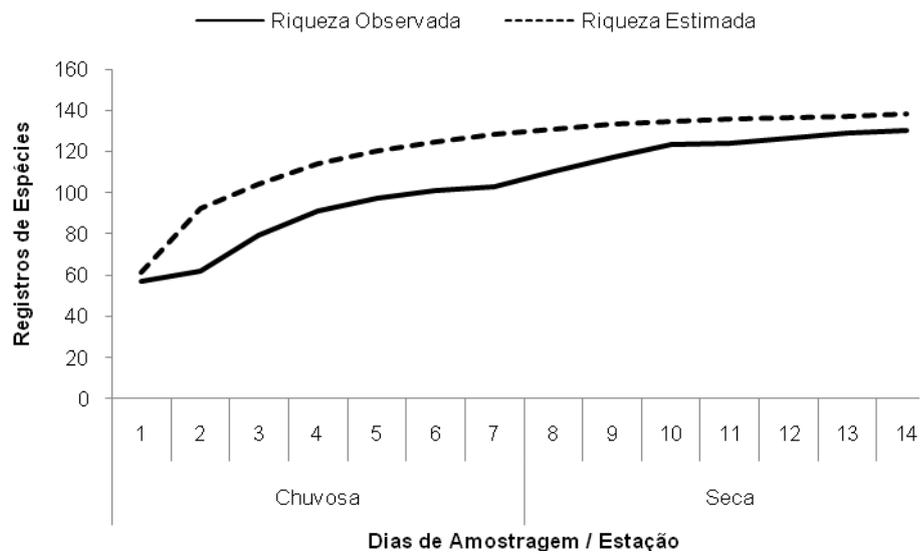


FIGURA 6.2 - 131 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES NO MÓDULO 2 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

AFT2

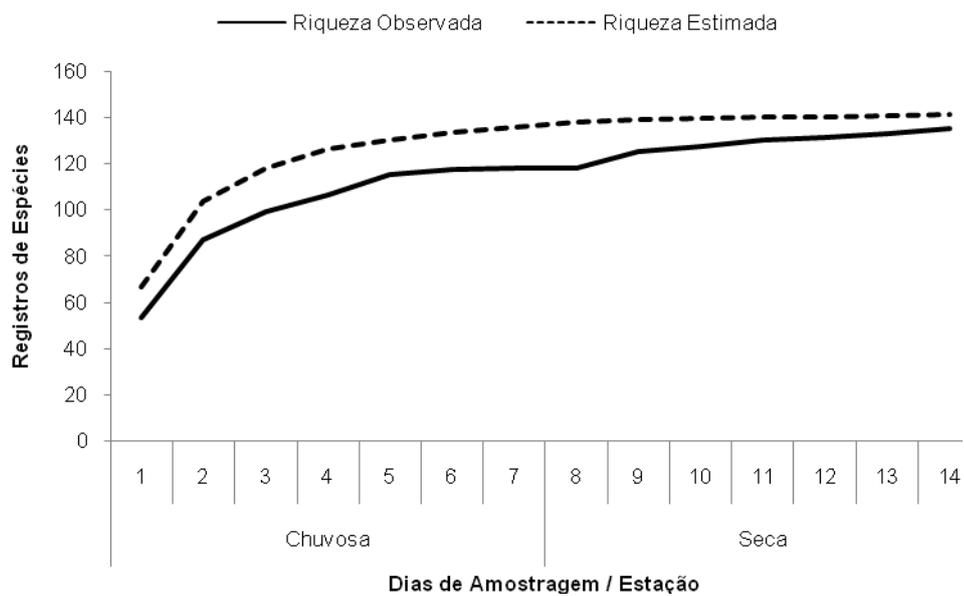


FIGURA 6.2 - 132 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES EM AFT2 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

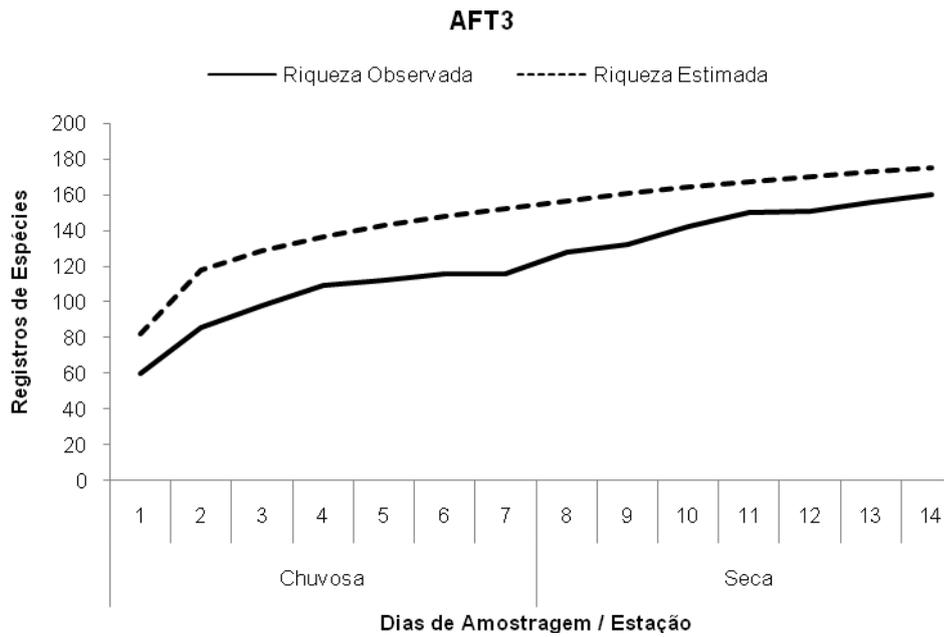


FIGURA 6.2 - 133 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES EM AFT3 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

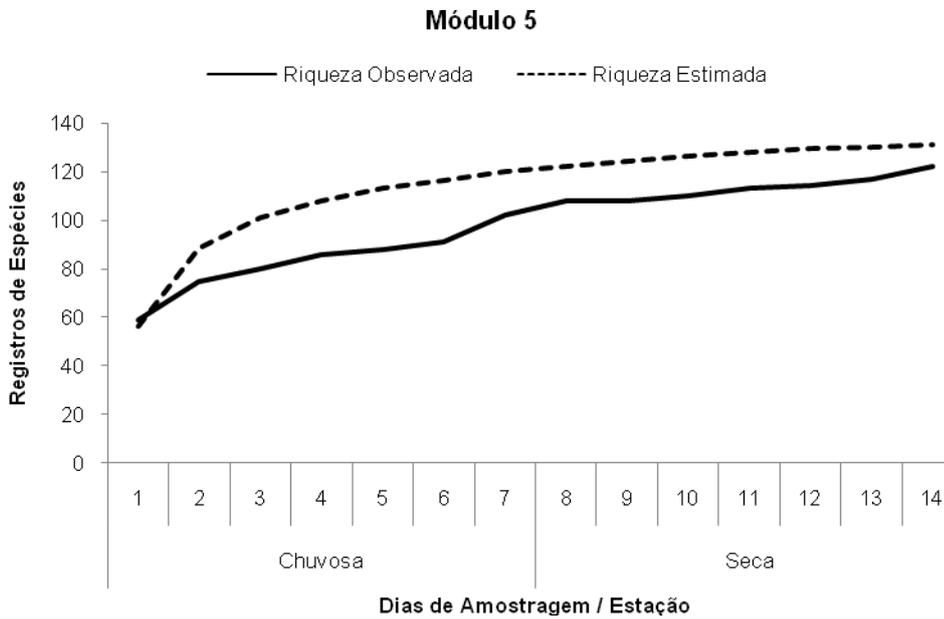


FIGURA 6.2 - 134 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES NO MÓDULO 5 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Módulo 6

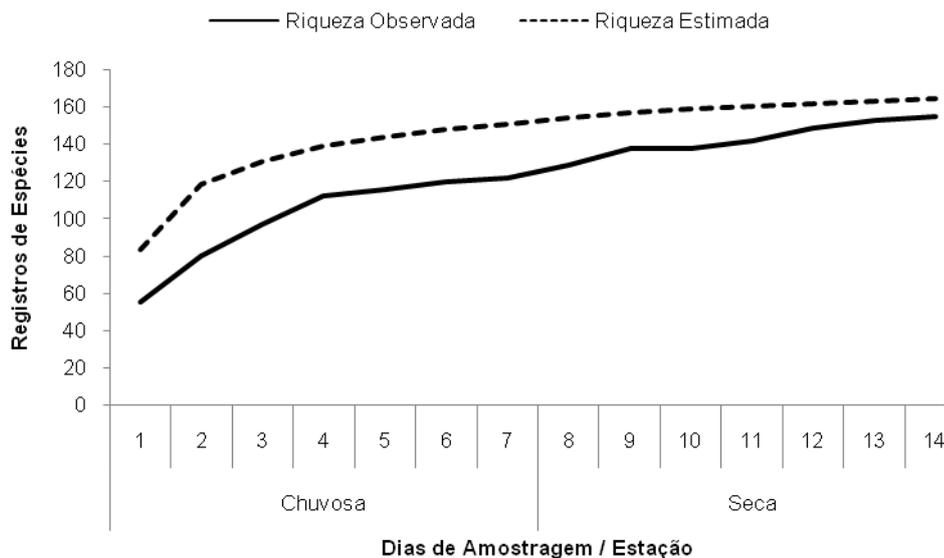


FIGURA 6.2 - 135 - CURVA DE ACÚMULO DAS ESPÉCIES DE AVES NO MÓDULO 6 DURANTE OS DIAS DE AMOSTRAGEM PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

ABUNDÂNCIA

Na soma dos métodos e esforços aplicados durante o estudo, para todos os sítios amostrados, foram obtidos 20466 registros de aves. As espécies mais abundantes foram o xexéu (*Cacicus cela*, FIGURA 6.2 - 138), com 1272 registros (6,2% do total), o periquito-rico (*Brotogeris tirica*, FIGURA 6.2 - 138), com 800 registros (3,91%), a cambacica (*Coereba flaveola*, FIGURA 6.2 - 137), com 779 (3,81%) e o catatau (*Campylorhynchus turdinus*, FIGURA 6.2 - 140), com 744 registros (3,63%).

A abundância absoluta variou pouco entre as áreas, com exceção de AFT1 que, provavelmente por ser a menor área amostral, apresentou valor bastante inferior às demais. Quando se analisa a abundância média, no entanto, percebe-se grande variação entre as áreas, com destaque para AFT2 e o Módulo 5, que apresentaram os maiores valores .

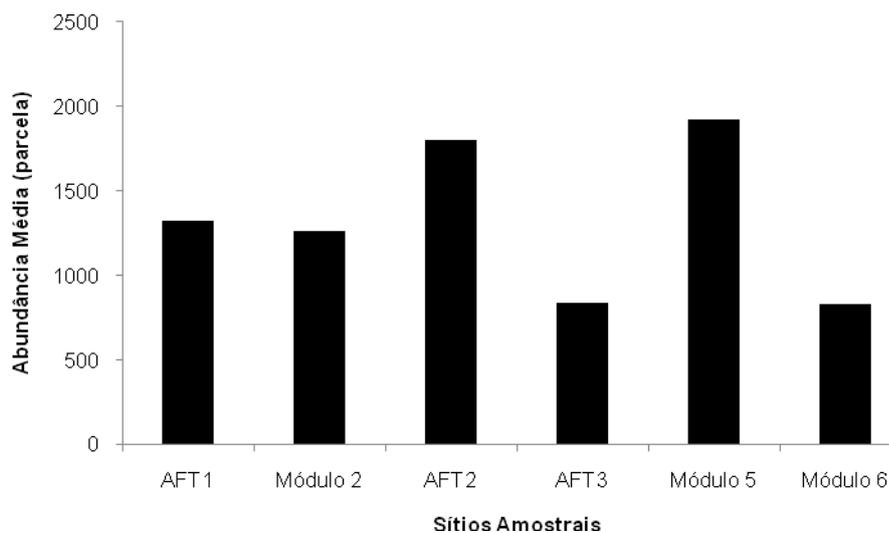


FIGURA 6.2 - 136 - ABUNDÂNCIA MÉDIA POR SÍTIO AMOSTRAL DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.



FIGURA 6.2 - 137 - CAMBACICA (*COEREBE FLAVEOLA*).



FIGURA 6.2 - 138 - XEXÉU (*CACICUS CELA*).



FIGURA 6.2 - 139 - PERIQUITO-RICO (*BROTOGERIS TIRICA*).



FIGURA 6.2 - 140 - CATATAU (*CAMPYLORHYNCHUS TURDINUS*).

TABELA 6.2. 8- ABUNDÂNCIA ABSOLUTA E RELATIVA POR SÍTIO AMOSTRAL PARA A AVIFAUNA REGISTRADA DURANTE LEVANTAMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS PARA EIA DA DUPLICAÇÃO DA BR101-BA.

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Acrobatornis fonsecai</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	2	0,0
<i>Amazilia versicolor</i>	2	0,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	12	0,7	16	0,2
<i>Amazona rhodocorytha</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	4	0,2	6	0,1
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	2	0,1	0	0,0	3	0,0
<i>Aphantochroa cirrochloris</i>	0	0,0	4	0,2	3	0,2	0	0,0	11	0,6	0	0,0	18	0,2
<i>Aratinga auricapillus</i>	8	1,1	75	3,9	52	3,0	35	2,1	100	5,7	43	2,6	313	3,3
<i>Ardea alba</i>	2	0,3	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	0	0,0	4	0,0
<i>Arremon taciturnus</i>	0	0,0	3	0,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,0
<i>Attila rufus</i>	0	0,0	37	1,9	21	1,2	38	2,3	43	2,5	22	1,4	161	1,7
<i>Attila spadiceus</i>	0	0,0	2	0,1	9	0,5	0	0,0	16	0,9	5	0,3	32	0,3
<i>Botaurus pinnatus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	1	0,0
<i>Brotogeris tirica</i>	24	3,4	109	5,6	119	6,9	50	3,0	115	6,6	30	1,8	447	4,8
<i>Cacicus cela</i>	18	2,6	162	8,3	198	11,4	83	5,0	56	3,2	136	8,4	653	6,9
<i>Cacicus haemorrhous</i>	5	0,7	36	1,9	20	1,2	24	1,4	114	6,5	33	2,0	232	2,5
<i>Camptostoma obsoletum</i>	7	1,0	0	0,0	0	0,0	25	1,5	0	0,0	8	0,5	40	0,4
<i>Campylorhynchus turdinus</i>	13	1,9	52	2,7	43	2,5	30	1,8	133	7,6	30	1,8	301	3,2
<i>Caracara plancus</i>	9	1,3	0	0,0	3	0,2	14	0,8	0	0,0	6	0,4	32	0,3
<i>Caryothraustes canadensis</i>	0	0,0	5	0,3	10	0,6	0	0,0	0	0,0	1	0,1	16	0,2
<i>Cathartes burrovianus</i>	5	0,7	0	0,0	7	0,4	11	0,7	1	0,1	5	0,3	29	0,3
<i>Celeus flavescens</i>	1	0,1	0	0,0	0	0,0	19	1,1	4	0,2	14	0,9	38	0,4
<i>Celeus torquatus</i>	0	0,0	2	0,1	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,0
<i>Ceratopipra rubrocapilla</i>	2	0,3	33	1,7	1	0,1	35	2,1	0	0,0	60	3,7	131	1,4
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	0,4	0	0,0	10	0,6	16	0,2
<i>Chaetura cinereiventris</i>	0	0,0	3	0,2	4	0,2	14	0,8	2	0,1	17	1,0	40	0,4
<i>Chelidoptera tenebrosa</i>	0	0,0	6	0,3	0	0,0	0	0,0	3	0,2	0	0,0	9	0,1
<i>Chloroceryle americana</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,0

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	9	0,6	11	0,1
<i>Chlorostilbon notatus</i>	0	0,0	9	0,5	5	0,3	11	0,7	12	0,7	3	0,2	40	0,4
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	26	1,6	26	0,3
<i>Coereba flaveola</i>	12	1,7	119	6,1	83	4,8	30	1,8	84	4,8	43	2,6	371	3,9
<i>Colaptes melanochloros</i>	4	0,6	0	0,0	0	0,0	3	0,2	2	0,1	1	0,1	10	0,1
<i>Columbina talpacoti</i>	8	1,1	24	1,2	7	0,4	0	0,0	0	0,0	9	0,6	48	0,5
<i>Conirostrum speciosum</i>	13	1,9	6	0,3	5	0,3	20	1,2	3	0,2	28	1,7	75	0,8
<i>Conopophaga melanops</i>	0	0,0	6	0,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	0,1
<i>Coragyps atratus</i>	11	1,6	21	1,1	37	2,1	5	0,3	13	0,7	13	0,8	100	1,1
<i>Crotophaga ani</i>	2	0,3	6	0,3	28	1,6	0	0,0	0	0,0	2	0,1	38	0,4
<i>Crypturellus obsoletus</i>	0	0,0	6	0,3	5	0,3	0	0,0	8	0,5	0	0,0	19	0,2
<i>Crypturellus soui</i>	0	0,0	30	1,5	13	0,8	13	0,8	4	0,2	6	0,4	66	0,7
<i>Crypturellus variegatus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,0
<i>Cyanerpes cyaneus</i>	2	0,3	0	0,0	6	0,3	1	0,1	22	1,3	2	0,1	33	0,4
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	9	1,3	6	0,3	6	0,3	23	1,4	0	0,0	16	1,0	60	0,6
<i>Dacnis cayana</i>	20	2,9	0	0,0	4	0,2	17	1,0	6	0,3	8	0,5	55	0,6
<i>Dencrocincla turdina</i>	0	0,0	2	0,1	0	0,0	3	0,2	2	0,1	1	0,1	8	0,1
<i>Dendroplex picus</i>	0	0,0	2	0,1	6	0,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	8	0,1
<i>Donacobius atricapilla</i>	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,0
<i>Drymophila squamata</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,2	3	0,0
<i>Dryocopus lineatus</i>	10	1,4	10	0,5	4	0,2	9	0,5	6	0,3	21	1,3	60	0,6
<i>Elaenia flavogaster</i>	18	2,6	1	0,1	9	0,5	34	2,0	0	0,0	16	1,0	78	0,8
<i>Emberizoides herbicola</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,0
<i>Empidonomus varius</i>	6	0,9	2	0,1	5	0,3	6	0,4	4	0,2	7	0,4	30	0,3
<i>Eupetomena macroura</i>	2	0,3	6	0,3	1	0,1	4	0,2	7	0,4	1	0,1	21	0,2
<i>Euphonia chlorotica</i>	4	0,6	0	0,0	5	0,3	19	1,1	0	0,0	11	0,7	39	0,4
<i>Euphonia pectoralis</i>	13	1,9	0	0,0	0	0,0	48	2,9	9	0,5	33	2,0	103	1,1

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Euphonia violacea</i>	8	1,1	24	1,2	45	2,6	13	0,8	19	1,1	21	1,3	130	1,4
<i>Euphonia xanthogaster</i>	8	1,1	5	0,3	23	1,3	16	1,0	17	1,0	6	0,4	75	0,8
<i>Eupsittula aurea</i>	0	0,0	0	0,0	4	0,2	0	0,0	2	0,1	0	0,0	6	0,1
<i>Fluvicola nengeta</i>	4	0,6	0	0,0	13	0,8	2	0,1	0	0,0	6	0,4	25	0,3
<i>Formicarius colma</i>	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	0	0,0	1	0,1	3	0,0
<i>Formicivora grisea</i>	0	0,0	0	0,0	8	0,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	8	0,1
<i>Forpus xanthopterygius</i>	15	2,1	80	4,1	27	1,6	37	2,2	11	0,6	14	0,9	184	2,0
<i>Furnarius figulus</i>	1	0,1	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	0	0,0	3	0,0
<i>Furnarius leucopus</i>	0	0,0	28	1,4	6	0,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	34	0,4
<i>Furnarius rufus</i>	7	1,0	0	0,0	11	0,6	2	0,1	1	0,1	6	0,4	27	0,3
<i>Galbula ruficauda</i>	0	0,0	2	0,1	4	0,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	0,1
<i>Geotrygon montana</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,0
<i>Geranospiza caerulescens</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,2	0	0,0	3	0,0
<i>Glaucidium brasilianum</i>	0	0,0	1	0,1	9	0,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	10	0,1
<i>Glaucidium minutissimum</i>	1	0,1	0	0,0	4	0,2	0	0,0	5	0,3	1	0,1	11	0,1
<i>Glaucis dohrnii</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	1	0,0
<i>Glaucis hirsutus</i>	4	0,6	17	0,9	6	0,3	20	1,2	17	1,0	9	0,6	73	0,8
<i>Glyphorhynchus spirurus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,0
<i>Gnorimopsar chopi</i>	22	3,2	0	0,0	64	3,7	11	0,7	14	0,8	14	0,9	125	1,3
<i>Guira guira</i>	2	0,3	0	0,0	4	0,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	0,1
<i>Habia rubica</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	10	0,6	0	0,0	3	0,2	13	0,1
<i>Heliothryx auritus</i>	0	0,0	2	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,0
<i>Hemithraupis flavicollis</i>	9	1,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	9	0,1
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,2	0	0,0	3	0,0
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	0	0,0	6	0,3	7	0,4	0	0,0	2	0,1	0	0,0	15	0,2
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	4	0,6	0	0,0	0	0,0	3	0,2	0	0,0	0	0,0	7	0,1
<i>Hydropsalis albicollis</i>	2	0,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	0,2	6	0,1

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Hylocharis cyanus</i>	3	0,4	4	0,2	2	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	9	0,1
<i>Hylocharis sapphirina</i>	0	0,0	10	0,5	8	0,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	18	0,2
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	7	0,4	8	0,1
<i>Icterus jamaicaii</i>	3	0,4	0	0,0	11	0,6	18	1,1	3	0,2	7	0,4	42	0,4
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	0	0,0	2	0,1	2	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	0,0
<i>Jacana jacana</i>	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	0	0,0	6	0,4	8	0,1
<i>Lanio cristatus</i>	14	2,0	23	1,2	1	0,1	7	0,4	4	0,2	27	1,7	76	0,8
<i>Lathrotriccus eulerei</i>	5	0,7	3	0,2	0	0,0	27	1,6	0	0,0	8	0,5	43	0,5
<i>Legatus leucophaeus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	1	0,0
<i>Leptodon cayanensis</i>	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,0
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	0	0,0	2	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,0
<i>Leptotila rufaxilla</i>	0	0,0	5	0,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	6	0,1
<i>Leptotila verreauxi</i>	11	1,6	8	0,4	0	0,0	11	0,7	3	0,2	22	1,4	55	0,6
<i>Lipaugus lanioides</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	0	0,0	2	0,0
<i>Machaeropterus regulus</i>	7	1,0	9	0,5	9	0,5	24	1,4	1	0,1	55	3,4	105	1,1
<i>Machetornis rixosa</i>	9	1,3	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	1	0,1	12	0,1
<i>Manacus manacus</i>	0	0,0	47	2,4	15	0,9	50	3,0	0	0,0	8	0,5	120	1,3
<i>Megaceryle torquata</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	1	0,0
<i>Megarynchus pitangua</i>	11	1,6	76	3,9	23	1,3	41	2,5	72	4,1	34	2,1	257	2,7
<i>Melanerpes flavifrons</i>	0	0,0	3	0,2	9	0,5	1	0,1	5	0,3	3	0,2	21	0,2
<i>Milvago chimachima</i>	6	0,9	0	0,0	0	0,0	9	0,5	0	0,0	4	0,2	19	0,2
<i>Mionectes oleagineus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	0	0,0	1	0,0
<i>Myiarchus ferox</i>	1	0,1	0	0,0	4	0,2	8	0,5	0	0,0	12	0,7	25	0,3
<i>Myiarchus swainsoni</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,2	0	0,0	0	0,0	3	0,0
<i>Myiarchus tuberculifer</i>	0	0,0	1	0,1	5	0,3	0	0,0	16	0,9	0	0,0	22	0,2
<i>Myiobius barbatus</i>	0	0,0	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,0
<i>Myiopagis caniceps</i>	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	17	1,0	0	0,0	19	0,2

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Myiornis auricularis</i>	0	0,0	20	1,0	33	1,9	0	0,0	7	0,4	0	0,0	60	0,6
<i>Myiozetetes similis</i>	18	2,6	10	0,5	11	0,6	29	1,7	1	0,1	32	2,0	101	1,1
<i>Myrmotherula axillaris</i>	4	0,6	65	3,3	19	1,1	38	2,3	20	1,1	33	2,0	179	1,9
<i>Myrmotherula urosticta</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	1	0,0
<i>Nemosia pileata</i>	2	0,3	1	0,1	2	0,1	4	0,2	0	0,0	6	0,4	15	0,2
<i>Notharchus swainsoni</i>	0	0,0	2	0,1	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	4	0,0
<i>Nycticorax nycticorax</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	2	0,0
<i>Nystalus maculatus</i>	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,0
<i>Pachyrhamphus castaneus</i>	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	0,2	0	0,0	5	0,1
<i>Pachyrhamphus marginatus</i>	0	0,0	2	0,1	2	0,1	0	0,0	8	0,5	0	0,0	12	0,1
<i>Pachyrhamphus polychopterus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	0,4	0	0,0	5	0,3	11	0,1
<i>Pachyrhamphus validus</i>	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	1	0,1	0	0,0	3	0,0
<i>Pachyrhamphus viridis</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,0
<i>Pachyrhamphus marginatus</i>	0	0,0	3	0,2	4	0,2	0	0,0	2	0,1	0	0,0	9	0,1
<i>Paroaria dominicana</i>	4	0,6	0	0,0	0	0,0	6	0,4	0	0,0	3	0,2	13	0,1
<i>Patagioenas cayennensis</i>	0	0,0	4	0,2	5	0,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	9	0,1
<i>Patagioenas picazuro</i>	4	0,6	0	0,0	0	0,0	5	0,3	0	0,0	3	0,2	12	0,1
<i>Patagioenas speciosa</i>	0	0,0	2	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,0
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	4	0,6	0	0,0	10	0,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	14	0,1
<i>Phaethornis pretrei</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	0	0,0	2	0,0
<i>Phaethornis ruber</i>	4	0,6	32	1,6	4	0,2	7	0,4	26	1,5	7	0,4	80	0,9
<i>Pheugopedius genibarbis</i>	0	0,0	66	3,4	42	2,4	14	0,8	1	0,1	13	0,8	136	1,4
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	0	0,0	0	0,0	3	0,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,0
<i>Piaya cayana</i>	10	1,4	2	0,1	2	0,1	13	0,8	7	0,4	27	1,7	61	0,6
<i>Piculus flavigula</i>	0	0,0	4	0,2	3	0,2	4	0,2	7	0,4	3	0,2	21	0,2
<i>Picumnus exilis</i>	4	0,6	4	0,2	6	0,3	7	0,4	1	0,1	1	0,1	23	0,2
<i>Picumnus pygmaeus</i>	1	0,1	2	0,1	1	0,1	0	0,0	1	0,1	0	0,0	5	0,1

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Pilherodius pileatus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	2	0,0
<i>Pitangus sulphuratus</i>	9	1,3	55	2,8	40	2,3	27	1,6	38	2,2	26	1,6	195	2,1
<i>Porzana albicollis</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	11	0,7	0	0,0	0	0,0	11	0,1
<i>Progne chalybea</i>	3	0,4	0	0,0	0	0,0	12	0,7	0	0,0	4	0,2	19	0,2
<i>Progne tapera</i>	2	0,3	0	0,0	5	0,3	6	0,4	0	0,0	1	0,1	14	0,1
<i>Psarocolius decumanus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,2	12	0,7	0	0,0	15	0,2
<i>Pseudastur polionotus</i>	0	0,0	1	0,1	0	0,0	1	0,1	7	0,4	0	0,0	9	0,1
<i>Pseudoseisura cristata</i>	0	0,0	0	0,0	8	0,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	8	0,1
<i>Pteroglossus aracari</i>	16	2,3	29	1,5	12	0,7	14	0,8	49	2,8	22	1,4	142	1,5
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	6	0,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	8	0,1
<i>Pyriglena leucoptera</i>	0	0,0	5	0,3	0	0,0	35	2,1	10	0,6	19	1,2	69	0,7
<i>Pyrrhura leucotis</i>	0	0,0	0	0,0	19	1,1	7	0,4	114	6,5	13	0,8	153	1,6
<i>Ramphastos vitellinus</i>	0	0,0	15	0,8	23	1,3	2	0,1	16	0,9	1	0,1	57	0,6
<i>Ramphocaenus melanurus</i>	0	0,0	21	1,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	21	0,2
<i>Ramphocelus bresilius</i>	2	0,3	16	0,8	5	0,3	7	0,4	0	0,0	4	0,2	34	0,4
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i>	0	0,0	7	0,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	8	0,1
<i>Rhytipterna simplex</i>	0	0,0	5	0,3	7	0,4	22	1,3	2	0,1	4	0,2	40	0,4
<i>Rupornis magnirostris</i>	5	0,7	11	0,6	8	0,5	8	0,5	3	0,2	15	0,9	50	0,5
<i>Rynchocynclus olivaceus</i>	0	0,0	3	0,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,0
<i>Saltator maximus</i>	0	0,0	0	0,0	8	0,5	1	0,1	9	0,5	2	0,1	20	0,2
<i>Schiffornis turdina</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,0
<i>Setophaga pitayumi</i>	9	1,3	19	1,0	7	0,4	32	1,9	22	1,3	35	2,2	124	1,3
<i>Sicalis flaveola</i>	4	0,6	0	0,0	12	0,7	1	0,1	2	0,1	1	0,1	20	0,2
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	4	0,6	5	0,3	12	0,7	7	0,4	1	0,1	10	0,6	39	0,4
<i>Spizaetus melanoleucus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	2	0,0
<i>Spizaetus tyrannus</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	8	0,5	0	0,0	0	0,0	8	0,1
<i>Sporophila</i>	0	0,0	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,0

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Sporophila albogularis</i>	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,0
<i>Sporophila caerulescens</i>	2	0,3	0	0,0	0	0,0	5	0,3	0	0,0	0	0,0	7	0,1
<i>Sporophila leucoptera</i>	3	0,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,0
<i>Sporophila nigricollis</i>	9	1,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	9	0,1
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	2	0,3	2	0,1	37	2,1	4	0,2	2	0,1	0	0,0	47	0,5
<i>Synallaxis frontalis</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	1	0,0
<i>Synallaxis spixi</i>	3	0,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,0
<i>Tachycineta albiventer</i>	2	0,3	0	0,0	9	0,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	11	0,1
<i>Tangara cayana</i>	12	1,7	0	0,0	0	0,0	23	1,4	0	0,0	17	1,0	52	0,6
<i>Tangara cyanomelas</i>	0	0,0	1	0,1	5	0,3	0	0,0	7	0,4	0	0,0	13	0,1
<i>Tangara palmarum</i>	10	1,4	47	2,4	53	3,1	35	2,1	68	3,9	46	2,8	259	2,8
<i>Tangara sayaca</i>	9	1,3	2	0,1	3	0,2	17	1,0	1	0,1	22	1,4	54	0,6
<i>Tangara seledon</i>	24	3,4	86	4,4	74	4,3	15	0,9	123	7,1	27	1,7	349	3,7
<i>Tapera naevia</i>	2	0,3	4	0,2	1	0,1	6	0,4	0	0,0	0	0,0	13	0,1
<i>Taraba major</i>	0	0,0	1	0,1	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,0
<i>Tersina viridis</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,2	1	0,1	6	0,4	10	0,1
<i>Thalurania glaucopsis</i>	0	0,0	10	0,5	6	0,3	11	0,7	18	1,0	14	0,9	59	0,6
<i>Thamnophilus ambiguus</i>	0	0,0	8	0,4	7	0,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	15	0,2
<i>Thamnophilus palliatus</i>	6	0,9	31	1,6	15	0,9	3	0,2	2	0,1	9	0,6	66	0,7
<i>Thripophaga macroura</i>	0	0,0	3	0,2	0	0,0	1	0,1	0	0,0	0	0,0	4	0,0
<i>Tityra cayana</i>	0	0,0	1	0,1	0	0,0	0	0,0	1	0,1	0	0,0	2	0,0
<i>Todirostrum cinereum</i>	11	1,6	1	0,1	3	0,2	30	1,8	0	0,0	15	0,9	60	0,6
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	5	0,7	56	2,9	24	1,4	38	2,3	42	2,4	46	2,8	211	2,2
<i>Troglodytes musculus</i>	25	3,6	14	0,7	30	1,7	26	1,6	2	0,1	16	1,0	113	1,2
<i>Trogon surrucura</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,2	3	0,2	2	0,1	8	0,1
<i>Turdus albicollis</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	10	0,6	0	0,0	6	0,4	16	0,2
<i>Turdus amaurochalinus</i>	0	0,0	2	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,0

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Turdus leucomelas</i>	17	2,4	30	1,5	19	1,1	42	2,5	18	1,0	21	1,3	147	1,6
<i>Turdus rufiventris</i>	15	2,1	66	3,4	52	3,0	34	2,0	49	2,8	38	2,3	254	2,7
<i>Tyrannus melancholicus</i>	2	0,3	0	0,0	4	0,2	16	1,0	0	0,0	17	1,0	39	0,4
<i>Tyto furcata</i>	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,0
<i>Urubitinga urubitinga</i>	2	0,3	0	0,0	3	0,2	0	0,0	1	0,1	0	0,0	6	0,1
<i>Vanellus chilensis</i>	9	1,3	0	0,0	6	0,3	0	0,0	0	0,0	1	0,1	16	0,2
<i>Veniliornis affinis</i>	0	0,0	14	0,7	6	0,3	7	0,4	1	0,1	6	0,4	34	0,4
<i>Vireo chivi</i>	9	1,3	0	0,0	0	0,0	21	1,3	0	0,0	2	0,1	32	0,3
<i>Volatinia jacarina</i>	9	1,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	9	0,1
<i>Xenops minutus</i>	0	0,0	1	0,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,1	3	0,0
<i>Xenops rutilans</i>	0	0,0	1	0,1	1	0,1	3	0,2	2	0,1	11	0,7	18	0,2
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	0	0,0	1	0,1	1	0,1	0	0,0	9	0,5	14	0,9	25	0,3
<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	0	0,0	7	0,4	2	0,1	14	0,8	7	0,4	8	0,5	38	0,4
<i>Zonotrichia capensis</i>	4	0,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	0,0
Totais	698	100	1945	100	1730	100	1659	100	1741	100	1627	100	9400	100

Foram registradas 195 espécies através do método de pontos de escuta, onde se obteve 13606 contatos, gerando, assim um Índice Pontual de Abundância (IPA) de 11 indivíduos por ponto. As espécies com maior IPA foram o xexéu (*Cacicus cela*, FIGURA 6.2 - 142), o periquito-rico (*Brotogeris tirica*, FIGURA 6.2 - 143) e o catatau (*Campylorhynchus turdinus*) com IPAs 0,82, 0,51 e 0,48, respectivamente.

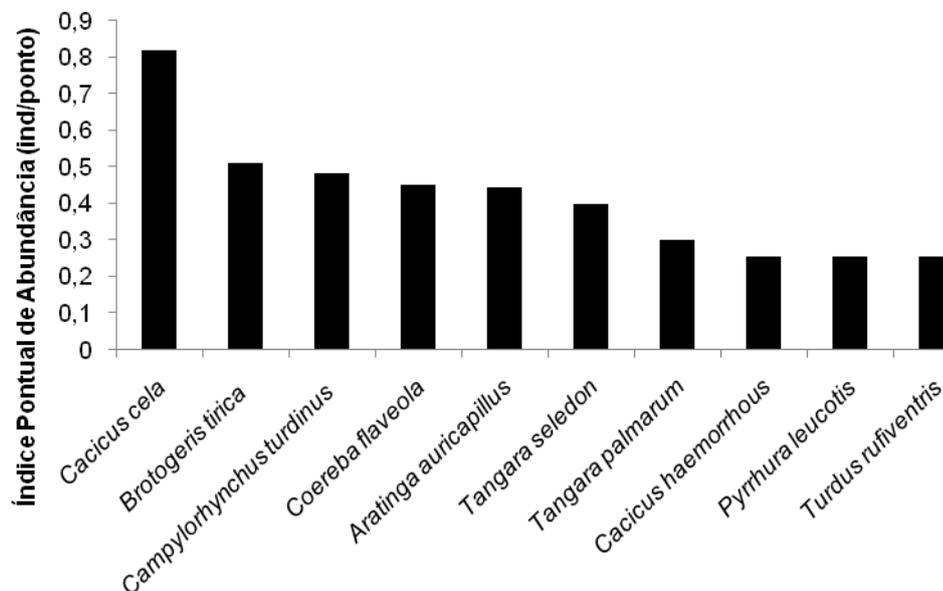


FIGURA 6.2 - 141 - ESPÉCIES COM MAIOR IPA (ÍNDICE PONTUAL DE ABUNDÂNCIA) NAS AMOSTRAGENS.

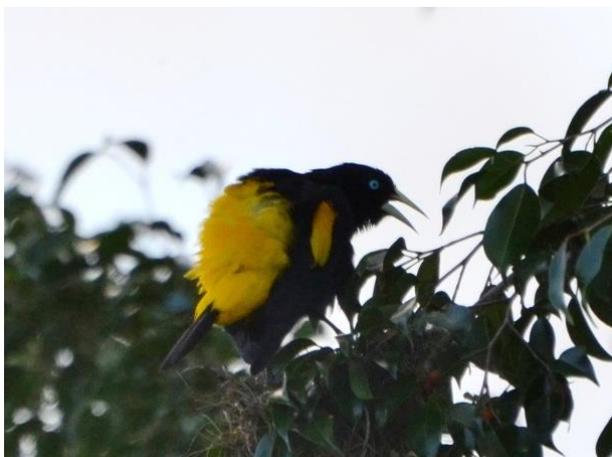


FIGURA 6.2 - 142 - XEXÉU (*CACICUS CELA*) ESPÉCIE COM O MAIOR IPA.



FIGURA 6.2 - 143 - PERIQUITO-RICO (*BROTOGERIS TIRICA*), SEGUNDA ESPÉCIE COM MAIOR IPA.



FIGURA 6.2 - 144 - SAÍRA-SETE-CORES (*TANGARA SELEDOM*), ESPÉCIE COM SEXTO MAIOR IPA.

Através dos censos por transecção foram obtidos 6313 registros, distribuídos em 209 espécies, resultando numa densidade de 3,3 indivíduos por hectare amostrado. As espécies mais abundantes foram o xexéu (*C. cela*), a cambacica (*Coereba flaveola*), o sábia-laranjeira (*Turdus rufiventris*) e o periquito-rico (*Brotogeris tirica*), que apresentaram uma densidade de 0,131, 0,114, 0,111 e 0,088 indivíduos por hectare, respectivamente (FIGURA 6.2 - 145).

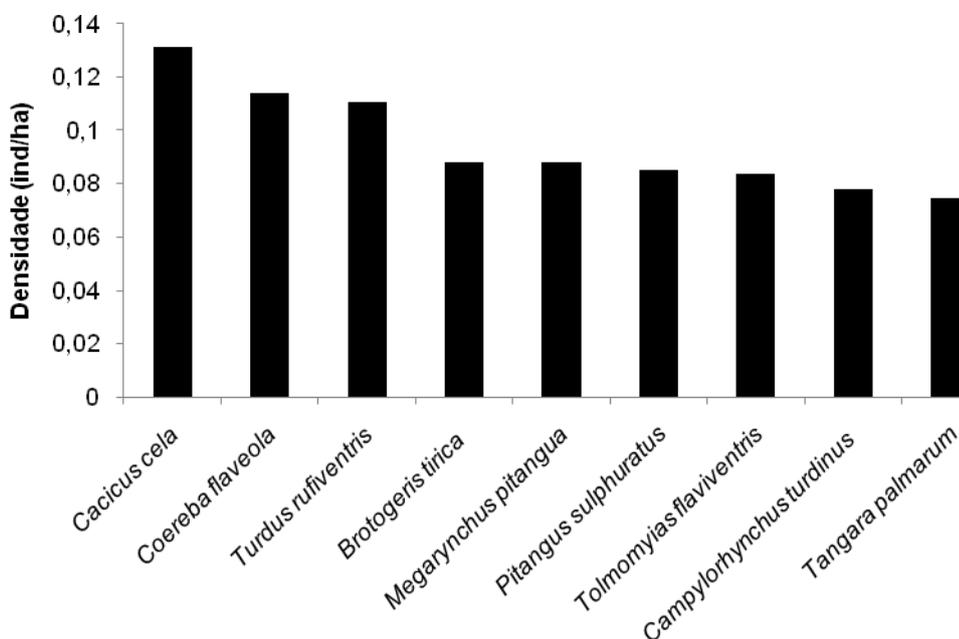


FIGURA 6.2 - 145 - ESPÉCIES COM MAIOR DENSIDADE NAS AMOSTRAGENS.



FIGURA 6.2 - 146 - CAMBACICA (*COEREBA FLAVEOLA*).



FIGURA 6.2 - 147 - SABIÁ-LARANJEIRA (*TURDUS RUFIVENTRIS*).

Através do método de captura com redes de neblinas foram capturados 547 indivíduos, pertencentes a 61 espécies, obtendo-se índice de captura (IC) igual a 0,32 indivíduos/100 m² rede-hora. As espécies com maior IC foram a choquinha-de-flanco-branco (*Myrmotherula axillaris*, FIGURA 6.2 - 151) com CPUE

= 0,035, o balança-rabo-de-bico-torto (*Glaucis hirsutus*, FIGURA 6.2 - 151) CPUE = 0,034 e a rendeira (*Manacus manacus*, FIGURA 6.2 - 149) CPUE = 0,03 capturas/100 m² rede-hora (FIGURA 6.2 - 148).

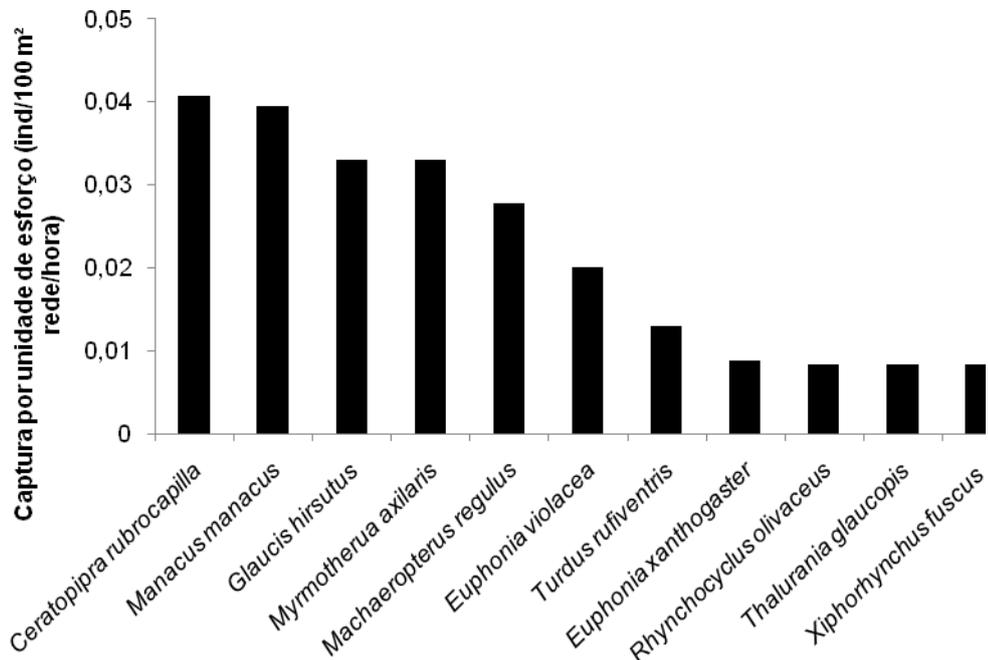


FIGURA 6.2 - 148 - ESPÉCIES COM MAIOR CPUE NAS AMOSTRAGENS.



FIGURA 6.2 - 149 - RENDEIRA (*MANACUS MANACUS*).



FIGURA 6.2 - 150 - CHOQUINHA-DE-FLANCO-BRANCO (*MYRMYOTHERULA AXILLARIS*).



FIGURA 6.2 - 151 - BALANÇA-RABO-DE-BICO-TORTO (*GLAUCIS HIRSUTUS*).

COMPOSIÇÃO

Entre as espécies mais abundantes, considerando-se todos os métodos empregados no estudo, algumas delas são endêmicas da Mata Atlântica, como o periquito-rico (*Brotogeris tirica*) e a saíra-sete-cores (*Tangara seledon*). Todas são espécies amplamente distribuídas, comuns a abundantes em suas áreas de ocorrência (GRANTS AU, 2006). Ressalta-se que nenhuma das espécies mais abundantes é bioindicadora de boa qualidade ambiental.

O índice de diversidade calculado para a massa total de dados obtidos foi de $H' = 4,48$, pouco superior ao obtido para os sítios amostrais, entre os quais destacaram-se AFT3 ($H' = 4,45$), AFT1 ($H' = 4,41$) e o Módulo 6 ($H' = 4,39$), que também apresentaram os maiores valores de equitabilidade.

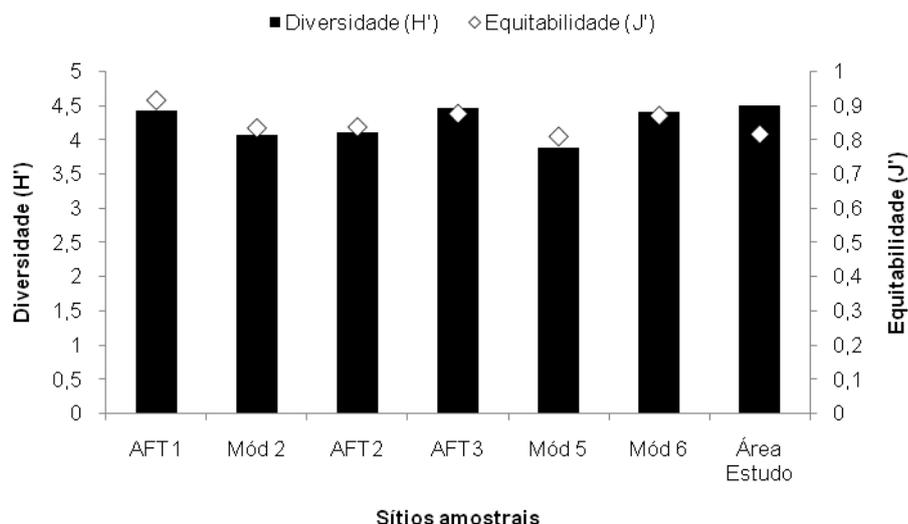


FIGURA 6.2 - 152 - DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE REGISTRADAS NAS AMOSTRAGENS DE AVIFAUNA.

Na análise de similaridade de Bray-Curtis entre os sítios, verifica-se maior similaridade entre AFT3 e Módulo 6 (71%) e entre AFT2 e Módulo 2 (61,7%). De maneira geral a similaridade foi elevada entre as áreas, atingindo índices superiores a 50% na maioria das comparações (FIGURA 6.2 - 153). Destoa deste cenário o sítio AFT1, a mais setentrional das áreas amostradas, que apresentou-se em média apenas 37% similar às demais, em razão da presença de algumas espécies registradas exclusivamente neste sítio, tais como o joão-teneném (*Synallaxis spixi*) e o gavião-preto (*Urubitinga urubitinga*) e ausência de algumas espécies registradas nas demais áreas, como o vissia (*Rhytipterna simplex*, FIGURA 6.2 - 154) e o furriel (*Caryothraustes canadensis*, FIGURA 6.2 - 155).

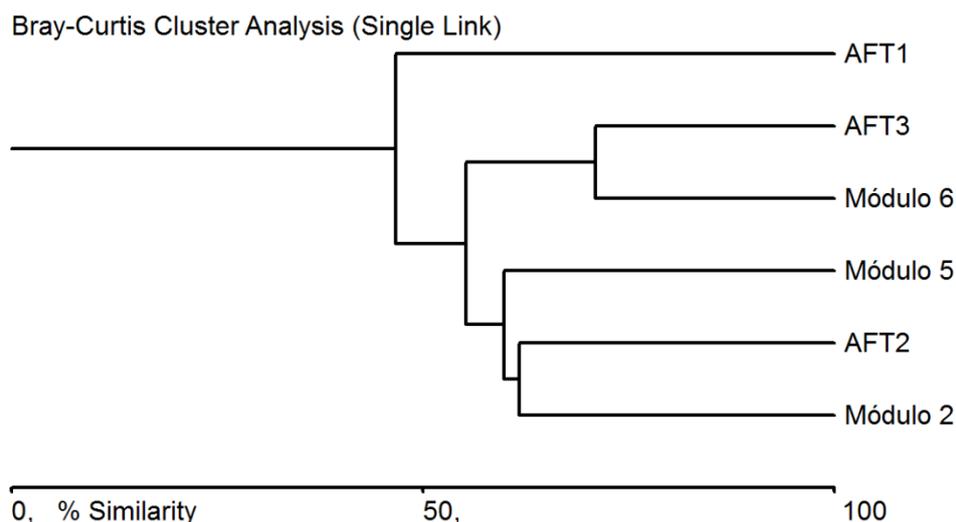


FIGURA 6.2 - 153 - DENDROGRAMA DE SIMILARIDADE ENTRE AS ÁREAS, UTILIZANDO-SE BRAY-CURTIS.



FIGURA 6.2 - 154 - VISSIA (*RHYTIPTERNA SIMPLEX*).



FIGURA 6.2 - 155 - FURRIEL (*CARYOTHRAUTES CANADENSIS*).

(iv) Mastofauna

MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE

RIQUEZA

Foram registradas no EIA/RIMA para a duplicação da rodovia BR-101/BA 21 espécies de mamíferos de médio e grande porte, pertencentes a 15 famílias e sete ordens taxonômicas, correspondendo a menos da metade da riqueza de espécies esperadas para a região do empreendimento (41.18%). Dessas espécies, cinco são endêmicas do Bioma Mata Atlântica, sendo duas restritas ao Estado da Bahia.

O módulo 6 apresentou a maior riqueza média (FIGURA 6.2 - 156) sendo o mais representativo em espécies de mamíferos de médio e grande porte (n= 14), seguido pelo Módulo 2 (n= 12). O sítio amostral AFT1 foi o de menor representatividade em espécies (n= 5).

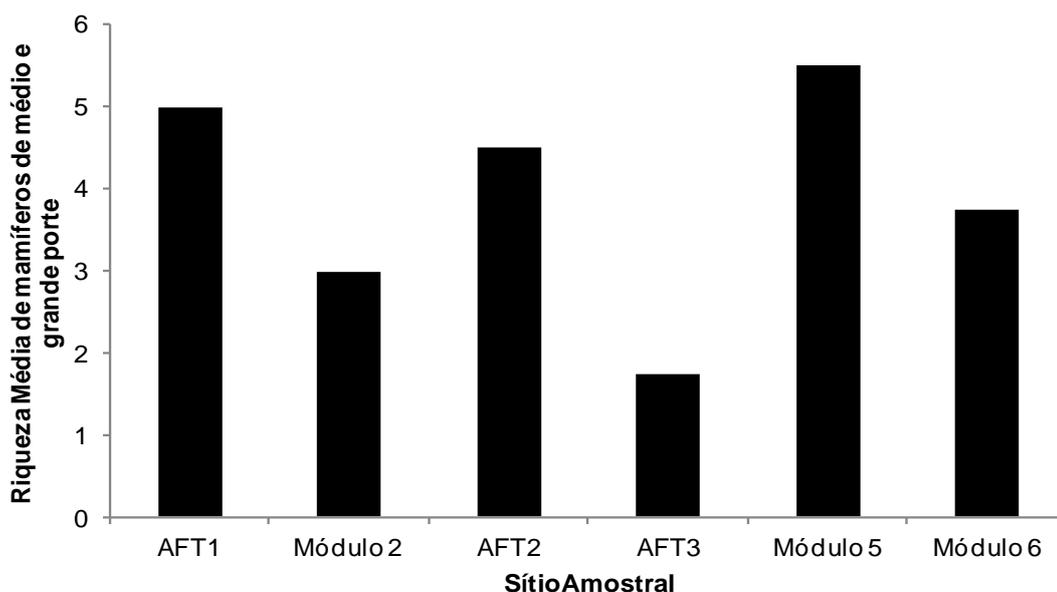


FIGURA 6.2 - 156 - RIQUEZA MÉDIA DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE REGISTRADA POR SÍTIO AMOSTRAL NO EIA/RIMA PARA A DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

A curva global de acumulação de espécies apresentou clara tendência à estabilidade, no entanto, a curva para a riqueza estimada manteve leve assíntota, indicando que a comunidade local de mamíferos de médio e grande porte não foi totalmente inventariada no EIA/RIMA (FIGURA 6.2 - 157 a FIGURA 6.2 - 163). Ao longo do estudo, o incremento de espécies nos registros do estudo diminuiu, suavizando a curva de acumulação de espécies de mamíferos de médio e grande porte, para todos os sítios de amostragem indicando que a maior parte da comunidade local foi registrada (MÜELLER-DOMBOIS & ELLENBERG, 1974; CULLEN Jr. *et al.*, 2004).

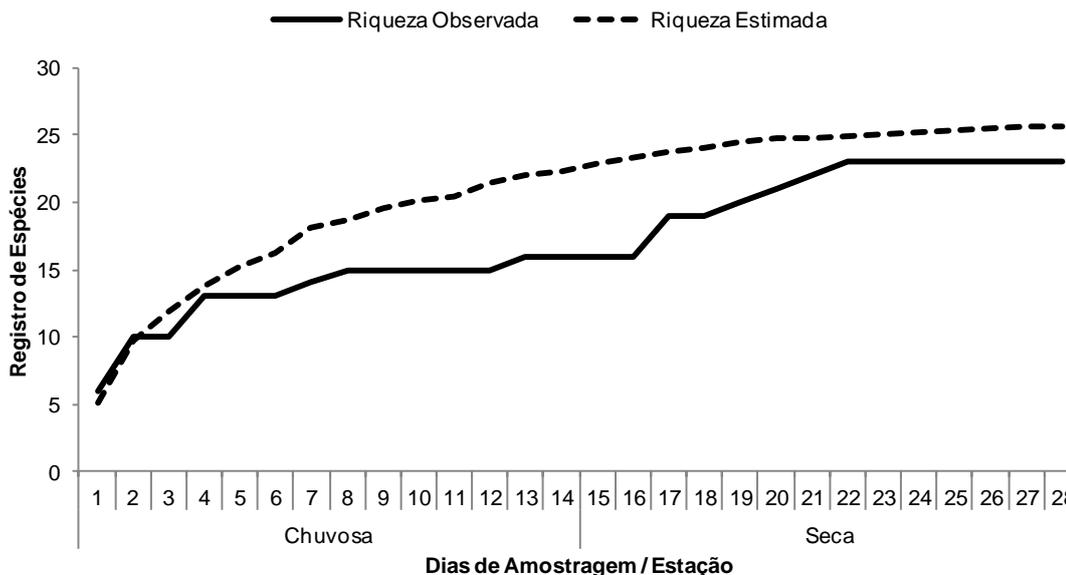


FIGURA 6.2 - 157 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS GLOBAIS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NA ÁREA DE ESTUDO DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

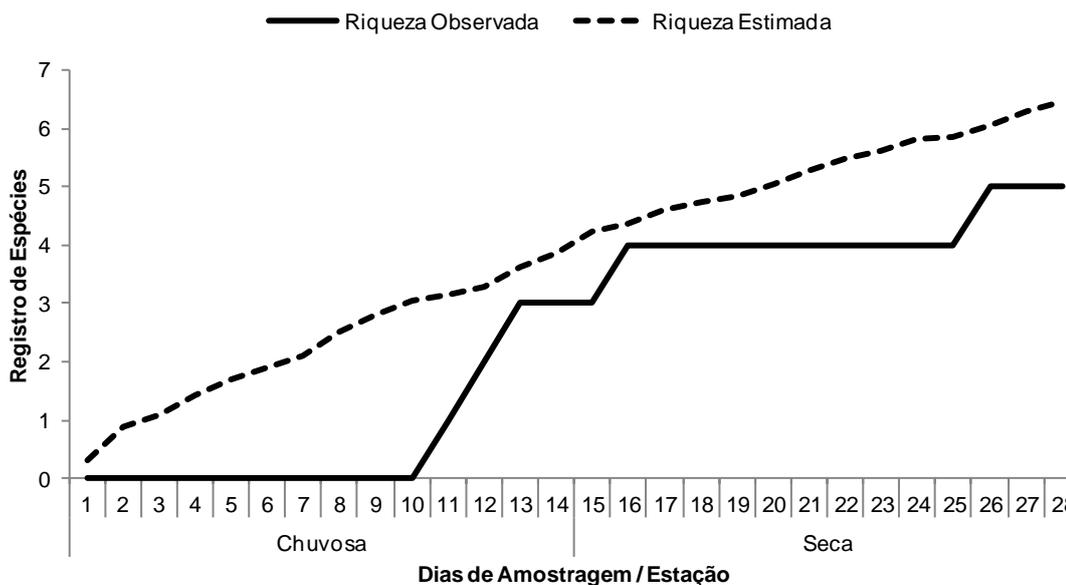


FIGURA 6.2 - 158 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO SÍTIO AFT1 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

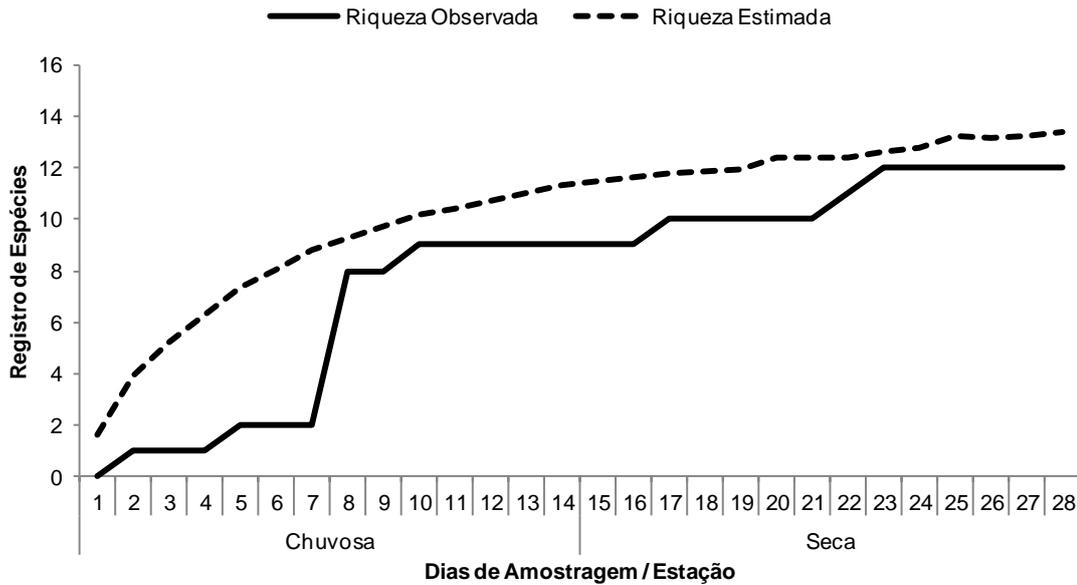


FIGURA 6.2 - 159 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO SÍTIO AFT2 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

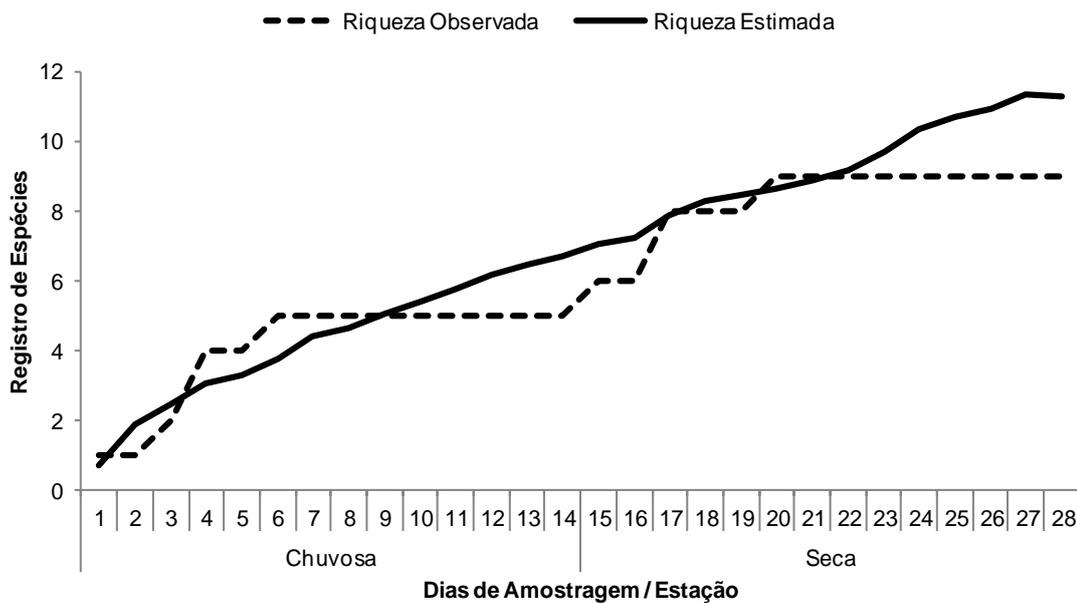


FIGURA 6.2 - 160 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO SÍTIO AFT3 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

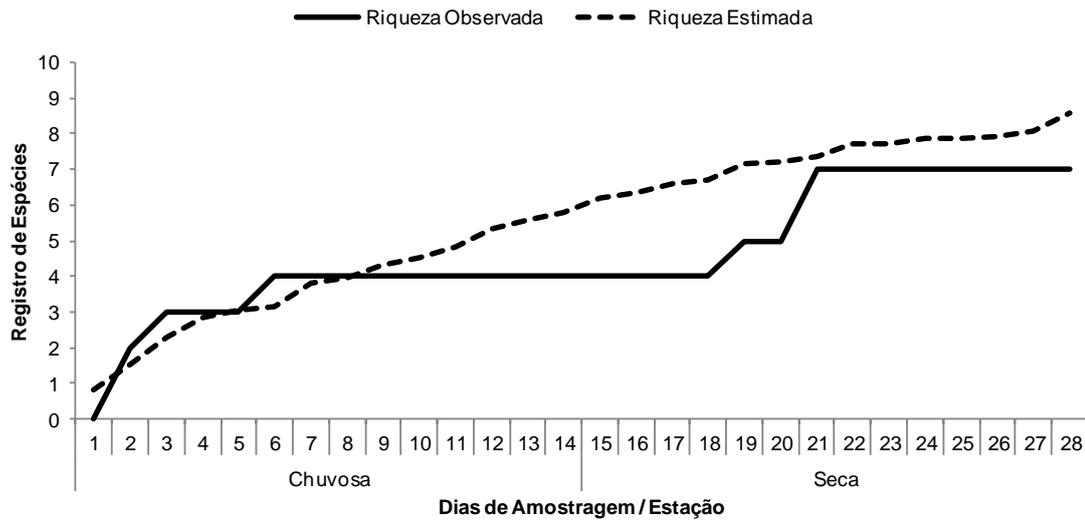


FIGURA 6.2 - 161 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO MÓDULO 2 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

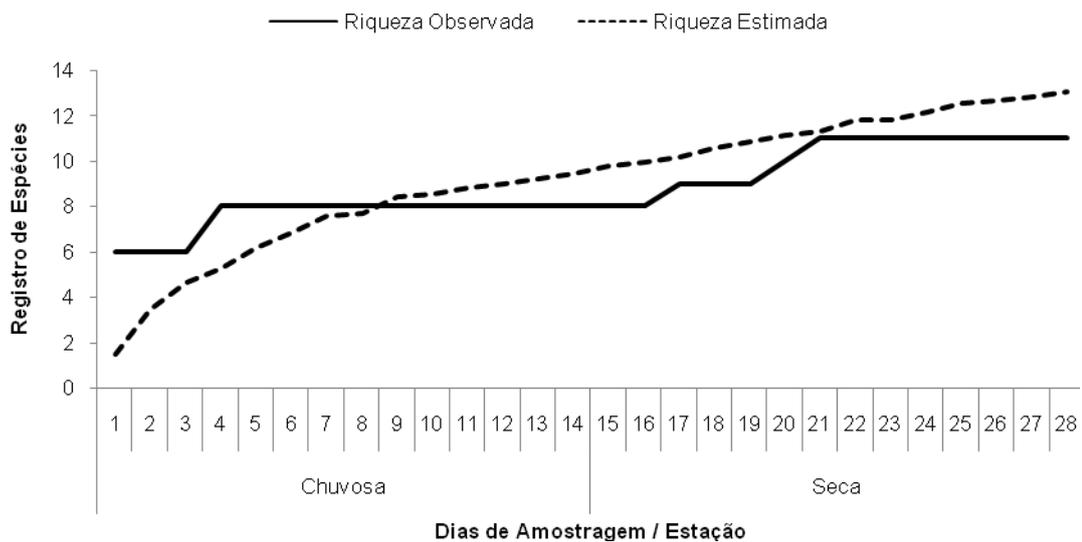


FIGURA 6.2 - 162 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO MÓDULO 5 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

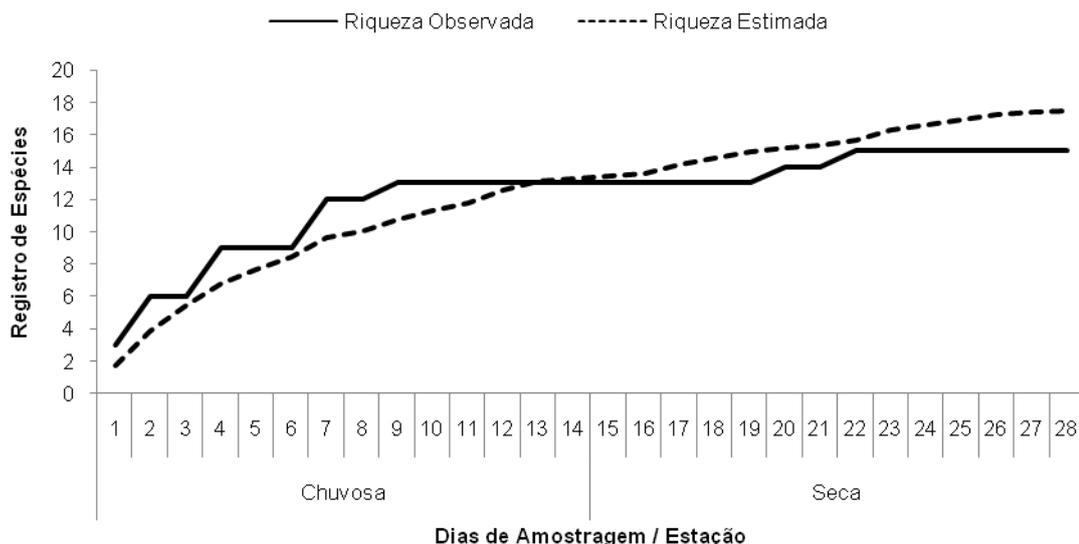


FIGURA 6.2 - 163 - CURVA DO COLETOR PARA OS DADOS OBTIDOS NAS AMOSTRAGENS DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NO MÓDULO 6 DURANTE AS AMOSTRAGENS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

QUADRO 6.2 - 9-LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE REGISTRADAS NA COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS PARA O EIA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. LEGENDA: STATUS DE CONSERVAÇÃO SEGUNDO IUCN (2014) E IBAMA (2003): LC = POUCO PREOCUPANTE; NT = QUASE AMEAÇADA; VU = VULNERÁVEL; EN= EM PERIGO E CR= CRITICAMENTE EM PERIGO. ESPÉCIE ENDÊMICA: MA= ESPÉCIE ENDÊMICA PARA O BIOMA DA MATA ATLÂNTICA E BA= ESPÉCIE COM DISTRIBUIÇÃO RESTRITA AO ESTADO DA BAHIA. HÁBITAT DE REGISTRO: FL: FLORESTAL E CA: CABRUCO.

TÁXON / NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	MÓDULO DE AMOSTRAGEM	HÁBITAT DE REGISTRO	STATUS DE CONSERVAÇÃO IUCN / MMA	ESPÉCIE ENDÊMICA	ESPÉCIE RARA	GRAU DE SENSIBILIDADE	GRAU DE VULNERABILIDADE
ORDEM RODENTIA								
Família Caviidae								
Hydrochoerus hydrochaeris	capivara	AFT3	fl	LC	-	-	baixa	baixa
Família Cuniculidae								
Cuniculus paca	paca	AFT1; Mód 2; AFT2; AFT3; Mód 5; Mód 6	ca; fl; ca; fl; ca; fl	LC	-	-	média	média
Família Dasyproctidae								
Dasyprocta aguti	cutia	Mód 2; AFT2; Mód 6	fl; ca; fl	LC	-	-	média	média
Família Erethizontidae								
Coendou insidiosus	ouriço-cacheiro	Mód 2	fl	LC	-	-	média	média
ORDEM PILOSA								
Família Myrmecophagidae								
Tamandua tetradactyla	tamanduá-mirim	Mód 5; Mód 6	ca; fl	LC	-	-	alta	média
ORDEM CINGULATA								
Família Dasypodidae								
Dasypus novemcinctus	tatu-galinha	Mód 2; AFT2; AFT3; Mód 5; Mód 6	fl; ca; fl; ca; fl	LC	-	-	média	alta
Euphractus sexcinctus	tatu-peludo	AFT2; AFT3; Mód 6	ca; fl; fl	LC	-	-	média	alta
ORDEM PRIMATES								
Família Cebidae								
Callithrix kuhlii	sagui	AFT1; Mód 2; AFT2; AFT3; Mód	ca; fl; ca; fl;	NT	MA / BA	x	média	média

TÁXON / NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	MÓDULO DE AMOSTRAGEM	HÁBITAT DE REGISTRO	STATUS DE CONSERVAÇÃO IUCN / MMA	ESPÉCIE ENDÊMICA	ESPÉCIE RARA	GRAU DE SENSIBILIDADE	GRAU DE VULNERABILIDADE
		5; Mód 6	ca; fl					
Leontopithecus chrysomelas	mico-leão-da-cara-dourada	Mód 6	fl	EN / EN	MA / BA	x	alta	alta
Sapajus xanthosternos	macaco-prego-do-peito-amarelo	Mód 5; Mód 6	ca; fl	CR / CR	MA	x	alta	alta
Família Pitheciidae								
Callicebus coimbrai	guigó-de-coimbra	AFT1; AFT3	ca; fl	EN	MA	x	alta	alta
Callicebus melanochir	guigó	Mód 2	fl	VU / VU	MA	x	alta	alta
ORDEM LAGOMORPHA								
Família Leporidae								
Sylvilagus brasiliensis	tapiti	AFT2; Mód 5; Mód 6	ca; ca; fl	LC	-	-	baixa	alta
ORDEM CARNIVORA								
Família Canidae								
Cerdocyon thous	cachorro-do-mato	AFT1; Mód 2; AFT2; AFT3; Mód 5; Mód 6	ca; fl; ca; fl; ca; fl	LC	-	-	média	alta
Família Felidae								
Leopardus pardalis	jaguaririca	Mód 6	fl	LC	-	-	média	alta
Leopardus tigrinus	gato-do-mato-pequeno	Mód 5	ca	VU/VU			média	alta
Leopardus sp.	gato	Mód 6	fl	-	-	-	-	-
Família Mustelidae								
Eira barbara	irara	Mód 2; AFT2	fl; ca	LC	-	-	média	média
Família Procyonidae								
Procyon cancrivorus	mão-pelada	Mód 2; AFT3; Mód 5; Mód 6	fl; fl; ca; fl	LC	-	-	média	média
Nasua nasua	quati	Mód 2; Mód 5; Mód 6	fl; ca; fl	LC	-	-	média	média
ORDEM								

TÁXON / NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	MÓDULO DE AMOSTRAGEM	HÁBITAT DE REGISTRO	STATUS DE CONSERVAÇÃO IUCN / MMA	ESPÉCIE ENDÊMICA	ESPÉCIE RARA	GRAU DE SENSIBILIDADE	GRAU DE VULNERABILIDADE
CETARTIODACTYLA								
Família Tayassuidae								
Pecari tajacu	cateto	Mód 2; Mód 6	fl; fl	LC	-	-	média	media
Família Cervidae								
Mazama gouazoubira	veado-catingueiro	AFT1	ca	LC	-	-	média	alta
Mazama sp.	veado	Mód 2; AFT2; Mód 5	fl; ca; ca	-	-	-	-	-

ABUNDÂNCIA

Foram obtidos 337 registros de mamíferos de médio e grande porte tendo o Módulo 5 a maior abundância média de registros, seguido pelo Módulo 6. O sítio amostral AFT3 apresentou a menor abundância média (FIGURA 6.2 - 164). Os resultados de abundância absoluta e relativa por espécie e por sítio amostral estão representado na Figura 6.2 - 163.

C. kuhlii (FIGURA 6.2 - 165) foi a espécie mais registrada (n=125), representando 31,2% dos registros totais, seguida por *Cerdocyon thous* (n=59; 17,5%) (FIGURA 6.2 - 166), *C. paca* (n=23; 6,8%) (FIGURA 6.2 - 167 e FIGURA 6.2 - 168), *Procyon cancrivorus* (n=23; 6,8%) (FIGURA 6.2 - 169) e *Pecari tajacu* (n=22; 6,5%) (FIGURA 6.2 - 170). Espécies, inseridas em categorias de ameaça pela IUCN (2014), como *L. chrysomelas* (FIGURA 6.2 - 171); *L. pardalis* (FIGURA 6.2 - 172), *S. xanthosternos* (FIGURA 6.2 - 173) e *L. tigrinus* (FIGURA 6.2 - 174) também foram registras no sítios amostrais.

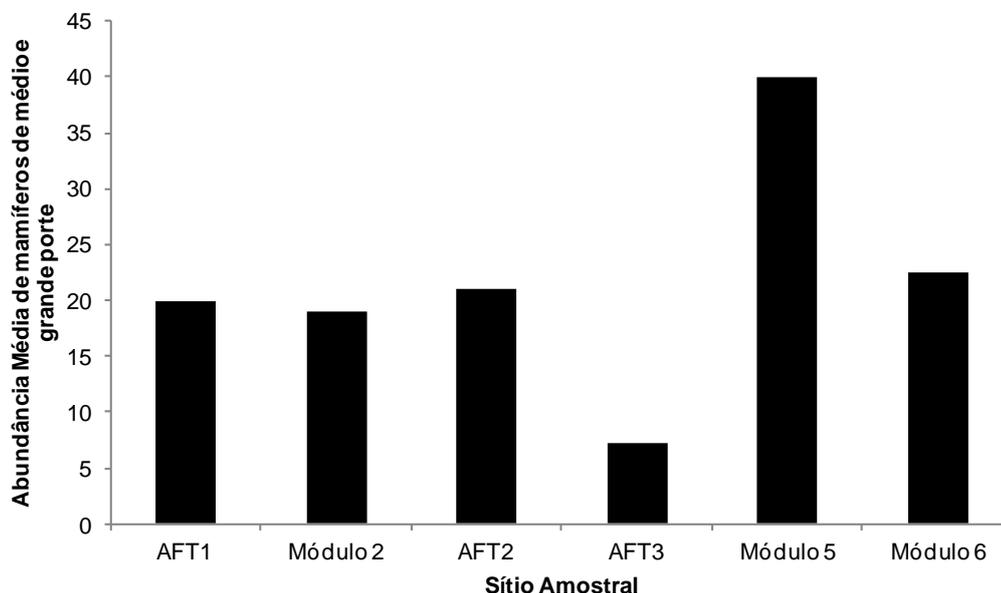


FIGURA 6.2 - 164 - ABUNDÂNCIA MÉDIA REGISTRADA NOS SÍTIOS AMOSTRAIS DURANTE O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

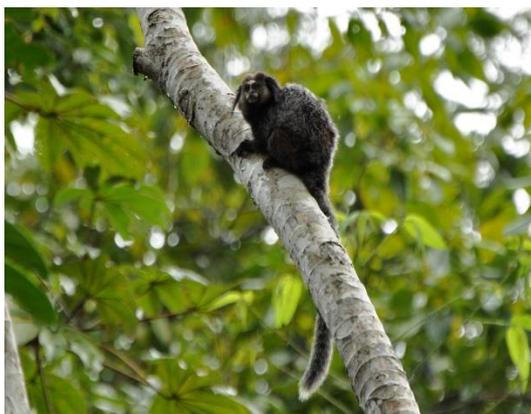


FIGURA 6.2 - 165 - REGISTRO VISUAL DE *CALLITHRIX KUHLII*.



FIGURA 6.2 - 166 - REGISTRO POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA DE *CERDOCYON THOUS*.



FIGURA 6.2 - 167 - REGISTRO POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA DE *CUNICULUS PACA*.



FIGURA 6.2 - 168 - REGISTRO DE PEGADA DE *C. PACA*.



FIGURA 6.2 - 169 - REGISTRO POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA DE *P. CANCRIVORUS*.



FIGURA 6.2 - 170 - REGISTRO POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA DE *PECARI TAJACU*.



FIGURA 6.2 - 171 - REGISTRO VISUAL DE *LEONTOPITHECUS CHRYSOMELAS*.



FIGURA 6.2 - 172 - REGISTRO POR PEGADA DE *LEOPARDUS PARDALIS*.



FIGURA 6.2 - 173 - REGISTRO VISUAL DE *S. XANTHOSTERNOS*.



FIGURA 6.2 - 174 - REGISTRO POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA DE *L. TIGRINUS*.

TABELA 6.2. 9- ABUNDÂNCIA ABSOLUTA (N) E RELATIVA (%) DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NAS AMOSTRAGENS QUANTITATIVAS DO EIA-RIMA PARA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

ESPÉCIES	AFT1		MÓDULO 2		AFT2		AFT3		MÓDULO 5		MÓDULO 6		TOTAL GERAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Callicebus coimbrai</i>	13	65.0	0	0.0	0	0.0	12	41.4	0	0.0	0	0	25	7.4
<i>Callicebus melanochir</i>	0	0.0	5	6.6	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0	5	1.5
<i>Callithrix kuhlii</i>	1	5.0	20	26.3	28	66.7	1	3.4	30	37.5	25	27.8	105	31.2
<i>Cerdocyon thous</i>	4	20.0	12	15.8	6	14.3	8	27.6	19	23.8	10	11.1	59	17.5
<i>Coendou insidiosus</i>	0	0.0	1	1.3	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	1	0.3
<i>Cuniculus paca</i>	1	5.0	13	17.1	1	2.4	0	0.0	1	1.3	7	7.8	23	6.8
<i>Dasyprocta agouti</i>	0	0.0	1	1.3	1	2.4	0	0.0	0	0.0	6	6.7	8	2.4
<i>Dasyopus novemcinctus</i>	0	0.0	5	6.6	1	2.4	1	3.4	6	7.5	7	7.8	20	5.9
<i>Eira barbara</i>	0	0.0	2	2.6	1	2.4	0	0.0	0	0.0	0	0.0	3	0.9
<i>Euphractus sexcinctus</i>	0	0.0	0	0.0	2	4.8	1	3.4	0	0.0	1	1.1	4	1.2
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	0	0.0	0	0.0	0	0.0	2	6.9	0	0.0	0	0.0	2	0.6
<i>Leontopithecus chrysomelas</i>	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	2	2.2	2	0.6
<i>Leopardus pardalis</i>	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	1	1.1	1	0.3
<i>Leopardus tigrinus</i>	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	1	1.3	0	0.0	1	0.3
<i>Leopardus sp.</i>	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	1	1.1	1	0.3
<i>Mazama gouazoubira</i>	1	5.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	1	0.3
<i>Mazama sp.</i>	0	0.0	1	1.3	1	2.4	0	0.0	2	2.5	0	0.0	4	1.2
<i>Nasua nasua</i>	0	0.0	7	9.2	0	0.0	0	0.0	1	1.3	1	1.1	9	2.7
<i>Pecari tajacu</i>	0	0.0	5	6.6	0	0.0	0	0.0	0	0.0	17	18.9	22	6.5
<i>Procyon cancrivorus</i>	0	0.0	4	5.3	0	0.0	4	13.8	10	12.5	5	5.6	23	6.8
<i>Sapajus xanthosternos</i>	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	8	10.0	5	5.6	13	3.9
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	0	0.0	0	0.0	1	2.4	0	0.0	1	1.3	1	1.1	3	0.9
<i>Tamandua tetradactyla</i>	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	1	1.3	1	1.1	2	0.6
Total geral	20		76		42		29		80		90		337	

COMPOSIÇÃO

A diversidade total registrada para a AID foi $H'=2,31$ com uma equitabilidade $J'=0,74$, influenciada pela abundância destacada das espécies *C. kuhlii* e *C. thous* que respondem por 48,7% do total de registros. Dentre os sítios amostrados, o Módulo 6 foi o mais diverso em espécies de mamíferos de médio e grande porte ($H'= 2,24$) e a Equitabilidade de Pielou (J') indicou maior semelhança em abundância entre espécies para o Módulo 2 ($J'= 0,85$).

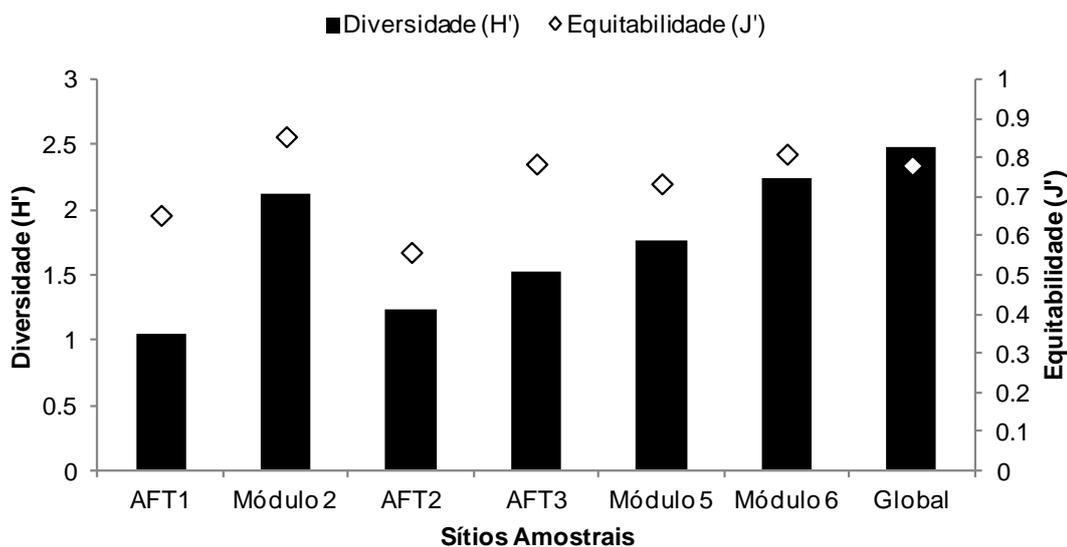


FIGURA 6.2 - 175 - DIVERSIDADE E EQUITABILIDADE OBTIDAS NOS SÍTIOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

A análise de Similaridade apontou AFT1 e AFT3 como os sítios amostrais com menor variação na composição de espécies entre si. Ao passo que, o Módulo 6 se distingue por ser o menos similar entre os sítios amostrais (FIGURA 6.2 - 176).

Os registros de espécies categorizadas como ameaçadas pela IUCN (2014) e pelo IBAMA (2003) ocorreram principalmente em sítios amostrais de fisionomia florestal em estágio médio de regeneração. Já espécies consideradas “comuns” ou “menos exigentes” tiveram sua presença confirmada, principalmente, em áreas de cultivo de cacau.

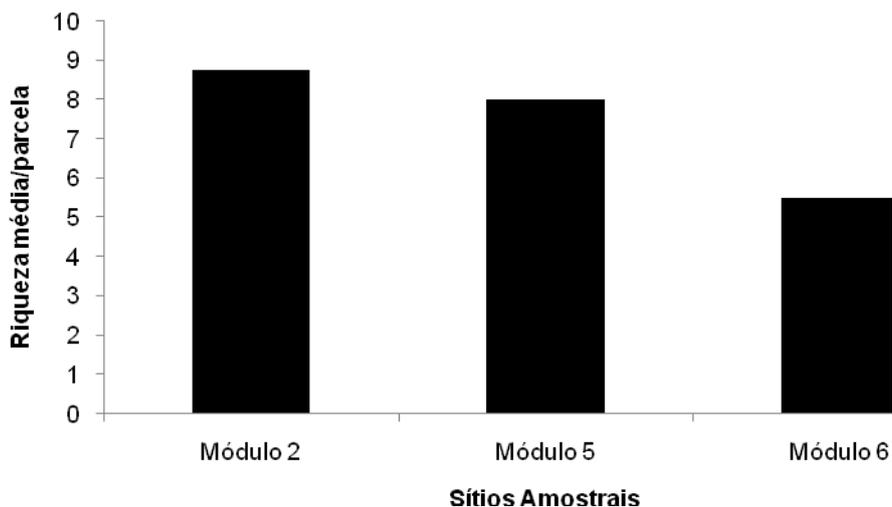


FIGURA 6.2 - 177 - RIQUEZA MÉDIA DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE POR SÍTIO AMOSTRADO NO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Para elaboração da curva de suficiência amostral da área de Estudo foram utilizados 194 registros de pequenos mamíferos, considerando todos os métodos utilizados. A curva de riqueza estimada não apresentou tendência à estabilização, tanto para os dados globais quanto para os sítios amostrais (FIGURA 6.2 - 178 a FIGURA 6.2 - 181), indicando que a amostragem não englobou a totalidade de espécies de pequenos mamíferos não voadores esperadas para a região do empreendimento, apesar da tendência à estabilidade apresentadas pelas curvas de acumulação (MÜELLER-DOMBOIS & ELLENBERG, 1974; CULLEN JR. *et al.*, 2004).

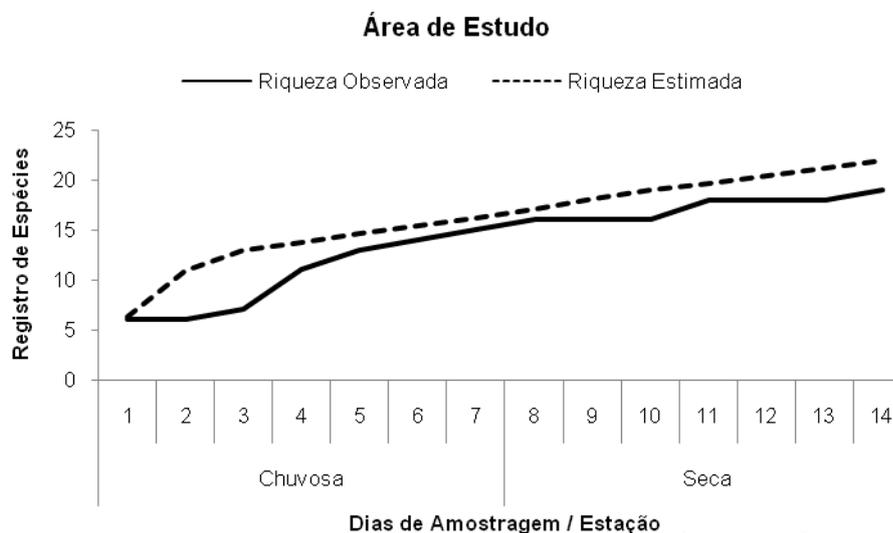


FIGURA 6.2 - 178 - CURVA DE ACUMULAÇÃO DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE DURANTE NA CAMPANHA 1 DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Módulo 2

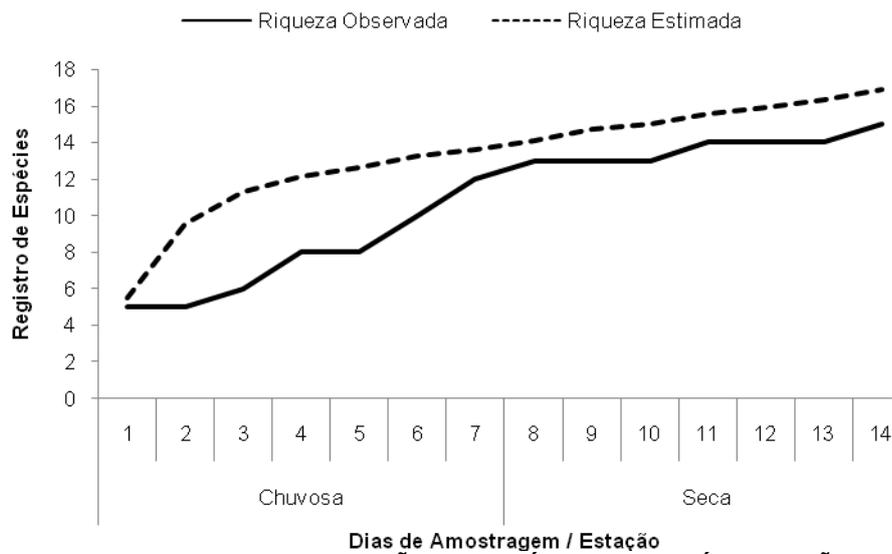


FIGURA 6.2 - 179 - CURVA DE ACUMULAÇÃO DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE NO MÓDULO 2 NAS CAMPANHAS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Módulo 5

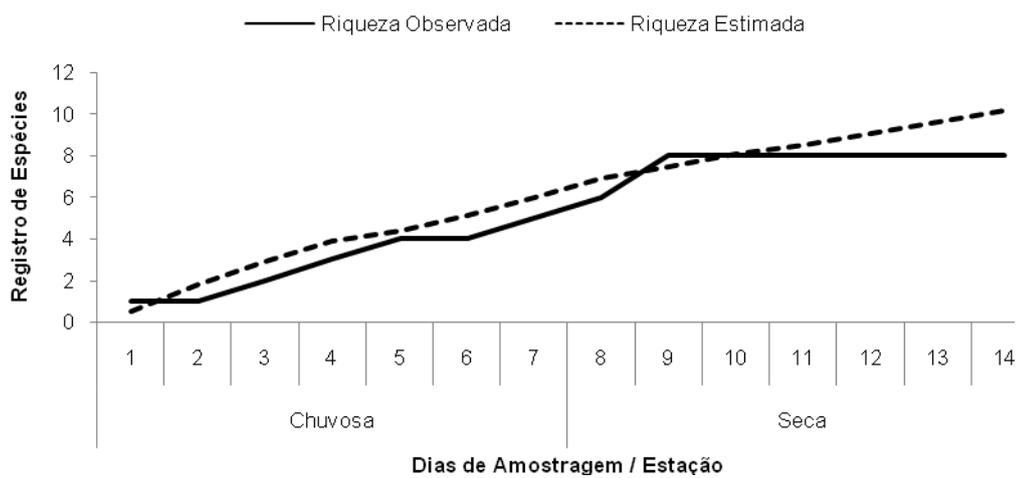


FIGURA 6.2 - 180 - CURVA DE ACUMULAÇÃO DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE NO MÓDULO 5 NAS CAMPANHAS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Módulo 6

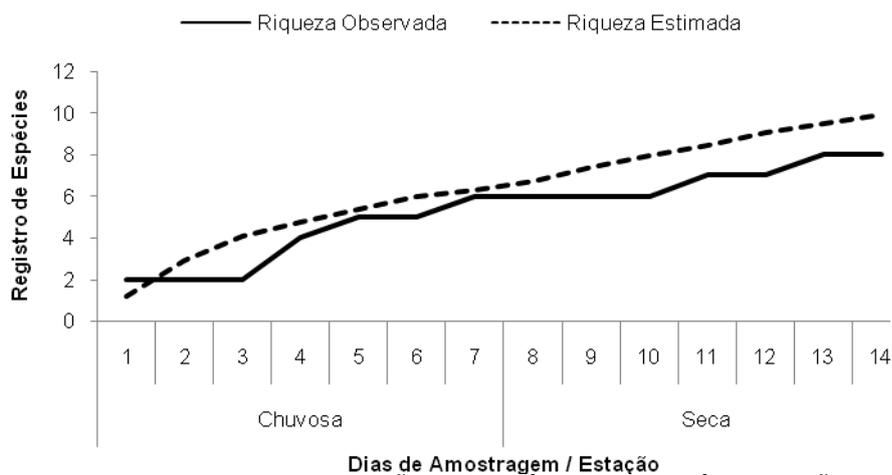


FIGURA 6.2 - 181 - CURVA DE ACUMULAÇÃO DE ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE NO MÓDULO 6 NAS CAMPANHAS DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

QUADRO 6.2 - 10-LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DE PEQUENO PORTE NÃO VOADORES REGISTRADAS NAA AMOSTRAGENS PARA O EIA/RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA. STATUS DE CONSERVAÇÃO SEGUNDO IUCN (2014) E IBAMA (2003): LC = POUCO PREOCUPANTE; NT = QUASE AMEAÇADA; VU = VULNERÁVEL; EN= EM PERIGO E CR= CRITICAMENTE EM PERIGO. ESPÉCIE ENDÊMICA: MA= ESPÉCIE ENDÊMICA PARA O BIOMA DA MATA. HÁBITAT DE REGISTRO: FL: FLORESTAL, AA: ÁREAS ÚMIDAS E CA: CABRUCO. (AF): ESPÉCIE REGISTRADA POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA; (CAP): ESPÉCIE CAPTURADA ARMADILHA TIPO “LIVE TRAP”.

TÁXON / NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	MÓDULOS DE AMOSTRAGEM	HÁBITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO IUCN / MMA	ESPÉCIE ENDÊMICA	GRAU DE SENSIBILIDADE	GRAU DE VULNERABILIDADE
ORDEM DIDELPHIMORPHIA							
Família Didelphidae							
<i>Didelphis aurita</i>	gambá-de-orelhas-pretas	Mód 2 (AF)	fl	LC	-	baixa	média
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	cuíca	Mód 2	fl	LC	-	baixa	média
<i>Marmosa murina</i>	cuíca	Mód 2; Mód 5; Mód 6	fl; ca; fl	LC	-	baixa	baixa
<i>Marmosa paraguayanus</i>	cuíca	Mód 2; Mód 6	fl; fl	LC	-	baixa	baixa
<i>Marmosa sp.</i>	cuíca	Mód 5	ca		-	baixa	baixa
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	cuíca-cauda-de-rato	Mód 2	fl	LC	-	média	média
<i>Monodelphis americana</i>	cuíca-das-três-listras	Mód 2; Mód 5; Mód 6	fl; ca; fl	DD	-	média	média
<i>Philander frenatus</i>	cuíca-de-quatro-olhos	Mód 2 (AF)	fl	LC	-	baixa	média
ORDEM RODENTIA							
Família Cricetidae							
<i>Akodon cursor</i>	rato-do-chão	Mód 2; Mód 5; Mód 6	fl; ca; fl	LC	-	baixa	baixa
<i>Cerradomys subflavus</i>	rato-do-mato	Mód 2, Mód 5	fl	LC	-	baixa	baixa
<i>Euryoryzomys russatus</i>	rato-do-mato	Mód 2; Mód 5	fl; ca	LC	MA	baixa	média
<i>Hylaeamys laticeps</i>	rato-do-mato	Mód 6	ca	NT	MA	alta	média
<i>Hylaeamys seuanezi</i>	rato-do-mato	Mód 2	fl	-	MA	alta	média
<i>Necomys lasiurus</i>	rato-do-chão	Mód 5	ca	LC	-	baixa	baixa
<i>Nectomys squamipes</i>	rato-d'água	Mód 2; Mód 6	fl; fl (aa)	LC	-	média	baixa
<i>Oecomys catherinae</i>	rato-d'água	Mód 2	fl	LC	-	baixa	baixa
<i>Oligoryzomys sp.</i>	rato-do-mato	Mód 2; Mód 5; Mód 6	fl; ca; fl		-	-	-
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	rato-do-mato	Mód 2	fl; fl	LC	-	baixa	baixa

TÁXON / NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	MÓDULOS DE AMOSTRAGEM	HÁBITAT	STATUS DE CONSERVAÇÃO IUCN / MMA	ESPÉCIE ENDÊMICA	GRAU DE SENSIBILIDADE	GRAU DE VULNERABILIDADE
Thaptomys nigrita	rato-do-mato	Mód 6	fl	LC	MA	baixa	baixa

ABUNDÂNCIA

Foram realizados 189 registros de mamíferos não voadores de pequeno porte no EIA/RIMA para a duplicação da rodovia BR-101/BA, sendo o Módulo 2 o mais representativo em abundância média (FIGURA 6.2 - 182) e absoluta.

As espécies mais registradas foram os marsupiais *Marmosa murina* (n= 43; 22.8%) (FIGURA 6.2 - 183) e *Metachirus nudicaudatus* (n=40; 21,2%) (FIGURA 6.2 - 184). Os roedores *Hylaeamys laticeps* e *H. seuanezi* (FIGURA 6.2 - 185), ambos endêmicos da Mata Atlântica também foram registrados.

As espécies de marsupial *Didelphis aurita* e *Philander frenatus* foram registradas unicamente por armadilha fotográfica (FIGURA 6.2 - 186).

As espécies *Necomys lasiurus* (FIGURA 6.2 - 187), *Oecomys catherinae* (FIGURA 6.2 - 188), juntamente com *H. seuanezi*, *H. laticeps*, *Rhipidomys mastacalis* e *Thaptomys nigrita*, foram espécies com somente um registro cada.

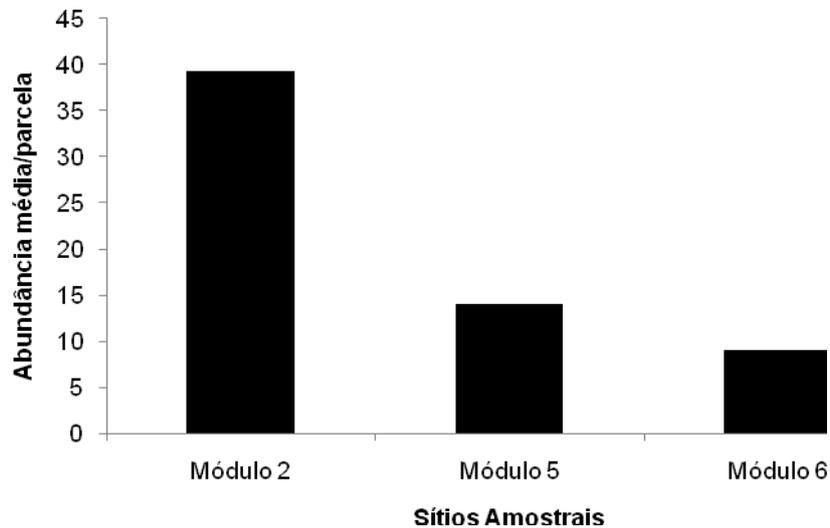


FIGURA 6.2 - 182 - ABUNDÂNCIA MÉDIA DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE NAS AMOSTRAGENS PARA O EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.



FIGURA 6.2 - 183 - MARMOSA MURINA.



FIGURA 6.2 - 184 - METACHIRUS NUDICAUDATUS.



FIGURA 6.2 - 185 - *HYLAEAMYS SEUANEZI*.



FIGURA 6.2 - 186 - *DIDELPHIS AURITA*.



FIGURA 6.2 - 187 - *NECROMYS LASIURUS*



FIGURA 6.2 - 188 - *OECOMYS CATHERINAE*

TABELA 6.2. 10- ABUNDÂNCIA ABSOLUTA (N) E RELATIVA (%) DAS ESPÉCIES DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES CAPTURADAS EM CADA MÓDULO DE AMOSTRAGEM DO EIA-RIMA DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

ESPÉCIE	MÓDULO 2		MÓDULO 5		MÓDULO 6		ÁREA DE ESTUDO	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Akodon cursor</i>	5	3,18	1	7,14	1	5,56	7	3,7
<i>Cerradomys subflavus</i>	1	1	1	7,14	0	0	2	1,1
<i>Didelphis aurita</i>	12	7,64	0	0	0	0	12	6,3
<i>Euryoryzomys russatus</i>	4	2,55	1	7	0	0	5	2,6
<i>Gracilinanus microtarsus</i>	10	6,37	0	0	0	0	10	5,3
<i>Hylaeamys laticeps</i>	0	0	0	0	1	6	1	0,5
<i>Hylaeamys seuanezi</i>	1	0,64	0	0	0	0	1	0,5
<i>Marmosa murina</i>	34	22	3	21	6	33,33	43	22,8
<i>Marmosa paraguayanus</i>	12	7,64	0	0	1	6	13	6,9
<i>Marmosa sp.</i>	0	0	2	14,29	0	0	2	1,1
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	40	25,48	0	0	0	0	40	21,2
<i>Monodelphis americana</i>	8	5,10	2	14,29	3	17	13	6,9
<i>Necomys lasiurus</i>	0	0	1	7	0	0	1	0,5
<i>Nectomys squamipes</i>	18	11,46	0	0	1	5,56	19	10,1
<i>Oecomys catherinae</i>	1	0,64	0	0	0	0	1	0,5
<i>Oligoryzomys sp.</i>	9	6	3	21,43	4	22	16	8,5
<i>Philander frenatus</i>	1	0,64	0	0	0	0	1	0,5
<i>Rhipidomys mastacalis</i>	1	0,64	0	0	0	0	1	0,5
<i>Thaptomys nigrita</i>	0	0	0	0	1	5,56	1	0,5
Total Geral	157	100	14	100	18	100	189	100

COMPOSIÇÃO

O índice de diversidade obtido para a Área de Estudo foi $H'=2,31$, com uma equitabilidade $J'=0,78$. Dentre os módulos amostrados, destaque para o Módulo 2, que apresentou a maior diversidade em espécies de pequenos mamíferos não voadores ($H'=2,18$), positivamente influenciada pela maior riqueza em relação aos demais, mas negativamente influenciada pela menor equitabilidade ($J'=0,8$), em razão da abundância destacada das espécies *M. murina* e *N. squamipes* que juntas respondem por 36,9% dos registros totais do módulo.

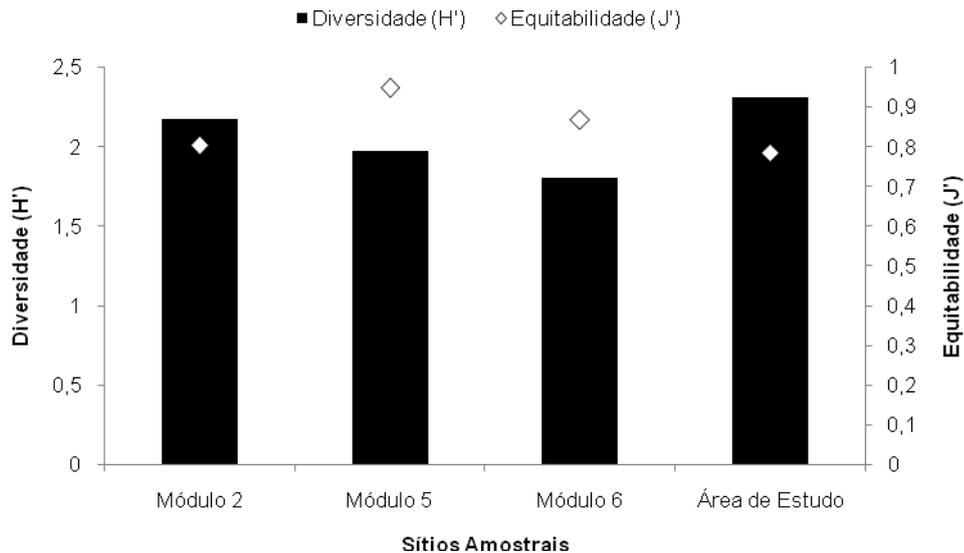
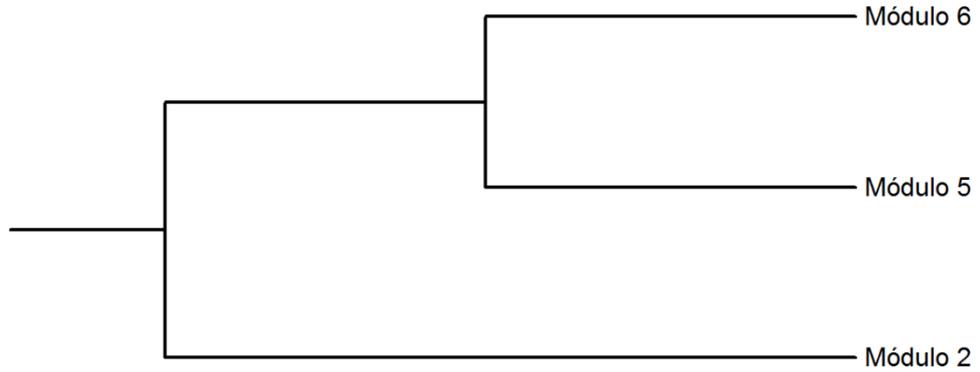


FIGURA 6.2 - 189 - ÍNDICE DE DIVERSIDADE DE SHANNON-WIENER (H') DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE E EQUITABILIDADE DE PIELOU (J') POR SÍTIO AMOSTRAL E TOTAL (GLOBAL) NO EIA/RIMA PARA A DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.

Segundo a análise de Similaridade, o Módulo 2 apresentou maior divergência quanto a composição de espécies de pequenos mamíferos não voadores, com apenas 15% de similaridade média em relação aos demais módulos amostrados. Já os Módulos 5 e 6, mais próximos geograficamente, apresentam um índice de 56,25% de similaridade entre si, em composição de espécies (FIGURA 6.2 - 190).

Nenhuma espécie “rara” e/ou de difícil observação foi capturada. Todos os registros são de espécies consideradas como “comuns”. Cinco espécies foram registradas unicamente no Módulo 2, destacando-se os marsupiais *M. nudicaudatus* (n= 40) e *Gracilinanus microtarsus* (n= 10) (FIGURA 6.2 - 191). Outras espécies de pequenos mamíferos como *M. murina*, *M. paraguayanus* (FIGURA 6.2 - 192) e *Nectomys squamipes* (FIGURA 6.2 - 193) obtiveram mais de 70% dos seus registros no presente Módulo. Este sítio amostral destaca-se por estar em estágio médio de regeneração florestal, com presença de áreas úmidas e menor alteração ambiental causada para o plantio de cacau, quando comparado aos demais sítios amostrais. Dentro da composição total de espécies de pequenos mamíferos registrados, somente as espécies de roedor *Necromys lasiurus*, *Hylaeamys laticeps* e *Thaptomys nigrita* (FIGURA 6.2 - 194) não foram registradas no Módulo 2.

Bray-Curtis Cluster Analysis (Single Link)



0, % Similarity 50, 100

FIGURA 6.2 - 190 - SIMILARIDADE ENTRE AS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS NÃO VOADORES DE PEQUENO PORTE REGISTRADAS NOS MÓDULOS AMOSTRAIS DA DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-101/BA.



FIGURA 6.2 - 191 - REGISTRO DE *G. MICROTARSUS* NO MÓDULO 2.



FIGURA 6.2 - 192 - REGISTRO DE *M. PARAGUAYANUS* NO MÓDULO 2.



FIGURA 6.2 - 193 - REGISTRO DE *N. SQUAMIPES*.



FIGURA 6.2 - 194 - REGISTRO DE *T. NIGRITA*.

Fauna Atropelada

Serão apresentados a seguir os dados de cada campanha de monitoramento da fauna atropelada, com a compilação dos resultados totais para as seis campanhas, compondo a análise para o EIA/RIMA da Rodovia BR-101/BA. O Volume de Mapeamento Temático – Tomo IV apresenta os Mapas de Pontos de Amostragem de Fauna Atropelada.

(i) Campanha 01

A primeira campanha foi realizada entre os dias 4 e 8 de junho de 2014, quando foi percorrido o trecho entre o km 717,8 e o km 166,5, duas vezes: primeiramente no sentido Sul-Norte e após, retornando, no sentido Norte-Sul.

A campanha foi realizada no período chuvoso, sendo a precipitação mensal média, segundo os dados históricos de 30 anos, de 142 mm (INMET) e o número de dias com chuva entre 14 e 16. Os dados de temperatura e precipitação no período da campanha são apresentados na Tabela 6.2. 11, abaixo.

TABELA 6.2. 11- DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 01 DE FAUNA ATROPELADA.

DATA	HORA	TEMPERATURA (°C)	CHUVA (MM)
04/06/2014	12	24,1	0,0
04/06/2014	18	26,6	
05/06/2014	12	24,2	3,0
05/06/2014	18	26,1	
06/06/2014	12	25,4	7,8
06/06/2014	18	27,1	
07/06/2014	12	25,0	19,7
07/06/2014	18	27,4	
08/06/2014	12	23,7	19,5
08/06/2014	18	23,2	

Consulta Dados da Estação Convencional: CRUZ DAS ALMAS (BA) INMET²

Nesta campanha foram registrados 92 espécimes atropelados, 91 em coleta sistemática e uma coleta eventual, a qual corresponde ao registro 92 *Callithrix* sp. (sagui), que estava na faixa central da rodovia. Dos 92 espécimes atropelados, 41 eram aves, 30 mamíferos, 20 répteis e apenas um anuro, como apresentado no Gráfico 6.2. 1.

■ Anfíbio ■ Ave ■ Mamífero ■ Réptil

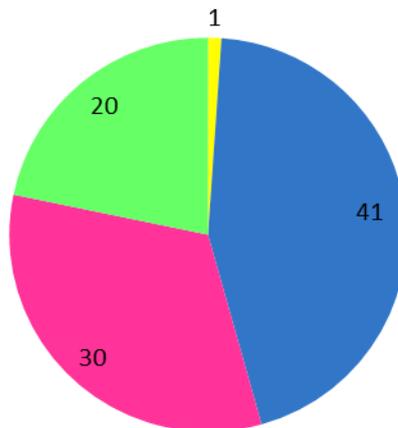


GRÁFICO 6.2. 1 - PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TAXONÔMICO - CAMPANHA 01

AVES

Das 41 aves registradas na primeira campanha, a maioria pertenciam à espécie *Coragyps atratus* (urubu-preto), com 22 espécimes, seguidos por *Crotophaga ani* (anú-preto), com 5 registros.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros da avifauna.



FIGURA 6.2 - 195 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 01

MAMÍFEROS

O maior índice de atropelamentos de mamíferos nessa campanha corresponde ao gênero *Didelphis*, com 14 registros do total de 30 coletados no mês de junho.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros de mamíferos.

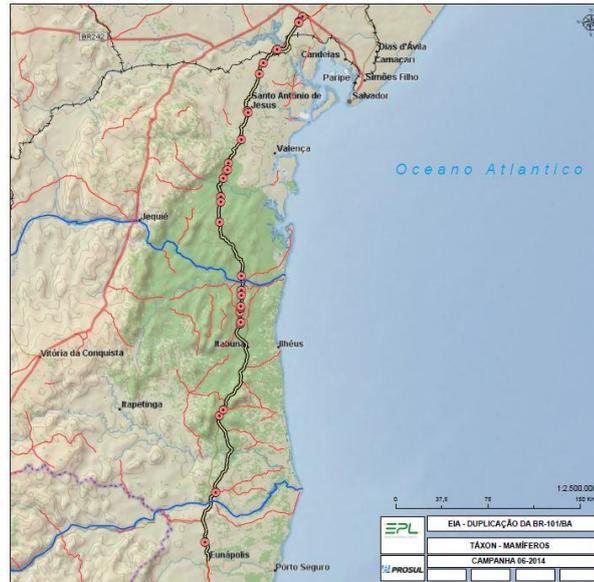


FIGURA 6.2 - 196 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 01

RÉPTEIS

Dos 20 répteis amostrados nessa campanha, apenas 2 pertencem ao gênero *Amphisbaena* e um da família *Teiidae*. O restante (18) pertence à subordem Serpentes.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos répteis.



FIGURA 6.2 - 197 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 01

ANFÍBIOS

Apenas um exemplar de anfíbio foi amostrado na primeira campanha de fauna atropelada, no km 208, o mesmo corresponde ao gênero *Leptodactylus*.

Na imagem abaixo pode ser observado o ponto de registro do anfíbio.



FIGURA 6.2 - 198 - REGISTRO DO ESPÉCIME DE ANFÍBIO ATROPELADO NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 01

O caminhamento a pé foi realizado em 2,26% da rodovia, em 25 trechos aleatórios de 1 km cada, apresentados na tabela a seguir, juntamente aos registros obtidos em cada trecho:

TABELA 6.2. 12- LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 01 E REGISTROS

CAMINHAMENTO	REGISTRO	KM	
1		655+900 a 654+900	Sentido km 717,8 ao 166,5
2		619+80 a 618+900	
3		571+800 a 570+800	
4		566+800 a 565+800	
5	12, 13 e 14	483+600 a 482+600	
6		473+500 a 472+500	
7		444+100 a 443+100	
8		411 a 410	
9		386+400 a 385+400	
10	42	325+900 a 324+900	
11		259+800 a 258+800	
12		246+100 a 245+100	
13		209+500 a 208+500	
14		181+600 a 182+600	
15		252+500 a 253+500	Sentido km 166,5 ao 717,8
16	65	274+300 a 275+300	
17	69	291+800 a 292+800	
18		415+500 a 416+500	
19		436+700 a 437+700	
20		453+700 a 454+700	
21		477+900 a 478+900	
22	84 e 85	544+800 a 545+800	
23		551 a 552	

CAMINHAMENTO	REGISTRO	KM	
24		648+400 a 649+400	
25		709+900 a 710+900	

Nos caminhamentos da primeira campanha, foram encontrados 8 espécimes, sendo 3 Passeriformes, um Chiroptero e 2 Amphisbaenas sp., u, Didelphis e uma serpente grande ou seja, a maioria os animais avistados nos caminhamentos eram de tamanho reduzido.

FATOR DE CORREÇÃO CARRO/CAMINHAMENTO

Extrapolando os números de registros ao longo dos 25 km do caminhamento para a extensão total da rodovia, obtém-se o valor de 354 animais que se esperaria encontrar caso fossem percorridos todos os 1.102 km a pé. Considerando apenas os animais de pequeno porte (6), o número esperado de registros para o total da rodovia seria de 265, mais os 86 espécimes avistados.

Campanha 02

A segunda campanha foi realizada entre os dias 15 e 22 de julho de 2014, quando foi percorrido o trecho entre o km 717,8 e o km 166,5, duas vezes: primeiramente no sentido Sul-Norte e após, retornando, no sentido Norte-Sul.

A campanha foi realizada no período chuvoso, durante o qual a precipitação mensal média, segundo os dados históricos de 30 anos, é de 120 mm (INMET). Os dados de temperatura e precipitação no período da campanha são apresentados na Tabela 6.2. 13, abaixo:

TABELA 6.2. 13-DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 02 DE FAUNA ATROPELADA.

DATA	HORA	TEMPERATURA (°C)	CHUVA (MM)
15/07/2014	12	21,1	8,2
15/07/2014	18	21,5	
16/07/2014	12	21,1	10,5
16/07/2014	18	23,2	
17/07/2014	12	23,2	0,8
17/07/2014	18	21,3	
18/07/2014	12	23,2	1,7
18/07/2014	18	25,0	
19/07/2014	12	22,9	0,0
20/07/2014	12	22,6	0,1
20/07/2014	18	26,5	
21/07/2014	12	20,7	0,9
21/07/2014	18	19,7	
22/07/2014	12	22,2	23,9
22/07/2014	18	23,0	

Consulta Dados da Estação Convencional: CRUZ DAS ALMAS (BA) INMET²

Na segunda campanha obtivemos um total de 94 registros, equiparando-se à primeira campanha (92). Dos 94 espécimes atropelados, 39 eram aves, 29 mamíferos, 20 répteis e 6 anuros, como apresentado no Gráfico 6.2. 2.

■ Anfíbio ■ Ave ■ Mamífero ■ Réptil

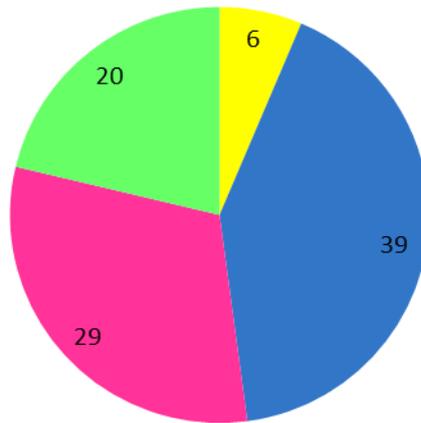


GRÁFICO 6.2. 2: PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TAXONÔMICO - CAMPANHA 02

AVES

Na segunda campanha o maior índice de atropelamento também foi registrado pela espécie *Coragyps atratus* (urubu-preto), com 32 registros.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registro da avifauna.



FIGURA 6.2 - 199 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 02

Mamíferos

Foram registrados 17 exemplares de *Didelphis*, 3 quirópteros e 2 *Cerdocyon thous*.
 Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros de mamíferos.

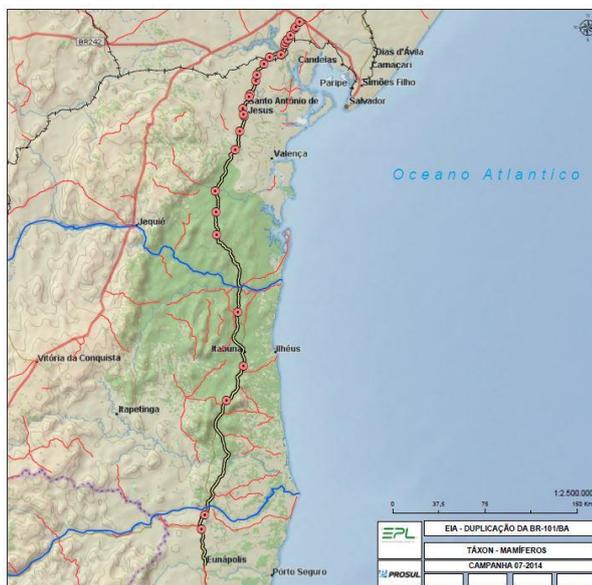


FIGURA 6.2 - 200 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 02

RÉPTEIS

Dos répteis, a maior representação mais uma vez foi do grupo das serpentes, seguidos por *Amphisbaenia* (4) e *Lacertilia* (1).

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos répteis.



FIGURA 6.2 - 201 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 02

ANFÍBIOS

Diferentemente da primeira campanha, na segunda foi obtido um número maior de anfíbios (6), fato que pode ser explicado pelas constantes chuvas na região, como mostra a FIGURA 6.2 - 202.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos anfíbios.



FIGURA 6.2 - 202 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE ANFÍBIOS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 02

O caminhamento a pé foi realizado em 2,26% da rodovia, em 25 trechos aleatórios de 1 km, apresentados na tabela a seguir, junto aos registros obtidos em cada trecho:

TABELA 6.2. 14-LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 02 E REGISTROS.

CAMINHAMENTO	REGISTRO	KM	
1		638+500 a 637+500	Sentido km 717,8 ao 166,5
2		602+800 a 601+800	
3		517+600 a 516+600	
4		498+100 a 497+100	
5		485 a 484	
6		353+500 a 352+500	
7		275+200 a 274+200	
8	124	257+900 a 256+900	
9		246+600 a 245+600	
10	145	188+400 a 187+800	
11	152	179+900 a 180+900	
12	165	254+700 a 255+700	
13		259+300 a 260+300	
14		271+900 a 272+900	
15		314+300 a 315+300	Sentido km 166,5 ao 717,8
16		395+500 a 396+500	
17		438+400 a 439+400	
18		533+300 a 534+300	

CAMINHAMENTO	REGISTRO	KM
19		545+400 a 546+400
20		567+600 a 568+600
21		601+900 a 602+900
22		626+400 a 626+400
23		657+200 a 658+200
24		662+500 a 663+500
25		687+300 a 688+300

Nos caminhamentos da segunda campanha, foram encontrados 4 espécimes, sendo uma ave, 2 répteis (serpentes) e 1 mamífero, ou seja, animais de tamanho reduzido, com exceção da jararaca e do mamífero.

FATOR DE CORREÇÃO CARRO/CAMINHAMENTO

Extrapolando o número de registros ao longo dos 25 km do caminhamento para a extensão total da rodovia, obtém-se o valor 177 animais que se esperaria encontrar caso fossem percorridos os 1.102 km a pé. Considerando apenas os animais de pequeno porte (2), o número esperado de registros para o total da rodovia seria de 88.

TAXA DE REMOÇÃO DE CARÇAÇA

Dos 92 indivíduos registrados na primeira campanha, apenas três ainda permaneciam no local, todos pertencentes à espécie *Coragyps atratus* (urubu-preto), representando apenas 3,2% em relação aos registros da primeira campanha. O fato da taxa de remoção de carcaça ser alto (96,8% entre todos os grupos) se justifica pelo serviço de restauração e manutenção da rodovia, realizada pelo DNIT, no trecho entre o km 473,6 ao km 660,98, como mostra a FIGURA 6.2 - 201. Além disso, observou-se que um espécime de *Cerdocyon thous* registrado durante o percurso de ida, já havia sido removido, dois dias depois, provavelmente por algum motorista ou morador do local.



FIGURA 6.2 - 203 - PLACA DO DNIT INFORMANDO SOBRE OS SERVIÇOS DE RESTAURAÇÃO E MANUTENÇÃO.

(ii) Campanha 03

A terceira campanha foi realizada no período de 17 a 22 de agosto de 2014, quando foi percorrido o trecho entre o km 717,8 e o km 166,5, nos dois sentidos da via: primeiramente no sentido Sul-Norte e após, retornando, no sentido Norte-Sul.

A campanha foi realizada no período chuvoso, onde a precipitação mensal média, segundo os dados históricos de 30 anos, é de 90 mm (INMET). Os dados de temperatura e precipitação no período da campanha são apresentados na Tabela 6.2. 15

TABELA 6.2. 15 - DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 03 DE FAUNA ATROPELADA.

DATA	HORA	TEMPERATURA (°C)	CHUVA (MM)
17/08/2014	12	22,3	9,8
17/08/2014	18	24,7	
18/08/2014	12	23,3	1,7
18/08/2014	18	25,4	
19/08/2014	12	21,2	0,3
19/08/2014	18	25,0	
20/08/2014	12	23,8	0,8
20/08/2014	18	25,0	
21/08/2014	12	21,8	1,3
21/08/2014	18	23,6	
22/08/2014	12	22,6	4,4
22/08/2014	18	24,3	

Consulta Dados da Estação Convencional: CRUZ DAS ALMAS (BA) INMET²

Na terceira campanha foram registrados ao todo 111 espécimes, superando as duas primeiras campanhas (92 e 94). Dos 111 espécimes atropelados, 30 eram aves, 40 mamíferos, 27 répteis e 5 anuros, como apresentado no Gráfico 6.2. 3.

■ Anfíbio ■ Ave ■ Mamífero ■ Réptil

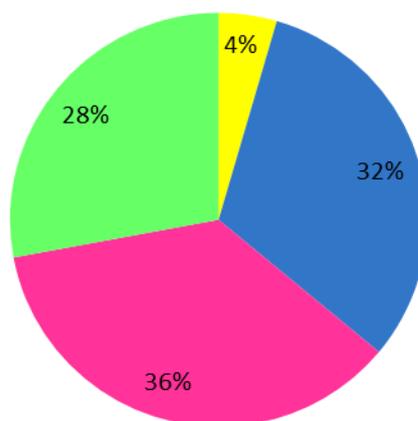


GRÁFICO 6.2. 3: PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TOXONÔMICO – CAMPANHA 03

AVES

Na terceira campanha o maior índice de atropelamento também foi registrado pela espécie *Coragyps atratus* (urubu-preto), com 20 registros. Também foram encontrados 3 indivíduos da espécie *Tyto furcata* (coruja-da-igreja), 3 Cuculiformes (anu-branco, *Guira guira*, e anu-preto, *Crotophaga ani*), 1 *Thalurania glaucopis* (beija-flor-de-fronte-violeta), além de diversos Passeriformes.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registro da avifauna.



FIGURA 6.2 - 204 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 03

MAMÍFEROS

Foram registrados 20 exemplares de *Didelphis*, 10 *Cerdocyon thous*, 2 quirópteros, 1 *Cuniculus paca* (paca), 1 *Dasyus* sp. (tatu), 1 *Eira barbara* (irara) e 1 Sigmontidae (rato).

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros de mamíferos.



FIGURA 6.2 - 205 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 03

RÉPTEIS

Dos répteis, a maior representação mais uma vez foi do grupo das serpentes, seguidos por Amphisbaenia (4) e Lacertilia (2).

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos répteis.



FIGURA 6.2 - 206 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 03

ANFÍBIOS

Na terceira campanha foram amostrados 5 anfíbios, sendo 3 do gênero *Leptodactylus* (rã) e dois espécimes que não foram identificados à nível de gênero e espécie devido a qualidade da carcaça.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos anfíbios.



FIGURA 6.2 - 207 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE ANFÍBIOS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 03

O caminhamento a pé foi realizado em 2,26% da rodovia, em 25 trechos aleatórios de 1 km, apresentados na tabela a seguir, juntamente aos registros obtidos em cada trecho.

TABELA 6.2. 16-LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 03 E REGISTROS.

CAMINHAMENTO	REGISTRO	KM	
1		707+500 a 706+500	Sentido km 717,8 ao 166,5
2		678 a 679	
3	197	627+200 a 626+200	
4		604+100 a 603+100	
5		550+130 a 649+130	
6		498+500 a 497+500	
7		484+200 a 483+500	
8	204	459+300 a 458+300	
9		361+800 a 360+800	
10	218	341+800 a 340+800	
11		258+200 a 257+200	
12	255	244+200 a 243+2000	
13		204+300 a 203+300	
14		168+500 a 169+500	
15	259	249+100 a 250+100	Sentido km 166,5 ao 717,8
16	268	279+600 a 280+600	
17		290+400 a 291+400	
18		310+500 a 311+500	
19		323+250 a 324+250	
20	276	430+200 a 431+200	
21		465 a 466	
22		488 a 489	
23		550+100 a 551+100	
24	292	588+300 a 589+300	
25		663 a 664	

Nos caminhamentos da terceira campanha, foram encontrados 8 espécimes, sendo uma ave, 4 répteis (serpentes), 2 mamíferos e 1 anfíbio.

FATOR DE CORREÇÃO CARRO/CAMINHAMENTO

Extrapolando o número de registros ao longo dos 25 km do caminhamento para a extensão total da rodovia, obtém-se o valor 354 animais que se esperaria encontrar caso fossem percorridos os 1.102 km a pé. Considerando apenas os animais de pequeno porte (3), o número esperado de registros para o total da rodovia seria de 133 indivíduos.

TAXA DE REMOÇÃO DE CARCAÇA

Dos 186 indivíduos registrados nas duas primeiras campanhas, apenas 16 ainda permaneciam no local, representando apenas 8,6% dos registros totais para as duas campanhas e 17% dos registros da campanha dois. Nenhuma carcaça da primeira campanha foi reamostrada. Doze dos registros eram carcaças de urubu (*Coragypes atratus*), 2 gambás (*Didelphis sp.*) e um cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*).

(iii) Campanha 04

A quarta campanha foi realizada entre os dias 15 e 19 de setembro de 2014, quando foi percorrido o trecho entre o km 717,8 e o km 166,5, duas vezes: primeiramente no sentido Sul-Norte e após, retornando, no sentido Norte-Sul.

A campanha foi realizada no período de seca, onde a precipitação mensal média segundo os dados históricos de 30 anos é de 75 mm (INMET). Os dados de temperatura e precipitação no período da campanha são apresentados na Tabela 6.2. 17, abaixo:

TABELA 6.2. 17 -DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 04 DE FAUNA ATROPELADA

Data	Hora	Temperatura (°C)	Chuva (mm)
15/09/2014	12	21,3	1,8
15/09/2014	18	23,6	
16/09/2014	12	23,6	0,0
16/09/2014	18	25,9	
17/09/2014	12	24,8	0,0
17/09/2014	18	27,2	
18/09/2014	12	24,4	0,0
18/09/2014	18	26,6	
19/09/2014	12	25,1	0,8
19/09/2014	18	27,0	

Consulta Dados da Estação Convencional: CRUZ DAS ALMAS (BA) INMET²

Na quarta campanha obtivemos um total de 96 registros, equiparando-se às duas primeiras campanhas (92 e 94). Dos 96 espécimes atropelados, 41 eram aves, 28 mamíferos, 26 répteis e 1 anuro, com apresentado no Gráfico 6.2. 4.

■ Anfíbio ■ Ave ■ Mamífero ■ Réptil

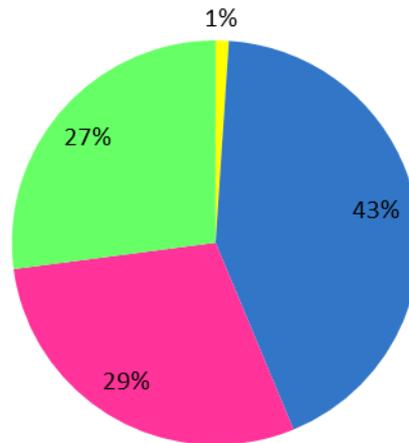


GRÁFICO 6.2. 4: PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TAXONÔMICO – CAMPANHA 04

AVES

Na quarta campanha o maior índice de atropelamento também foi registrado pela espécie *Coragyps atratus* (urubu-preto), com 13 registro, foram encontrados 2 outras espécies de urubu (*Cathartes aura* e *C. burrovianus*), 2 indivíduos da espécie *Eupsittula aurea* (periquito-rei), 1 *Aramus guarauna* (carão), 2 bacuraus, 3 corujas, além de diversos Passeriformes.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registro da avifauna.



FIGURA 6.2 - 208 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 04

MAMÍFEROS

Foram registrados 12 exemplares de *Didelphis*, 7 *Cerdocyon thous*, 3 quirópteros, 1 *Callithrix geoffroyi* (sagui-de-cara-branca), 1 *Dasyopus* sp. (tatu) e 1 *Procyon cancrivorus* (mão-pelada).

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros de mamíferos.



FIGURA 6.2 - 209 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 04

RÉPTEIS

Dos répteis, a maior representação mais uma vez foi do grupo das serpentes, seguidos por Lacertilia (2).

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos répteis.



FIGURA 6.2 - 210 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 04

ANFÍBIOS

Na quarta foi obtido apenas 1 anfíbio, fato que pode ser explicado pela diminuição das chuvas na região, como mostra a FIGURA 6.2 - 211.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos anfíbios.



FIGURA 6.2 - 211 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE ANFÍBIOS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 04

O caminhamento a pé foi realizado em 2,26% da rodovia, em 25 trechos aleatórios, onde foram coletados os seguintes registros apresentados na tabela a seguir:

TABELA 6.2. 18- LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 04 E REGISTROS.

CAMINHAMENTO	REGISTRO	KM	
1		659 a 660	Sentido km 717,8 ao 166,5
2		605+600 a 604+600	
3		678+900 a 677+900	
4		552 a 551	
5	306	540+200 a 539+200	
6		511+500 a 510+500	
7		500+800 a 499+800	
8	310	496+600 a 495+600	
9	312	484+600 a 483+600	
10		432+300 a 431+300	
11		386+900 a 385+900	
12		346+100 a 345+100	
13		324+300 a 323+300	
14	327	271 a 270	
15		171+600 a 170+600	Sentido km 166,5 ao 717,8
16	349	178+600 a 179+600	
17	352	191+400 a 192+400	
18	359	234+700 a 235+700	
19	363	246+600 a 247+600	

CAMINHAMENTO	REGISTRO	KM
20	364 e 365	253+500 a 254+500
21		303 a 304
22		429+700 a 430+700
23		488+800 a 489+800
24		493+800 a 494+800
25	380 e 381	496+800 a 497+800

Nos caminhamentos da quarta campanha, foram encontrados 12 espécimes, sendo 4 aves e 8 répteis (7 serpentes), ou seja, animais de pequeno porte.

FATOR DE CORREÇÃO CARRO/CAMINHAMENTO

Extrapolando o número de registros ao longo dos 25 km do caminhamento para a extensão total da rodovia, obtém-se o valor 529 animais que se esperaria encontrar caso fossem percorridos os 1.102 km a pé.

TAXA DE REMOÇÃO DE CARÇAÇA

Dos 297 indivíduos registrados nas três primeiras campanhas, apenas 17 ainda permaneciam no local, representando apenas 5,72% dos registros totais para as três campanhas. Dos 17 indivíduos reamostrados, 6 haviam sido registrados pela primeira vez na campanha dois (permaneciam já há cerca de 60 dias), 6,38% dos registros para a campanha dois, e 12 eram registros da campanha 3, representando 10,8% da mesma. Nenhuma carcaça da primeira campanha foi reamostrada.

(iv) Campanha 05

A quinta campanha foi realizada entre os dias 13 e 17 de outubro de 2014, quando foi percorrido o trecho entre o km 717,8 e o km 166,5, duas vezes: primeiramente no sentido Sul-Norte e após, retornando, no sentido Norte-Sul.

A campanha foi realizada no período de seca, onde a precipitação mensal média segundo os dados históricos de 30 anos é de 55 mm (INMET). Os dados de temperatura e precipitação no período da campanha são apresentados na Tabela 6.2. 19, abaixo:

TABELA 6.2. 19- DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 05 DE FAUNA ATROPELADA

DATA	HORA	TEMPERATURA (°C)	CHUVA (MM)
13/10/2014	12	24,4	2,7
13/10/2014	18	27,2	
14/10/2014	12	24,8	0,0
14/10/2014	18	27,8	
15/10/2014	12	25,8	0,0
15/10/2014	18	28,5	
16/10/2014	12	25,2	0,0
16/10/2014	18	28,2	
17/10/2014	12	25,5	0,0
17/10/2014	18	28,0	

DATA	HORA	TEMPERATURA (°C)	CHUVA (MM)
Consulta Dados da Estação Convencional: CRUZ DAS ALMAS (BA) INMET ²			

Na quinta campanha obtivemos um total de 75 registros, número bastante inferior às campanhas anteriores. Dos 75 espécimes atropelados, 27 eram aves, 27 mamíferos, 17 répteis e 4 anuros, com apresentado no Gráfico 6.2. 5.

■ Anfíbio ■ Ave ■ Mamífero ■ Réptil

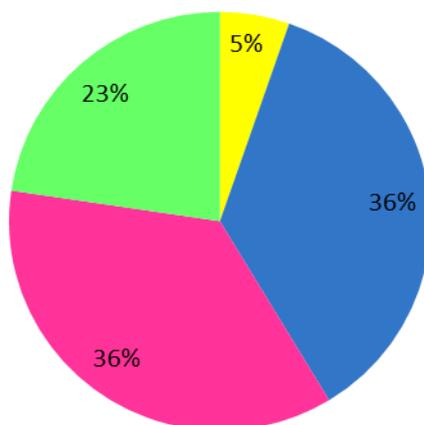


GRÁFICO 6.2. 5 PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TAXONÔMICO – CAMPANHA 05

AVES

Na quinta campanha o maior índice de atropelamento também foi registrado pela espécie *Coragyps atratus* (urubu-preto), com 10 registros.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registro da avifauna.



FIGURA 6.2 - 212 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 05

MAMÍFEROS

Foram registrados 15 exemplares de *Didelphis* sp., 2 quirópteros, 7 *Cerdocyon thous* e 1 *Callithrix penicillata*.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros de mamíferos.



FIGURA 6.2 - 213 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 05

RÉPTEIS

Dos répteis, a maior representação mais uma vez foi do grupo das serpentes (14), seguidos por Amphisbaenia (2) e Lacertilia (1).

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos répteis.



FIGURA 6.2 - 214 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 05

ANFÍBIOS

Nesta campanha foram amostrados 4 anfíbios, 3 do gênero *Leptodactylus* e 1 do gênero *Rhinella*. Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos anfíbios.



FIGURA 6.2 - 215 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE ANFÍBIOS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 05

O caminhamento a pé foi realizado em 2,26% da rodovia, em 25 trechos aleatórios, onde foram coletados os seguintes registros apresentados na tabela a seguir:

TABELA 6.2. 20- LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 05 E REGISTROS.

CAMINHAMENTO	REGISTRO	KM	
1		686+150 a 687+150	Sentido km 717,8 ao 166,5
2		588 a 587	
3		577 a 576	
4		568 a 567	
5		547+900 a 546+900	
6		516+300 a 515+300	
7	401	501+800 a 500+800	
8		483+500 a 482+500	
9		424 a 423	
10		385+500 a 384+500	
11		245+100 a 244+100	
12		181+900 a 180+900	
13		176+500 a 177+500	
14		180+600 a 181+600	
15	437 e 438	229 a 230	
16	443	241 a 242	
17		243+900 a 244+900	
18		249 a 250	
19		251+200 a 252+200	
20		255+900 a 256+900	
21		260+100 a 261+100	
22		266 a 267	
23		334+800 a 335+800	
24		371+900 a 372+900	
25	455	238+900 a 239+900	

Nos caminhamentos da quinta campanha, foram encontrados 5 espécimes, sendo 3 aves (2 passeriformes e um urubu), 1 mamífero (*Didelphis*) e 1 réptil (serpente), ou seja, animais de tamanho reduzido, com exceção do urubu.

FATOR DE CORREÇÃO CARRO/CAMINHAMENTO

Extrapolando o número de registros ao longo dos 25 km do caminhamento para a extensão total da rodovia, obtém-se o valor 220 animais que se esperaria encontrar caso fossem percorridos os 1.102 km a pé. Considerando apenas os animais de pequeno porte (passeriformes e réptil), o número esperado de registros para o total da rodovia seria de 132.

TAXA DE REMOÇÃO DE CARCAÇA

Dos 393 indivíduos registrados nas quatro campanhas anteriores, apenas 17 ainda permaneciam no local, representando apenas 4,33% dos registros totais para as quatro campanhas. Dos 17 indivíduos reamostrados, 3 haviam sido registrados pela primeira vez na campanha três (permaneciam já há cerca de 60 dias), representando 2,7% dos registros

para esta campanha, e 14 eram registros da campanha 4, representando 14,58% da mesma. Nenhuma carcaça da primeira ou segunda campanha foi reamostrada.

(v) Campanha 06

A sexta campanha foi realizada entre os dias 10 e 14 de novembro de 2014, quando foi percorrido o trecho entre o km 717,8 e o km 166,5, duas vezes: primeiramente no sentido Sul-Norte e após, retornando, no sentido Norte-Sul.

A campanha foi realizada no período de seca, onde a precipitação mensal média segundo os dados históricos de 30 anos é de 70 mm (INMET). Os dados de temperatura e precipitação no período da campanha são apresentados na Tabela 6.2. 21, abaixo:

TABELA 6.2. 21- DADOS CLIMATOLÓGICOS – CAMPANHA 06 DE FAUNA ATROPELADA.

DATA	HORA	TEMPERATURA (°C)	CHUVA (MM)
10/11/2014	12	26,3	2.7
10/11/2014	18	30,6	
11/11/2014	12	27,1	0.0
11/11/2014	18	30,1	
12/11/2014	12	27,6	0.0
12/11/2014	18	31,1	
13/11/2014	12	28,5	
13/11/2014	18	29,6	0.0
14/11/2014	12	28,9	
14/11/2014	18	32,2	0.0

Consulta Dados da Estação Convencional: CRUZ DAS ALMAS (BA) INMET²

Na sexta campanha obtivemos um total de 103 registros, número apenas inferior ao da campanha três. Dos 103 espécimes atropelados, 33 eram aves, 18 mamíferos, 28 répteis e 24 anfíbios, como apresentado no Gráfico 6.2. 6.

■ Anfíbio ■ Ave ■ Mamífero ■ Réptil

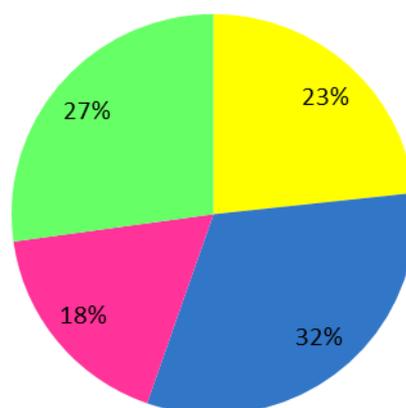


GRÁFICO 6.2. 6: PORCENTAGEM DE REGISTRO POR GRUPO TAXONÔMICO – CAMPANHA 06

AVES

Na sexta campanha o maior índice de atropelamento também foi registrado pela espécie *Coragyps atratus* (urubu-preto), com 6 registros. Foram registrados 4 Culculidae (2 anus-pretos e 2 anus-brancos), 5 Strigiformes (1 corujão-mateiro, 1 coruja-buraqueira e 3 corujas-da-igreja), 1 Trochilidae (beija-flor-de-fronte-violeta) e 17 Passeriformes (incluindo pardais, guaturamos).

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registro da avifauna.



FIGURA 6.2 - 216 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE AVES ATROPELADAS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 06

MAMÍFEROS

Foram registrados 9 exemplares de *Didelphis*, 4 *Cerdocyon thous*, 3 quirópteros, 1 Sigmodontidae e 1 *Galictis cuja*.

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros de mamíferos.



FIGURA 6.2 - 217 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE MAMÍFEROS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 06

RÉPTEIS

Dos répteis, a maior representação mais uma vez foi do grupo das serpentes (28), seguido por Lacertilia (1).

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos répteis.



FIGURA 6.2 - 218 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE RÉPTEIS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 06

ANFÍBIOS

Nesta campanha foram encontrados mais espécimes de anfíbios do que em todas as outras campanhas somadas, fato que pode ser explicado pelas constantes chuvas na região, como mostra a Tabela 6.2. 21- Dados Climatológicos – Campanha 06 de fauna atropelada.. Destacam-se as famílias Bufonidae e Hylidae

Na imagem abaixo podem ser observados os pontos de registros dos anfíbios.



FIGURA 6.2 - 219 - REGISTROS DE ESPÉCIMES DE ANFÍBIOS ATROPELADOS NA BR-101/BA, TRECHO EM ESTUDO – CAMPANHA 06

O caminhamento a pé foi realizado em 2,26% da rodovia, em 25 trechos aleatórios, onde foram coletados os seguintes registros apresentados na tabela a seguir:

TABELA 6.2. 22- LOCALIZAÇÃO DOS TRECHOS DE CAMINHAMENTO DA CAMPANHA 06 E REGISTROS.

CAMINHAMENTO	REGISTRO	KM	
1		706+950 a 705+950	Sentido km 717,8 ao 166,5
2		641+800 a 640+800	
3		588+200 a 587+200	
4		522+300 a 521+300	
5	478, 479 e 480	500+800 a 499+800	
6	492 e 493	476+600 a 475+600	
7	511	273+650 a 272+650	
8		249+800 a 248+800	
9	515, 516 e 517	239+300 a 238+300	
10		208+500 a 207+500	
11		190+900 a 189+900	
12		188+600 a 187+600	
13		180+100 a 179+100	
14		177+950 a 178+950	
15		191 a 192	
16		212 a 213	
17	532	222+650 a 223+650	
18		229+600 a 230+600	
19	535	237+650 a 238+650	
20		247+600 a 248+600	
21		264 a 265	
22		412+600 a 413+600	
23		238+400 a 239+400	
24	554	517+400 a 518+400	
25	566	580+600 a 581+600	

Nos caminhamentos da sexta campanha, foram encontrados 13 espécimes, sendo 6 aves (4 passeriformes e 2 urubus), 1 mamífero (Sigmodontidae) e 4 répteis (3 serpentes e um lagarto), ou seja, animais de tamanho reduzido, com exceção do urubu.

FATOR DE CORREÇÃO CARRO/CAMINHAMENTO

Extrapolando o número de registros ao longo dos 25 km do caminhamento para a extensão total da rodovia, obtém-se o valor de 575 animais que se esperaria encontrar caso fossem percorridos os 1.102 km a pé. Considerando apenas os animais de pequeno porte (Passeriformes, Sigmodontidae e serpentes), o número esperado de registros para o total da rodovia seria de 354.

TAXA DE REMOÇÃO DE CARÇA

Dos 468 indivíduos registrados nas cinco campanhas anteriores, apenas 8 ainda permaneciam no local, representando apenas 1,71% dos registros totais para as cinco campanhas. Dos 8 indivíduos reamostrados, 3 haviam sido registrados pela primeira vez na campanha três (permaneciam já há cerca de 90 dias), 2,7% dos registros para a campanha três, e 5 eram registros da campanha 5, representando 6,66% da mesma. Nenhuma carcaça da primeira, segunda ou quarta campanhas foi reamostrada.

6.2.2.2.3 Discussão e Conclusões

Anfíbios

Durante os trabalhos de campo do EIA/RIMA, foram registradas 68 espécies de anfíbios, correspondendo a 60% das espécies de possível ocorrência para a área de estudo. A família Hylidae foi a mais representativa (n=55%), seguida de Leptodactylidae (n=17%). Este padrão na distribuição das espécies registradas corrobora com demais trabalhos realizados na América do Sul e na Floresta Ombrófila Densa (POMBAL JR, 1997; BERNARDE & MACHADO, 2000; IZECKSOHN & CARVALHO-E-SILVA, 2001; POMBAL JR & GORDO, 2004).

A família Hylidae é atualmente a mais numerosa dentre os anuros, sendo constituída por aproximadamente 944 espécies (FROST, 2014). Os hílideos são extremamente variáveis no tamanho (1,7 a 14 cm de comprimento) e na morfologia externa, contudo a presença de discos adesivos arredondados nas pontas dos dedos os diferencia das demais famílias (LIMA *et al.*, 2006). Além disso, esta família contempla espécies de hábitos subarborícolas e arborícolas.

A maioria das espécies registradas é endêmica do Bioma Mata Atlântica, 48 espécies, correspondendo a 69% do total observado em campo. Destas, sete espécies ainda são endêmicas do Estado da Bahia e duas de raro encontro na natureza.

O conhecimento a respeito da herpetofauna das áreas de influência da duplicação da BR-101/BA é incipiente (CAMURUGI *et al.*, 2002; SILVANO & PIMENTA, 2003; PIMENTA *et al.* 2007). Os resultados obtidos durante as campanha do EIA corroboram tal afirmação.

Diversos taxa não tiveram sua confirmação específica em função de pertencerem a complexos de espécies que necessitam de revisão, como é o caso das espécies do gênero *Physalaemus* e *Phyllodystes* (FIGURA 6.2 - 220 e FIGURA 6.2 - 221).



FIGURA 6.2 - 220 - *PHYSALAEMUS GR. SIGNIFER.*



FIGURA 6.2 - 221 - *PHYLLODYSTES SP.*

Durante as amostragens do EIA/RIMA, foi registrada a espécie *Ischnocnema parva*, com ocorrência descrita apenas para os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro, trata-se do primeiro registro para o estado da Bahia (FROST, 2014). A ocorrência de espécies raras em locais muito restritos é uma situação comum na Mata Atlântica (SILVANO & PIMENTA, 2003). A vulnerabilidade de diversas espécies é decorrente do seu elevado grau de endemismo, o que é mais evidente para as formas da Mata Atlântica (HADDAD *et al.*, 2013), bem como dos seus modos reprodutivos especializados, o que é mais comum para os anuros de florestas úmidas (DUELLMAN & TRUEB, 1986).

Esperava-se o registro de espécies do gênero *Aplastodiscus* e *Bokermannohyla* registradas em outros estudos na região (p.ex. CAMURUGI *et al.* 2010; SILVANO & PIMENTA, 2003) além das espécies *Proceratophrys renalis* e *Chiasmocleis schubarti*, principalmente em áreas com melhor grau de preservação como nos módulos 2 e 6.

As curvas de rarefação para a riqueza observada e estimada obtidas para cada sítio não se estabilizaram, indicando que a riqueza local tende a ser superior à registrada, mesmo padrão obtido para a riqueza total dos módulos. Em relação à riqueza estimada para cada módulo, os estimadores de riqueza se estabilizaram para os sítios AFT1, AFT2, AFT3 e Módulo 2. Para os demais o esforço empregado ainda não foi suficiente para atingir a estimativa de riqueza esperada para as áreas.

Os resultados das campanhas mostraram que as amostragens com o emprego de metodologias conjugadas (busca ativa e auditiva, sítios reprodutivos e armadilha de interceptação e queda) permitem amostrar espécies que geralmente passam despercebidas quando somente é utilizada uma metodologia, por serem espécies com diferentes hábitos (fossorial, arborícola, crípticas).

Freitas & Silva (2004) em levantamentos da anfíbiofauna pelo estado da Bahia observaram que um número superior a 20 espécies é dificilmente alcançado durante uma amostragem rápida. O registro de 69 espécies num período de 14 dias de campo em cada

área (7 na estação chuvosa e 7 na seca) indica de que a região amostrada apresenta uma elevada diversidade e com altas taxas de endemismo. Além disso, evidencia que o esforço empregado, mesmo com a não realização de capturas em parcelas não contempladas pela ACCT 467/2014, foi suficiente para a obtenção de um resultado expressivo e adequado à realização do diagnóstico acerca das comunidades presentes na Área de Estudo. A utilização das metodologias de busca ativa e pontos de escuta nas parcelas, provavelmente em razão do elevado esforço exigido pela IN 13, supriram satisfatoriamente a ausência de armadilhas de interceptação e queda (*pitfalls*) em 10 das 17 parcelas amostradas, uma vez que apenas duas das 68 espécies tiveram seu registro obtido apenas por capturas.

O grande número de espécies ameaçadas e endêmicas listadas em bibliografia com ocorrência para a região evidencia que esta se trata de uma região importante para a conservação deste grupo.

Devido à estabilidade climática, o Sul da Bahia apresenta vários anfíbios com distribuição muito restrita, em poucos municípios, como algumas espécies do gênero *Phyllodystes* e as espécies *Chiasmocleis crucis* (FIGURA 6.2 - 222) e *Agalychnis aspera*. Além disso, várias espécies da Mata Atlântica ocorrem em estratos da floresta muito difíceis para o pesquisador estudar, como bromélias no dossel da floresta.



FIGURA 6.2 - 222 - *CHIASMOCLEIS CRUCIS*.

(i) Grau de Vulnerabilidade

Segundo bibliografia consultada, das 115 espécies de anfíbios com possível ocorrência para a área de estudo, três estão classificadas com algum grau de ameaça segundo a IUCN (Vulnerável - *Allobates olfersioides*; Quase Ameaçada - *Bokermannohyla lucianae* e *Phasmahyla spectabilis*). Destas, a espécie *Allobates olfersioides* foi registrada no sítio AFT2 e no Módulo 2, em áreas florestais.

Allobates olfersioides (FIGURA 6.2 - 223) é uma espécie diurna, que vive no chão de florestas primárias ou secundárias. Na Bahia, esta espécie foi considerada como uma das mais ameaçadas pela perda de habitat na mesma região onde a sua ocorrência foi fortemente relacionada com a presença de bromélias (TINOCO *et al.*, 2008).



FIGURA 6.2 - 223 - ALLOBATES OLFERSIOIDES.

Em relação ao endemismo, 85 espécies de possível ocorrência são endêmicas do Bioma Mata Atlântica, 15 do Estado da Bahia, e quatro espécies são consideradas raras na natureza. Desse total, 48 espécies endêmicas do Bioma Mata Atlântica, sete endêmicas do Estado da Bahia e duas de raro encontro na natureza foram registradas nas amostragens de campo. O grande número de espécies ameaçadas e endêmicas listadas em bibliografia, com ocorrência para a região, evidencia que esta se trata de uma região importante para a conservação deste grupo.

A espécie *Phyllodytes kautskyi* (FIGURA 6.2 - 225) possui registro apenas para os municípios de Porto Seguro e Camacan, no sul da Bahia e em Domingos Martins, Santa Teresa e Linhares, no sul do Espírito Santo (SIMON & PERES, 2012). O registro de três indivíduos em bromélias no alto de duas árvores no Módulo 5 evidencia a dificuldade de registro desta espécie e sua especificidade ambiental. Outras três espécies deste gênero também foram registradas desta mesma forma, *Phyllodytes sp.* e *P. maculosus* (FIGURA 6.2 - 224).



FIGURA 6.2 - 224 - PHYLLODYSTES MACULOSUS.



FIGURA 6.2 - 225 - PHYLLODYSTES KAUTSKYI.

Toda obra causa impacto de alguma forma a fauna nativa, algumas em maior, outras em menor grau. Supressão da vegetação nativa, aumento na fragmentação dos ambientes

florestais, atropelamento da fauna silvestre e contaminação das áreas alagadas são alguns dos impactos causados. A retirada da vegetação nativa, conseqüentemente leva a uma perda habitat das espécies que ali vivem. Desta forma, as espécies registradas em áreas florestais (p.ex. *Ischnocnema bilineata* - FIGURA 6.2 - 226, *Macrogenioglottus alipioi* - FIGURA 6.2 - 227 e *Hyophryne histrio* - FIGURA 6.2 - 228) irão ser impactadas caso ocorra a retirada da vegetação ali existente, assim como as espécies registradas em áreas abertas, como lagoas em borda florestal (*Dendropsophus bipunctatus* - FIGURA 6.2 - 229, *Trachycephalus mesophaeus* - FIGURA 6.2 - 230 e *Phyllomedusa nordestina* - FIGURA 6.2 - 231) irão diminuir ou até desaparecer caso ocorra o aterramento da área alagada.



FIGURA 6.2 - 226 - *ISCHNOCNEMA BILINEATA*



FIGURA 6.2 - 227 - *MACROGENIOGLOTTUS ALIPIOI*



FIGURA 6.2 - 228 - *HYOPHRYNE HISTRIO*



FIGURA 6.2 - 229 - *DENDROPSOPHUS BIPUNCTATUS*



FIGURA 6.2 - 230 - *TRACHYCEPHALUS MESOPHAEUS*.



FIGURA 6.2 - 231 - *PHYLLOMEDUSA NORDESTINA*.

Salienta-se também que quanto mais próximo a áreas florestais o traçado da rodovia ocorrer, maior a chance de um impacto ocorrer para este grupo.

O registro de espécies dos mais variados hábitos e habitats reforça a importância da heterogeneidade ambiental, pois ela confere uma elevada variedade de recursos além de que algumas espécies são altamente dependentes de microhabitats de interior de floresta devido à exigência requerida por seus modos reprodutivos especializados (HADDAD & PRADO, 2005).

(ii) Grau de Sensibilidade

Todos os módulos amostrados apresentam modelos únicos para a vivência das espécies. Espécies de hábito florestal são mais sensíveis aos impactos da obra visto que, na supressão vegetal, tendem a diminuir sua abundância ou até mesmo desaparecer.

Nem todas as espécies são afetadas da mesma forma pelo processo de fragmentação, mas este processo muda os mesohabitats e microhabitats disponíveis e, portanto, todas as comunidades acabam sendo afetadas (CERQUEIRA *et al.*, 2005). Por terem uma fase de sua vida dependente da água, os anfíbios são muito sensíveis às alterações ao seu entorno e a situação se agrava quando estes fragmentos encontram-se inseridos em áreas urbanizadas, devido ao aumento de fatores que afetam sua dinâmica e sobrevivência (WILSON, 1997; BARBOSA, 2000).

Espécies observadas em áreas abertas também sofrem com a mudança da paisagem local. Certas características fisiológicas (p. ex., pele permeável) e ecológicas (p. ex., ciclo de vida bifásico) tornam os anfíbios fortemente dependentes da água sendo sensíveis a alterações de parâmetros físicos e químicos da água e várias espécies são também sensíveis a alterações na estrutura da vegetação nas vizinhanças dos corpos d'água (JIM, 1980, *apud* SILVEIRA & PIMENTA, 2003; WATSON *et al.*, 1995 *apud* SILVEIRA & PIMENTA, 2003; HADDAD *et al.*, 2013). Quanto maior a aversão de uma espécie a determinadas características de um habitat, menor é a capacidade desta em explorar e descobrir uma nova fonte de recursos ou um novo habitat (SCOSS, 2002).

(iii) Composição

Estudo realizado por Silvano & Pimenta (2003) em 21 municípios da do sul da Bahia registrou 92 espécies de anfíbios. Na região dos sítios AFT1 e Módulo 2 foi realizado o estudo de Camurugi *et al* (2002) em que se registraram 48 espécies de anfíbios anuros. Em Porto Seguro (50 km de Eunápolis) Pimenta *et al.* (2007) registraram 39 espécies. Porém salienta-se que estes dois últimos trabalhos foram realizados em áreas de proteção ambiental (Reserva Ecológica da Michelin e RPPN Estação Veracruz). Mesmo assim, muitas espécies encontradas nas localidades amostradas por Silvano & Pimenta (2003) não foram registradas na Reserva da Michelin e vice-versa, mostrando que quando considera-se a riqueza de anuros da região como um todo, os níveis de diversidade e endemismo são muito elevados (CARAMUGI *et al.*, 2002).

O sul da Bahia é reconhecido pelos ambientalistas como uma das áreas mais importantes para a conservação da biodiversidade global. Por causa do grande risco de total eliminação dos remanescentes, esta região vem concentrando esforços conservacionistas nos últimos anos. É importante salientar, em especial, o registro em campo das espécies *Agalychnis aspera*, *Physalaemus camacan*, *P. erikae* e *Scinax strigilatus* que apresentam distribuição restrita às matas do sul da Bahia (CRUZ & PIMENTA, 2004; PIMENTA *et al.*, 2005; PIMENTA *et al.*, 2007; SILVANO & PIMENTA, 2010).

Os seis sítios apresentaram diferenças na composição das espécies. O Módulo 6 apresentou o maior número de espécies (n=49), seguido do Módulo 2 (n=38). Este fato pode estar relacionado ao número de parcelas que cada área possui; ambas apresentam quatro parcelas, enquanto outras possuem apenas uma ou duas parcelas. O sítio AFT1 apresentou a menor riqueza absoluta de espécies. Este sítio possui apenas uma parcela de 1km, e parte deste é formado pela cultura do cacau localizada no sub-bosque da floresta. Também compreende dois pequenos fragmentos isolados de floresta secundária. Apesar desta paisagem modificada, obteve-se o registro da espécie *Ischnocnema parva* (FIGURA 6.2 - 232), espécie endêmica do Bioma Mata Atlântica, com ocorrência descrita apenas para os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro, trata-se do primeiro registro para o estado da Bahia (FROST, 2014). Porém este fato pode ser pela subamostragem da espécie, visto que ela ocorre em estados vizinhos da Bahia. Espécie de pequeno porte (CRC machos 1,4 cm e fêmeas 2,0 cm), possui atividade crepuscular-noturna, habitando serrapilheira de áreas florestais com hábito criptozóico (MARTINS, 2009; HADDAD *et al.*, 2013). Um indivíduo foi registrado em área florestal na busca ativa.



FIGURA 6.2 - 232 - ISCHNOCNEMA PARVA.

O Módulo 6 registrou maior riqueza absoluta de espécies no estudo. Trata-se do módulo com vasta heterogenidade ambiental para este grupo e o sítio com área florestal melhor preservada. Salienta-se o registro da espécie *Physalaemus camacan* (FIGURA 6.2 - 233), endêmica do Bioma Mata Atlântica e do sul da Bahia. De pequeno porte (CRC machos 2,3 cm e fêmeas 2,4 cm) habita áreas florestais e vocaliza em brejos ou lagoas. Pimenta *et al.* (2004) registraram indivíduos em lagoas temporárias no interior da floresta. No atual estudo, indivíduos foram registrados no método armadilha de interceptação e queda neste módulo e em sítio reprodutivo no Módulo 2.



FIGURA 6.2 - 233 - PHYSALAEMUS CAMACAN.

O Módulo 2 foi o sítio com a segunda maior riqueza absoluta de espécies (n=38). Apesar do entorno ser constituído pela cabruca, este possui a maior gama de habitats para os anfíbios, como áreas alagáveis no interior da mata, trilhas na borda florestal, lagoas na borda florestal além de uma das parcelas margear um arroio. Estes ambientes propiciam o encontro de espécies dos mais variados hábitos: arborícolas (gênero *Hypsiboas* e *Scinax* - FIGURA 6.2 - 234 a FIGURA 6.2 - 237), criptozóico (gêneros *Ischnocnema* e *Pristimantis* e a

espécie *Haddadus binotatus* - FIGURA 6.2 - 238), reofílico (*Allobates olfersoides*) e terrícola (algumas espécies do gênero *Leptodactylus* - *L. macrosternum*, FIGURA 6.2 - 239).



FIGURA 6.2 - 234 - *HYPISIBOAS ATLANTICUS*.



FIGURA 6.2 - 235 - *HYPISIBOAS POMBALI*.



FIGURA 6.2 - 236 - *SCINAX ARGYREORNATUS*



FIGURA 6.2 - 237 - *SCINAX EURYDICE*.



FIGURA 6.2 - 238 - *HADDADUS BINOTATUS*.



FIGURA 6.2 - 239 - *LEPTODACTYLUS MACROSTERNUM*.

Agalychnis aspera (FIGURA 6.2 - 240) é endêmica do Bioma Mata Atlântica e do Estado da Bahia, trata-se de uma espécie de porte médio, de atividade noturna, vocalizando em brejos ou lagoas de hábito arborícola. Espécie de abundância rara na natureza (HADDAD *et al.*, 2013). Um indivíduo foi registrado em área alagada dentro da mata no Módulo 2.



FIGURA 6.2 - 240 - AGALYCNIS ASPERA.

O Módulo 5 está inserido na cabruca com poucas áreas alagadas. *Physalaemus erikae* (FIGURA 6.2 - 240), espécie endêmica do Bioma Mata Atlântica e do sul da Bahia foi registrada nesse módulo. De pequeno porte, habita tanto áreas florestais como áreas abertas, vocalizando em brejos ou lagos (HADDAD *et al.*, 2013). Os indivíduos registrados por Cruz & Pimenta (2004) estavam em poças temporárias presentes na cabruca.



FIGURA 6.2 - 241 - PHYSALAEMUS ERIKAE.

O sítio AFT2 registrou 29 espécies. Esta área é a mais alterada antropicamente dentre todos os sítios amostrados (quando analisado para anfíbios). Sua maior parte está inserida na cabruca, possuindo apenas uma lagoa em área aberta. Porém, mesmo que esses fatores pudessem apontar para a ocorrência apenas de espécies generalistas, houve o registro da espécie *Allobates offersioides*, classificada como vulnerável (IUCN, 2014), e da espécie *Macrogenioglottus alipioi*, com abundância rara na natureza (HADDAD *et al.*, 2013).

Macrogenioglottus alipioi é uma espécie de porte médio (CRC 8,5 cm machos e 9,1 cm fêmeas) de atividade noturna, que deposita seus ovos e girinos em água parada. De hábito criptozóico vocaliza em brejo ou lago, podendo ser encontrada na serrapilheira de áreas de mata (HADDAD *et al.*, 2013; DIXO & VERDADE, 2006). Reproduz após fortes chuvas em poças formadas pelo transbordamento de riachos dentro da mata. Apesar da ampla distribuição ao longo da Mata Atlântica, ocorrendo do Alagoas até São Paulo sua abundância é rara, ocorrendo sempre de forma pontual (CARVALHO-SILVA *et al.*, 2010). Espécie registrada também no Módulo 6, pelo método armadilha de intercepção e queda.

O sítio AFT3 está inserido na cabruca com presença florestal em alguns pontos. Neste sítio destaca-se a presença da espécie *Scinax strigilatus* (FIGURA 6.2 - 242), espécie endêmica do Bioma Mata Atlântica, ocorrendo apenas no sul da Bahia. De pequeno porte (CRC machos 2,6 cm e fêmeas 3, 8 cm), com atividade noturna e hábito arborícola vocaliza em brejos, lagos e em remansos de rio ou riacho (HADDAD *et al.*, 2013). Pimental *et al.*, (2007) registraram a maioria dos indivíduos em vegetação marginal de córregos no interior da mata secundária ou em áreas não perturbadas. Apenas um indivíduo foi registrado na vegetação marginal de uma pequena lagoa temporária em um fragmento de floresta perturbada, longe de córregos. Nas áreas de influência do empreendimento, indivíduos desta espécie foram registrados tanto em áreas florestais, áreas alagadas dentro do cacau, da cabruca assim como em lagoas em borda florestal.



FIGURA 6.2 - 242 - SCINAX STRIGILATUS.

Tratando-se de abundância nas amostragens de campo, *Dendropsophus branneri* obteve 781 registros, quase o dobro de *D. elegans* (n=422), a segunda espécie mais abundante.

O gênero *Dendropsophus* (FIGURA 6.2 - 243 a FIGURA 6.2 - 248) foi o mais abundante na somatória dos dados de todos os sítios amostrados: as doze espécies registradas deste gênero somaram 2154 registros. Este fato pode ser influenciado por ser um gênero onde a maioria de suas espécies habita áreas abertas, facilitando o encontro das mesmas em comparação a espécies de áreas florestais e de serrapilheira.



FIGURA 6.2 - 243 - *DENDROPSOPHUS ANCEPS*.



FIGURA 6.2 - 244 - *DENDROPSOPHUS BIPUNCTATUS*.



FIGURA 6.2 - 245 - *DENDROPSOPHUS DECIPIENS*.



FIGURA 6.2 - 246 - *DENDROPSOPHUS MINUTUS*.



FIGURA 6.2 - 247 - *DENDROPSOPHUS NOVAESI*



FIGURA 6.2 - 248 - *DENDROPSOPHUS SENICULUS*.

As espécies *Dendropsophus branneri*, *D. elegans*, *Haddadus binotatus*, *Hypsiboas albomarginatus*, *H. semilineatus*, *Leptodactylus macrosternum*, *Pristimantis paulodutra* (FIGURA 6.2 - 249), *P. ramagii*, *Rhinella crucifer* e *R. hoogmoedi* foram registradas nos seis sítios amostrais.



FIGURA 6.2 - 249 - *PRISTIMANTIS PAULODUTRAI*.



FIGURA 6.2 - 250 - *RHINELLA HOOGMOEDI*.

Durante as amostragens em campo, além da riqueza, observa-se elevada abundância de anuros, incluindo espécies endêmicas do Bioma Mata Atlântica. Das 15 espécies com mais de 100 registros nas amostragens, 11 são endêmicas deste bioma (*Dendropsophus elegans*, *D. haddadi* - FIGURA 6.2 - 251, *D. bipunctatus*, *D. giesler* - FIGURA 6.2 - 252, *Haddadus binotatus*, *Hypsiboas semilineatus*, *H. albomarginatus* - FIGURA 6.2 - 253, *Pristimantis paulodutra*, *P. ramagii* - FIGURA 6.2 - 254, *Rhinella crucifer* - FIGURA 6.2 - 255 e *Scinax juncae* - FIGURA 6.2 - 256). Para este bioma são conhecidas 540 espécies de anfíbios, sendo 472 endêmicas (HADDAD *et al.*, 2013). Acredita-se que a Mata Atlântica abrigue de 1 a 8% da biodiversidade mundial (CÂMARA, 2003), o que leva este bioma estar em segundo lugar no ranking mundial dos hotspots com o maior número de espécies de diferentes grupos em perigo de extinção (CÂMARA, 2003).



FIGURA 6.2 - 251 - *DENDROPSOPHUS HADDADI*.



FIGURA 6.2 - 252 - *DENDROPSOPHUS GIESLERI*.



FIGURA 6.2 - 253 - *HYPISBOAS ALBOMAGINATUS*.



FIGURA 6.2 - 254 - *PRISTIMANTIS RAMAGII*.



FIGURA 6.2 - 255 - *RHINELLA CRUCIFER*.



FIGURA 6.2 - 256 - *SCINAX JUNCAE*.

De forma geral, a elevada diversidade se reflete devido: a) pela riqueza pontual de cada sítio amostrado; b) apesar da presença da cabruca em quase todas as áreas amostradas, ainda assim, cada sítio apresenta características ambientais únicas e

singulares; c) as áreas amostradas estão numa região de alta taxa de endemismo para as espécies deste grupo.

(iv) Fragmentação ou Efeito de Borda em Relação à Fauna

A região Sul do Estado da Bahia apresenta uma forte fragmentação. Fotos aéreas de 1945 registraram, naquele ano, que mais de 85% da área total do Extremo Sul da Bahia ainda encontrava-se coberto por florestas (REZENDE-MENDONÇA, 1994). A estimativa feita em 1990 apontava para uma cobertura de apenas 0,4% das florestas costeiras originais do sul da Bahia. Em 1990, 3,1% da cobertura original ainda existente eram fragmentos menores de 400 hectares e geralmente antropizados (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1992; THOMAS *et al.*, 1998).

Em fragmentos urbanos, além da redução do tamanho de hábitat, o desmatamento e a fragmentação levam à modificação do ambiente pela influência dos hábitats alterados criados ao seu redor gerando o efeito de borda, o que causa alterações em todos os níveis, desde a diminuição da umidade até ao aumento no número de árvores caídas (LAURANCE, 1991; SILVANO *et al.*, 2005). Devido à sua baixa mobilidade, especialização do habitat e requerimentos fisiológicos, anfíbios são considerados modelos ideais para estudos sobre os efeitos da fragmentação (LAURANCE, 2008).

Em ambientes fragmentados a comunidade de anfíbios respondeu com decréscimo na diversidade (VALLAN, 2000), decréscimo na abundância (MARSH & PEARMAN, 1997), menor riqueza de espécies na borda (SCHLAEPFER; GAVIN, 2001), e mudanças na composição da comunidade (GASCON *et al.*, 1999).

Os trechos mais importantes nas áreas de influência do empreendimento são abordados no item “trechos para atropelamentos da fauna”.

No geral, as intervenções humanas levam a um empobrecimento da estrutura e da diversidade da vegetação (LIDDLE & SCORGIE, 1980). Tal mudança também altera o hábitat de diversas espécies animais, causando o desaparecimento de especialistas em favor de generalistas (VAN ROOY & STUMPEL, 1995).

À medida que ocorre a redução do hábitat, aspectos relacionados com a configuração da paisagem (ex.: isolamento entre fragmentos, número e tamanho dos fragmentos) e com a qualidade dos remanescentes (ex.: quantidade de bordas) também se alteram, trazendo prejuízos adicionais às populações florestais (ANDRÉN, 1994; TURNER *et al.*, 2001).

(v) Espécies Bioindicadoras

Segundo Hilty & Merenlender (2000) e Dufrêne & Legendre (1997) alguns pressupostos devem ser assumidos para eleição de uma boa espécie bioindicadora como, por exemplo: taxonomia bem conhecida, pequena área de vida, alta taxa reprodutiva, pequeno tamanho corporal, baixo ou médio nível trófico, baixas flutuações populacionais, especialista de hábitat e alimentação e de fácil amostragem.

(vi) Espécies potencialmente indicadoras de boa qualidade ambiental

Este grupo reúne as espécies naturalmente pouco abundantes e de raro encontro na natureza, que são sensíveis a modificações ambientais e ocorrem, principalmente, em ambientes naturais bem conservados.

Em decorrência de impactos ambientais negativos, espera-se que essas espécies sejam as primeiras a sofrerem diminuições populacionais ou extinções locais, sendo diminuída a probabilidade de registro das mesmas em futuras amostragens.

(vii) Espécies potencialmente indicadoras de qualidade ambiental alterada negativamente

Espécies que ocorrem principalmente em ambientes perturbados, sendo originárias de outra ecorregião, porém habitando regiões antes não habitadas por elas e resistentes a impactos negativos do habitat. Em decorrência de perturbações dos habitats, espera-se que essas espécies aumentem sua área de vida concomitantemente com o aumento das áreas degradadas e/ou modificadas negativamente.

(viii) Espécies com importância econômica

Este grupo reúne espécies registradas em campo de gêneros que estão sendo estudados devido a seus princípios bioativos com potencial uso na produção de medicamentos (CAMARGO, 2005; PUKALA *et al.*, 2006; TEMPONE *et al.*, 2008). Espécies potencialmente procuradas para caça (consumo de sua carne) também foram selecionadas.

QUADRO 6.2 - 11-ESPÉCIES DE ANFÍBIOS BIOINDICADORAS.

ESPÉCIES	INDICADORAS DE BOA QUALIDADE AMBIENTAL	QUALIDADE AMBIENTAL ALTERADA NEGATIVAMENTE	IMPORTÂNCIA ECONÔMICA
<i>Allobates olfersioides</i>	X		X
<i>Agalychnis aspera</i>	X		
<i>Haddadus binotatus</i>	X		
<i>Hyophryne histrio</i>	X		
<i>Itapotihyla langsdorffii</i>			X
<i>Leptodactylus fuscus</i>		X	
<i>Leptodactylus latrans</i>			X
<i>Leptodactylus macrosternum</i>		X	X
<i>Macrogenioglottus alipioi</i>	X		
<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>			X
<i>Phyllomedusa nordestina</i>			X
<i>Phyllomedusa rhodei</i>			X
<i>Physalaemus camacan</i>	X		
<i>Rhinella crucifer</i>			X
<i>Rhinella granulosa</i>			X
<i>Rhinella hoogmoedi</i>			X
<i>Rhinella jimi</i>			X
<i>Scinax x-signatus</i>		X	
<i>Siphonops annulatus</i>			X
<i>Sphaenorhynchus pauloalvini</i>	X		
<i>Trachycephalus atlas</i>			X
<i>Trachycephalus mesophaeus</i>			X



FIGURA 6.2 - 257 - *ITAPOTIHYLA LANGSDORFFII*.



FIGURA 6.2 - 258 - *LEPTODACTYLUS LATRANS*.



FIGURA 6.2 - 259 - *PHYLLOMEDUSA BURMEISTERI*.



FIGURA 6.2 - 260 - *PHYLLOMEDUSA RHODEI*.



FIGURA 6.2 - 261 - *RHINELLA GRANULOSA*.



FIGURA 6.2 - 262 - *RHINELLA JIMI*.



FIGURA 6.2 - 263 - *SCINAX X-SIGNATUS*.



FIGURA 6.2 - 264 - *SIPHONOPS ANNULATUS*.



FIGURA 6.2 - 265 - *SPHAENORHYNCHUS PAULOALVINI*



FIGURA 6.2 - 266 - *TRACHYCEPHALUS ATLAS*.

Répteis

A fauna reptiliana possui fundamental importância no equilíbrio ecológico das comunidades faunísticas, visto que muitas espécies são predadoras especialistas e também servem de alimento para algumas espécies de aves, mamíferos e até mesmo outros répteis (MARTINS *et al.*, 2002; BALESTRIN & DI-BERNARDO, 2005). No entanto, o levantamento de répteis é um dos mais difíceis de realizar devido ao hábito furtivo destes animais, o que torna seu encontro muitas vezes fortuito (FITCH, 1987). A carência de estudos de longa duração, que forneçam informações a respeito da riqueza e da abundância das espécies - reflexo da situação na maior parte do país dificulta a compreensão do estado de conservação do grupo (RODRIGUES, 2005).

Foram registradas na área de estudo para a duplicação da Rodovia BR-101/BA um total de 41 espécies de répteis distribuídas em 17 famílias, o que equivale a 33,8% da riqueza de espécies com ocorrência esperada para a área (n=121). Dentre as espécies registradas, dez são endêmicas do Bioma Mata Atlântica, e destas, duas são endêmicas do Estado da Bahia.

A família Dipsadidae foi a com mais representantes 13 (n=76,4%), o que é esperado visto que ela também é a família com o maior número de espécies com possível ocorrência para a região segundo a bibliografia utilizada Argôlo (2004), Curcio *et al.* (2012), Freitas (2011), BAHIA-SEMARH (2005), MMA (1998), Rodrigues (2002a, 2002b, 2013) e CEPEMAR (2011). Entretanto, de um total de 39 espécies descritas como endêmicas do Bioma Mata Atlântica de possível ocorrência para a área do empreendimento, somente oito foram registradas e das espécies endêmicas do estado da Bahia que tem distribuição conhecida para os locais de amostragem, somente duas das 8 existentes na região foram encontradas. Apesar desta mesma bibliografia citada acima fornecer um razoável conhecimento sobre a diversidade da herpetofauna local, a região teve uma espécie descrita recentemente (RODRIGUES *et al.*, 2013) e durante as amostragens do EIA/RIMA, foram registradas as espécies *Copeoglossum nigropunctatum*, um lagarto bastante comum em outras regiões, e *Dendrophidion atlântica* (FIGURA 6.2 - 267), cuja ocorrência não constava para a região e que possui ainda registros esparsos desde sua descrição (FREIRE *et al.* 2010, GUEDES *et al.* 2014). Com a adição destas duas espécies, o número de espécies de possível ocorrência sobe para 123.



FIGURA 6.2 - 267 - DENDROPHIDION ATLANTICA.

Estes resultados, assim como a falta de tendência para a estabilização das curvas de rarefação e das estimativas de riqueza calculadas para todos os sítios amostrais, demonstram que a riqueza local tende a ser superior à registrada, tendo o mesmo padrão sido encontrado para a riqueza total dos sítios. De toda forma, o registro de 1/3 das espécies de possível ocorrência para a Área de Estudo representa um valor significativo, principalmente considerando-se o estado da vegetação na AID, com alto grau de substituição de espécies nativas por cultivares, a presença da rodovia interceptando os fragmentos e o hábito, bastante comum no manejo das plantações de cacau, de se abaterem todas as serpentes encontradas por moradores e trabalhadores locais.

Além disso, as armadilhas de interceptação e queda, instaladas nas sete parcelas constantes na ACCT 467/2014, não adicionaram espécies à riqueza da Área de Estudo, uma vez que as espécies capturadas foram também registradas pelo método de Procura Ativa nas parcelas.

Isto posto, consideram-se os dados obtidos plenamente suficientes para a elaboração do diagnóstico relativo ao estado atual da comunidade a ser potencialmente impactada pelo empreendimento.

As espécies mais abundantes no estudo foram *Enyalius catenatus*, *Leposoma scincoides*, *Gymnodactylus darwinii* e *Tropidurus torquatus* responsáveis por 44% dos registros. Das 36 espécies registradas, 18 tiveram apenas um indivíduo registrado. Dominâncias similares a estas também foram observadas nas proximidades da área do empreendimento por Dixo (2001) e Matos (2013).

O lagarto *Leposoma scincoides* (FIGURA 6.2 - 268) é um pequeno caçador diurno que explora predominantemente os artrópodes que ocorrem no folhíço. Duas de suas principais presas não são muito comuns nos conteúdos estomacais de outras espécies de lagartos que ocorrem no mesmo habitat, tais como crustáceos isópodos (tatuzinho-de-jardim) e colêmbolas (TEIXEIRA & FONSECA, 2003).



FIGURA 6.2 - 268 - *LEPOSOMA SCINCOIDES*.

A espécie *Gymnodactylus darwinii* (FIGURA 6.2 - 269) é característica da Mata Atlântica, ocorre desde o estado de São Paulo até o Rio Grande do Norte (VANZOLINI, 1974; FREIRE, 1998), porém sua ecologia ainda é pouco conhecida. Sabe-se que é um lagarto predador generalista de artrópodes (TOFT, 1985), ocorrendo dentro, sob ou sobre troncos em decomposição (FREIRE, 1996). A destruição de seu habitat natural e a provável competição com *Hemidactylus mabouia* (lagartixa-de-parede), espécie exótica também registrada no estudo, aparenta estar limitando o sucesso ecológico da espécie (TEIXEIRA, 2002).



FIGURA 6.2 - 269 - *GYMNODACTYLUS DARWINII*.

Enyalius catenatus (FIGURA 6.2 - 270) é um lagarto de porte mediano, podendo alcançar mais de 30 cm de comprimento total. Habita ambientes florestais e pode ser encontrado nos troncos das árvores de 3-5 m de altura e também na terra, onde parece fazer uma parte considerável de seu forrageio. Sua dieta é composta principalmente de artrópodes e maioria dos relatos afirmam que estes lagartos são diurnos, não especificando se são ativos durante todo o dia ou apenas durante parte do dia (VANZOLINI, 1972; SAZIMA & HADDAD, 1992).



FIGURA 6.2 - 270 - *ENYALIUS CATENATUS*.

A grande diferença sazonal entre os valores das abundâncias é explicado pelo padrão de atividade sazonal de alguns répteis, que é influenciado por fatores abióticos como temperatura e pluviosidade (GIBBONS & SEMLITSCH 1987). Principalmente as temperaturas baixas parecem ser um fator limitante para atividade deles (GIBBONS & SEMLITSCH 1987, SAWAYA *et al.* 2008), pois podem reduzir as taxas metabólicas em sua

atividade (LILLYWHITE 1987). Como a região onde estão inseridos os sítios amostrais tem índices pluviométricos significantes e constantes, praticamente ao longo de todo do ano, as temperaturas mais altas da estação seca foi que permitiram que um maior número de indivíduos estivesse ativo durante a amostragem.

Fica claro também, com os resultados obtidos, que se combinadas as informações sobre riqueza e sua distribuição, assim como sobre as escolhas de habitat expostas anteriormente, pode-se inferir que grande parte da diversidade de espécies de répteis do local é dependente dos recursos das áreas de florestas nativas da região.

(i) Grau de Vulnerabilidade

Dentre as 121 espécies de répteis com possível ocorrência para a área de estudo, apenas 19 aparecem na base de dados da IUCN e destes todos estão classificados como LC - Least Concern (Pouco Preocupante), exceto *Acanthochelys radiolata* que consta como NT - Near Threatened (Quase Ameaçada) (IUCN, 2014).

Acanthochelys radiolata (FIGURA 6.2 - 271) é uma espécie de cágado endêmico do Bioma da Mata Atlântica, que habita ambientes lênticos e terrenos alagados de fundo macio onde pode se enterrar (BONIN *et al.*, 2006), onde se alimenta de minhocas, anfíbios, insetos, moluscos e peixes (ERNST & BARBOUR, 1989).



FIGURA 6.2 - 271 - ACANTOCHELYS RADIOLATA .

Quanto ao endemismo, 39 espécies de possível ocorrência são endêmicas do Bioma Mata Atlântica, e destas, oito são endêmicas do Estado da Bahia. Deste total de espécies, durante a coleta de dados foram registradas 13 (33,3%) espécies de répteis endêmicas do Bioma Mata Atlântica e duas (25%) endêmicas do Estado da Bahia. Estes valores, quando comparados ao de 33,8% encontrado para o total de espécies registradas em relação às de possível ocorrência, demonstram que as espécies endêmicas da mata atlântica foram amostradas numa proporção similar a das demais. Como estes endemismos correspondem a quase um quarto da comunidade de répteis do local do empreendimento, isto torna esta região muito importante para a conservação deste grupo.

Um dos maiores impactos a serem causados na comunidade de répteis da área do empreendimento será, sem dúvida, o aumento nas taxas de atropelamento por

consequência do aumento do fluxo de veículos e da maior distância a ser percorrida para que os animais alcancem o outro lado da rodovia em segurança. Os grupos com maior susceptibilidade a serem vítimas do tráfego são as serpentes e os quelônios.

Como são animais ectotérmicos, répteis são fortemente influenciados pelas condições ambientais (LILLYWHITE, 1987; PETERSON *et al.*, 1993; ZUG *et al.*, 2001), a ecologia de muitos deles os torna especialmente suscetíveis aos efeitos negativos das rodovias (FORMAN *et al.*, 2003). Em quelônios, por exemplo, as fêmeas adultas são atingidas nas estradas durante sua migração para a desova (ARESCO, 2005; GIBBS & STEEN, 2005; STEEN *et al.*, 2006). Espécies com histórias de vida caracterizadas por baixas taxas de reprodução e mortalidade quando adultos (como cascavéis e a maioria dos quelônios) são mais vulneráveis às consequências demográficas da mortalidade nas estradas (FORMAN *et al.*, 2003). Um aumento aditivo de 2–3% de mortalidade anual pode ser mais do que a maioria das espécies de quelônios pode tolerar e ainda manter um crescimento positivo na população (BROOKS *et al.*, 1991; GIBBS & SHRIVER, 2002). A mortalidade causada pelas estradas já foi documentada como causadora de mudanças nas taxas sexuais em quelônios (STEEN & GIBBS, 2004; GIBBS & STEEN, 2005; STEEN *et al.*, 2006) e por afetar a abundância de serpentes (RUDOLPH *et al.*, 1999; KJOSS & LITVAITIS, 2001).

As serpentes são particularmente vulneráveis à mortalidade associada às estradas devido ao seu deslocamento lento, sua propensão a termorregular na superfície das estradas e à morte intencional por seres humanos quando avistadas. Esta susceptibilidade, porém, pode diferir entre espécies. Espécies que forrageiam ativamente estariam mais propensas a atropelamentos do que espécies senta-espera, pois as primeiras geralmente cruzam estradas com mais frequência (BONNET *et al.*, 1999; JOCHIMSEN, 2006; ROE *et al.*, 2007). A mortalidade é maior em adultos machos naquelas espécies em que a reprodução envolve uma intensa procura por parceiros, e em espécies cuja ecologia exibe mudanças sazonais de habitat (BONNET *et al.*, 1999). Shepard *et al.*, (2008), assim como em outros estudos (GIBBONS & SEMLITSCH, 1987; TUCKER, 1995; BONNET *et al.*, 1999; CAMPBELL, 1953; ENGE & WOOD, 2002), registraram que algumas serpentes eram atropeladas com maior frequência durante a primavera e o outono, coincidindo com os movimentos para a entrada e saída da hibernação, e com a dispersão pós-eclosão. Da mesma forma, espécies terrícolas encontradas na área como *Atractus guentheri*, *C. laevicollis*, *C. fuscus*, *Pseudoboa nigra*, *Sibynomorphus neuwied* e *Elapomorphus wuchereri* podem estar mais sujeitas do que espécies arborícolas (FRANÇA & ARAÚJO, 2006).

Dentre estas, destaque para a serpente *Pseudoboa nigra* (FIGURA 6.2 - 272), que é uma espécie terrícola, de hábitos noturnos e crepusculares, cuja dieta consiste principalmente de pequenos roedores, lagartos e seus ovos e ocasionalmente outras cobras (ARGÔLO, 2004). Esta é uma espécie ovípara e tem ampla distribuição por todos os biomas de vegetações abertas da América do Sul (MARQUES *et al.*, 2005). Durante a amostragem houve um encontro ocasional com esta espécie, que foi registrada atropelada na margem da BR-101 junto ao acesso ao Módulo 6.



FIGURA 6.2 - 272 - PSEUDOBOA NIGRA.

(ii) Grau de Sensibilidade

A supressão da vegetação nativa e conseqüente aumento na fragmentação dos ambientes florestais leva a uma perda habitat para espécies que existem no local. Espécies de hábito florestal são mais sensíveis a este tipo impacto e, caso ocorra a supressão vegetal, estas tendem a diminuir sua abundância ou até mesmo desaparecerem. Vale destacar aqui que 26 das 41 espécies registradas se encontravam em ambiente florestado e 12 delas exclusivamente neste habitat.

Um estudo realizado ao longo de 13 anos em 256 propriedades rurais de 38 municípios na faixa de Mata Atlântica do sul da Bahia reuniu 4.680 espécimes de 61 espécies de serpentes (ARGÔLO, 2004). Delas, 44 restringem-se a florestas e 19 são endêmicas do bioma. As serpentes *Atractus guentheri* e *Bothrops pirajai* são exclusivas da região estudada e a última encontra-se ameaçada de extinção (IUCN, 2014; ARGÔLO, 2008). O único parátipo de *Liotyphlops trefauti*, descrita da Bahia e Alagoas (FREIRE *et al.*, 2007), foi obtido nos cacauais de Ilhéus. Nessas elevações também foi detectada a espécie *Tropidophis grapiuna*, única representante do gênero em todo o Nordeste brasileiro (CURCIO *et al.* 2012).

Estes altos índices de endemismo fazem com que a região sul da Bahia seja reconhecida pelos ambientalistas como uma das áreas mais importantes para a conservação da biodiversidade global. Devido ao grande risco de eliminação dos remanescentes, esta região vem concentrando esforços conservacionistas nos últimos anos. Cabe ressaltar aqui, os registros durante a campanha das espécies *Atractus guentheri* e *Leposoma annectans* que apresentam distribuição restrita ao estado da Bahia (FREITAS, 2011; RODRIGUES, 2002a).

Existem poucas informações disponíveis para lagarto *Leposoma annectans* (FIGURA 6.2 - 273). Sabe-se que ele é endêmico da mata atlântica de do estado da Bahia e assim como *L. scincoides* vive no foliço de áreas florestais (RODRIGUES, 2002).



FIGURA 6.2 - 273 - LEPOSOMA ANNECTANS.

A espécie *Atractus guentheri* (FIGURA 6.2 - 274) é uma serpente de hábitos fossoriais, endêmica do Bioma da Mata Atlântica e do estado da Bahia. Sua dieta é composta principalmente por minhocas e, ocasionalmente, artrópodes (ARGÔLO, 2004).



FIGURA 6.2 - 274 - ATRACTUS GUENTHERI.

(iii) Composição

Os sítios amostrais apresentaram diferenças na composição das espécies, sendo os módulos 6 e 2 os que obtiveram as maiores riquezas absolutas (com 25 e 16 espécies respectivamente), enquanto que a menor ocorreu em AFT1.

Este resultado, que aponta uma maior riqueza nos módulos 6 e 2, pode estar relacionado ao número de parcelas que cada módulo possui, visto que ambos apresentam quatro parcelas, enquanto outros sítios possuem apenas uma ou duas. Outro fator de influência neste resultado é o tipo de ambiente em que os módulos estão inseridos. Os módulos 2 e 6 apresentam os mais bem preservados ambientes florestais, enquanto que o

sítio AFT1 que possui apenas uma parcela de 1km, é formado pela cabruca e dois pequenos fragmentos isolados de floresta secundária. Apesar disso, em AFT1 houve o registro de oito espécies, sendo duas encontradas unicamente nele: a serpente *Oxyrhopus petola* e o lagarto *Phyllopezus lutzae*.

Oxyrhopus petolarius (FIGURA 6.2 - 275) é uma serpente opistóglifa, ovípara, arborícola e que, apesar de possuir hábitos noturnos, pode ser encontrada durante o dia. Alimenta-se de lagartos, anfíbios, pássaros e pequenos roedores e sua saliva é especialmente tóxica para lagartos da família Dactyloidae (WHITHWORTH & BEIRNE, 2011; BOOS, 2001).

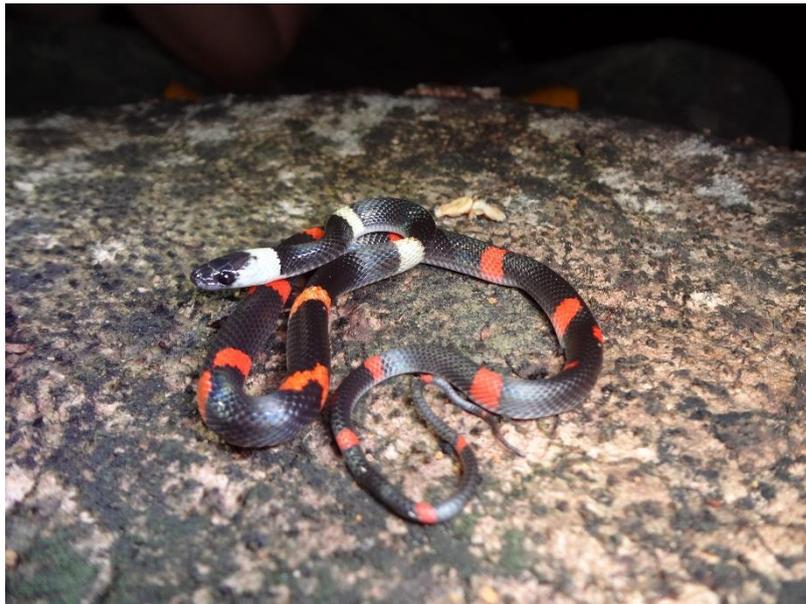


FIGURA 6.2 - 275 - OXYRHOPUS PETOLARIUS.

O lagarto *Phyllopezus lutzae* (FIGURA 6.2 - 276) é uma espécie endêmica da Mata Atlântica e que possui como habitat preferido as bromélias epífitas ou terrestres e também folhas de palmeiras. A distribuição da espécie é associada com a mata Atlântica e restingas, desde o sul da Bahia até Pernambuco (FREITAS 2011).



FIGURA 6.2 - 276 - *PHYLLOPEZUS LUTZAE*.

O módulo 2 foi o sítio a registrar o maior número de espécies (n=25), maior abundância (n=48) e também o que teve o maior índice de diversidade ($H' = 2,57$). Apesar do entorno do Módulo 2 ser parcialmente constituído de cabruca, este sítio possui a vegetação nativa em bom estado e uma gama maior de habitats disponíveis. Quanto a similaridade de registros com outros sítios, este módulo teve sete espécies registradas somente nele (*Ameiva ameiva*, *Chironius laevicollis*, *Dipsas catesbyi*, *Kentropyx calcarata*, *Sibynomorphus newwied*, *Siphlophis compressus* e *Spilotes pullatus*) enquanto que as outras 18 espécies registradas foram também encontradas em outros sítios amostrais.

A serpente *Dipsas catesbyi* (FIGURA 6.2 - 277) é uma espécie de serpente de hábitos noturnos que utiliza a vegetação como substrato, mas eventualmente também usa o foliço. Sua dieta consiste primeiramente de lesmas, mas já foram encontrados larvas de inseto e um lagarto no seu conteúdo estomacal (ARGÔLO, 2004).



FIGURA 6.2 - 277 - *DIPSAS CATESBYI*.

O lagarto *Kentropyx calcarata* (FIGURA 6.2 - 278) é uma espécie terrestre de ampla distribuição e que habita áreas densamente florestadas. Apesar de ser mais comumente encontrado nas bordas de mata associadas a córregos e clareiras, tende a desaparecer por completo quando o ambiente é devastado para o uso na agricultura (VITT, 1991).



FIGURA 6.2 - 278 - *KENTROPYX CALCARATA*.

Durante a amostragem no sítio AFT2 foram registradas 11 espécies. Chama a atenção que os dois únicos registros de lagartos da família Mabuyidae (*Copeoglossum nigropunctatum* e *Psychosaura macrorhyncha*) ocorreram exclusivamente neste sítio.

O lagarto *Psychosaura macrorhyncha* (FIGURA 6.2 - 279) é uma espécie endêmica do bioma da Mata Atlântica, que habita áreas de restinga do litoral brasileiro e utiliza predominantemente o micro-habitat de bromélias, tanto as do chão como as epífitas, assim como ocorre em arbustos (VRCIBRADIC & ROCHA 1996).



FIGURA 6.2 - 279 - *PSYCHOSAURA MACRORHYNCHA*.

Copeoglossum nigropunctatum (FIGURA 6.2 - 280) é uma espécie relativamente comum e de ampla distribuição em matas de terra firme, geralmente encontrada sobre galhos e troncos de árvores caídas, em clareiras e bordas da floresta (HOOGMOED & AVILA-PIRES, 1991). Este foi o primeiro registro da espécie na área de estudo.



FIGURA 6.2 - 280 - *COPEOGLOSSUM NIGROPUNCTATUM*.

Cabe lembrar aqui que o sítio AFT2 está inserido na Fazenda Indaiatuba, local onde a renda provém da plantação de cacau. Apesar de parte da área ser formada pela cabruca, alcançou um índice de diversidade similar ao do Módulo 6, no qual a riqueza absoluta foi maior.

No caso do sítio AFT3, no qual se registraram dez espécies, chama a atenção os menores valores médios de riqueza obtidos assim como o menor índice de diversidade ($H'=1,7$). Os ambientes encontrados no sítio AFT3 são áreas florestais que contém cabucas e lavouras de cacau ativas, vizinhas a comunidades locais e apresenta uma inclinação

média de 45°. As perturbações ambientais constantes assim como a dificuldade de se amostrar em terrenos íngremes pode estar relacionados aos baixos valores encontrados. Mesmo assim, as áreas acumularam registros importantes para o conhecimento da diversidade local, sendo a espécie *Elapomorphus wuchereri* unicamente encontrada neste sítio.

A serpente *Elapomorphus wuchereri* (FIGURA 6.2 - 281) é uma espécie endêmica da Mata Atlântica, tanto diurna como noturna, de hábitos fossoriais e que vive principalmente em ambientes florestais. Sua dieta é composta de serpentes e anfisbaenídeos.



FIGURA 6.2 - 281 - ELAPOMORPHUS WUCHERERI.

O Módulo 5 foi o que se registrou as menores riquezas e abundâncias médias. Este sítio apresenta pouca representação de espécies da flora nativa e predomina uma vegetação formada pela espécie do gênero *Erythrina*, introduzida com a finalidade de promover a monocultura de cacau. Dentre as 11 espécies registradas neste sítio apenas uma espécie foi registrada unicamente neste módulo: a lagartixa *Hemidactylus mabouia*.

Hemidactylus mabouia (FIGURA 6.2 - 282) é originário do centro da África e foi introduzido acidentalmente em muitos países. É uma espécie caracteristicamente domiciliar e peridomiciliar, refugiando-se atrás de móveis e em frestas. Muda de cor facilmente de acordo com o substrato e apresenta a autotomia caudal como forma de defesa. Sua alimentação consiste de insetos, principalmente grilos, mariposas, formigas, moscas e mosquitos (ACHAVAL & OLMOS, 2007).



FIGURA 6.2 - 282 - HEMIDACTYLUS MABOUIA.

O Módulo 6 teve a segunda maior riqueza de espécies registradas (n=15) e a segunda maior abundância (n=26). Um total de sete espécies foram registradas somente no módulo 6: *Acanthochelys radiolata*, *Atractus guentheri*, *Chironius fuscus*, *Dendrophidion atlantica*, *Leposternon cf. wuchereri*, *Leptodeira annulata* e *Pseudoboa nigra*.

Durante a amostragem foi encontrado morto um indivíduo da espécie *Leposternon cf. wuchereri* (FIGURA 6.2 - 283). Esta é uma espécie é endêmica da Mata Atlântica e possui hábitos fossoriais (FREITAS, 2011).



FIGURA 6.2 - 283 - LEPOSTERNON WUCHERERI.

A serpente *Chironius fuscus* (FIGURA 6.2 - 284) é uma serpente diurna, que utiliza tanto o solo como a vegetação como substrato e sua dieta é inclui predominantemente anfíbios anuros e ocasionalmente lagartos (ARGÔLO, 2004).



FIGURA 6.2 - 284 - *CHIRONIUS FUSCUS*.

Habitante dos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal, *Leptodeira annulata* (FIGURA 6.2 - 285) distribui-se por várias regiões do Brasil, especialmente na região litorânea, da Bahia até São Paulo (FREITAS, 2003). É uma serpente noturna, encontrada em florestas primárias e secundárias, mas pode ser encontrada próxima a áreas antropizadas e sua densidade pode se acentuar em áreas com altas densidades de anuros que são suas presas principais (VITT 1996). Esta serpente foi a única espécie encontrada em um ambiente de campo.



FIGURA 6.2 - 285 - *LEPTODEIRA ANNULATA*.

A única espécie a ser registrada em todos os módulos foi o lagarto *T. torquatus* (FIGURA 6.2 - 286), distribui-se no Brasil, nas regiões Centro-Oeste, Nordeste (sul da Bahia), Sudeste e Sul (RODRIGUES, 1987; ROCHA, 2000). É um lagarto saxícola ou arborícola que apresenta um marcado dimorfismo sexual (PINTO *et al.*, 2005), possuindo hábitos diurnos e apresentando comportamento territorialista (CARREIRA *et al.*, 2005). É um

predador oportunista, alimentando-se dos itens mais abundantes no ambiente, como aracnídeos, insetos e itens vegetais (ARRUDA, 2007).



FIGURA 6.2 - 286 - *TROPIDURUS TORQUATUS*.

(iv) Fragmentação ou Efeito de Borda em Relação à Fauna

Durante a implementação de um projeto rodoviário, este cria interferências no ambiente e as dimensões deste impacto vão depender da etapa do projeto, do tipo e porte do empreendimento em função das características ambientais da região (FOGLIATTI *et al.* 2004).

A construção ou ampliação de uma rodovia gera a perda direta de habitat e a fragmentação de áreas naturais que anteriormente eram contínuas, o que não só diminui e fragmenta os habitats como aumenta o efeito de borda.

Na fragmentação da floresta, o grau de isolamento irá determinar, em parte, a severidade das mudanças na composição da comunidade. Aumentando ou mantendo a conectividade da paisagem, pode-se reduzir a extinção de espécies e prevenir uma eventual depressão da reprodução em fragmentos isolados (NOSS, 1987; BENNET, 1990; HENEIN & MERRIAM, 1990; MEFFE & CARROL, 1994; LAURANCE & GASCON, 1997). Ademais, a fragmentação do habitat também provoca a diminuição do fluxo gênico e o aumento da deriva genética em populações isoladas, reduzindo sua capacidade para adaptação, especiação e mudanças macroevolutivas (TEMPLETON *et al.* 2001).

De acordo com Faria *et al.* (2007) a riqueza de espécies de lagartos é menor em ambientes perturbados em relação à floresta madura, resultando no aumento da dominância de algumas espécies e no declínio de outras. Jellinek *et al.* (2004) encontrou que paisagens com menor porcentagem de cobertura florestal apresentam extinção de algumas espécies de lagartos. Espécies florestais, por exemplo, são as mais vulneráveis por serem incapazes de suportar as altas temperaturas das formações abertas (RODRIGUES, 2005).

Em outro estudo realizado nas proximidades da área do empreendimento, Matos (2012) constatou a presença de *Enyalius catenatus* somente nas paisagens com maiores porcentagens de cobertura (a partir de 25%) e que a comunidade de lagartos florestais deste estudo foi influenciada de maneira negativa e respondeu de maneira linear à redução

da cobertura florestal, ou seja, quanto menor a quantidade de cobertura menor a diversidade total e local. Lindenmayer *et al.* (2005) encontram um resultado semelhante para comunidade de lagartos, onde a riqueza de espécies aumentou significativamente com a proporção de vegetação nativa, porém um limiar não foi encontrado.

Estudos realizados em plantações de cacau na Costa Rica por Lieberman (1986) e Heinen (1992) verificaram o declínio da riqueza e da equitabilidade das áreas perturbadas em relação as áreas de floresta primária, resultando no aumento da dominância de algumas espécies e declínio de outras. Faria *et al.* (2007) encontraram resultados semelhantes a esses para *Enyalius catenatus* e *Leposoma scincoides* com uma grande abundância deste último nas cabruças e plantações de cacau, enquanto que *E. catenatus* foi abundante em fragmentos florestais, tanto na serapilheira como nos ramos das árvores, sendo considerada sensível à simplificação das espécies da vegetação causada pelo plantio do cacau. Esta preferência de *Leposoma scincoides* por habitats perturbados como bordas de floresta, florestas secundárias e cacauais já havia sido verificada por Rodrigues *et al.* (2002a).

(v) Espécies Bioindicadoras

Embora Pianka & Vitt (2003) forneçam exemplos de lagartos como bons indicadores, Read (2002), por exemplo, trabalhando com 43 espécies de Squamata (27 lagartos e seis serpentes), demonstrou que os lagartos não são bons indicadores precoces de alterações impostas ao ambiente pelo pastoreio não-sustentável.

Para que seja possível optar por algumas espécies para que atuem como bioindicadoras, alguns pressupostos devem ser assumidos: como, por exemplo: taxonomia bem conhecida, pequena área de vida, alta taxa reprodutiva, pequeno tamanho corporal, baixo ou médio nível trófico, baixas flutuações populacionais, especialista de hábitat e alimentação e de fácil amostragem (HILTY & MERENLENDER, 2000; DUFRÊNE & LEGENDRE, 1997).

(vi) Espécies potencialmente indicadoras de boa qualidade ambiental

Este grupo reúne as espécies naturalmente pouco abundantes e de raro encontro na natureza, que são sensíveis a modificações ambientais e ocorrem, principalmente, em ambientes naturais bem conservados.

Em decorrência de impactos ambientais negativos, espera-se que essas espécies sejam as primeiras a sofrerem diminuições populacionais ou extinções locais, sendo diminuída a probabilidade de registro das mesmas em futuras amostragens.

(vii) Espécies potencialmente indicadoras de qualidade ambiental alterada negativamente

Espécies que ocorrem principalmente em ambientes perturbados, sendo originárias de outra ecoregião, porém habitando regiões antes não habitadas por elas e resistentes a impactos negativos do hábitat. Em decorrência de perturbações dos habitats, espera-se que essas espécies aumentem sua área de vida concomitantemente com o aumento das áreas degradadas e/ou modificadas negativamente.

QUADRO 6.2 - 12-ESPÉCIES DE RÉPTEIS BIOINDICADORAS REGISTRADAS DURANTE LEVANTAMENTO FAUNÍSTICO.

Espécies	Indicadoras de boa qualidade ambiental	Qualidade ambiental alterada negativamente
<i>Atractus guentheri</i>	X	
<i>Leposoma annectans</i>	X	
<i>Leposoma scincoides</i>		X
<i>Hemidactylus mabouia</i>		X
<i>Strobilurus torquatus</i>	X	
<i>Tropidurus torquatus</i>		X

Registros Fotográficos



FIGURA 6.2 - 287 - *ERYTROLAMPRUS MILIARIS*.



FIGURA 6.2 - 288 - *ERYTROLAMPRUS REGINAE*.



FIGURA 6.2 - 289 - *DACTYLOA PUNCATATA*.



FIGURA 6.2 - 290 - *DIPSAS VARIEGATA*.



FIGURA 6.2 - 291 - *NOROPS FUSCOAURATUS*.



FIGURA 6.2 - 292 - *POLYCHRUS MARMORATUS*.



FIGURA 6.2 - 293 - *SIPHLOPHIS COMPRESSUS*.



FIGURA 6.2 - 294 - *SALVATOR MERIANAE*.



FIGURA 6.2 - 295 - *TYPHLOPS BRONGESMINIANUS*.



FIGURA 6.2 - 296 - *XENOPHOLIS SCALARIS*.



FIGURA 6.2 - 297 - *BOTHROPS JARARACA*.



FIGURA 6.2 - 298 - *COLEODACTYLUS MERIDIONALIS*.



FIGURA 6.2 - 299 - *CHIRONIUS CF. EXOLETUS*.



FIGURA 6.2 - 300 - *STROBILURUS TORQUATUS*.

Avifauna

Comparando a riqueza observada em campo (233 spp) com os dados compilados da literatura (415 spp), mais de 56% das espécies de possível ocorrência foram detectadas durante o estudo. Este valor é bastante significativo, considerando-se que a área amostrada é interceptado pelo eixo da rodovia já existente e a vegetação original substituída, em sua maior parte, por pastagens ou cultivo de cacau.

Cabe ressaltar que algumas espécies com distribuição esperada para a área de estudo, como as pertencentes à família Cotingidae, dificilmente são registradas. Sabidamente, este grupo necessita de grandes extensões de florestas em bom estado de conservação. Da mesma forma, muitas espécies de Thamnophilidae tendem a não figurar nos resultados para a área, uma vez que estas utilizam subosque denso. Grandes extensões de florestas primárias e áreas de subosque denso, alvo preferencial de estudos científicos, são ambientes ausentes na área de estudo.

Isto posto, entende-se que o resultado obtido foi satisfatório e suficiente para subsidiar a elaboração do diagnóstico da comunidade de aves presente na Área de Estudo. A não realização de capturas com redes de neblina em dez das 17 parcelas, por não

estarem contempladas na ACCT 467/2014, não prejudicou o resultado final, uma vez que apenas quatro das 233 espécies registradas o foram apenas por este método.

Com base nos dados secundários, potencialmente na área de estudo era esperado o contato com 30 espécies ameaçadas de extinção. Porém, durante as amostragens foram registradas apenas 11 espécies enquadradas em alguma categoria de ameaça: duas Em Perigo e as demais como Vulnerável. São elas:

Balança-rabo-canela (*Glaucis dohrnii*, FIGURA 6.2 - 301) é um beija-flor florestal muito pouco conhecido, endêmico do sudeste do Brasil, da Bahia, ao sul da cidade de Salvador ao Espírito Santo, recentemente registrado em Minas Gerais. A perda de hábitat foi a principal causa do quase desaparecimento desta espécie. Aparentemente, é um beija-flor exigente com relação à qualidade do hábitat. A sua pequena área de distribuição, em uma região altamente impactada por ações antrópicas, contribuiu para a sua quase extinção (SILVEIRA, 2008a).

Este beija-flor, incluído na categoria Em Perigo, teve três indivíduos registrados durante o estudo, no Módulo 5 e Módulo 6, capturados com o auxílio de rede de neblina.



FIGURA 6.2 - 301 - BALANÇA-RABO-CANELA (*GLAUCIS DOHRNII*) ESPÉCIE AMEAÇADA DE EXTINÇÃO, CAPTURADO NO MÓDULO 6.

Pica-pau-de-coleira (*Celeus torquatus*, FIGURA 6.2 - 302): a subespécie *tinnunculus*, endêmica do sudeste do Brasil, uma estreita porção da Mata Atlântica de baixada, nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, e já extinto em boa parte dessas áreas, é um dos pica-paus menos conhecidos do país. A perda e alteração de hábitat são as principais causas do seu declínio (SILVEIRA, 2008b).

Este pica-pau que está na categoria Vulnerável, foi registrado apenas no Módulo 2, AFT2 e Módulo 6, porém, deve ser mais bem distribuído ao longo da área de estudo.

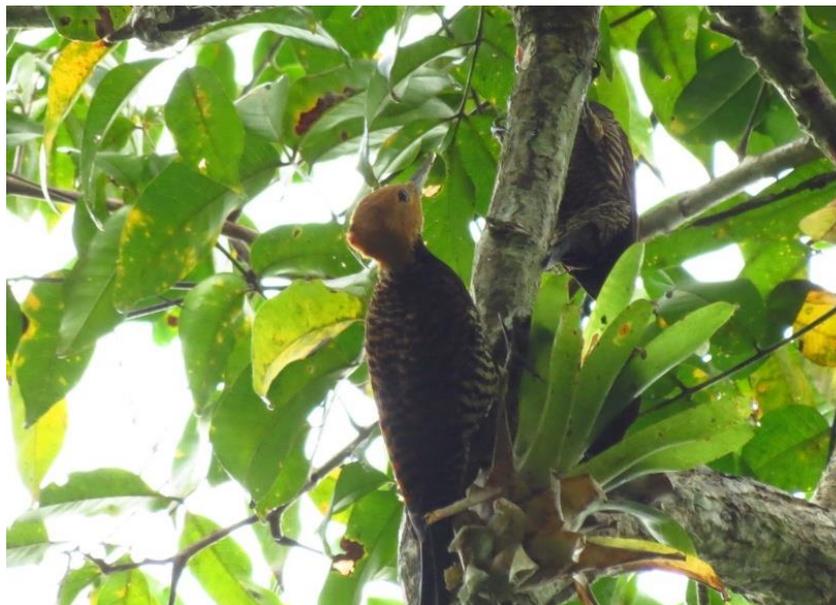


FIGURA 6.2 - 302 - PICA-PAU-DE-COLEIRA (*CELEUS TORQUATUS TINNUNCULUS*) TÁXON AMEAÇADA DE EXTINÇÃO.

Tiriba-grande (*Pyrrhura cruentata*, FIGURA 6.2 - 303) considerada ameaçada de extinção na categoria Vulnerável, vive preferencialmente em matas primárias ou em avançado estado de regeneração, mas pode também freqüentar capoeiras, bordas de mata e até mesmo pomares, desde que estes estejam próximos à floresta. Habita especialmente a Mata Atlântica de baixada, sendo mais comuns os registros até 500m; entretanto, já foi observada em altitudes de até 800 m em algumas localidades. Endêmica do Brasil, habitava a faixa de Mata Atlântica, preferencialmente de baixada, entre o centro-sul da Bahia até o Rio de Janeiro, passando pelo noroeste e leste de Minas Gerais e o Espírito Santo. Atualmente sobrevive principalmente nas Unidades de Conservação e está praticamente extinta nos remanescentes florestais desprotegidos. O desmatamento é uma das principais causas que levaram a espécie a ser considerada como ameaçada de extinção. Além disso, a intensa captura para o comércio local e internacional de aves silvestres contribuiu enormemente para a atual situação desta espécie.

A tiriba-grande foi registrada nos sítios AFT3 e Módulo 5.

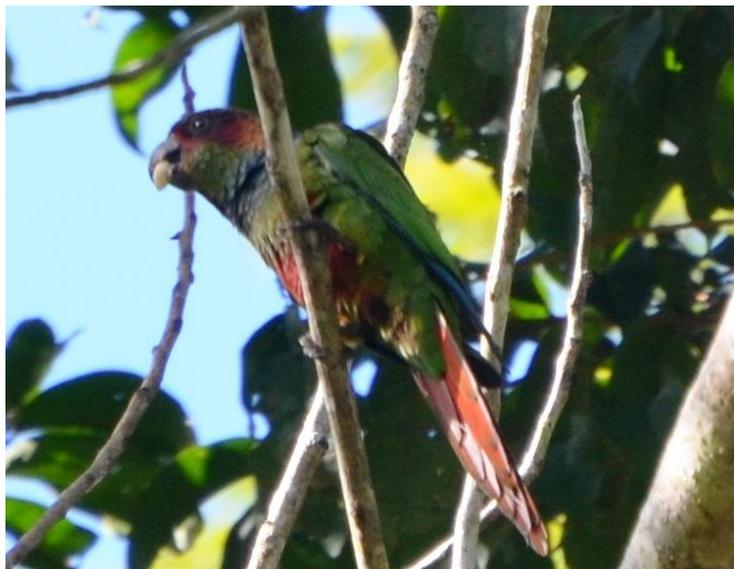


FIGURA 6.2 - 303 - TIRIBA-GRANDE (*PYRRHURA CRUENTATA*) ESPÉCIE AMEAÇADA DE EXTINÇÃO.

Tiriba-de-orelha-branca (*Pyrrhura leucotis*, FIGURA 6.2 - 304): de hábitos essencialmente florestais é avistada em pequenos bandos (geralmente entre 15 ou 20 indivíduos). Pode eventualmente visitar áreas mais abertas ou sombreadas, como a vegetação de cabruca. Endêmica da Mata Atlântica do sudeste do Brasil, preferencialmente em áreas de baixada, entre o sul da Bahia e o Rio de Janeiro, passando pelo leste de Minas Gerais. A principal ameaça sobre a espécie é a destruição de seu ambiente, seguida de desmatamento, captura e comércio ilegal. Este periquito, que foi categorizado como Vulnerável, só não foi registrado nos sítios AFT1 e Módulo 2.



FIGURA 6.2 - 304 - TIRIBA-DE-ORELHA-BRANCA (*PYRRHURA LEUCOTIS*) ESPÉCIE AMEAÇADA DE EXTINÇÃO.

O apuim-de-cauda-amarela (*Touit surdus*): espécie geralmente rara, endêmica do nordeste e sudeste do Brasil, principalmente em florestas de baixada, mas também em

áreas de encostas adjacentes. O extenso desmatamento ao longo de sua distribuição é considerada a principal causa de sua raridade (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2012a).

Este pequeno periquito foi detectado apenas por encontro ocasional, no sítio AFT3.

O chauá (*Amazona rhodocorytha*) incluído na categoria Em Perigo, é uma espécie de papagaio de grande porte, é endêmico da faixa litorânea do Leste do Brasil, nos estados de Alagoas e Bahia até o leste de Minas Gerais, Rio de Janeiro e litoral-norte de São Paulo. A ameaça mais evidente a essa espécie é a modificação gradual e sensível da quase totalidade de ambientes disponíveis, em sua grande maioria localizados em zonas de grandes contingentes populacionais humanos (KLEMMANN-JÚNIOR *et al.*, 2006).

A choquinha-de-rabo-cintado (*Myrmotherula urosticta*) vive em florestas primárias ou em avançado estado de regeneração, entre o sul da Bahia e o norte do Rio de Janeiro, recentemente registrada em Minas Gerais. O desmatamento em boa parte da sua área de distribuição é a principal ameaça à sobrevivência desta espécie (SILVEIRA, 2006c). Durante as amostragens, esta espécie de choquinha foi registrada apenas no Módulo 5.

A choquinha-chumbo (*Dysithamnus plumbeus*, FIGURA 6.2 - 305) tem uma pequena e fragmentada distribuição geográfica, desde o sul da Bahia, até o norte do Rio de Janeiro, passando pelo leste de Minas Gerais. Classificado como Vulnerável devido a rápida e contínua perda de habitat (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2012b).



FIGURA 6.2 - 305 - CHOQUINHA-CHUMBO (*DYSITHAMNUS PLUMBEUS*) ESPÉCIE AMEAÇADA DE EXTINÇÃO.

O acrobata (*Acrobatornis fonsecai*) foi descrito recentemente, apenas em 1996, nas matas de tabuleiro do sudeste da Bahia, onde ocorre desde as margens do rio de Contas até a margem norte do rio Jequitinhonha, e há registros recentes para Minas Gerais. O acrobata habita especialmente as copas das cabucas, nas plantações de cacau. O habitat original ainda é pouco conhecido e os registros atuais se restringem às cabucas e outras formações vegetais já alteradas pelo homem. A maior ameaça à sobrevivência do acrobata é a perda de habitat (SILVEIRA, 2006d).

Esta espécie que parece ser dependente das cabruças, incluído na categoria Vulnerável, foi registrada apenas no Módulo 5, o que gera certa estranheza, pois este é o ambiente mais antropizado ao longo de toda a área de estudo.

O rabo-amarelo (*Thripophaga macroura*, FIGURA 6.2 - 306) é um pássaro endêmico da Mata Atlântica, originalmente encontrado apenas no sul da Bahia, leste de Minas Gerais, Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro, habita os estratos médio e alto das florestas primárias. A quase total destruição das matas de baixada e submontanas constitui a principal causa de ameaça à espécie, que parece ser sensível a ambientes muito alterados e que não apresentam grande quantidade de epífitas. Esta espécie, que foi incluída na categoria Vulnerável, foi registrada apenas no Módulo 2 e AFT3.



FIGURA 6.2 - 306 - RABO-AMARELO (*THRIPOPHAGA MACROURA*) ESPÉCIE AMEAÇADA DE EXTINÇÃO, REGISTRADO NO MÓDULO 2.

A araponga (*Procnias nudicollis*) é conhecida de uma ampla área de leste do Brasil, nordeste da Argentina e leste do Paraguai. Embora em alguns locais seja bastante comum, é raro em grande parte de sua distribuição. A população tem, sem dúvida, diminuído devido ao desmatamento e à pressão de captura para o comércio de aves de gaiola, particularmente no Brasil (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2012c).

Considerada ameaçada globalmente na categoria Vulnerável, esta espécie foi registrada apenas no sítio AFT3.

Importante destacar a realização de contatos, por parte dos técnicos em campo, com pessoas envolvidas com captura e comércio ilegal de aves de gaiola, em vários locais ao longo da área de estudo.

(i) Grau de Vulnerabilidade

Em relação à vulnerabilidade das espécies registradas durante o estudo, ou seja, espécies com maior probabilidade de colidirem com veículos que se deslocam pela BR,

63,22% ou 153 espécies são altamente vulneráveis. Neste grupo, destacam-se as espécies que ocorrem no extrato inferior de ambientes florestais, assim como espécies de área aberta que forrageiam no solo. Com vulnerabilidade média, são 67 espécies ou 27,68%, aqui são incluídas espécies florestais que ocorrem no extrato médio e alto. Por fim, as espécies que tem baixa vulnerabilidade para colisões, são aquelas que ocupam extrato de dossel, estas representam 9,09% das espécies, o que equivale a 22 espécies.

(ii) Grau de Sensibilidade

O grau de sensibilidade das espécies às obras do empreendimento está diretamente relacionado com a ocupação dos ambientes sujeitos às alterações na área de estudo, ou seja, espécies que ocorrem em ambientes florestais. Desta forma, 128 espécies ou 52,89% são mais suscetíveis às alterações do empreendimento. 21,9% ou 53 espécies tem baixa sensibilidade às alterações, provavelmente, podendo ocupar ambientes alterados. E 61 espécies ou 25,2% da riqueza observada pode tolerar alguma forma de alteração nos ambientes originais.

Os valores poderiam ser significativamente diferentes, com maior número ainda de espécies mais suscetíveis as alterações. Isso não ocorre porque grande parte das áreas dos módulos estão bastante impactadas, ou seja, a qualidade ambiental dos sítios é pobre, com áreas abertas, desflorestadas, transformada em pastagens ou, principalmente, pelas áreas de cabruças.

A tendência, com a implementação do empreendimento, é o incremento no número de espécies e indivíduos de áreas abertas, como o casaca-de-couro-da-lama (*Furnarius figulus*, FIGURA 6.2 - 307) e a lavadeira-de-máscara (*Fluvicola nengeta*, FIGURA 6.2 - 308) (LAPS, 2006).

As espécies que serão mais impactadas são as florestais, principalmente as de subosque, como a cigarra-do-coqueiro (*Tiaris fuliginosus*, FIGURA 6.2 - 309) e o flautim-marrom (*Schiffornis turdina*, FIGURA 6.2 - 310), uma vez que este ambiente não é encontrado nas áreas de cabruças, ambiente predominante na área de estudo e que tornaria viável a manutenção das populações ao longo da área do empreendimento das espécies que ocorrem nos extratos superiores e dossel das florestas, como o capitão-de-saíra-amarelo (*Attila spadiceus*, FIGURA 6.2 - 311) e o macuru-de-barriga-castanha (*Notharchus swainsoni*, FIGURA 6.2 - 312).



FIGURA 6.2 - 307 - CASACA-DE-COURO-DA-LAMA (*FURNARIUS FIGULUS*), EXEMPLO DE ESPÉCIE DE ÁREA ABERTA.



FIGURA 6.2 - 308 - LAVADEIRA-DE-MÁSCARA (*FLUVICOLA NENGETA*) EXEMPLO DE ESPÉCIE DE ÁREA ABERTA.



FIGURA 6.2 - 309 - CIGARRA-DO-COQUEIRO (*TIARIS FULIGINOSUS*), EXEMPLO DE ESPÉCIE FLORESTAL DE SOBOSQUE.



FIGURA 6.2 - 310 - FLAUTIM-MARROM (*SCHIFFORNIS TURDINA*), EXEMPLO DE ESPÉCIE FLORESTAL DE SOBOSQUE.



FIGURA 6.2 - 311 - CAPITÃO-DE-SAÍRA-AMARELO (*ATTILA SPADICEUS*), EXEMPLO DE ESPÉCIE FLORESTAL DE EXTRATO SUPERIOR.



FIGURA 6.2 - 312 - MACURU-DE-BARRIGA-CASTANHA (*NOTHARCHUS SWAINSON*), EXEMPLO DE ESPÉCIE FLORESTAL DE EXTRATO SUPERIOR.

(iii) Composição

AFT1

Foram registradas 124 espécies durante o estudo neste área de amostragem, sendo que seis delas foram registradas exclusivamente neste módulo. A maioria destas são

espécies de áreas abertas ou alteradas, como a coruja-de-igreja (*Tyto furcata*) e o chorão (*Sporophila leucoptera*, FIGURA 6.2 - 313). Apesar da grande riqueza observada e dos altos valores do índice de abundância, mais de 45% das espécies são também de ambientes abertos, demonstrando que este é o módulo mais descaracterizado em relação à estrutura florestal, que é a matriz na qual está inserido o empreendimento.

Adicionalmente, nenhuma espécie ameaçada de extinção foi registrada em AFT1 e apenas quatro espécies bioindicadoras de boa qualidade ambiental foram registradas.

Concluindo assim que este módulo se mostrou como o menos relevante para conservação da avifauna característica da região sul da Bahia.



FIGURA 6.2 - 313 - CHORÃO (*SPOROPHILA LEUCOPTERA*), ESPÉCIE REGISTRADA EXCLUSIVAMENTE NO MÓDULO 1

MÓDULO 2

O módulo 2, apresentou seis espécies exclusivas, sendo que todas elas relacionadas à ambientes florestais, como o assanhadinho (*Myiobius barbatus*, FIGURA 6.2 - 314). Neste módulo, das 131 espécies registradas, 100 delas, ou quase 77% das espécies, são de ambientes florestais. Duas espécies são ameaçadas e outras 15 são bioindicadoras florestais. O rabo-amarelo (*Thripophaga macroura*) e o pica-pau-coleira (*Celeus torquatus*) estão enquadradas na categoria Vulnerável.

Confirmando assim, que o módulo 2, é uma área relevante para a avifauna florestal típica do sul da Bahia.



FIGURA 6.2 - 314 - ASSANHADINHO (*MYIOBIUS BARBATUS*), ESPÉCIE REGISTRADA EXCLUSIVAMENTE NO MÓDULO 2.

AFT2

Com a terceira maior riqueza observada (135 espécies), o sítio teve cinco espécies registradas exclusivamente. O rapazinho-dos-velhos (*Nystalus maculatus*) e o casaca-de-couro (*Pseudoseisura cristata*) são espécies invasoras de áreas abertas. Em relação as espécies ameaçadas de extinção, duas foram registradas neste módulo, o pica-pau-de-coleira (*Celeus torquatus*) e a tiriba-de-orelha-branca (*Pyrrhura leucotis*).

AFT3

Foram registradas 142 espécies de aves no sítio AFT3, com grande destaque para o registro da araponga (*Procnias nudicollis*) espécie endêmica da Mata Atlântica e ameaçada de extinção, registrada exclusivamente nesta área no estudo. Além desta, a tiriba-de-orelha-branca (*Pyrrhura leucotis*), também ameaçada de extinção, foi registrada no sítio.

Em relação as espécies bioindicadoras, 21 espécies foram detectadas, como o arapaçu-de-garganta-amarela (*Xiphorhynchus guttatus*, FIGURA 6.2 - 315), o bico-chato-grande (*Rhynchocyclus olivaceus*) e o tangará-riscado (*Machaeropterus regulus*).

Cabe ainda destacar que outras 17 espécies foram registradas exclusivamente para este sítio: dentre elas o tropeiro-da-serra (*Lipaugus lanioides*) e o irré (*Myiarchus swainsoni*).

Devido a grande riqueza e conseqüente número elevado de espécies bioindicadoras, altos valores de abundância e equitabilidade, o sítio deve ser considerado uma área importante para conservação das aves características do sul da Bahia.



FIGURA 6.2 - 315 - ARAPAÇU-DE-GARGANTA-AMARELA (*XIPHORHYNCHUS GUTTATUS*), ESPÉCIE BIOINDICADORA.

MÓDULO 5

Com menor riqueza, apenas 122 espécies registradas, sendo nove espécies exclusivas, o Módulo 5 apresentou seis espécies ameaçadas de extinção e 15 espécies bioindicadoras de boa qualidade ambiental. Entre as espécies exclusivas, além do ameaçados ameaçados acrobata e choquinha-de-rabo-cintado, foram registrados o papamoscas-cinzento (*Contopus cinereus*) e a saíra-ferrugem (*Hemithraupis ruficapilla*).

Apesar da baixa riqueza observada, o Módulo 5 é também uma área importante para a conservação das espécies do sul da Bahia, principalmente por abrigar várias espécies ameaçadas de extinção e um grande número de espécies bioindicadoras, espécies estas, características de ambientes florestais originais do sul da Bahia.

MÓDULO 6

O módulo 6 teve a segunda maior riqueza observada (155 espécies), com 15 espécies exclusivas, porém apenas quatro espécies ameaçadas de extinção registradas. Por outro lado, 20 espécies bioindicadoras de ambientes florestais bem preservados foram registrados, entre eles o gavião-pato (*Spizaetus melanoleucus*, FIGURA 6.2 - 316) e o pintadinho (*Drymophila squamata*, FIGURA 6.2 - 317).

Devido ao grande número de espécies registradas, o número significativo de espécies exclusivas e de espécies bioindicadoras, o Módulo 6 deve ser considerado uma área importante para a conservação das espécies do sul da Bahia.

Sob o ponto de vista geral, pode-se afirmar que os três módulos mais ao sul da área de estudo (AFT3, Módulos 5 e 6) são os mais importantes para a conservação da avifauna do sul da Bahia, levando em conta o grande número de espécies ameaçadas de extinção e aquelas intimamente associadas com ambientes florestais bem preservados. Diferindo bastante da área mais ao norte AFT1, o qual já se encontra extremamente descaracterizada com a observação de várias espécies invasoras de ambientes abertos.



FIGURA 6.2 - 316 - GAVIÃO-PATO (*SPIZAETUS MELANOLEUCUS*), ESPÉCIE BIOINDICADORA REGISTRADA EXCLUSIVAMENTE NO MÓDULO 6.



FIGURA 6.2 - 317 - PINTADINHO (*DRYMOPHILA SQUAMATA*), ESPÉCIE BIOINDICADORA EXCLUSIVAMENTE REGISTRADA NO MÓDULO 6.

(iv) Fragmentação ou Efeito de Borda em Relação à Fauna

Atualmente, resta cerca de 8% da área original do Bioma. Deste modo, a Floresta Atlântica é considerada um dos ecossistemas mais ameaçados do mundo, possuindo uma grande riqueza de espécies animais e vegetais, sendo muitas delas endêmicas (LAPS, 2006).

A Mata Atlântica da Bahia sofreu corte seletivo de madeira desde os tempos coloniais. No início do século XX, houve um aumento no desmatamento para extração de madeira e conversão em pastagens e plantações de subsistência. Paralelo a este tipo de uso da terra houve a implantação da lavoura cacaeira utilizando o sistema de cabruca, ou seja, plantação de cacau sombreada por árvores emergentes. Esse tipo de cultivo preserva até 25% das árvores nativas, sendo que o subosque é cortado para o plantio do cacau (LAPS, 2006).

Com o contínuo desmatamento, a Mata Atlântica se tornou um verdadeiro mosaico de fragmentos de matas interligados entre si por pastagens, plantações e capoeiras (vegetação secundária). Essa vegetação de entorno pode facilitar o fluxo de indivíduos entre os fragmentos de mata restantes, dependendo da espécie. Alguns destes fragmentos são suficientemente grandes para manter as características bióticas necessárias à sobrevivência das espécies que ali vivem. Certas espécies, entretanto, podem necessitar de áreas de vida maiores (como os grandes predadores) ou características ambientais que não são mantidas nestes fragmentos (LAPS, 2006).

As Unidades de Conservação são as principais responsáveis na manutenção da biodiversidade da Floresta Atlântica do sul da Bahia. Entretanto, é necessária a interligação destas unidades através de corredores ecológicos (LAPS, 2006).

Onde as cabrucas formam a paisagem dominante, são os fragmentos os principais reservatórios da avifauna, sendo que as cabrucas falham em manter a biodiversidade (LAPS, 2006).

(v) Espécies Bioindicadoras

Durante as amostragens, 40 espécies bioindicadoras foram registradas (QUADRO 6.2 - 11). Estas espécies foram escolhidas devido a sua relação íntima com ambientes florestais bem preservados, como gaviões de grande porte, que necessitam de áreas grandes e bem preservadas, espécies florestais de sobosque, especialistas de nichos específicos do extrato inferior de florestas bem preservadas. Assim como as espécies ameaçadas de extinção, que são aqui incluídas por motivos óbvios, ou aquelas espécies com distribuição restrita, endêmicas do sul da Bahia, Espírito Santo e leste de Minas Gerais.

Mastofauna

MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE

Durante o EIA/RIMA para a duplicação da rodovia BR-101/BA foi registrado cerca de 50% das espécies de mamíferos de médio e grande porte esperadas para a região do empreendimento. Algumas das espécies não registradas ocorrem em áreas adjacentes ao empreendimento, as quais não englobam a região do estudo, como por exemplo: *Cabassous unicinctus*, *Dasyus septemcinctus*, *Callicebus barbarabrownnae*, *C. personatus* e *Conepatus semistriatus*. Não obstante, essas espécies poderão ser afetadas pela futura construção do empreendimento. Outras espécies não registradas são aquelas de baixa densidade populacional e de difícil registro como: *Chaetomys subspinosus*, *Sphiggurus insidiosus*, *Bradypus torquatus*, *B. variegatus*, *Panthera onca* e *Puma concolor*. Contudo, ressalta-se os registros nos sítios de amostragem de *Leontopithecus chrysomelas*, *Sapajus xanthosternus*, *Callithrix kuhlii*, *C. melanochir*, *Leopardus pardalis* e *L. tigrinus*, espécies de especial interesse conservacionista, visto que estão inseridas nas listas de espécie ameaçadas da IUCN (2014) e IBAMA (2003).

As curvas de acumulação de espécies, para a maioria das áreas amostradas e para o conjunto de áreas de compõem a Área de Estudo, apresentaram clara tendência à estabilização, corroboradas pelas respectivas curvas de estimativa de riqueza, demonstrando que o resultado obtido permite a realização de um diagnóstico preciso da comunidade de médios e grandes mamíferos potencialmente impactada pelo empreendimento.

As espécies de mamíferos de médio e grande porte mais registradas no presente estudo foram espécies que vivem em grupos sociais (Rylands *et al.*, 1989), como o primata *C. kuhlii*, e espécies consideradas “comuns”, de fácil registros, devido a seu amplo uso de habitats e distribuição geográfica como a espécie de canídeo *C. thous*.

(i) Grau de Vulnerabilidade e sensibilidade

Algumas espécies registradas durante o levantamento de mastofauna são mais vulneráveis e/ou sensíveis às rodovias e seus impactos negativos, seja pelos papéis ecológicos que desempenham, pela abundância populacional ou características próprias de cada espécie.

Espécies registradas no presente estudo, como os primatas *C. kuhlii*, *L. chrysomelas*, *S. xanthosternos* e *C. melanochir*, os felinos *L. pardalis* e *L. tigrinus* são de imediato interesse conservacionista, visto que estão inseridas nas listas da IUCN (2014) e IBAMA (2003) e categorizadas com alto grau de ameaça, devido a suas baixas densidades populacionais, declínio das mesmas e ameaças antrópicas que sofrem. Não obstante, outras espécies registradas, apesar de apresentarem alta densidade populacional, não estarem categorizadas como ameaçadas e apresentarem um vasto uso de habitats, são afetadas por rodovias, principalmente pela perda direta de espécimes, como o canídeo *C. thous*, uma dos mamíferos mais atropelados nas rodovias brasileiras e outras espécies como *D. novemcinctus*, *P. cancrivorus* e *Tamandua. tetradactyla*.

A maior parte da comunidade de mamíferos de médio e grande porte registradas no presente EIA/RIMA, engloba espécies de hábitos generalistas, de amplo uso de habitats e que exploram ambientes antropizados, como *Hydrochoerus hydrochaeris*, *C. paca*, *Dasyprocta aguti*, *D.novemcinctus* e *Mazama gouazoubira*. Contudo, algumas espécies são mais sensíveis a fragmentação e destruição que outras, visto que as alterações ambientais não afetam igualmente todas as espécies (COWLISHAW *et al.*, 2008).

Os carnívoros, por exemplo, constituem esse grupo vulnerável, visto que são vulneráveis e sensíveis a essas ações antrópicas e muitas espécies acabam por converter-se em espécies ameaçadas de extinção. Os carnívoros são um grupo classificado como topo de cadeia, ou de alto nível trófico, e sua eliminação dos ecossistemas acarretam em modificações nas interações que regulam as populações entre eles e suas presas (TERBORGH *et al.*, 1999; GITTLEMAN *et al.*, 2001). A ocorrência de carnívoros em um habitat é influenciada pela disponibilidade de suas presas (MURRAY *et al.*, 1994), que em grande parte é constituída por pequenos mamíferos. A ocorrência desse grupo nos sítios de amostragem do presente estudo indica que estas áreas apresentam oferta desses recursos, permitindo o uso dos habitats e conseqüentemente fornecendo recursos para a sobrevivência de populações silvestres. Esses sítios de amostragem estão inseridos em uma paisagem fragmentada, restringindo o fluxo de indivíduos entre populações nesses fragmentos e acarretando em uma diminuição na taxa de sobrevivência das espécies. Baseado nisso, a conectividade entre os fragmentos deve ser prioridade para a conservação das populações na região.

Os primatas também constituem um grupo vulnerável, visto que seus habitats naturais são rapidamente e intensamente convertidos em ambientes diferentes de sua fisionomia original (BENNETT *et al.*, 2006). A maioria das espécies de primatas habita formações florestais e a conversão da matriz florestal em formações campestres, urbanas e/ou pastagens acabam por ameaçar a sobrevivência das mesmas em longo prazo.

(ii) Composição

Devido ao alto grau de endemismo e alta riqueza de espécies, concomitantemente ao intenso desmatamento e fragmentação ocasionada pela intensificação e expansão das atividades agrícolas, áreas urbanas e infraestruturas, como as vias de transporte, tornam o Bioma Mata Atlântica um dos ecossistemas prioritários para conservação da biodiversidade

(MORI *et al.*, 1983; BROOKS & BALMFORD, 1996; THOMAS & DE CARVALHO, 1997; THOMAS *et al.*, 1998; MYERS *et al.*, 2000).

Os fragmentos de Mata Atlântica avaliados para a elaboração do presente EIA/RIMA, apesar das pressões antrópicas a que estão submetidos (FIGURA 6.2 - 318 a FIGURA 6.2 - 321) apresentaram uma considerável comunidade de mamíferos de médio e grande porte, destacando-se a ocorrência de espécies ameaçadas de extinção nas áreas do estudo.



FIGURA 6.2 - 318 - MORADIAS NA ÁREA DE ENTORNO DOS SÍTIOS DE AMOSTRAGEM.



FIGURA 6.2 - 319 - ESTRADAS ABERTAS PARA O TRANSPORTE DE CACAU E TRÂNSITO DE VEÍCULOS DOS MORADORES LOCAIS.



FIGURA 6.2 - 320 - ATIVIDADE PASTORIL NAS ÁREAS DE ENTORNO DOS SÍTIOS DE AMOSTRAGEM.

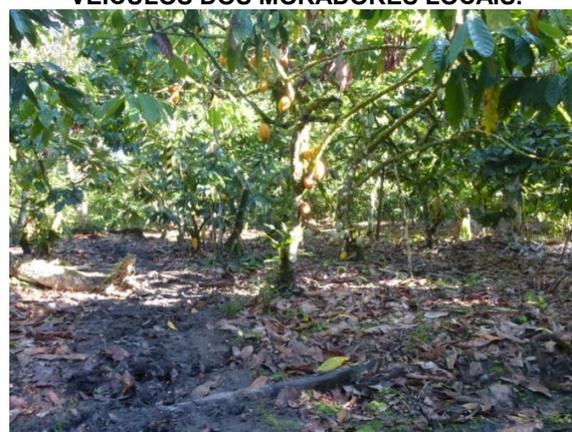


FIGURA 6.2 - 321 - CULTIVO DE CACAU NO INTERIOR DOS SÍTIOS DE AMOSTRAGEM.

Entre os sítios de amostragens, o Módulo 6 apresentou maior índice de diversidade e heterogeneidade, quanto a composição de espécies, e maior abundância absoluta de registros. Desta forma, pode-se indicar o Módulo 6 como o sítio de amostragem de melhor qualidade, maior heterogeneidade de habitats e maior amplitude de nichos entre os sítios de amostragem, visto que estes fatores elevam a diversidade de espécies de uma comunidade (BAZZAZ, 1975; BUREL *et al.*, 1998) e, portanto podendo ser considerada uma área relevante para implantação de ações conservacionistas.

Não somente as características dos fragmentos, como heterogeneidade, qualidade e composição influem e determinam a composição de espécies de uma comunidade, mas também as características da matriz onde se dispõem esses fragmentos (DAUBER *et al.*, 2003), a qual pode atuar como barreira à movimentação de indivíduos ou apresentar

características que permitam a movimentação dos mesmos entre os fragmentos (REVILLA *et al.*, 2004). A paisagem ao entorno do Módulo 6 é marcada por plantações de cacau, clareiras abertas para o trânsito de veículos pequenos e moradias, além de estar interceptada pela rodovia BR-101. Todos esses aspectos qualificadores de habitats devem ser uma preocupação na definição das áreas prioritárias para ações conservacionistas na construção do empreendimento, como na elaboração das medidas mitigadoras.

A região onde os sítios de amostragem estão inseridos caracteriza-se pela modificação dos habitats florestais em plantio de cacau em sistema “cacau-cabruca”. O plantio do cacau na região contribuiu para a fragmentação dos habitats naturais, porém seu sistema de plantio não altera substancialmente a paisagem e suas características, mantendo-se uma matriz florestal (LOBÃO, 2007) e funcionando como corredores ecológicos, interligando os fragmentos florestais e minimizando o efeito de borda gerado pela fragmentação na região (PARDINI, 2004). O sistema “cacau-cabruca” presente na região permite a ocorrência espécie florestais como os primatas *C. coimbrai*, *C. kuhlii*, *C. melanochir*, *L. chrysomelas* e *S. xanthosternos*, todos inseridos em categorias de ameaça na lista da IUCN (2014) e IBAMA (2003).

A conservação de fragmentos florestais na região e sua conectividade não são somente medidas conservacionistas para os carnívoros, mas também para primatas e toda a comunidade de mamíferos de médio e grande porte da região do empreendimento.

(iii) Fragmentação ou Efeito de Borda em Relação à Fauna

As rodovias são consideradas atualmente como uma das principais causas da fragmentação e isolamento de habitats e populações (TROMBULAK & FRISSELL, 2000). Essas infraestruturas alteram o ambiente, fragmentando e isolando populações, atuam como barreiras e/ou filtros, ocasionam a perda direta de indivíduos por atropelamentos, modificam os padrões de movimentação de animais e interferem na dinâmica das espécies (BENNETT, 1991; TROMBULAK & FRISSELL, 2000; CARR *et al.*, 2002; FORMAN *et al.*, 2003; BISSONETE & ADAIR, 2008).

As consequências diretas do processo de fragmentação são a redução do tamanho efetivo das populações e a diminuição na variabilidade genética das mesmas (TERBOURGH, 1992; IUPELL, 2003; TAYLOR & GOLDINGAY, 2004). A sobrevivência dessas populações está relacionada à eficiência da movimentação de indivíduos entre os fragmentos, a qual é influenciada pela distância entre os habitats, pela ausência e precariedade na conexão entre os mesmos (MEFFE & CARROL, 1997). A instalação de corredores/passagem de fauna, a manutenção e proteção dos mesmos são estratégias que promovem a conectividade entre fragmentos, aumentam a eficácia do deslocamento de indivíduos, influenciando assim, na taxa de sobrevivência das populações em áreas fragmentadas, promovendo a conservação de espécies e processos ecológicos e diminuindo os efeitos da fragmentação (WALSH & HARRIS, 1996; HESS & FISCHER, 2001).

Visto que a conectividade é fator importante para sobrevivência de populações e que rodovias são um dos principais fragmentadores de habitats, a restauração da conectividade

deve ser prioridade na elaboração de estratégias mitigadoras dos efeitos gerados por essas infraestruturas. Uma das maneiras mais simples e eficientes de restabelecer a conectividade entre fragmentos é a presença de passagens de fauna. Todavia, para implantação dessas estratégias deve-se considerar a paisagem de entorno, o grupo faunístico alvo, o desenho da rodovia e o volume do tráfego, visto que estes fatores estabelecem relação com a variação espacial de cruzamentos de fauna na rodovia e conseqüentemente com atropelamentos (MUMME *et al.*, 2000; TROMBULAK & FRISSELL, 2000; SEILER, 2003; LANGEVELDE & JAARSMA, 2004; WALLER & SERVHEEN, 2005; COELHO *et al.*, 2008; HOBDAV & MINSTRELL, 2008).

(iv) Espécies Bioindicadoras

Algumas espécies de mamíferos de médio e grande porte registradas no presente estudo podem ser consideradas como indicadores de qualidade de hábitat por serem, por exemplo, espécies endêmicas, de baixa densidade populacional, especialistas na sua dieta e por requererem hábitats conservados.

Os primatas *C. kuhlii*, *L. chrysomelas*, *S. xanthosternos* e *C. melanochir*, os felinos *L. pardalis* e *L. tigrinus* concomitantemente ao registro de *Tamandua tetradactyla* são espécie que podem indicar uma boa qualidade dos hábitats e destacam o valor de conservação dessas áreas. A presença de Unidades de Conservação na região, como o Parque Nacional da Serra das Lontras e o Parque Estadual da Serra do Conduru, influem na ocorrência dessas e de outras espécies na região. No entanto, a ocorrência de uma espécie em um hábitat não é garantia de sobrevivência da mesma em longo prazo, se as populações fragmentadas não apresentarem recrutamento de novos indivíduos, sucesso reprodutivo, tamanho mínimo viável para sua sobrevivência e recursos que sustentem essas populações (WILCOX, 1980; SHAFFER, 1981; GILPIN & SOULÉ, 1986; SOULÉ, 1987).

PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO VOADORES

Durante o EIA/RIMA para a duplicação da rodovia BR-101/BA foram registrados menos da metade das espécies de mamíferos não voadores de pequeno porte com provável ocorrência na região do empreendimento.

Muitas das espécies inseridas na lista de provável ocorrência apresentam distribuição geográfica nas áreas adjacentes ao empreendimento, como por exemplo *Cryptonanus agricolai*, *Calomys expulsus*, *Pseudoryzomys simplex*, *Galea spixii*, *Thrichomys inermis* e *T. mirapitanga*. Outra espécie a qual não se obteve registro é o roedor *Callistomys pictus*, espécie de especial interesse conservacionista por estar classificada como Em Perigo de Extinção (IUCN, 2014), ser endêmica do Bioma Mata Atlântica e apresentar distribuição geográfica restrita ao Estado da Bahia. Somam-se a estas, ainda, espécies como *Blarinomys breviceps*, *M. rubida*, *P. lamarum* e *P. pattoni* que, devido à sua baixa densidade populacional, são de raro registro.

A realização de trabalhos científicos se dá, preferencialmente, em áreas preservadas, inseridas ou no entorno de Unidades de Conservação. Desta forma, o registro de 44% das espécies de provável ocorrência na AID (áreas adjacentes a uma rodovia federal, com vegetação altamente impactada pela cultura do cacau), a despeito de terem

havido capturas em apenas sete das 17 parcelas amostradas para os demais grupos, indica que o resultado final foi satisfatório, propiciando a elaboração do diagnóstico da comunidade a ser potencialmente impactada pelo empreendimento.

As espécies de pequenos mamíferos mais registradas nas áreas de estudo foram aquelas cuja distribuição geográfica é ampla, são tolerantes de algum grau de modificação do hábitat, presumem grandes populações ou que não sejam endêmicas do Bioma Mata Atlântica, podendo listar os marsupiais *M. murina*, *M. nudicaudatus* e *M. americana*, seguidos pelos roedores *N. squamipes* e o gênero *Oligoryzomys*. Ressalta-se que *M. murina* e *M. nudicaudatus* são espécies que estão em processo de revisão taxonômica podendo ser divididas em novas espécies.

Embora os registros serem em sua maioria de espécies “comuns”, uma ampla diversidade de espécies pode indicar uma melhor qualidade do fragmento e maior heterogeneidade de hábitats (BAZZAZ, 1975; BUREL *et al.*, 1998). É relatado que a riqueza de espécies de pequenos mamíferos é maior em ambientes de estrutura florestal mais complexa (SULLIVAN & SULLIVAN, 2001). Sendo assim, o sítio amostral Módulo 2 pode ser indicado como o sítio de amostragem de melhor qualidade, maior heterogeneidade de hábitats e maior amplitude de nichos para a comunidade de pequenos mamíferos não voadores, devendo ser considerado para a instalação de estratégias mitigadoras que visem esse grupo como galerias, passagens inferiores de tamanho pequeno e redes/pontes aéreas para as espécies de marsupiais arborícolas.

(i) Grau de Vulnerabilidade e Sensibilidade

Apesar dos impactos atuarem mais significativamente em mamíferos de maior porte (GEHRING & SWIHART, 2003), seja pela perda direta de indivíduos por atropelamentos ou pelo impacto indireto, através do efeito barreira, perda de hábitat e intensificação da atividade humana no entorno da rodovia (ASCENÇÃO & MIRA, 2006), os mamíferos de pequeno porte também sofrem com o processo de fragmentação do hábitat (FITZGIBBON, 1997; VIEIRA *et al.*, 2009) e pela perda direta de indivíduos por atropelamento (PETER *et al.*, 2013). Embora os pequenos mamíferos sejam impactados pelas rodovias, o fato de esses animais apresentarem taxas de reprodução elevada e áreas de vida pequena, minimiza os efeitos negativos sobre suas populações tornando esse grupo menos vulneráveis e sensíveis a estes empreendimentos quando comparados aos mamíferos de maior porte.

Dentro das espécies de mamíferos de pequeno porte registradas no EIA/RIMA, os marsupiais arborícolas podem ser classificados como sendo mais sensíveis a fragmentação, visto que são animais de locomoção arbórea e a conversão de seus hábitats em ambientes diferentes aos florestais, dificultam e até impedem a movimentação de indivíduos entre fragmentos.

(ii) Espécies Bioindicadoras

Como referido anteriormente, a composição da comunidade e a riqueza de espécies pode indicar ambientes mais heterogêneos e de melhor qualidade de hábitats, no entanto não é possível a identificação específica de espécies de pequenos mamíferos indicadores

de qualidade de hábitat, devido à lacuna no conhecimento dos efeitos das rodovias sobre as populações desse grupo (PETER *et al.*, 2013).

Fauna Atropelada

Ao longo das seis campanhas, foram amostradas 571 carcaças no total e em média 95 por campanha. Foram registrados 42 anfíbios, 216 aves, 171 mamíferos, 142 répteis. No Gráfico 6.2. 7 pode-se observar a variação da representatividade de cada grupo ao longo das campanhas. Os anfíbios foram mais abundantes nos meses mais chuvosos. As aves reduziram sua ocorrência da primeira à terceira campanha e aumentaram da quarta à quinta. A abundância de mamíferos manteve-se mais constante (com um pico na campanha três) e a de répteis parece estar seguindo uma tendência ascendente, conforme aumentam também as temperaturas médias diárias.

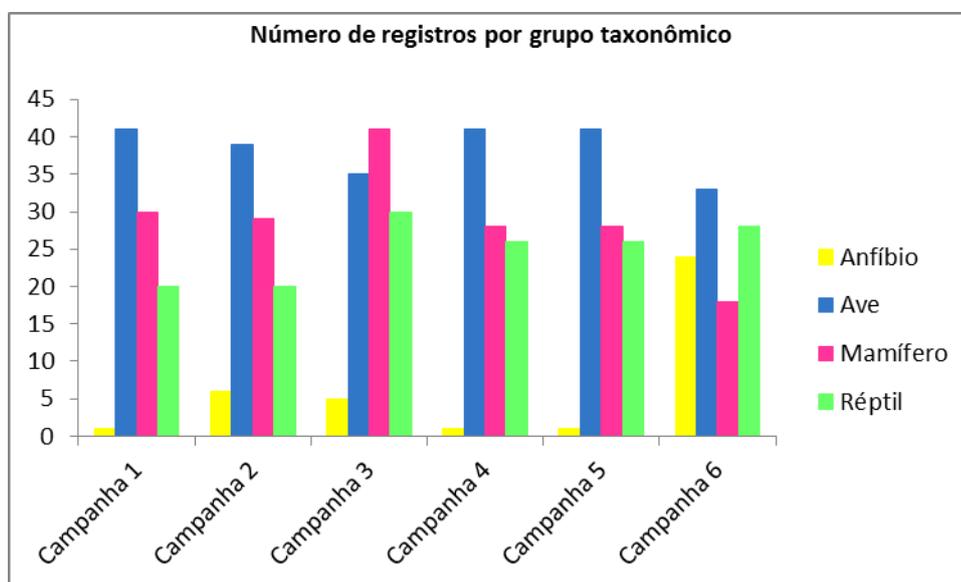


GRÁFICO 6.2. 7: NÚMERO DE REGISTROS POR GRUPO TAXONÔMICO

O grupo mais reamostrado foi o das aves (Gráfico 6.2. 8), seguido dos mamíferos, destacando-se as duas espécies de gambás (*D. aurita* e *D. albiventris*). Do total de 49 espécimes reamostrados, 29 (67,4%) eram urubus, o que parece indicar que estes animais, responsáveis por grande da remoção de carcaças de outras espécies, não são consumidos por outras espécies ou por indivíduos coespecíficos. É notável que dos seis indivíduos reamostrados duas vezes, cinco eram urubus e que os três indivíduos reamostrados três vezes também, tendo a sua carcaça permanecido na rodovia por pelo menos 90 dias. Dos 102 indivíduos registrados, 29 foram reamostrados (28%).

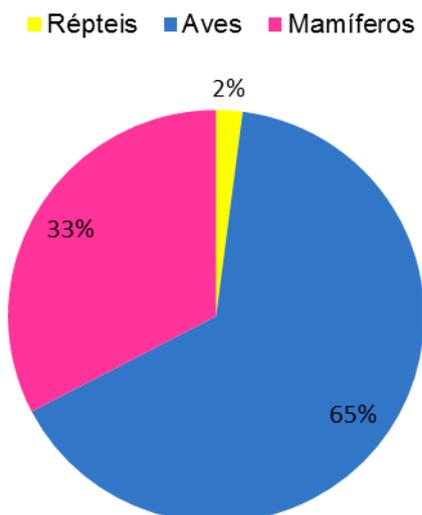


GRÁFICO 6.2. 8: PORCENTAGEM DE REAMOSTRAGEM POR GRUPO TAXONÔMICO

Foi observado ao longo das seis primeiras campanhas, primeiramente um aumento do número de registros, atingindo-se o número máximo de casualidades durante a terceira campanha, e após, uma diminuição geral do número de registros. Estas observações parecem estar relacionadas aos dados climatológicos, uma vez que mais carcaças foram observadas nos meses chuvosos, quando há mais recursos para a fauna. Por outro lado, observando-se os grupos taxonômicos separadamente, os registros de aves aumentaram ao longo das campanhas, devido ao período reprodutivo.

Abaixo segue a lista de espécies registradas por campanha e o quantitativo de espécimes:

TABELA 6.2. 23- ESPÉCIES E NÚMEROS DE ANFÍBIOS REGISTRADOS DURANTE AS SEIS CAMPANHAS DE LEVANTAMENTO DE FAUNA ATROPELADA NA BR-101/BA.

ESPÉCIE	MÊS DA CAMPANHA						TOTAL POR SP.
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	
<i>Hypsiboas sp.</i>	-	-	-	-	-	3	3
<i>Leptodactylus sp.</i>	1	1	3	-	1	8	14
Ordem: Anura	-	1	2	1	-	6	10
<i>Rhinella sp.</i>	-	4	-	-	3	5	12
<i>Trachycephalus sp.</i>	-	-	-	-	-	2	2
Total mensal	1	6	5	1	4	24	41

TABELA 6.2. 24- ESPÉCIES E NÚMEROS DE AVES REGISTRADOS DURANTE AS SEIS CAMPANHAS DE LEVANTAMENTO DE FAUNA ATROPELADA NA BR-101/BA.

ESPÉCIE	MÊS DA CAMPANHA						TOTAL POR SP.
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	
<i>Ammodramus humeralis</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Aramus guarana</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Athene cunicularia</i>	1	-	-	-	-	1	2
<i>Cacicus cela</i>	-	-	2	2	-	1	5
<i>Cathartes aura</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Cathartes burrovianus</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Coccyzus melacoryphus</i>	-	-	-	2	-	-	2

ESPÉCIE	MÊS DA CAMPANHA						
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	TOTAL POR SP.
<i>Coereba flaveola</i>	1	-	-	1	1	1	4
<i>Coragyps atratus</i>	22	32	20	13	9	6	102
<i>Crotophaga ani</i>	5	1	2	2	1	2	13
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	1	-	-	1	-	-	2
<i>Elaenia sp.</i>	-	1	-	-	-	-	1
<i>Euphonia violácea</i>	-	-	-	-	1	3	4
<i>Eupsittula aurea</i>	-	-	-	2	-	-	2
<i>Falco spaverius</i>	-	-	-	-	1	-	1
Família: Tyrannidae	-	-	1	-	-	-	1
Família: Accipitridae	1	1	-	-	-	-	2
Família: Caprimulgidae	-	-	-	2	1	-	3
Família: Pipridae	-	-	1	-	-	-	1
Família: Trochilidae	1	-	-	-	-	-	1
<i>Forpus xanthopterygius</i>	-	-	-	1	1	-	2
<i>Glaucidium brasilianum</i>	1	-	-	-	-	-	1
<i>Guira guira</i>	1	2	1	-	-	2	6
<i>Hydropsalis albicollis</i>	-	-	1	-	-	-	1
<i>Hydropsalis parvula</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Hydropsalis cf. parvula</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Machaeropterus regulus</i>	-	-	-	-	-	2	2
<i>Manacus manacus</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Megascops choliba</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Myiozetetes similis</i>	-	-	-	-	1	1	2
<i>n.i.</i>	3	1	-	2	-	-	6
Ordem: Passeriforme	-	-	-	2	1	4	7
<i>Passer domesticus</i>	-	-	-	1	-	2	3
<i>Piaya cayana</i>	-	1	-	-	-	-	1
<i>Piranga flava</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Pitangus sulphuratus</i>	-	-	-	1	-	1	2
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>	-	-	-	1	-	1	2
<i>Rupornis magnirostris</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Saltator maximus</i>	1	-	-	-	-	-	1
<i>Setophaga pitaiayumi</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Sicalis flaveola</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Tangara palmarum</i>	-	-	-	-	2	-	2
<i>Tangara sayaca</i>	-	-	-	-	-	1	1
<i>Thalurania glaucopis</i>	-	-	1	-	-	1	2
<i>Thamnophilus torquatus</i>	1	-	-	-	-	-	1
<i>Thlypopsis sórdida</i>	-	-	1	-	-	-	1
<i>Troglodytes musculus</i>	-	-	2	-	-	1	3
<i>Turdus leucomelas</i>	1	-	-	-	-	-	1
<i>Turdus rufiventris</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Turdus cf. rufiventris</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Tyrannus melancholicus</i>	-	-	-	-	1	-	1

ESPÉCIE	MÊS DA CAMPANHA						
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	TOTAL POR SP.
<i>Tyto furcata</i>	1	-	3	1	-	3	8
Total mensal	41	39	35	41	27	33	216

TABELA 6.2. 25- ESPÉCIES E NÚMEROS DE MAMÍFEROS REGISTRADOS DURANTE AS SEIS CAMPANHAS DE LEVANTAMENTO DE FAUNA ATROPELADA NA BR-101/BA.

Espécie	Mês da campanha						
	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Total por sp.
<i>Akodon sp.</i>	-	-	-	-	-	1	1
<i>Artibeus obscurus</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Calithrix penicillata</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Callithrix geoffroyi</i>	1	-	-	1	-	-	2
<i>Callithrix sp.</i>	1	-	-	-	-	-	1
<i>Carollia perspicillata</i>	-	1	-	-	-	-	1
<i>Cerdocyon thous</i>	2	2	9	7	7	3	30
<i>Cerdocyon cf. thous</i>	-	-	1	-	-	1	2
<i>Ciniculus paca</i>	-	-	1	-	-	-	1
<i>Dasyopus sp.</i>	-	-	1	1	-	-	2
<i>Didelphis albiventris</i>	3	4	12	6	7	7	39
<i>Didelphis aurita</i>	6	10	4	5	6	1	32
<i>Didelphis sp.</i>	5	5	4	1	2	1	18
<i>Eira barbara</i>	-	-	1	-	-	-	1
<i>Euphractus sexcintus</i>	1	-	-	-	-	-	1
Família: Molossidae	-	2	2	-	-	-	4
<i>Galictis cuja</i>	-	-	-	-	-	1	1
<i>Lonchorhina aurita</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Molossus molossus</i>	2	-	-	-	-	-	2
<i>Molossus sp.</i>	2	-	-	-	-	-	2
<i>n.i.</i>	2	4	4	3	2	-	15
<i>Nasua nasua</i>	1	-	-	-	-	-	1
Ordem: Chiroptera	1	-	-	2	1	3	7
<i>Procyon cancrivorus</i>	-	-	-	1	-	-	1
Subfamília: Sigmodontinae	1	1	1	-	-	-	3
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	2	-	-	-	-	-	2
Total geral	30	29	40	28	27	18	172

TABELA 6.2. 26 - ESPÉCIES E NÚMEROS DE RÉPTEIS REGISTRADOS DURANTE AS SEIS CAMPANHAS DE LEVANTAMENTO DE FAUNA ATROPELADA NA BR-101/BA.

ESPÉCIE	MÊS DA CAMPANHA						
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	TOTAL POR SP.
<i>Amphisbaena sp.</i>	2	4	1	1	-	-	8
<i>Atractus sp.</i>	-	-	-	1	-	4	5
<i>Boa constrictor</i>	-	-	-	3	-	1	4
<i>Bothrops sp.</i>	-	3	-	1	-	-	4
<i>Chironius bicarinatus</i>	-	-	-	1	-	-	1

ESPÉCIE	MÊS DA CAMPANHA						
	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	TOTAL POR SP.
<i>Chironius carinatus</i>	-	-	1	-	1	-	2
<i>Chironius quadricarinatus</i>	-	1	-	-	-	-	1
<i>Chironius sp.</i>	-	-	1	1	-	1	3
<i>Clelia plúmbea</i>	2	-	-	1	1	-	4
<i>Clelia plumbea cf.</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Dipsas indica</i>	-	-	-	1	-	1	2
<i>Dipsas sp.</i>	-	-	-	-	-	1	1
<i>Dipsas variegata</i>	-	-	1	-	-	-	1
<i>Drymarchon corais</i>	-	2	4	1	-	-	7
<i>Epicrates cenchría</i>	-	-	2	-	-	-	2
<i>Epicrates crassus</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Epicrates sp.</i>	-	-	-	-	1	-	1
Família: Amphisbaenidae	-	-	3	-	2	-	5
Família: Boidae	-	1	2	-	-	-	3
Família: Colubridae	-	-	2	1	-	-	3
Família: Dipsadidae	-	-	1	-	-	-	1
Família: Teiidae	1	-	1	-	-	1	3
Família: Viperidae	-	-	-	1	-	2	3
<i>Helicops leopardinus</i>	-	-	-	-	-	1	1
<i>Iguana iguana</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Imantodes cenchoa</i>	-	-	-	-	-	1	1
<i>Imantodes cf. cenchoa</i>	2	-	-	-	-	-	2
<i>Lachesis muta</i>	-	1	-	-	-	-	1
<i>Liophis miliaris</i>	-	-	-	-	-	1	1
<i>Liophis cf. viridis</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Oxybelis aeneus</i>	1	-	-	-	1	1	3
<i>Oxybelis cf. aeneus</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Oxyrhopus guibeí</i>	1	1	-	2	2	-	6
<i>Oxyrhopus petolaríus</i>	1	1	-	-	-	1	3
<i>Philodryas olfersii</i>	-	1	-	-	-	-	1
<i>Philodryas cf. viridissima</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Polychrus acutirostris</i>	-	-	-	1	-	-	1
<i>Pseudoboa nigra</i>	-	-	-	-	-	1	1
<i>Pseustes sulphureus</i>	-	-	1	-	-	-	1
<i>Sibynomorphus neuwiedi</i>	3	1	3	1	1	8	17
Subordem: Lacertilia	-	1	-	-	-	-	1
Subordem: Serpente	7	3	7	7	-	3	27
<i>Tantilla melanocephala</i>	-	-	-	-	1	-	1
<i>Trilepida sp.</i>	-	-	-	-	2	-	2
<i>Tropidurus torquatus</i>	-	-	1	-	-	-	1
<i>Tupinambis marianae</i>	-	-	-	-	1	-	1
Total por sp.	20	20	31	26	17	28	142

(i) Trechos Críticos para Atropelamento de Fauna

As escalas espaciais de atropelamento e os *HotSpots* foram analisados separando os quatro táxons estudados nos seis meses de monitoramento de fauna atropelada, utilizando-se para isso o programa Siriema 1.1.0, como descrito na metodologia do estudo.

Para interpretação dos *HotSpots* apresentados pelo programa Siriema os valores do Eixo X serão substituídos pela quilometragem real da rodovia, sendo que o numero 0 representa o km 166,6. As imagens de satélite representando os *HotSpots* estão apresentadas no Volume de Mapeamento Temático Tomo IV, nos Mapas de Hotspots de Atropelamento e Corredores Ecológicos.

Os pontos de *HotSpots* são aproximados, serão refinados após o término das 12 campanhas de fauna, tendo o posicionamento mais detalhado e preciso para tomada de decisão.

- Aves

Para as amostragens de aves, o trecho crítico apontado pelo Siriema foi o trecho final da rodovia (aproximadamente do km 400 ao km 700).

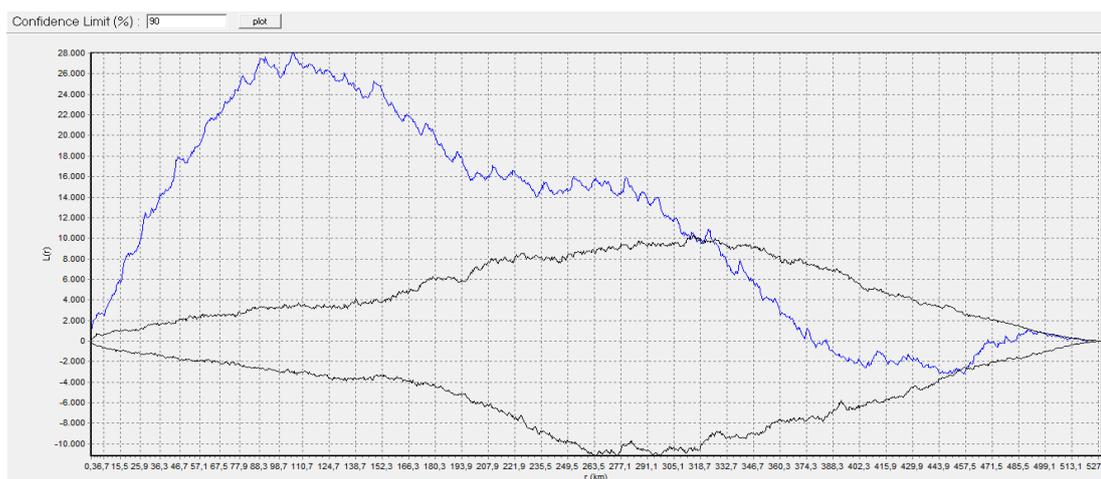


FIGURA 6.2 - 322 - ANÁLISE COM A ESTATÍSTICA K 2D DE RIPLEY PARA AVES REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO L(R) É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.

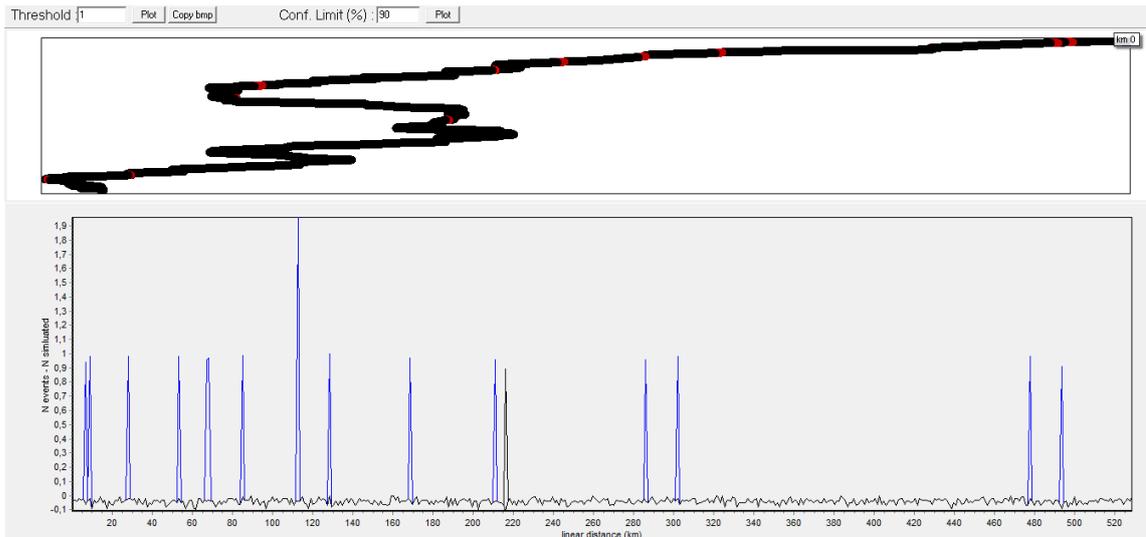


FIGURA 6.2 - 323 - ANÁLISE 2D HOTSPOT IDENTIFICATION PARA AVES REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO NEVENTS - NSIMULATED É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.

As aves correspondem ao grupo mais representativo do estudo ao longo das 6 campanhas, tendo em média 40 indivíduos registrados por mês, onde 102 do total de 216 registros eram do espécimes de *Coragyps atratus* (urubu-preto), podendo ser justificado pela sua dieta baseada em carniça, encontrando uma grande fonte de alimento nos arredores da rodovia, onde no decorrer das campanhas foram avistados muitas carcaças de animais domésticos e silvestres, presença de lixão a céu aberto e descarte de carcaças de animais de corte provenientes de um matadouro no km 528.



FIGURA 6.2 - 324 - DESCARTE DE CARCAÇAS DE ANIMAIS DE CORTE PROVENIENTES DE UM MATADOURO NO KM 528.



FIGURA 6.2 - 325 - ESPÉCIME DE CORAGYPS ATRATUS REGISTRADO NO KM 528.

- Mamíferos

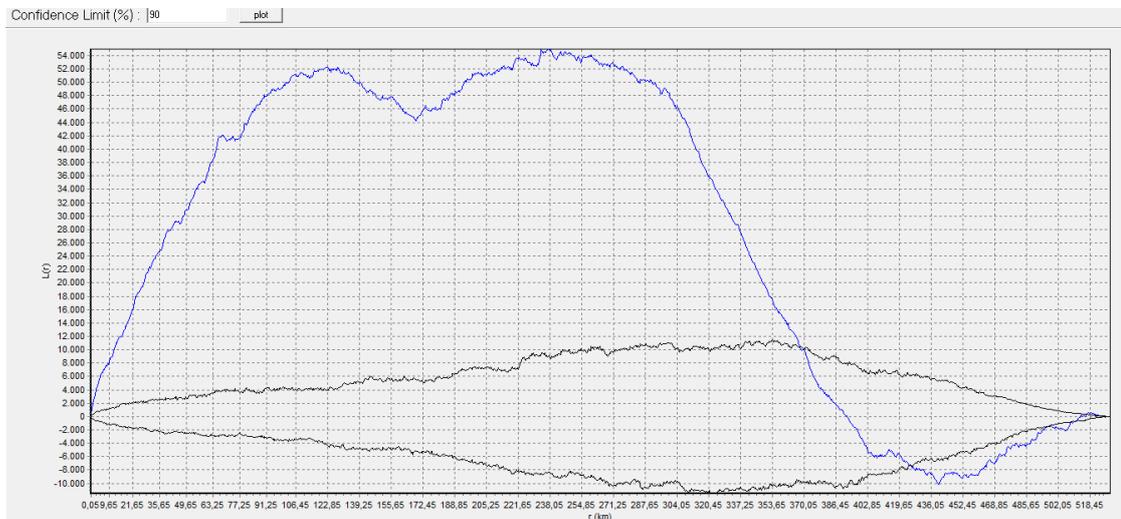


FIGURA 6.2 - 326 - ANÁLISE COM A ESTATÍSTICA K 2D DE RIPLEY PARA MAMÍFEROS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO L(R) É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.

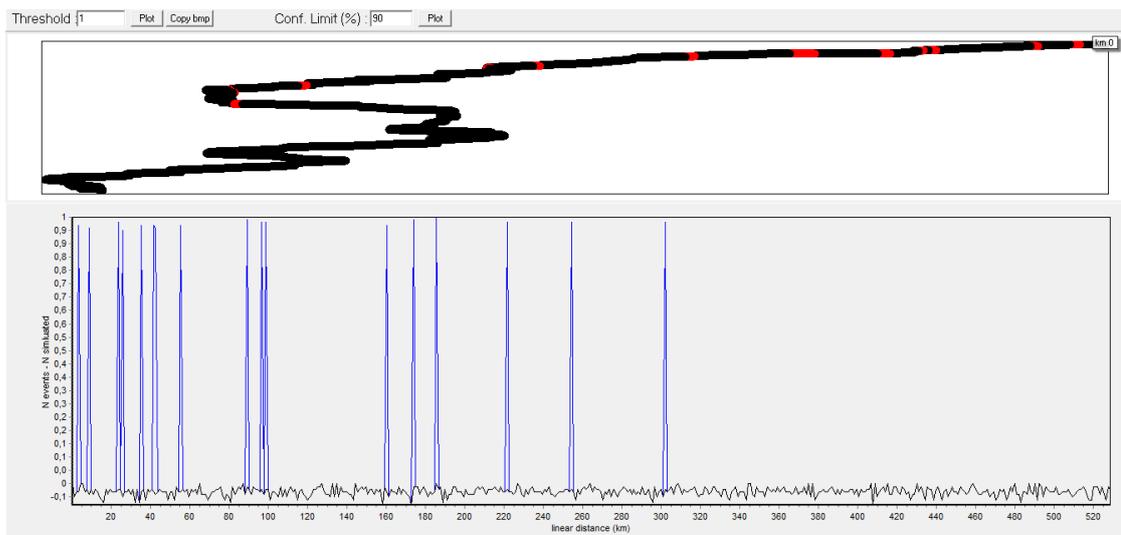


FIGURA 6.2 - 327 - ANÁLISE 2D HOTSPOT IDENTIFICATION PARA MAMÍFEROS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO NEVENTS - NSIMULATED É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.

A maioria das áreas de atropelamento de mamíferos silvestres foram registradas na porção final do trecho, do km 360 para frente, onde a faixa de vegetação é mais abrangente.

Dos registros de mamíferos, 32 são de *Cerdocyon thous*, devido sua grande área de vida, se expondo mais à rodovia, além de serem atraídos pelo hábito necrófago. Do gênero *Didelphis*, foram registrados 89 indivíduos, bem distribuídos ao longo da rodovia, pela sua abundância e vivencia em áreas antropizadas (PRADA, 2004).



FIGURA 6.2 - 328 - ESPÉCIME DE C. THOUS REGISTRADO NA BR-101/BA



FIGURA 6.2 - 329 - ESPÉCIME DE C. THOUS REGISTRADO NA BR-101/BA

Durante o levantamento da mastofauna obteve-se o registro de um espécime de felino do gênero *Leopardus* (FIGURA 6.2 - 330). O encontro isolado de um indivíduo não gera indícios de trechos de relevante interesse para implantação de estratégias mitigadoras, porém somado a esse, o monitoramento em longo prazo da fauna atropelada poderá indicar trechos com concentração de atropelamentos onde estratégias mitigadoras devem ser implantadas.

Apesar desse registro isolado não fornecer indícios de trechos críticos, o mesmo fornece informações como: a presença de felinos nativos na região do empreendimento; a utilização da rodovia como passagem de espécies de interesse conservacionista e impacto sobre a comunidade local de mamíferos com a perda direta de espécimes.



FIGURA 6.2 - 330 - REGISTRO DE ATROPELAMENTO DE *LEOPARDUS* SP. NA RODOVIA BR 101/BA REALIZADO PELA EQUIPE DE MASTOFAUNA.

Outros registros da mastofauna serão analisados após a conclusão das 12 campanhas de fauna, embasando as medidas de mitigação.

- Répteis

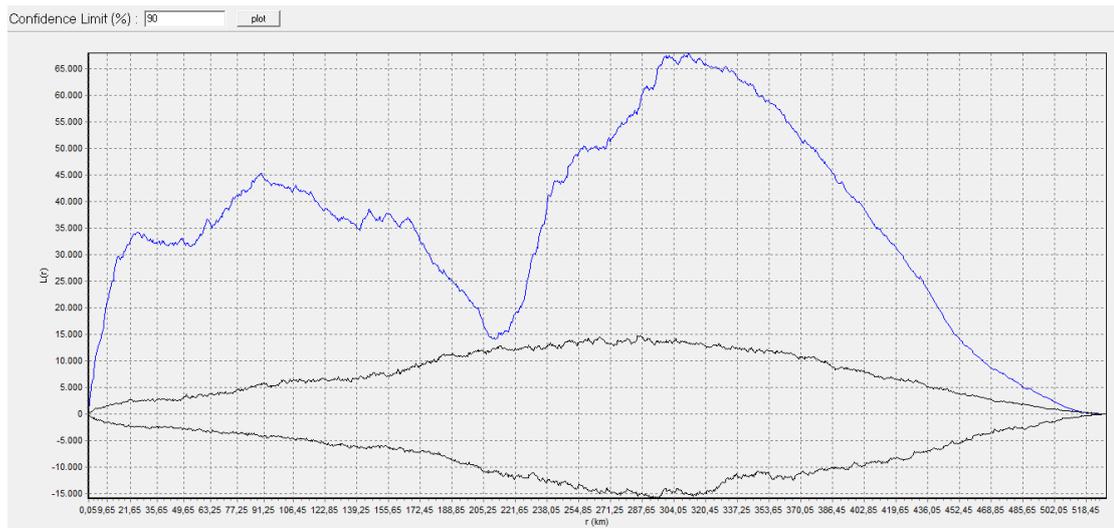


FIGURA 6.2 - 331 - ANÁLISE COM A ESTATÍSTICA K 2D DE RIPLEY PARA RÉPTEIS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO L(R) É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0

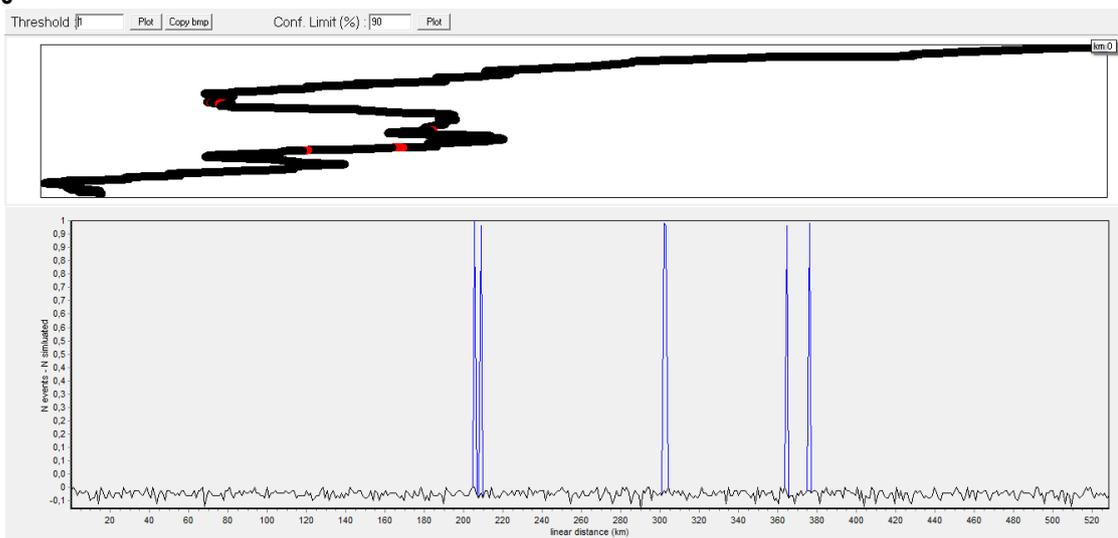


FIGURA 6.2 - 332 - ANÁLISE 2D HOTSPOT IDENTIFICATION PARA ANFÍBIOS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO $N_{EVENTS} - N_{SIMULATED}$ É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.

Os répteis, como os demais vertebrados ectotérmicos, não produzem calor metabólico suficiente para a manutenção da temperatura corpórea elevada (ANDRADE & ABE, 2007), desta forma, procuram elevar a temperatura dos seus corpos se expondo a fontes externas de calor, como o substrato aquecido do asfalto de rodovias e em função disso, são animais que apresentam altos índices de atropelamentos. Ademais, as áreas de influência do empreendimento alcançam diversos fragmentos de floresta nativa e corpos hídricos o que aumenta ainda mais o risco para estes animais.

Os répteis apresentaram pontos bem específicos de atropelamento, tendo sua distribuição nos km 260, 470 e 520 ao 540.



FIGURA 6.2 - 333 - EPICRATES CENCHRIA.

- Anfíbios

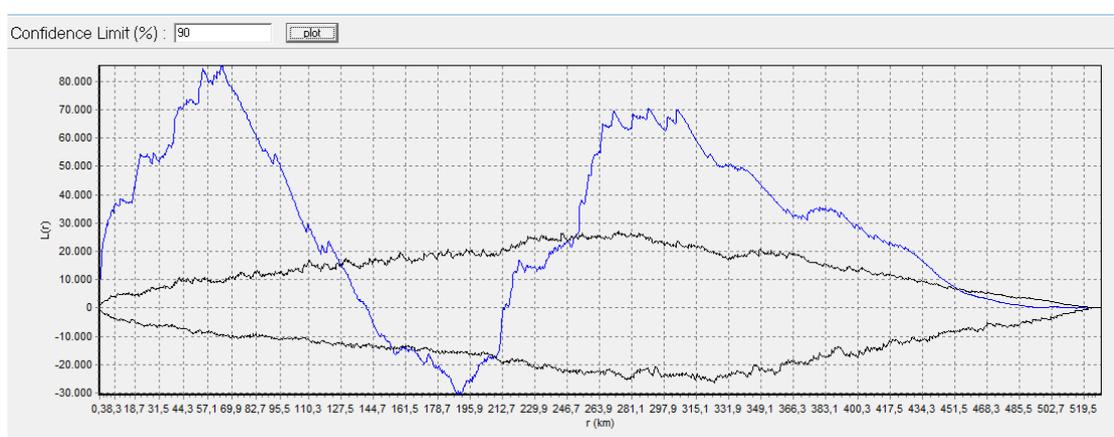


FIGURA 6.2 - 334 - ANÁLISE COM A ESTATÍSTICA K 2D DE RIPLEY PARA ANFÍBIOS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO L(R) É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.

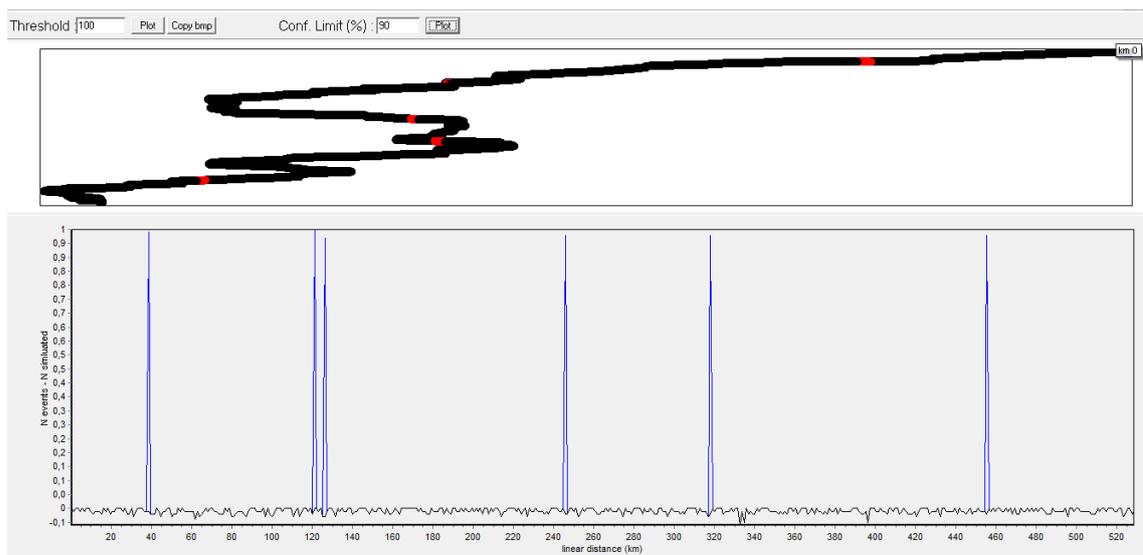


FIGURA 6.2 - 335 - ANÁLISE 2D HOTSPOT IDENTIFICATION PARA ANFÍBIOS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO $N_{EVENTS} - N_{SIMULATED}$ É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.

O deslocamento dos anfíbios, assim como dos répteis é menor do que dos demais grupos apresentados, fator que diminui a frequência desses indivíduos na rodovia. Geralmente apresentam tamanho corporal reduzido, dificultando a visualização de suas carcaças na rodovia e aumentando a taxa de remoção, por serem carregadas com maior facilidade pelos animais carniceiros (PRADA, 2004).

As áreas de influência do empreendimento, abrangem vários fragmentos significativos de floresta nativa conciliados com expressivos corpos hídricos. Alguns desses remanescentes foram explorados historicamente, e atualmente apresentam vegetação em estágio inicial e médio de sucessão ecológica.

O empreendimento também está localizado em áreas prioritárias para a conservação, segundo o Ministério do Meio Ambiente (2007), conforme Mapa de áreas Prioritárias para a Conservação, presente no Volume de Mapeamento Temático – Tomo III)

- Análise dos quatro grupos

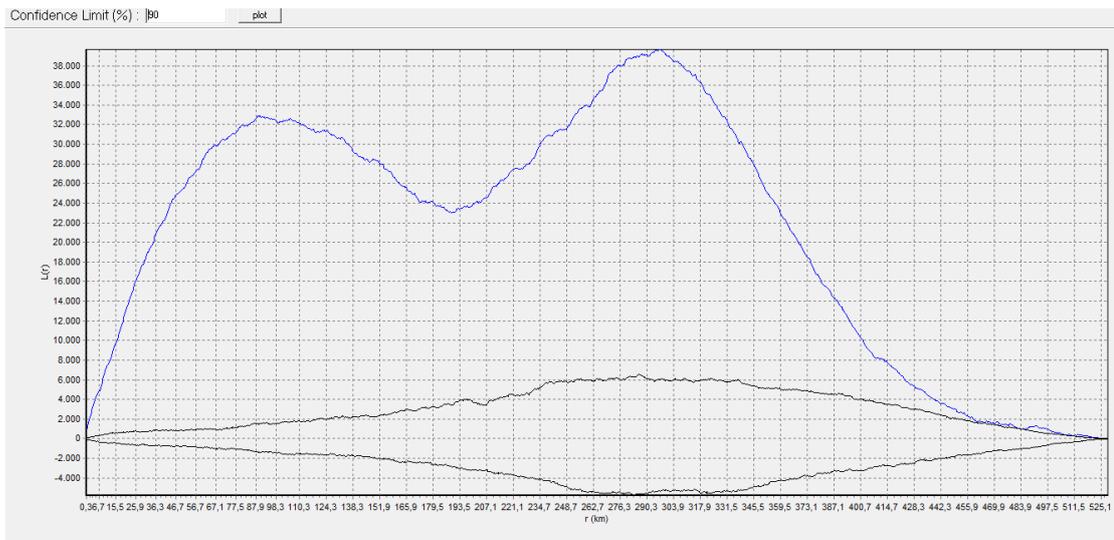


FIGURA 6.2 - 336 - ANÁLISE COM A ESTATÍSTICA K 2D DE RIPLEY DOS QUATRO GRUPOS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO L(R) É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.

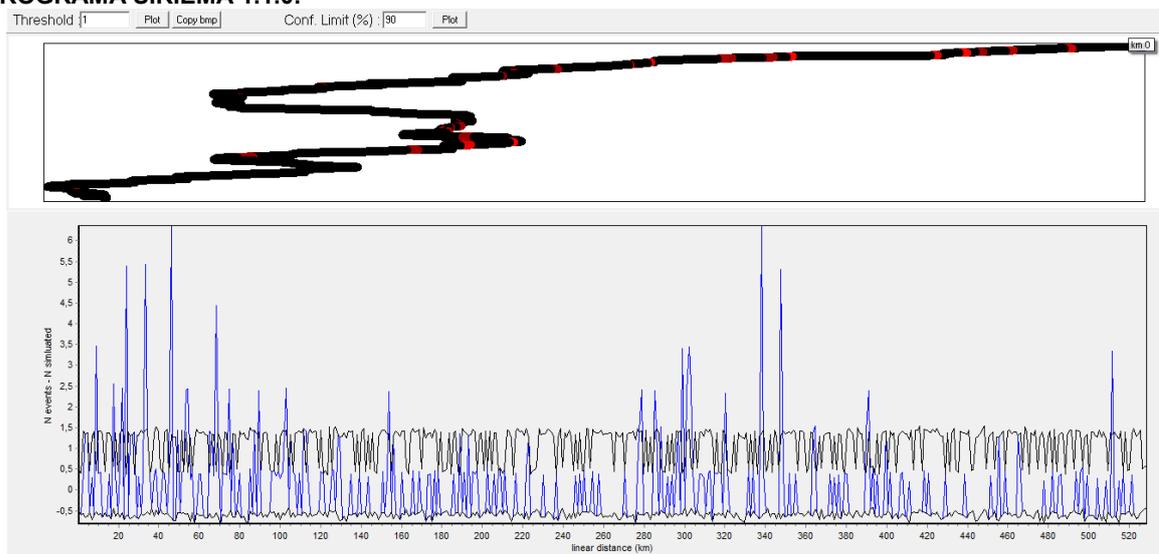


FIGURA 6.2 - 337 - ANÁLISE 2D HOTSPOT IDENTIFICATION PARA OS QUATRO GRUPOS REGISTRADOS NAS 6 PRIMEIRAS CAMPANHAS NA BR-101/BA. A FUNÇÃO NEVENTS - NSIMULATED É A LINHA AZUL E AS LINHAS PRETAS SÃO OS LIMITES DE CONFIANÇA SUPERIOR E INFERIOR. LIMITE DE CONFIANÇA 90%. PROGRAMA SIRIEMA 1.1.0.

Os números registrados em estudos de monitoramento de fauna atropelada são subestimativas do número real de casualidades/mortes. Animais de pequeno porte, em geral, são mais dificilmente avistados, de forma que anfíbios, mas também répteis, aves e mamíferos de pequeno porte podem ser subestimados em levantamentos feitos em automóveis. De forma geral, quanto menor a velocidade de monitoramento maior será a probabilidade de visualização de animais. No entanto, trafegar em velocidades muito baixas nem sempre é possível por questões de segurança, especialmente em rodovias de intenso fluxo de veículos. Por outro lado, o levantamento a pé não permite o monitoramento de áreas muito extensas.

A remoção de carcaças também tem efeito sobre o número de registros, sendo a presença de animais carniceiros um dos principais fatores de remoção dos animais (SLATER, 2002; ANTWORTH et al., 2005; CARDOSO, 2010). Estudos registraram a remoção de carcaças de ratos de laboratório e iscas (de frango e cobras) por indivíduos de *Caracara plancus* e *Milvago chilensis*, além de *Coragyps atratus* em até 36 h. Já animais de médio e grande porte levam de um até 15 dias para serem removidos (ROSA et al., 2012).

(ii) Corredores ecológicos relacionados à fauna atropelada

Para conservação da fauna e da flora, umas das estratégias mais eficientes é a de delimitação e manutenção de corredores ecológicos (Valeri et al., 2004), pois estes podem diminuir os efeitos negativos causados pela fragmentação dos ecossistemas, interligando diversas áreas e garantindo assim o deslocamento da fauna, a viabilidade de populações cujas espécies possuem áreas de vida extensas, a dispersão de sementes e o aumento da cobertura vegetal (MMA, 2014).

Em virtude da maior parte da área de estudo estar coberta por vegetação, ao longo de todo o trecho da rodovia BR-101/BA, as APP's foram incorporadas, em sua maioria, aos macro e micro corredores identificados e mapeados. Cabe salientar que, através do cruzamento do levantamento de fauna atropelada e dos resultados da primeira campanha de fauna, foi possível constatar que determinadas APP's, muito degradadas, não possuem significância para o trânsito de fauna, sendo desconsideradas como corredores. Além disso, foram identificadas algumas áreas mapeadas com vegetação degradada e intensa atividade antrópica, que não possuíam atrativo para a fauna local, sendo também desconsideradas na delimitação dos corredores.

Apesar de altamente explorada e ameaçada, a Mata Atlântica da região Sul do Estado da Bahia conserva o maior número de remanescentes desse bioma e o mais alto índice de diversidade de plantas vasculares do mundo, tendo sido escolhida pelo IBAMA como foco do projeto “Corredores Ecológicos das Florestas Tropicais Brasileiras”, que pretende interligar as áreas protegidas em várias regiões do país, garantindo a manutenção dos processos ecológicos e evolutivos (IBAMA, 2006). Os critérios utilizados para escolha dos corredores foram riqueza total de espécies e de espécies endêmicas, diversidade de comunidades e ecossistemas, grau de conectividade e integridade dos fragmentos.

Nesse sentido, foram espacializados os corredores ecológicos, considerando o grau de conservação da vegetação, as fitofisionomias existentes, os fragmentos vegetacionais de maior e menor importância, os locais de ocorrência de fauna – realizando-se o cruzamento dos resultados do monitoramento de fauna atropelada com os resultados das campanhas de fauna – bem como as áreas de preservação permanente que possuem fluxo de fauna.

De forma geral, os corredores mapeados estão localizados na porção central e sul do trecho (Volume de Mapeamento Temático – Tomo IV – Mapa de Corredores Ecológicos e Fauna Atropelada). Essa região caracteriza-se pela transição de áreas de vegetação secundária de Floresta Ombrófila Densa, intercalada com atividades agrárias, para áreas de tensão ecológica entre Floresta Ombrófila Densa e Floresta Estacional Semidecidual. Mesclando-se aos pequenos remanescentes florestais, há o predomínio do sistema agroflorestal de cultivo de cacau denominado de cabruca, o qual abriga espécies vegetais

nativas de grande porte, além de desempenhar uma importante função como corredor biológico entre os fragmentos florestais naturais, permitindo o fluxo gênico entre populações. Além disso, as cabruças diminuem o impacto dos efeitos de borda sobre os fragmentos e funcionam como área complementar de forrageamento para as espécies da fauna que vivem nos fragmentos naturais e áreas adjacentes. Embora manejados, a presença de diferentes espécies vegetais e animais confere a esses ambientes grande importância ecológica do ponto de vista da conservação e sustentabilidade.

A ocupação do solo da região, sob a forma de agricultura e pecuária, resultou na transformação da paisagem e fragmentação da vegetação nativa, especialmente próximo à rodovia BR-101/BA, a qual é a principal via de escoamento da produção. Dessa forma, os estudos de fauna atropelada serão fundamentais como subsídios para o planejamento da implementação de passagens de fauna aéreas e subterrâneas, que irão contribuir para a mitigação do efeito de barreira da rodovia e garantir a real função dos corredores como conexões entre os fragmentos.

Segue a descrição dos Corredores Ecológicos, bem como a de seus macro e micro corredores mapeados na área de estudo da BR-101/BA:

No Corredor Jequitinhonha, observa-se a presença de grandes extensões de pecuária e reflorestamento de eucalipto em pequenas porções. A vegetação nativa remanescente é encontrada nos terrenos mais acidentados e está alterada, principalmente devido à retirada seletiva de madeira e à ocorrência frequente de queimadas. A partir do rio Jequitinhonha, há plantios de cacau entremeados nos sub-bosques naturais de forma descontínua. Ainda assim, há uma significativa concentração de espécies arbóreas remanescentes da Floresta Ombrófila Densa, além de uma gama de diversidade de espécies herbáceas, arbustivas e epífitas nativas. Nessa porção inicial do trecho, foram identificados dois hotspots de mastofauna, um de aves e um de anfíbios.

Mi1 - microcorredor em estado crítico de conservação, mas que conecta dois fragmentos de vegetação em bom estado de conservação. A ligação entre os fragmentos se dá pela APP de um córrego cuja mata ciliar está praticamente ausente em boa parte de sua extensão, em razão da supressão da vegetação para uso como pastagem.

Mi2 - idem ao Mi1, com o agravante de que parte do microcorredor situa-se paralelamente à rodovia.

Mi3 - microcorredor que conecta a APP do rio Jequitinhonha e alguns fragmentos praticamente isolados ao Macrocorredor 1. Encontra-se ameaçado em razão do forte efeito de borda a que está sujeito e que pode comprometer sua função ecológica.

Ma1 - macrocorredor interceptado pela rodovia, interligando grandes fragmentos de vegetação em bom estado de conservação. Classificado como vulnerável pelo avanço da silvicultura e pecuária na região, em substituição à tradicional cultura do cacau.

No Corredor Rio Pardo, há fragmentos de Floresta Ombrófila Densa em estágio secundário de regeneração com vegetação de sub-bosque em estágio inicial de regeneração. Há a presença do sistema de plantio cabruca. O módulo M6 das campanhas de fauna foi instalado na área abrangida pelo corredor, tendo sido encontradas 3.400

indivíduos de avifauna neste módulo. Essa alta abundância refletiu-se em um hotspot de avifauna atropelada neste trecho da rodovia.

Ma2 – macrocorredor que liga fragmentos em bom estado de vegetação, em sentido longitudinal (leste-oeste), contemplando trechos de APP do rio Pardo. É interceptado em sua porção mediana pelo traçado da BR-101. Em sua porção localizada a leste da rodovia, encontra-se vulnerável, pois, apesar da manutenção de grandes remanescentes, teve historicamente suas características originais severamente impactadas pelo plantio do cacau. Já em sua porção a oeste do traçado da rodovia, encontra-se ameaçado pela expansão urbana e alto grau de fragmentação dos remanescentes.

No Corredor Serra Bonita, a vegetação é dominada pelas cabucas em áreas florestais descaracterizadas, lavoura de cacau sombreada por Erythrina e cabucas abandonadas. Foi instalado o módulo M5 e Área de Amostragem de Fauna Terrestre AFT3, evidenciando uma abundância alta de aves (cerca de 3.700 indivíduos em média, em cada módulo). Essa região é bem úmida e com alto índice pluviométrico, o que favorece a formação dos riachos e córregos que cortam as áreas. Foram identificados diversos hotspots de ocorrência de répteis atropelados (4) e aves (1).

Ma3 – macrocorredor que liga remanescentes florestais adjacentes à área de estudo, além do macrocorredor Ma2 ao Parque Nacional Serra das Lontras. Encontra-se ameaçado em razão do elevado nível de degradação e fragmentação dos remanescentes florestais, ocasionado principalmente pela cultura do cacau.

O Corredor APA Lagoa Encantada foi foco de registros de casualidades de anfíbios (7). A vegetação do entorno é dominada pelas cabucas em áreas florestais descaracterizadas.

Ma4 – macrocorredor que liga fragmentos de vegetação ao Parque Nacional Serra das Lontras. Encontra-se ameaçado pela ocorrência de conflitos entre indígenas e fazendeiros na região, expansão da silvicultura e expansão urbana.

Ao longo do Corredor Rio das Contas Sul, foram registradas diversos atropelamentos de indivíduos da avifauna (2) e anfíbios (3). A área do corredor é dominada por cabruca, e não houve atividades de monitoramento de fauna terrestre.

Ma5 – macrocorredor que liga remanescentes e conecta duas grandes porções da APA Costa de Itacaré/Serra Grande. Seu grau de conservação é ameaçado, pois se encontra bastante fragmentado e com as APPs que o compõem, bastante degradadas.

Ao longo do Corredor Rio das Contas Norte, não foram registrados atropelamentos na rodovia, apesar dos resultados da amostragem de fauna no módulo M2 e na área de Amostragem de Fauna Terrestre AFT2 indicarem que a região é bastante rica em relação a todos os grupos de fauna analisados. A vegetação predominante é a cabruca, com a presença de vegetação em bom estado de conservação, estágio médio de regeneração, presença de áreas úmidas e córregos e alto índice pluviométrico.

Ma6 – macrocorredor que liga grandes fragmentos à APP do Rio de Contas e à APA Baía de Camamú. Encontra-se ameaçado pela fragmentação, efeito de borda e supressão da vegetação para implantação de pastagens.

(iii) Hotspots de Fauna Atropelada e Corredores Ecológicos

Os hotspots de mastofauna parecem estar relacionados ao tipo vegetacional do entorno da rodovia. Foram identificados hotspots em áreas cuja vegetação predominante é Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Estacional Decidual e Floresta Ombrófila Densa, em estágios Médio e mesmo Inicial. As áreas de cabruças também parecem ser abrigos importantes para a fauna, funcionando como corredores e área de forrageamento.

Os hotspots do grupo dos anfíbios estão relacionados à presença de áreas de banhado, cursos d'água e outras fontes de umidade. De fato, foram identificados diversos hotspots de atropelamento nas áreas do Corredor APA Lagoa Encantada, estabelecida como área prioritária para conservação por abranger áreas de floresta, restinga e manguezal, com os mananciais do rio Almada; e no Corredor Rio das Contas, área importante de conexão entre remanescentes da área prioritária APA Costa de Itacaré/Serra Grande.

Os pontos de maior registro de fatalidades para o grupo Squamata (serpentes e lagartos) foi em áreas florestadas, especialmente aquelas em unidades de conservação. Foram identificados mais de dez hotspots de répteis no segmento de rodovia que intercepta a APA Lagoa Encantada, reforçando sua importância como abrigo de espécies da herpetofauna.

Para as aves, os pontos de maior ocorrência de fatalidades estão espalhados de forma mais ou menos regular ao longo de todo o trecho, provavelmente devido à alta capacidade de locomoção do grupo e grande diversidade de hábitos. A fatalidade neste grupo está relacionada muitas vezes às atividades de forrageamento (busca de grãos e insetos na rodovia).

No Volume de Mapeamento Temático – Tomo IV – É apresentado o Mapa de Corredores Ecológicos e Fauna Atropelada.

(iv) Mitigação dos atropelamentos

A mitigação de atropelamentos possui duas facetas: a conservação de espécies e a segurança dos usuários da rodovia. Segundo o estudo de Huijser e colaboradores (2007) nos Estados Unidos, nesse mesmo ano, foram registrados cerca de dois milhões de acidentes envolvendo atropelamentos de mamíferos de grande porte, contabilizando um prejuízo econômico na ordem de US\$ 8 bilhões. A identificação de trechos de alta incidência de atropelamentos (*hotspot*) é uma importante ferramenta para a criação eficiente de estratégias mitigadoras (CLEVENGER 2003; COELHO *et al.* 2008), além de diminuir em longo prazo, os prejuízos econômicos e em curto prazo, o número de acidentes mortais ou envolvendo usuários feridos. Concomitantemente a identificação de *hotspot*, é de suma importância a identificação no entorno da rodovia de fragmentos de melhor qualidade ambiental e com registros de espécies de interesse conservacionista para a determinação

de zonas relevantes para implantação de estratégias mitigadoras, como a construção de passagens de fauna.

O presente diagnóstico do EIA/RIMA para a duplicação da rodovia BR-101/BA apresenta propostas de estratégias de mitigação para mamíferos de médio e grande porte no referido empreendimento, assim como para mamíferos não voadores de pequeno porte, seguindo recomendações de Lauxen (2012), da Cartilha de monitoramento e mitigação de atropelamento de fauna do DNIT (DNIT, 2012) e publicações científicas na área de Ecologia de estradas.

Para os trechos considerados como relevantes, as passagens de fauna devem ser instaladas juntamente com cercas condutoras, visto que ambas as estruturas constituem um conceito único de mitigação, ou seja, ao passo de um animal tentar cruzar a rodovia, os mesmos são impedidos pelas cercas, que formam uma barreira e conduz o animal ao local onde a passagem está instalada. O sucesso das passagens de fauna sem a cerca é considerado baixo, segundo os estudos de Itel (2003) e Trocmé (2006).



FIGURA 6.2 - 338 - CERCA CONDUTORA DE FAUNA INSTALADA NA RODOVIA BR-471 NO TAIM. FOTO: FÁBIO GOMES.

Os tipos e modelos de passagens recomendadas no presente diagnóstico para ser instaladas ao longo da duplicação da rodovia BR-101/BA são:

- **Galerias:** passagens subterrâneas que originalmente eram utilizadas para drenagem, com pequenas alterações são eficientes na travessia de mamíferos de médio e pequeno porte (CLEVINGER *et al.*, 2001; CAIN *et al.*, 2003; DODD JR. *et al.*, 2004; ASCENSÃO & MIRA, 2006; TROCMÉ, 2006; BECKMANN *et al.*, 2010) e outros grupos faunísticos.



FIGURA 6.2 - 339 - PASSAGEM DE FAUNA TIPO GALERIA INSTALADA NA RODOVIA TERRITORIAL HWY-OREGON/EUA. FOTO: JOHN LEVENHAGEN.



FIGURA 6.2 - 340 - PASSAGEM DE FAUNA TIPO GALERIA INSTALADA NA RODOVIA SP-300/BR. FOTO: [HTTP://WWW.VIARONDON.COM.BR](http://www.viarondon.com.br)

Passagens inferiores: passagens subterrâneas que podem ser construídas de diversos tamanhos. São eficientes na travessia de mamíferos de médio e grande porte e por quirópteros (MCDONALD & CLAIR, 2004; CLEVENGER & WALTHO, 2005; GAISLER *et al.*, 2009; BECKMANN *et al.*, 2010) (FIGURA 6.2 - 341 a FIGURA 6.2 - 344). Ressalta-se que sua construção deve ser em trechos críticos de atropelamentos, e afastada de áreas urbanas, a fim de priorizar seu uso por espécies silvestres. Porém, trechos onde ocorrem travessias de animais de rebanho e/ou animais de carga também devem ser contemplados com passagens de fauna, estruturas conhecidas no Brasil como passagado.



FIGURA 6.2 - 341 - PASSAGEM DE FAUNA “INFERIOR” INSTALADA NA RODOVIA I-80/NEW JERSEY/EUA. FOTO: [HTTP://PHILLY.COM](http://philly.com)



FIGURA 6.2 - 342 - PASSAGEM DE FAUNA “INFERIOR” INSTALADA NA RODOVIA BR-101/SUL. FOTO: [HTTP://GESTAOAMBIENTALRODOVIAS.BLOGSPOT.COM.BR](http://gestaoambientalrodovias.blogspot.com.br)



FIGURA 6.2 - 343 - PASSAGEM DE FAUNA “INFERIOR” INSTALADA SOB FERROVIA NO SUL DE MATO GROSSO/BR. FOTO: ANDREY GABRIEL.



FIGURA 6.2 - 344 - PASSAGEM DE FAUNA (PASSAGADO) INSTALADA NA RODOVIA SP-300/BR. FOTO: [HTTP://WWW.VIARONDON.COM.BR](http://www.viarondon.com.br)

- **Redes/Pontes:** passagens aéreas destinadas a conectar principalmente fragmentos florestais isolados por rodovias visando à utilização das mesmas para travessia de espécies arbóricolas, como primatas e marsupiais (FIGURA 6.2 - 345 e FIGURA 6.2 - 346) (VALLADARES-PADUA *et al.*, 1995; GOOSEM *et al.*, 2006; TAYLOR & GOLDINGAY, 2010).

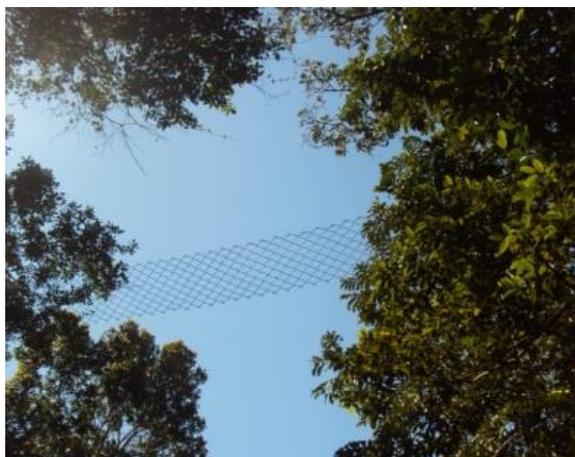


FIGURA 6.2 - 345 - PASSAGEM DE FAUNA AÉREA INSTALADA NA RODOVIA BA-001/BR. FOTO: SANDOVAL MENDES.



FIGURA 6.2 - 346 - EXEMPLO DE PASSAGEM DE FAUNA AÉREA FOTO: ACERVO DO PROGRAMA MACACOS URBANOS.

- **Eco dutos e passagens superiores:** tem o objetivo de reconectar fragmentos cortados por rodovias, permitindo a continuidade do hábitat natural. São passagens eficazes à travessia de um amplo espectro de grupos faunísticos, principalmente de mamíferos de grande porte (FIGURA 6.2 - 347 e FIGURA 6.2 - 348) (BECKMANN *et al.*, 2010). Recomenda-se que sua construção seja em locais sem atividades humanas para maior efetividade.



FIGURA 6.2 - 347 - ECO DUTO INSTALADO NA RODOVIA 464/ALEMANHA. FOTO: KLAUS FOEL.



FIGURA 6.2 - 348 - ECODUTO INSTALADO NA RODOVIA A-494/ESPANHA. FOTO: FLÁVIA PETER.

Para mitigação de impactos provenientes de colisões de aves com o tráfego as alternativas são as seguintes:

- **Baliza:** colocadas em trechos de áreas úmidas ou pontes, induzindo a ave a elevar a altura do voo, evitando a colisão com os carros ou a perda de estabilidade devido os deslocamentos de ar (JACOBSON, 2005 *apud* LAUXEN, 2012).



FIGURA 6.2 - 349 - BALIZA PARA AVES EM REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA

- **Capinamento da faixa de domínio:** evitando a disponibilidade de recurso para passeriformes que se alimentam de sementes de gramíneas.

Para os répteis e anfíbios são:

- **Ações educativas:** que visam alertar os pedestres que utilizam o acostamento para deslocamento e os motoristas sobre a importância desses animais para o equilíbrio dos ecossistemas.

Recomenda-se também em trechos com moderado número de atropelamentos e em zonas de provável travessia de fauna, a instalação conjunta de sinalizadores de travessia de fauna e controladores de velocidade.



FIGURA 6.2 - 350 - EXEMPLO DE PLACA SINALIZADORA DE TRAVESSIA DE FAUNA. FOTO: [HTTP://WWW.RODOSOL.COM.BR](http://www.rodosol.com.br)

Os locais para instalação das passagens de fauna e sinalizadores devem estar alinhados com os *HotSpots* de atropelamento, assim como estar de acordo com o traçado proposto para duplicação da rodovia no Projeto Básico, respeitando as particularidades de cada trecho. As propostas serão apresentadas com maior clareza no PBA, quando as 12 campanhas de fauna atropelada forem concluídas, tendo um maior detalhe dos pontos de atropelamento devido o monitoramento mais extenso e abrangência da sazonalidade.

6.2.2.3 Fauna Aquática

6.2.2.3.1 Metodologia

Invertebrados bentônicos

As amostras foram coletadas em 14 pontos (Tabela 6.2. 27) por meio da draga de Petersen, que é largamente empregada em estudos de ambientes límnicos e consiste em um instrumento adequado para a coleta da macrofauna aquática (BLOMQUIST, 1990). Nesta técnica, o amostrador foi utilizado em uma faixa de aproximadamente 1 m da margem, a uma profundidade de 0,50 - 1,0 m, sendo este processo realizado duas vezes em cada ponto de coleta.

O Mapa de Pontos de Análise de Água e Coleta de Zoobentos está apresentado no Volume de Mapeamento Temático – Tomo IV.

TABELA 6.2. 27- ÁREAS SELECIONADAS PARA COLETA DE ZOOBENTOS E ANÁLISE DE ÁGUA

PONTOS	CORPO D'ÁGUA	COORDENADAS PLANAS (UTM)		
		Zona	X	Y
1	Rio Subaé	24 L	514668E	8632645N
2	Rio Capivari		488996E	8602284N
3	Rio Icaraí		480468E	8594220N
4	Rio Jaguaripe		482163E	8576162N
5	Rio Jequitibá		472616E	8570638N
6	Rio da Dona		469877E	8556143N

PONTOS	CORPO D'ÁGUA	COORDENADAS PLANAS (UTM)		
		Zona	X	Y
7	Rio Riachão		469302E	8543460N
8	Rio Piau		453618E	8508439N
9	Rio Preto		458636E	8491690N
10	Rio Revés		462404E	8435412N
11	Rio de Una		466526E	8334304N
12	Rio Una ou Aliança		452271E	8314301N
13	Rio da Pedra Branca	24 K	438047E	8201842N
14	Rio Limoeiro		433996E	8221634N

O material coletado foi transferido para potes plásticos, fixado com formaldeído a 4% e encaminhado para o laboratório. Foi então submetido a lavagem em água com solução saturada de cloreto de sódio (BRANDIMARTE & ANAYA, 1998) e passado em peneira de malhas de 0,2 e 0,4 mm. Posteriormente, a triagem do material retido na malha foi feita em estereomicroscópio binocular da marca Zeiss (aumento gradativo) e os indivíduos encontrados foram identificados até o menor nível taxonômico possível utilizando as chaves especializadas de invertebrados aquáticos de Manzo (2005); Pes *et al.*(2005), Heckman (2006, 2008); Salles (2006); Calor (2007); Lecci (2007); Mariano (2007); Onofre *et al.* (2007); Passos (2007); Pereira *et al.* (2007); Calor & Froehlich (2008); Pinho (2008) e conservados em frascos de vidro com álcool 80%.

Os dados foram tabulados e utilizados para descrição da comunidade bentônica nos sítios amostrados, sendo feito cálculo dos seguintes atributos:

- Frequência de cada táxon: somatório do número de pontos em que o táxon foi registrado;
- Densidade total para cada ponto amostral: somatório da densidade de todos os táxons registrados em cada ponto;
- Densidade média de cada táxon: média da densidade (número de indivíduos/m²) de cada táxon nos pontos amostrais. No sentido de permitir a comparação com outros estudos, os dados de densidade dos táxons encontrados foram extrapolados para a área de 1 m²;
- Riqueza taxonômica: somatório do número de táxons registrados em cada ponto;
- Riqueza estimada: será calculada a partir da próxima amostragem.

Índice de Diversidade e Equitabilidade para cada unidade amostral: Em função da baixa riqueza taxonômica obtida nessa amostragem, na maioria dos pontos avaliados não foi possível calcular esse índice.

CARACTERIZAÇÃO DOS PONTOS AMOSTRAIS

Todos os pontos amostrais estão classificados como Classe 2 de acordo com a resolução CONAMA nº357/05, as demais características serão apresentadas a seguir:

PONTO 1 – RIO SUBAÉ

O rio Subaé é um curso d'água de pequeno porte, que nasce no município de Feira de Santana e tem sua foz na Baía de Todos os Santos, no município de Santo Amaro. Na área de coleta (cerca de 200 m²), possui profundidade média de 0,5 metros, largura média de 2,2 metros e substrato arenoso, mata ciliar praticamente ausente, substituída por pastagens. Tem parte de seu trecho barrado, a montante da rodovia.



FIGURA 6.2 - 351 - PONTO 1 LOCALIZADO NO RIO SUBAÉ

PONTO 2 – RIO CAPIVARI

O rio Capivari é um curso d'água de pequeno porte, que nasce no município de Castro Alves e deságua no rio Paraguaçu, no município de Cachoeira. Na área de coleta (cerca de 1000 m²), possui profundidade média de 0,6 metros, largura média de 4 metros, praticamente não possui correnteza e apresenta substrato lodoso. A mata ciliar é ausente e apresenta grande concentração de macrófitas.



FIGURA 6.2 - 352 - PONTO 2 LOCALIZADO NO RIO CAPIVARI

PONTO 3 – RIO ICARAÍ

O rio Icarai é um curso d'água de pequeno porte, que nasce no município de Sapeaçu e deságua no rio Jaguaripe, no município de São Felipe. Na área de coleta (cerca

de 600 m²), possui profundidade média de 0,3 metros, largura média de 1,8 metros, praticamente não possui correnteza e apresenta substrato lodoso. A mata ciliar está ausente e apresenta grande concentração de macrófitas.



FIGURA 6.2 - 353 - PONTO 3 LOCALIZADO NO RIO ICARAÍ

PONTO 4 – RIO JAGUARIFE

O rio Jaguaripe é um curso d'água de grande porte, que nasce no município de Castro Alves e deságua no mar, no município de Jaguaripe. O Ponto 4, localizado no município de Conceição do Almeida, fica na porção inicial do rio, próximo ao ponto ao qual se une a um de seus principais formadores: o rio Mocambo. Na área de coleta (cerca de 200 m²), possui profundidade média de 0,2 metros, largura média de 1 metro, praticamente não possui correnteza e apresenta substrato lodoso. A mata ciliar está praticamente ausente e apresenta grande concentração de macrófitas.



FIGURA 6.2 - 354 - PONTO 4 LOCALIZADO NO RIO JAGUARIFE

PONTO 5 – RIO JEQUITIBÁ

O rio Jequitibá é um curso d'água de médio porte, que nasce no município de Conceição do Almeida e deságua no rio Jaguaripe, do qual é um dos principais formadores. O Ponto 5, localizado no município de Conceição do Almeida, fica na porção inicial do rio. Na área de coleta (cerca de 900 m²), possui profundidade média de 1 metro, largura média de 3,5 metros, pouca correnteza e apresenta substrato arenoso. A mata ciliar está presente mas pouco preservada.



FIGURA 6.2 - 355 - PONTO 5 LOCALIZADO NO RIO JEQUITIBÁ

PONTO 6 – RIO DA DONA

O rio Pitanga é um curso d'água de pequeno porte, que nasce no município de Laje e deságua no rio da Dona. Na área de coleta (cerca de 300 m²), possui profundidade média de 0,2 metro, largura média de 5 metros, correnteza forte e substrato pedregoso, com grandes lajes aparentes. A mata ciliar está presente mas pouco preservada.

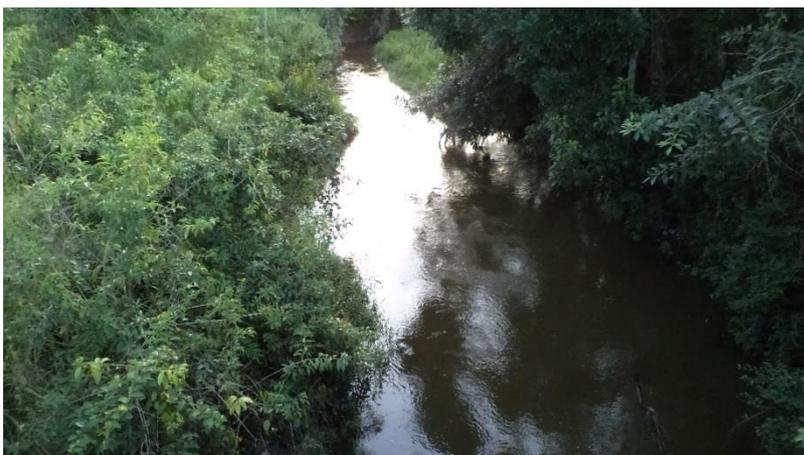


FIGURA 6.2 - 356 - PONTO 6 LOCALIZADO NO RIO PITANGA

PONTO 7 – RIO RIACHÃO

O rio Riachão é um curso d'água de pequeno porte, que nasce no município de São Miguel das Matas e deságua no rio Jequiriçá, no município de Laje. Na área de coleta (cerca de 300 m²), possui profundidade média de 0,5 metro, largura média de 2 metros, correnteza forte e substrato pedregoso. A mata ciliar está ausente, substituída por pomares e pastagens.



FIGURA 6.2 - 357 -PONTO 7 LOCALIZADO NO RIO RIACHÃO.

PONTO 8 – RIO PIAU

O rio Piau é um curso d'água de médio porte, que nasce no município de Presidente Tancredo Neves e deságua no Rio Una, no município de Valença. Na área de coleta (cerca de 200 m²), possui profundidade média de 0,6 metro, largura média de 2 metros, correnteza moderada e substrato pedregoso. A mata ciliar está presente, mas pouco preservada, com grandes trechos suprimidos para formação de pastagens.

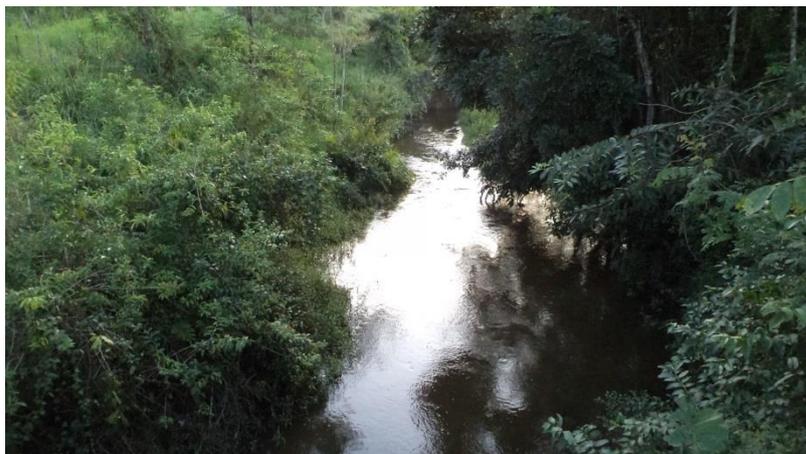


FIGURA 6.2 - 358 - PONTO 8 LOCALIZADO NO RIO PIAU

PONTO 9 – RIO PRETO

O rio Preto é um curso d'água de médio porte, que nasce no município de Jaguaquara e deságua no Rio da Almas, também conhecido como rio Jequié, na divisa dos municípios de Wenceslau Guimarães, Taperoá e Nilo Peçanha. Na área de coleta (cerca de 500 m²), possui profundidade média de 1,5 metros, largura média de 15 metros, correnteza moderada e substrato arenoso. A mata ciliar está ausente no trecho, que cruza a área urbana do município de Teolândia, onde recebe alta carga de efluentes domésticos.



FIGURA 6.2 - 359 - PONTO 9 LOCALIZADO NO RIO PRETO

PONTO 10 – RIO REVÉS

O rio Revés é um curso d'água de pequeno porte, que nasce no município de Ibirapitanga e deságua no rio Oricó Grande. Na área de coleta (cerca de 500 m²), possui profundidade média de 0,5 metros, largura média de 3 metros, correnteza forte e substrato pedregoso. A mata ciliar está relativamente preservada.



FIGURA 6.2 - 360 - PONTO 10 LOCALIZADO NO RIO REVÉS

PONTO 11 – RIO DE UNA

O Rio de Una é um curso d'água de médio porte, que nasce no Parque Nacional Serra das Lontras, no município de Arataca, e deságua no rio Una. Na área de coleta (cerca de 500 m²), possui profundidade média de 0,5 metros, largura média de 5 metros, correnteza moderada e substrato arenoso. A mata ciliar está relativamente preservada.



FIGURA 6.2 - 361 - PONTO 11 LOCALIZADO NO RIO DE UNA. COLETA DE ZOOBENTOS UTILIZANDO A DRAGA DE PERTERSEN.

PONTO 12 – RIO UNA OU ALIANÇA

O rio Una é um curso d'água de grande porte, que nasce no município de Arataca, e deságua no mar, no município de Una. Na área de coleta (cerca de 1000 m²), possui profundidade média de 1,5 metros, largura média de 10 metros, correnteza moderada e substrato arenoso. A mata ciliar está relativamente preservada.



FIGURA 6.2 - 362 - PONTO 12 LOCALIZADO NO RIO UNA OU ALIANÇA

PONTO 13 – RIO DA PEDRA BRANCA

O Rio da Pedra Branca é um curso d'água de médio porte, que nasce no município de Eunápolis, e deságua no Córrego Grande, afluente do rio João de Tiba, no município de Santa Cruz Cabrália. Na área de coleta (cerca de 500 m²), possui profundidade média de 0,9 metro, largura média de 10 metros, correnteza moderada e substrato arenoso. A mata ciliar foi suprimida e o rio encontra-se inserido numa matriz de pastagens e silvicultura de eucalipto.



FIGURA 6.2 - 363 - PONTO 13 LOCALIZADO NO RIO DA PEDRA BRANCA

PONTO 14 – RIO LIMOEIRO

O rio Limoeiro é um curso d’água de médio porte, que nasce no município de Itagimirim e deságua no rio Jequitinhonha, no município de Belmonte. Na área de coleta (cerca de 500 m²), possui profundidade média de 0,5 metro, largura média de 6 metros, correnteza forte e substrato arenoso. A mata ciliar é bastante reduzida e o rio recebe alta carga de efluentes domésticos, provenientes da zona urbana de Itagimirim.



FIGURA 6.2 - 364 - PONTO 14 LOCALIZADO NO RIO LIMOEIRO.

Ictiofauna

Considerando o Parágrafo 2º e 3º do Artigo 6º da ISSN167 – 7042 que dizem:

“§2º A amostragem de ictiofauna poderá ser dispensada em duplicações ou ampliações de capacidade de rodovias e ferrovias, devendo o pedido de dispensa ser justificado tecnicamente pelo empreendedor quando do protocolo da Ficha de Caracterização da Atividade (FCA), com base em dados secundários obtidos, obrigatoriamente, na(s) bacia(s) hidrográfica(s) na(s) qual (is) se insere o empreendimento.

§ 3º Na hipótese do parágrafo anterior, quando houver dados secundários referentes à microbacia na qual estiver inserido o empreendimento, esses deverão ser apresentados como justificativa técnica para o pedido de dispensa da amostragem de ictiofauna.”

Associado ao fato de que mediante a emissão da Autorização de captura nº 467/2014, foi dispensada a amostragem de ictiofauna, são apresentados neste estudo apenas os dados secundários da região do empreendimento.

Abaixo estão expressas as metodologias empregadas nos dados secundários.

QUADRO 6.2 - 13-REFERÊNCIAS ENCONTRADAS SOBRE A ICTIOFAUNA EXISTENTE NAS PROXIMIDADES DA RODOVIA À SER IMPLANTADA. (TRINDADE ET. AL.,2010); (CETRA ET. AL., 2009); (LIMA, 2010); (CETRA ET. AL., 2010) (SARMENTO-SOARES, 2010); (CARDOSO, 2010); (REIS-FILHO,2010); (BURGER ET. AL., 2010).

Bacia	Rio	Nºsp	Metodologia	Sazonalidade	Ref
Cachoeira	Ribeirão Limoeiro	21	3 pontos amostrais. Apetrechos de pesca: Pesca elétrica, ao longo de 100m	4 amostragens ao longo do ano de 2007	1
Cachoeira	Cabeceira dos rios: Colônia, Piabanha e Salgado	19	8 pontos amostrais. Apetrechos de pesca: Pesca elétrica, ao longo de 70m	Dezembro de 2007	2
Contas	Contas	29	6 pontos amostrais. Apetrechos de pesca: arraste de porta em um trecho de 1km.	4 amostragens entre Setembro de 2008 e Julho de 2009	3
Contas e Jequiçá	Jequiçá, Almas, Contas, Pardo, Cachoeira, Una	26	14 pontos amostrais ao longo dos rios. Apetrechos de pesca: Pesca elétrica, ao longo de 70m.	14 amostragens entre Janeiro e Fevereiro de 2007	4
Itanhém	Rio Itanhém	27	17 pontos amostrais. Apetrechos de pesca: tarrafa, rede passaguá, picarés, redes de arrasto, tarrafa multifilamento e redes de espera.	1 amostragem, não consta o ano	5
Itapicuru, Contas, Paraguaçu e Jequitinhonha	Rios Real, Itapicuru, Itariri, Inhambupe, Sauípe, Imbassaí, Açú, Pojuca, Paraguaçu, Contas, Cachoeira, Almada, Aliança, Una, Pardo, Jequitinhonha, João de Tiba, Buranhém, Frades, Caraíva, Jucuruçu, Itanhém, Peruípe e Mucuri	164	200 pontos de coleta, realização do estudo entre os anos de 2004 à 2009. Apetrechos de Pesca: Peneiras, tarrafas, redes de arrasto e redes de espera.	1 amostragem entre 2004 e 2009	6
Paraguaçu	Paraguaçu	117	28 pontos de amostragem, entre março de 2009 e fevereiro de 2010. Apetrechos de pesca: Tarrafas, Redes de arrasto, redes de espera de fundo e superfície.	1 amostragem entre Março de 2009 e Fevereiro de 2010	7
Paraguaçu, Contas, Jequiçá	Paraguaçu, Contas, Almas, Jaguaripe, Jequiçá e Una	48	79 pontos ao longo dos rios. Apetrechos de pesca: covos, tarrafas, redes de espera e de arrasto, peneiras e puçás de malhas e tamanhos variados, utilizados em cada ponto, o maior numero de artes de pesca possível, a fim de amostrar todas as espécies presentes.	5 amostragens entre Dezembro de 2008 e Outubro de 2010	8

DADOS SECUNDÁRIOS

Para a revisão de dados secundários objetivou-se a procura de referências que descrevessem a região do empreendimento, inserida dentro da bacia do Atlântico Leste, contendo todas as características limnológicas que abrangem esta área, desde ambientes

dulciáquícolas, assim com ambientes com influência marinha como estuários, a fim de contemplar os registros de toda a biodiversidade local.

Foram utilizados para a compilação dos registros das espécies, artigos científicos (TRINDADE *et al.*, 2010; CETRA *et al.*, 2010; SARMENTO-SOARES *et al.*, 2010; REIS-FILHO, 2010; BURGUER *et al.*, 2010) e também dissertações acadêmicas (LIMA, 2010 e CARDOSO, 2010).

As indicações sobre as espécies endêmicas, raras e migratórias foram realizadas mediante a consulta das bibliografias (NOGUEIRA *et al.*, 2010; FROESE & PAULY, 2010; CAROSFELD *et al.*, 2003)

É relevante destacar que a característica endêmica/rara, foi unificada por se esta característica tratar de espécies que são restritas a determinados cursos d'água (NOGUEIRA *et al.*, 2010).

Quanto à indicação do hábitat e potencial cinegético, foi realizada uma análise empírica, através das características morfológicas das espécies.

Para indicação sobre o status de conservação das espécies registradas através dos dados secundários, foram utilizados os dados provenientes da Lista Vermelha da Bahia, em 2014, da IUCN, em 2014 e Machado (2008).

É relevante destacar que o Estado da Bahia não possui uma lista oficial das espécies ameaçadas de extinção, sendo a lista consultada um resultado preliminar, que inclui somente as espécies dulciaquícolas.

O Mapa de Estudos de Ictiofauna ao Longo da Rodovia está apresentado no Volume de Mapeamento Temático – Tomo IV.

6.2.2.3.2 Resultados

Fauna de Provável Ocorrência na Área de Estudo do Empreendimento

INVERTEBRADOS BENTÔNICOS

Até meados da década de 1970, os ambientes aquáticos eram avaliados apenas a partir de parâmetros físico-químicos (SURIANO *et al.*, 2011). Somente a partir da década de 1970, alguns países, cientes da incompletude destes parâmetros em avaliar a qualidade de suas águas superficiais, começaram a defender políticas que incorporassem o estudo das condições ecológicas dos corpos aquáticos (OLIVEIRA *et al.*, 2011).

Para tal fim, as avaliações passaram a utilizar então o biomonitoramento, termo que segundo Rosenberg & Resh (1993) pode ser definido como o uso sistemático de variáveis biológicas para avaliar mudanças no ambiente, geralmente causadas por ações antrópicas. Um dos primeiros passos para o biomonitoramento é a escolha de um bioindicador mais apropriado, cuja presença, abundância e/ou comportamento reflita o fator estressante na biota (BONADA *et al.*, 2006). Dentre os grupos de organismos selecionados para

biomonitoramento, o uso de invertebrados aquáticos apresenta longa data, sendo os primeiros trabalhos elaborados no início do século XX (BONADA *et al.*, 2006).

Macroinvertebrados bentônicos desempenham um importante papel na estrutura e funcionamento de rios e córregos (ESTEVES, 2011) pois, promovem a conversão dos compostos de carbono reduzidos, derivados primariamente das terras adjacentes (material alóctone), além do carbono fixado dentro do ecossistema (material autóctone), em reservas temporárias em seus próprios tecidos e na forma de dióxido de carbono (CUMMINS, 1975). Contribuem desta forma para o fluxo de energia e ciclagem de nutrientes, além terem importância nas cadeias e teias alimentares, bem como na liberação de nutrientes do sedimento para a coluna d'água (ESTEVES, 2011).

Os macroinvertebrados são cada vez mais usados para caracterizar bacias hidrográficas e condições de qualidade da água em córregos e rios, pois refletem tanto efeitos naturais quanto antropogênicos no decorrer do tempo (ROSENBERG & RESH, 1993; KARR & CHU, 1997; NIYOGI *et al.*, 2002).

Outras características que também os tornam úteis como indicadores de condições de ambientes aquáticos são (1) a ubiquidade em habitats aquáticos; (2) o elevado número de espécies que mostram um grau de resposta à perturbação; (3) a relativa característica sedentária das larvas; e (4) seus ciclos de vida são duradouros o suficiente para permitir mudanças nas características da população, as quais podem ser avaliadas (ROSENBERG & RESH, 1993).

Desta maneira, o conhecimento de padrões ecológicos relacionados à distribuição espacial e abundância desses organismos torna-se uma importante ferramenta para a avaliação da qualidade ambiental de corpos aquáticos.

ICTIOFAUNA

Ao total foi encontrado, através de dados secundários, o registro de 345 espécies de peixes, pertencentes a 2 Classes, 21 Ordens e 67 Famílias.

No QUADRO 6.2 - 14 é apresentada a compilação das espécies registradas através de referências secundárias com nome popular, habitat, indicação sobre as espécies: endêmicas/raras, cinegéticas e migratórias, bem como o status de conservação para o Estado da Bahia, o Brasil, e para IUCN - *International Union for Conservation of Nature*.

QUADRO 6.2 - 14-LISTA DA ICTIOFAUNA DE PROVÁVEL OCORRÊNCIA NA ÁREA DE ESTUDO DO EMPREENDIMENTO. QUANTO AOS ITENS EXPRESSOS NA TABELA: HAB= HÁBITAT, LOCALIZAÇÃO DA ESPÉCIE NA COLUNA D'ÁGUA (CD= DESLOCA-SE VERTICALMENTE NA COLUNA D'ÁGUA; BE= POSSUI CARACTERÍSTICA BENTÔNICA, JUNTO AO SUBSTRATO; AL= HABITA ÁREAS ALAGADAS.); END/RAR= ENDÊMICA OU RARA.; CIN= CINEGÉTICA E MIG= MIGRADORA (P= POTAMÓDROMO: MIGRAM ENTRE DIFERENTES LOCAIS NA ÁGUA DOCE; O= OCEANÓDROMO: MIGRAM ENTRE DIFERENTES LOCAIS NO OCEANO; D= DIÁDROMO: MIGRAM ENTRE RIOS E MARES). STATUS= AMEAÇA À EXTINÇÃO (BA= BAHIA; BR=BRASIL: (VU= VULNERÁVEL; EN= EM PERIGO; CR= CRITICAMENTE AMEAÇADO) ; IUCN= UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA: (NT= QUASE AMEAÇADO; NE= NÃO AVALIADO; LC= POUCO PREOCUPANTE E DD= DADOS DEFICIENTES). REF= REFERÊNCIAS UTILIZADAS:1:(TRINDADE ET. AL.,2010); 2: (CETRA ET. AL., 2009); 3: (LIMA, 2010); 4: (CETRA ET. AL., 2010) 5: (SARMENTO-SOARES, 2010); 6: (CARDOSO, 2010); 7: (REIS-FILHO,2010); 8: (BURGER ET. AL., 2010).

Classe/Ordem/Família/Espécie	Nome popular	HAB	END/RAR	CIN	MIG	Status			REF
						BA	BR	IUCN	
Actinopterygii									
Albuliformes									
Albulidae									
<i>Albula vulpes</i>	ubarana-focinho-de-rato	CD		x	D			NT	7
Anguliformes									
Muraenidae									
<i>Gymnothorax moringa</i>	moreia-pintada	BE			D			NE	7
<i>Gymnothorax ocellatus</i>	moreia-pintada	BE			D			NE	7
Atheriniformes									
Atherinopsidae									
<i>Atherinella brasiliensis</i>	peixe-rei	BE		x	D			NE	7
Aulopiformes									
Synodontidae									
<i>Synodus foetens</i>	peixe-lagarto	BE			D			NE	7
Batrachoidiformes									
Batrachoididae									
<i>Amphichthys cryptocentrus</i>	peixe-sapo	BE			D			LC	7
<i>Thalassophryne nattereri</i>	peixe-sapo	BE			D			NE	7
Ogcocephalidae									
<i>Ogcocephalus vespertilio</i>	peixe-morcego	BE			O			NE	7
Beloniformes									
Belonidae									
<i>Hyporhamphus unifasciatus</i>	agulha-branca	CD			O			NE	7
<i>Strongylura marina</i>	peixe-agulha	CD			D			LC	7
<i>Strongylura timucu</i>	peixe-agulha	CD			D			NE	7
Characiformes									
Anostomidae									
<i>Leporinus bahiensis</i>	piauí	CD				x		NE	6,8
<i>Leporinus conirostris</i>	piauí	CD				x		NE	5, 6
<i>Leporinus copelandii</i>	piauí	CD			P	x		NE	5, 6
<i>Leporinus elongatus</i>	piauí	CD			P			NE	6
<i>Leporinus garmani</i>	piauí	CD	x					NE	6
<i>Leporinus mormyrops</i>	piauí	CD						NE	6
<i>Leporinus piauí</i>	piauí	CD				x		NE	6

Classe/Ordem/Família/Espécie	Nome popular	HAB	END/RAR	CIN	MIG	Status			REF
						BA	BR	IUCN	
<i>Leporinus reinhardti</i>	piáu	CD				x		NE	6
<i>Leporinus sp.</i>	piáu	CD						-	1
<i>Leporinus sp. n. A</i>	piáu	CD						-	6
<i>Leporinus sp. n. B</i>	piáu	CD						-	6
<i>Leporinus steindachneri</i>	piáu	CD	x			x		NE	5, 6
<i>Leporinus taeniatus</i>	piáu	CD				x		NE	6
<i>Characidae</i>									
<i>Acestrorhynchus falcatus</i>	peixe-cachorro	CD				x		NE	6
<i>Acestrorhynchus lacustris</i>	peixe-cachorro	CD				x		NE	6
<i>Acinocheiroidon melanogramma</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Astyanax aff. fasciatus</i>	lambari	CD			P			NE	8
<i>Astyanax aff. fasciatus jequitinhonhae</i>	lambari	CD			P			NE	2
<i>Astyanax aff. rivularis</i>	lambari	CD						NE	5
<i>Astyanax aff. taeniatus</i>	lambari	CD						NE	2
<i>Astyanax aff. lacustris</i>	lambari	CD						NE	5
<i>Astyanax bimaculatus</i>	lambari	CD				x		NE	1,2
<i>Astyanax burgerai</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Astyanax epiagos</i>	lambari	CD						NE	6
<i>Astyanax gr. bimaculatus</i>	lambari	CD						NE	4
<i>Astyanax jacobinae</i>	lambari	CD						NE	6
<i>Astyanax lacustris</i>	lambari	CD				x		NE	8
<i>Astyanax pelecus</i>	lambari	CD	x			x		NE	6
<i>Astyanax sp.</i>	lambari	CD						-	8
<i>Astyanax sp. A</i>	lambari	CD						-	6
<i>Astyanax sp. B</i>	lambari	CD						-	6
<i>Astyanax sp. C</i>	lambari	CD						-	6
<i>Astyanax sp. D</i>	lambari	CD						-	6
<i>Astyanax sp. E</i>	lambari	CD						-	6
<i>Astyanax sp. F</i>	lambari	CD						-	6
<i>Astyanax sp. G</i>	lambari	CD						-	6
<i>Astyanax sp. H</i>	lambari	CD						-	6
<i>Astyanax sp. I</i>	lambari	CD						-	6
<i>Astyanax sp. 1</i>	lambari	CD						-	1,4
<i>Astyanax sp. 2</i>	lambari	CD						-	1,4
<i>Astyanax sp. 3</i>	lambari	CD						-	1,4
<i>Astyanax turmalinensis</i>	lambari	CD	x					NE	6
<i>Astyanax vermillion</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Brycon ferox</i>	piabanha	CD	x	x				NE	6
<i>Brycon sp.</i>	piabanha	CD		x				-	8
<i>Brycon sp. n. A</i>	piabanha	CD		x				-	6
<i>Brycon sp. n. B</i>	piabanha	CD		x				-	6
<i>Brycon vermelha</i>	piabanha	CD	x	x			VU	NE	6
<i>Compsura heterura</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Hasemania piatan</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Hemigrammus brevis</i>	lambari	CD				x		NE	6

Classe/Ordem/Família/Espécie	Nome popular	HAB	END/RAR	CIN	MIG	Status			REF
						BA	BR	IUCN	
<i>Hemigrammus marginatus</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Hyphessobrycon bifasciatus</i>	lambari	CD			P	x		NE	5, 6
<i>Hyphessobrycon itaparicensis</i>	lambari	CD	x			x		NE	6, 8
<i>Hyphessobrycon micropterus</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Hyphessobrycon negodagua</i>	lambari	CD	x			x		NE	6
<i>Hyphessobrycon parvellus</i>	lambari	CD	x			x		NE	6, 8
<i>Hyphessobrycon sp.</i>	lambari	CD						-	1, 4, 6
<i>Hyphessobrycon sp. n.</i>	lambari	CD						-	6
<i>Hyphessobrycon vinaceus</i>	lambari	CD						NE	6
<i>Kolpotocheirodon figueiredoi</i>	lambari	CD	x			x		NE	6
<i>Lignobrycon myersi</i>	lambari	CD	x			x	VU	NE	6
<i>Mimagoniates microlepis</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Mimagoniates sylvicola</i>	lambari	CD	x			x	VU	NE	6, 8
<i>Moenkhausia costae</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Moenkhausia diamantina</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Moenkhausia doceana</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Myxiops aphos</i>	lambari	CD	x			x		NE	6
<i>Nematocharax venustus</i>	lambari	CD				x	VU	NE	1, 2, 4, 6
<i>Oligosarcus acutirostris</i>	peixe-cachorro	CD				x		NE	5, 6
<i>Oligosarcus macrolepis</i>	peixe-cachorro	CD				x		NE	6
<i>Oligosarcus sp.</i>	peixe-cachorro	CD						NE	8
<i>Phenacogaster franciscoensis</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Piabina argentea</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Psellogrammus kennedyi</i>	lambari	CD				x		NE	6
<i>Rachoviscus graciliceps</i>	lambari	CD	x			x	EN	NE	6
<i>Serrapinnus heterodon</i>	lambari	CD						NE	6, 8
<i>Serrapinnus piaba</i>	lambari	CD						NE	6
<i>Serrapinnus sp.</i>	lambari	CD						-	6
<i>Serrapinnus sp. n.</i>	lambari	CD						-	6
<i>Serrasalmus brandti</i>	lambari	CD			P			NE	6, 8
<i>Serrasalmus sp.</i>	lambari	CD			P			-	6
<i>Tetragonopterus chalceus</i>	lambari	CD						NE	6
<i>Triportheus signatus</i>	sardinha	CD		x	P			NE	6
Crenuchidae									
<i>Characidium aff. timbuiense</i>	canivete	BE						NE	8
<i>Characidium aff. zebra</i>	canivete	BE						NE	2, 8
<i>Characidium bahiense</i>	canivete	BE	x			x		NE	6
<i>Characidium cf. timbuiense</i>	canivete	BE						NE	2
<i>Characidium sp. 1</i>	canivete	BE						-	4
<i>Characidium sp. 2</i>	canivete	BE						-	4
<i>Characidium sp. 5</i>	canivete	BE						-	5
<i>Characidium sp. A</i>	canivete	BE						-	8
<i>Characidium sp. B*</i>	canivete	BE						-	8
<i>Characidium sp. C</i>	canivete	BE						-	8
<i>Characidium zebra</i>	canivete	BE				x		NE	1

Classe/Ordem/Família/Espécie	Nome popular	HAB	END/RAR	CIN	MIG	Status			REF
						BA	BR	IUCN	
Curimatidae									
<i>Curimatella lepidura</i>	canivete	BE				x		NE	6
<i>Cyphocharax gilbert</i>	saguirú	CD				x		NE	5, 6
<i>Cyphocharax sp. n</i>	saguirú	CD						-	6
<i>Steindachnerina elegans</i>	saguirú	CD				x		NE	6
Erythrinidae									
<i>Erythrinus kessleri</i>	jeju ou traíra	CD	x	x		x		NE	6
<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i>	jeju ou traíra	CD		x		x		NE	6, 8
<i>Hoplias brasiliensis</i>	traíra	CD	x	x		x		NE	6
<i>Hoplias gr. malabaricus</i>	traíra	CD		x				NE	2
<i>Hoplias malabaricus</i>	traíra	CD		x	P	x		NE	1, 4, 5, 6, 8
Parodontidae									
<i>Apareiodon itapicuruensis</i>	canivete	BE				x		NE	6
Prochilodontidae									
<i>Prochilodus brevis</i>	curimbatá	CD		x		x		NE	6
<i>Prochilodus costatus</i>	curimbatá	CD		x	P	x		NE	6
<i>Prochilodus hartii</i>	curimbatá	CD		x				NE	6
<i>Prochilodus vimboides</i>	curimbatá	CD		x		x		NE	6
Clupeiformes									
Clupeidae									
<i>Harengula clupeola</i>	sardinha	CD		x	D			NE	7
<i>Lile piquitinga</i>	-	CD			D			NE	7
<i>Opisthonema oglinum</i>	sardinha	CD		x	O			NE	7
<i>Anchoa af. januaria</i>	anchova	CD		x	O			NE	7
<i>Anchoa lyolepis</i>	anchova	CD		x	D			NE	7
<i>Anchoa sp.</i>	anchova	CD		x	O			NE	7
<i>Anchoa spinifer</i>	anchova	CD		x				-	7
<i>Anchovia clupeoides</i>	anchova	CD		x	O			NE	3, 7
<i>Cetengraulis edentulus</i>	anchova	CD		x	D			NE	7
<i>Lycengraulis grossidens</i>	sardinha	CD		x	D			NE	3, 7
Cyprinodontiformes									
Poeciliidae									
<i>Pamphorichthys hollandi</i>	barrigudinho	CD				x		NE	6
<i>Phalloceros ocellatus</i>	barrigudinho	CD				x		NE	6
<i>Phalloceros sp.</i>	barrigudinho	CD	x					NE	6
<i>Phalloptychus eigenmanni</i>	barrigudinho	CD	x			x	CR	NE	6
<i>Poecilia reticulata</i>	barrigudinho	CD						NE	1, 2, 4, 8
<i>Poecilia vivipara</i>	barrigudinho	CD						NE	1, 5, 6, 8
Rivulidae									
<i>Cynolebias itapicuruensis</i>	peixe-anual	AL	x			x		NE	6
<i>Rivulus bahianus</i>	peixe-anual	AL						NE	6
<i>Simpsonichthys bokermanni</i>	peixe-anual	AL	x			x	VU	NE	6
<i>Simpsonichthys perpendicularis</i>	peixe-anual	AL				x	VU	NE	6

Classe/Ordem/Família/Espécie	Nome popular	HAB	END/RAR	CIN	MIG	Status			REF
						BA	BR	IUCN	
<i>Simpsonichthys rosaceus</i>	peixe-anual	AL				x	VU	NE	6
<i>Simpsonichthys suzarti</i>	peixe-anual	AL				x		NE	6
Gasterosteiformes									
Syngnathidae									
<i>Fistularia tabacaria</i>	peixe-corneta	CD			D			NE	7
<i>Hippocampus reidi</i>	cavalo-marinho	CD			D			DD	7
<i>Syngnathus sp.</i>	peixe-cachimbo	CD						-	7
<i>Gymnotus bahianus</i>	sarapó	CD	x			x		NE	4, 6, 8
<i>Gymnotus carapo</i>	sarapó	CD			P	x		NE	2, 5, 6, 8
<i>Gymnotus pantherinus</i>	sarapó	CD				x		NE	6
<i>Gymnotus sp.</i>	sarapó	CD						-	6
Mugiliformes									
Mugilidae									
<i>Mugil curema</i>	tainha	CD		x	D			NE	7
<i>Mugil liza</i>	tainha	CD		x	D			NE	7
<i>Mugil sp.</i>	tainha	CD		x				-	7
Perciformes									
Acanthuridae									
<i>Acanthurus bahianus</i>	peixe-cirurgião	CD			O			LC	7
Carangidae									
<i>Carangoides bartholomaei</i>	yellow-jack	CD			O			NE	7
<i>Carangoides crysos</i>	guarassuma	CD		x	O			NE	7
<i>Caranx hippos</i>	xaréu	CD		x	O			NE	3, 7
<i>Caranx latus</i>	xaréu	CD		x	D			NE	5, 7
<i>Chloroscombrus chrysurus</i>	palombeta	CD		x	D			NE	7
<i>Oligoplites palometa</i>	tibiro	CD			D			NE	7
<i>Oligoplites saliens</i>	tibiro	CD			D			NE	7
<i>Oligoplites saurus</i>	tibiro	CD			D			NE	7
<i>Oligoplites sp.</i>	tibiro	CD						-	7
<i>Selene setapinnis</i>	peixe-galo	CD			D			NE	7
<i>Selene vomer</i>	peixe-galo	CD			D			NE	3, 7
<i>Trachinotus falcatus</i>	sernambiguara	CD			D			NE	7
Centropomidae									
<i>Centropomus paralellus</i>	robalo	CD		x	D			NE	3, 5, 7
<i>Centropomus undecimalis</i>	robalo	CD		x	D			NE	7
Cerreidae									
<i>Diapterus auratus</i>	-	CD			D			NE	3, 7
<i>Diapterus rhombeus</i>	-	CD			D			NE	3, 7
<i>Eucinostomus argenteus</i>	-	CD			D			NE	3, 7
<i>Eucinostomus gula</i>	-	CD			D			NE	3, 7
<i>Eugerres brasilianus</i>	carapeva	CD						NE	3, 7
Cichlidae									
<i>Astronotus ocellatus</i>	acará-grande	CD						NE	8
<i>Australoheros facetus</i>	acará-camaleão	CD						NE	6
<i>Cichla pinima</i>	tucunaré	CD		x				NE	8

Classe/Ordem/Família/Espécie	Nome popular	HAB	END/RAR	CIN	MIG	Status			REF
						BA	BR	IUCN	
<i>Cichlasoma sanctifranciscense</i>	cará	CD				x		NE	6, 8
<i>Crenicichla lacustris</i>	joaninha	CD						NE	6
<i>Crenicichla lepidota</i>	joaninha	CD			P	x		NE	6
<i>Crenicichla mucuryna</i>	joaninha	CD	x					NE	6
<i>Geophagus aff. itapicuruensis</i>	cará	CD	x			x		NE	2,4
<i>Geophagus brasiliensis</i>	cará	CD			P	x		NE	1, 4, 5, 8
<i>Oreochromis niloticus*</i>	tilápia	CD		x	P			NE	5, 8
<i>Tilapia rendalli*</i>	tilápia	CD		x	P			LC	1
Ephippidae									
<i>Chaetodipterus faber</i>	-	CD			O			NE	3, 7
Gerreidae									
<i>Eucinostomus melanopterus</i>	-	CD			D			NE	7
<i>Gerres cinereus</i>	-	CD			D			NE	7
Gobiidae									
<i>Awaous tajasica</i>	gobi	CD			D			NE	5
<i>Bathygobius soporator</i>	amboré	CD						NE	7
<i>Ctenogobius boleosoma</i>	-	CD						NE	7
<i>Ctenogobius smaragdus</i>	-	CD						NE	7
<i>Ctenogobius stigmaticus</i>	-	CD						NE	7
<i>Gobionellus oceanicus</i>	-	CD			D			NE	7
<i>Microgobius meeki</i>	amboré	CD						NE	7
Haemulidae									
<i>Anisotremus surinamensis</i>	sargo	CD		x				NE	7
<i>Anisotremus virginicus</i>	sargo	CD		x				NE	7
<i>Genyatremus luteus</i>	caicanha	CD		x	D			NE	7
<i>Haemulon parra</i>	-	CD			O			NE	7
<i>Haemulon squamipinna</i>	-	CD						NE	7
<i>Haemulon steindachneri</i>	-	CD						LC	7
<i>Pomadasy corvinaeformis</i>	coró	CD						NE	7
Lobotidae									
<i>Lobotes surinamensis</i>	prejereba	CD			O			NE	7
Lutjanidae									
<i>Lutjanus alexandrei</i>	ariocó	CD						NE	7
<i>Lutjanus jocu</i>	-	CD			D			NE	7
<i>Lutjanus synagris</i>	-	CD						NE	7
Mugillidae									
<i>Pseudupeneus maculatus</i>	trilha ou salmonete	CD						NE	7
Opistognathidae									
<i>Opistognathus cuvieri</i>	-	CD						NE	7
Polinemidae									
<i>Polydactylus virginicus</i>	-	CD						NE	3, 7
Scianidae									
<i>Cynoscion acoupa</i>	pescada	CD		x	O			NE	7
<i>Cynoscion jamaicensis</i>	pescada	CD		x	D			NE	7

Classe/Ordem/Família/Espécie	Nome popular	HAB	END/RAR	CIN	MIG	Status			REF
						BA	BR	IUCN	
<i>Cynoscion leiarchus</i>	pescada	CD		x	D			NE	3, 7
<i>Cynoscion microlepidotus</i>	pescada	CD		x	D			NE	3, 7
<i>Isopisthus parvipinnis</i>	pescada	CD		x	D			NE	7
<i>Larimus breviceps</i>	pescada	CD		x				NE	7
<i>Macrodon ancylodon</i>	pescada	CD		x				NE	7
<i>Menticirrhus americanus</i>	pescada	CD		x	O			NE	7
<i>Micropogonias furnieri</i>	pescada	CD		x	O			NE	3, 7
<i>Stellifer rastrifer</i>	pescada	CD		x				NE	7
<i>Stellifer sp.</i>	pescada	CD		x				-	7
<i>Stellifer stellifer</i>	pescada	CD		x				NE	7
Scombridae									
<i>Scomberomorus brasiliensis</i>	peixe-serra	CD						LC	7
<i>Diplectrum radiale</i>	-	CD						NE	7
<i>Rypticus randalli</i>	badejo-sabão	CD		x				NE	3, 7
<i>Serranus flaviventris</i>	mariquita	CD		x				NE	7
Sparidae									
<i>Archosargus rhomboidalis</i>	sargo	CD		x	D			NE	7
Sphyraenidae									
<i>Sphyraena barracuda</i>	barracuda	CD		x	D			NE	7
<i>Sphyraena guachancho</i>	barracuda	CD		x	D			NE	7
Trichiuridae									
<i>Trichiurus lepturus</i>	peixe-espada	CD		x	D			NE	7
Pleuronectiformes									
Achiridae									
<i>Achirus declivis</i>	liguado	BE		x	D			NE	7
<i>Achirus lineatus</i>	liguado	BE		x	D			NE	3, 7
<i>Trinectes microphthalmus</i>	liguado	BE		x	D			NE	7
<i>Trinectes paulistanus</i>	liguado	BE		x	D			NE	3, 7
<i>Trinectes sp.</i>	liguado	BE		x				-	3
Cynoglossidae									
<i>Symphurus diomedianus</i>	lingua-de-mulato	BE						NE	7
<i>Symphurus plagusia</i>	lingua-de-mulato	BE						NE	7
Paralichthyidae									
<i>Citharichthys arenaceus</i>	linguado	BE		x				NE	3
<i>Citharichthys macrops</i>	linguado	BE		x				NE	3
<i>Citharichthys spilopterus</i>	linguado	BE		x	D			NE	3, 7
<i>Etropus crossotus</i>	linguado	BE		x	O			NE	7
<i>Paralichthys brasiliensis</i>	linguado	BE		x	D			NE	3, 7
<i>Paralichthys orbignyanus</i>	linguado	BE		x	O			NE	3
<i>Paralichthys sp.</i>	linguado	BE		x				-	7
<i>Paralichthys tropicus</i>	linguado	BE		x				NE	7
<i>Syacium micrurum</i>	linguado	BE		x				NE	3, 7
Scorpaeniformes									
Dactylopteridae									
<i>Dactylopterus volitans</i>	coió	CD						NE	7
Triglidae									

Classe/Ordem/Família/Espécie	Nome popular	HAB	END/RAR	CIN	MIG	Status			REF
						BA	BR	IUCN	
<i>Prionotus punctatus</i>	cabrinha	CD						NE	7
<i>Scorpaenidae</i>									
<i>Scorpaena plumieri</i>	peixe-escorpião	CD						NE	7
Silturiformes									
Ariidae									
<i>Genidens genidens</i>	bagre	BE		x	D			LC	5
<i>Sciades couma</i>	bagre	BE		x	D			LC	7
<i>Sciades herzbergii</i>	bagre	BE		x	D			NE	7
Auchenipteridae									
<i>Parauchenipterus galeatus</i>	bagre	BE		x				NE	6
<i>Parauchenipterus striatulus</i>	bagre	BE		x		x		NE	6
<i>Pseudauchenipterus affinis</i>	bagre	BE	x	x		x		NE	5, 6
<i>Pseudauchenipterus jequitinhonhae</i>	bagre	BE	x	x	P			NE	6
Callichthyidae									
<i>Aspidoras maculosus</i>	tamboatazinho	BE	x					LC	6
<i>Aspidoras psammaticus</i>	tamboatazinho	BE	x			x		NE	6
<i>Aspidoras sp.</i>	tamboatazinho	BE						-	2
<i>Aspidoras sp. n. A</i>	tamboatazinho	BE						-	6
<i>Aspidoras sp. n. B</i>	tamboatazinho	BE						-	6
<i>Aspidoras sp. n. C</i>	tamboatazinho	BE						-	6
<i>Aspidoras sp. n. D</i>	tamboatazinho	BE						-	6
<i>Callichthys callichthys</i>	tamboatá	BE				x		NE	1, 2, 6, 8
<i>Corydoras nattereri</i>	tamboatazinho	BE				x		NE	6
<i>Corydoras sp. n.</i>	tamboatazinho	BE						-	6
<i>Hoplosternum littorale</i>	tamboatá	BE				x		NE	6
<i>Scleromystax prionotos</i>	tamboatazinho	BE				x		NE	6
<i>Scleromystax sp. A</i>	tamboatazinho	BE						-	8
<i>Scleromystax sp. B</i>	tamboatazinho	BE						-	8
Clariidae									
<i>Clarias gariepinus*</i>	bagre-africano	BE		x	P			NE	5
Doradidae									
<i>Kalyptodoras bahiensis</i>	armado	BE	x			x	EM	NE	6
<i>Wertheimeria maculata</i>	bagre	BE	x	x				NE	6
Heptapteridae									
<i>Acentronichthys leptos</i>	bagre	BE		x		x		LC	6
<i>Cetopsorhamdia iheringi</i>	bagrezinho	BE				x		NE	8
<i>Cetopsorhamdia sp.</i>	bagrezinho	BE						-	6
<i>Imparfinis minutus</i>	bagrezinho	BE				x		NE	6
<i>Pimelodella aff.vittata</i>	mandi	CD						NE	5
<i>Pimelodella cf. lateristriga</i>	mandi	CD						NE	2
<i>Pimelodella harttii</i>	mandi	CD						NE	6
<i>Pimelodella itapicuruensis</i>	mandi	CD	x			x		NE	6
<i>Pimelodella lateristriga</i>	mandi	CD				x		NE	6
<i>Pimelodella sp.</i>	mandi	CD						-	1, 8

Classe/Ordem/Família/Espécie	Nome popular	HAB	END/RAR	CIN	MIG	Status			REF
						BA	BR	IUCN	
<i>Pimelodella sp. A</i>	mandi	CD						-	6
<i>Pimelodella sp. B</i>	mandi	CD						-	6
<i>Rhamdia quelen</i>	jundiá	BE		x	P	x		NE	2, 6, 8
<i>Rhamdia sp.</i>	jundiá	BE		x	P			-	1, 6
<i>Rhamdiopsis sp. n.</i>	-	BE						-	6
<i>Loricariidae</i>									
<i>Delturus angulicauda</i>	-	BE	x					NE	6
<i>Delturus sp.</i>	-	BE						-	2
<i>Hisonotus sp.</i>	casquinho	BE						-	6
<i>Hypostomus cf. affinis</i>	casco	BE						NE	5
<i>Hypostomus cf. unae</i>	casco	BE	x					NE	1, 4
<i>Hypostomus chrysostiktos</i>	casco	BE				x		NE	6
<i>Hypostomus sp.</i>	casco	BE						-	1, 8
<i>Hypostomus unae</i>	casco	BE				x		NE	2
<i>Neoplecostominae gen. n. sp. n.</i>	casco	BE						-	5
<i>Otothyris travassosi</i>	casquinho	BE	x			x		NE	5, 6, 8
<i>Pareiorhaphis bahianus</i>	casco	BE	x			x		NE	4, 6
<i>Pareiorhaphis sp. n. A</i>	casco	BE						-	4, 6
<i>Pareiorhaphis sp. n. B</i>	casco	BE						-	6
<i>Pareiorhaphis sp. n. C</i>	casco	BE						-	6
<i>Pareiorhaphis sp. n. D</i>	casco	BE						-	6
<i>Parotocinclus arandai</i>	casquinho	BE				x		NE	5, 6
<i>Parotocinclus bahiensis</i>	casquinho	BE				x		NE	6, 8
<i>Parotocinclus cf. cristatus</i>	casquinho	BE	x					NE	1, 2
<i>Parotocinclus cristatus</i>	casquinho	BE	x			x		NE	4, 6
<i>Parotocinclus jimi</i>	casquinho	BE	x			x		NE	6
<i>Parotocinclus sp.</i>	casquinho	BE						-	4
<i>Parotocinclus sp. A</i>	casquinho	BE						-	6, 8
<i>Parotocinclus sp. B</i>	casquinho	BE						-	6, 8
<i>Parotocinclus sp. C</i>	casquinho	BE						-	6
<i>Parotocinclus sp. D</i>	casquinho	BE						-	6
<i>Pogonopoma wertheimeri</i>	casco	BE	x					NE	6
<i>Pseudotocinclus sp.</i>	casquinho	BE						-	4
<i>Pimelodidae</i>									
<i>Pimelodus sp.</i>	mandi	BE			P			-	6
<i>Pseudopimelodidae</i>									
<i>Microglanis pataxo</i>	bagrinho	BE	x			x		NE	6
<i>Trichomycteridae</i>									
<i>Copionodon lianae</i>	-	BE	x			x		NE	6
<i>Copionodon orthiocarinatus</i>	-	BE	x			x		NE	6
<i>Copionodon pecten</i>	-	BE	x			x		LC	6
<i>Copionodon sp. n.</i>	-	BE						-	6
<i>Glaphyropoma rodriguesi</i>	-	BE	x			x		NE	6
<i>Glaphyropoma spinosum</i>	-	BE				x		NE	6
<i>Ituglanis paraguassuensis</i>	-	BE				x		NE	6, 8
<i>Ituglanis sp.</i>	-	BE						-	2, 4

Classe/Ordem/Família/Espécie	Nome popular	HAB	END/RAR	CIN	MIG	Status			REF
						BA	BR	IUCN	
<i>Trichomycterus bahianus</i>	candiru	BE	x			x		NE	2, 4, 8
<i>Trichomycterus cf. bahianus</i>	candiru	BE	x					NE	1
<i>Trichomycterus pradensis</i>	candiru	BE	x					NE	5, 6
<i>Trichomycterus sp.</i>	candiru	BE						-	4
<i>Trichomycterus sp. n.</i>	candiru	BE						-	6
<i>Trichomycterus sp. 1</i>	candiru	BE						-	4
<i>Trichomycterus sp. 3</i>	candiru	BE						-	4
Synbranchiformes									
Synbranchidae									
<i>Synbranchus marmoratus</i>	muçum	BE			P			NE	6, 8
Tetraodontiformes									
Diodontidae									
<i>Chilomycterus spinosus</i>	baiacu	CD						NE	3, 7
<i>Aluterus heudelotii</i>	-	CD						NE	7
<i>Stephanolepis setifer</i>	-	CD						NE	7
<i>Achantostracium quadricornis</i>	-	CD						NE	7
<i>Lagocephalus laevigatus</i>	-	CD			D			NE	3
<i>Sphoeroides greeleyi</i>	baiacu	CD			D			NE	3, 7
<i>Sphoeroides spengleri</i>	baiacu	CD			D			NE	7
<i>Sphoeroides testudineus</i>	baiacu	CD			D			NE	3, 7
Chondrichthyes									
Rajiformes									
Dasyatidae									
<i>Dasyatis americana</i>	raia	BE		x				DD	7
<i>Dasyatis guttata</i>	raia	BE		x				DD	7
Gymnuridae									
<i>Gymnura micrura</i>	raia	BE		x				DD	7
Myliobatidae									
<i>Rhinoptera bonasus</i>	gavião-do-mar	BE		x				NT	7
Narcinidae									
<i>Narcine brasiliensis</i>	raia	BE		x				DD	7
Rhinobatidae									
<i>Rhinobatos percellens</i>	raia-viola	BE		x				NT	7
Charchariniformes									
Charcharinidae									
<i>Rhizoprionodon porosus</i>	cação-frango	CD		x			LC		7

Fauna Ocorrente na Área de Estudo do Empreendimento

INVERTEBRADOS BENTÔNICOS

No total foram registrados 15 táxons da comunidade bentônica em junho (Tabela 6.2. 28) e outubro (Tabela 6.2. 29) de 2014. Em outubro foram identificados 14 táxons, sendo 3 a mais do que em junho de 2014. Apesar do mês de outubro ser chuvoso, não foi verificada influência desse período sobre a comunidade, possivelmente por ainda não ter chovido nos dias em que a amostragem foi realizada.

De maneira geral foi verificada baixa diversidade gama e ausência de táxons sensíveis da comunidade bentônica registrada na área de influência da duplicação da BR, possivelmente devido ao uso do solo dos locais avaliados e do tipo de substrato, formado por areia e matéria orgânica na maioria dos locais avaliados.

Ressalta-se que em junho e outubro de 2014 não foi registrada a presença de táxons sensíveis à alterações ambientais, especialmente das ordens de insetos Ephemeroptera, Plecoptera e Trichoptera. Chironomidae (Diptera), Oligochaeta (Annelida) e Gastropoda (Mollusca) apresentaram as maiores frequências (FIGURA 6.2 - 367).

TABELA 6.2. 28- COMUNIDADE DE INVERTEBRADOS BENTÔNICOS - CAMPANHA 01 (JULHO DE 2014).

TÁXONS		CAMPANHA 01													
		P 01	P 02	P 03	P 04	P 05	P 06	P 07	P 08	P 09	P 10	P11	P 12	P13	P 14
Ephemeroptera	<i>Cloeodes</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Trichoptera	Casa Leptoceridae	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Diptera	Chironomidae - larva	1900	0	200	0	0	480	20	0	0	20	120	200	0	60
	Simuliidae	80	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Diptera NI	0	0	20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Coleoptera	Elmidae	0	0	0	0	0	0	20	0	0	0	0	0	0	0
Aracnida	Hydracarina	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	0	0
Annelida	Oligochaeta	280	0	120	40	600	880	0	60	0	20	0	40	0	240
	Hirudinea	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mematoda	Nematoda	0	0	0	0	20	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mollusca	Bivalvia	Bivalvia NI	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Gastropoda	Gastropoda NI	120	0	0	80	0	0	0	0	0	0	0	20	60
		Physidae	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	80
		<i>Drepanotrema</i> (Planorbidae)	0	0	0	0	40	0	0	0	0	0	0	0	0
Microcrustacea	Ostracoda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	
Riqueza		4	0	3	2	3	2	2	1	0	2	1	3	1	5
Abundância Total		2384	0	343	122	663	1362	42	61	0	42	121	263	21	465
Índice de Diversidade de Shannon		0,602		0,477	0,301	0,477	0,301	0,301	--	--	0,301	--	0,477	--	0,699
Equitabilidade		502		0,77	0,918	0,33	0,937	1	--	--	1	--	0,625	--	0,815

TABELA 6.2. 29- COMUNIDADE DE INVERTEBRADOS BENTÔNICOS - CAMPANHA 02 (OUTUBRO DE 2014).

Táxons		Campanha 02													
		P 01	P 02	P 03	P 04	P 05	P 06	P 07	P 08	P 09	P 10	P11	P 12	P13	
Ephemeroptera	<i>Cloeodes</i>	0	0	0	0	0	20	0	40	0	0	0	0	0	
Trichoptera	Casa Leptoceridae	0	0	0	0	0	0	0	20	0	0	0	0	40	
Diptera	Chironomidae - larva	2640	200	300	60	120	80	300	20	360	80	80	120	20	
	Simuliidae	320	0	40	20	0	20	200	0	0	120	0	0	0	
	Diptera NI	80	0	0	0	0	0	0	0	0	20	0	0	0	
Coleoptera	Elmidae	0	0	0	40	20	20	0	40	0	20	0	0	0	
Aracnida	Hydracarina	0	0	0	0	0	0	0	20	0	0	0	0	0	
Annelida	Oligochaeta	800	100	300	60	1100	120	40	60	140	20	180	0	40	
	Hirudinea	0	20	0	0	0	0	20	0	80	0	0	0	0	
Mematoda	Nematoda	0	0	0	40	0	0	0	0	0	0	40	0	0	
Mollusca	Bivalvia	Bivalvia NI	0	0	0	80	0	0	0	0	0	0	0	0	
	Gastropoda	Gastropoda NI	60	0	0	0	0	0	0	0	0	20	0	80	20
		Physidae	0	0	0	0	0	20	0	0	0	0	0	0	0
		<i>Drepanotrema</i> (Planorbidae)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Microcrustacea	Ostracoda	0	0	0	0	20	20	0	0	0	0	0	0	60	
Riqueza		5	3	3	6	4	7	4	6	3	6	3	2	5	
Abundância Total		3900	320	640	300	1260	300	560	200	580	280	300	200	180	
Índice de Diversidade de Shannon		0,699	0,477	0,477	0,778	0,602	0,845	0,602	0,778	0,477	0,778	0,477	0,301	0,699	
Equitabilidade		0,583	0,756	0,804	0,957	0,342	0,833	0,728	0,946	0,83	0,823	0,844	0,971	0,946	

Chironomidae e Oligochaeta foram os táxons que apresentaram maiores abundâncias médias nos dois meses avaliados, sendo os demais registrados em baixa densidade. Tal resultado já era esperado, uma vez as larvas deste táxon representam um dos principais componentes da macrofauna bentônica, presentes nos sedimentos e na vegetação de sistemas aquáticos continentais (TRIVINHO-STRIXINO e STRIXINO 1998; PAMPLIN et al., 2005).

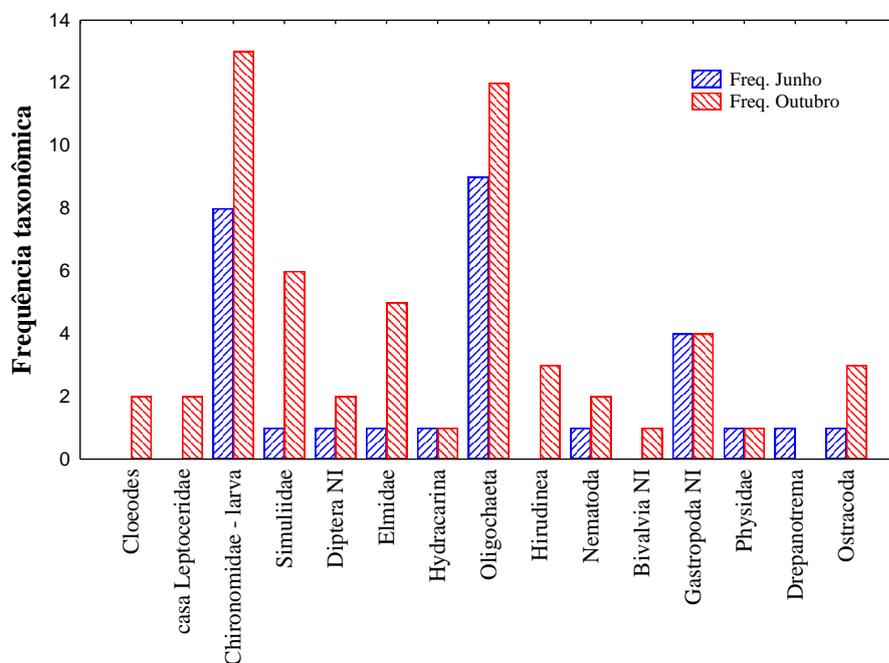


FIGURA 6.2 - 365 - FREQUÊNCIA MÉDIA DOS TÁXONS REGISTRADOS

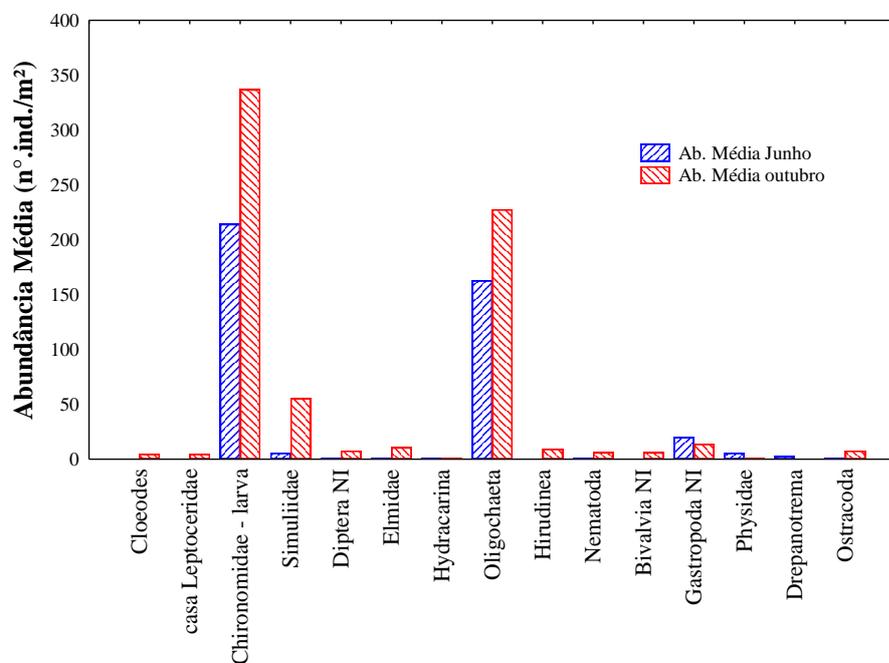


FIGURA 6.2 - 366 - ABUNDÂNCIA MÉDIA DOS TÁXONS REGISTRADOS

A maior abundância total foi registrada no ponto 1, tanto em junho como em outubro de 2014, sendo o maior valor anotado em outubro (3900 ind./m²) (FIGURA 6.2 - 367). Decorrente da alta densidade de Chironomidae nesse local foi verificada baixa

equitabilidade nesse local, indicando baixa uniformidade ambiental. De maneira geral em outubro foi verificado o aumento da equitabilidade, em função do aumento da riqueza e densidade dos táxons (FIGURA 6.2 - 367 e FIGURA 6.2 - 368). Apesar do aumento da riqueza taxonômica, é importante mencionar que foram identificados apenas táxons resistentes, indicando que os locais avaliados já se encontram alterados.

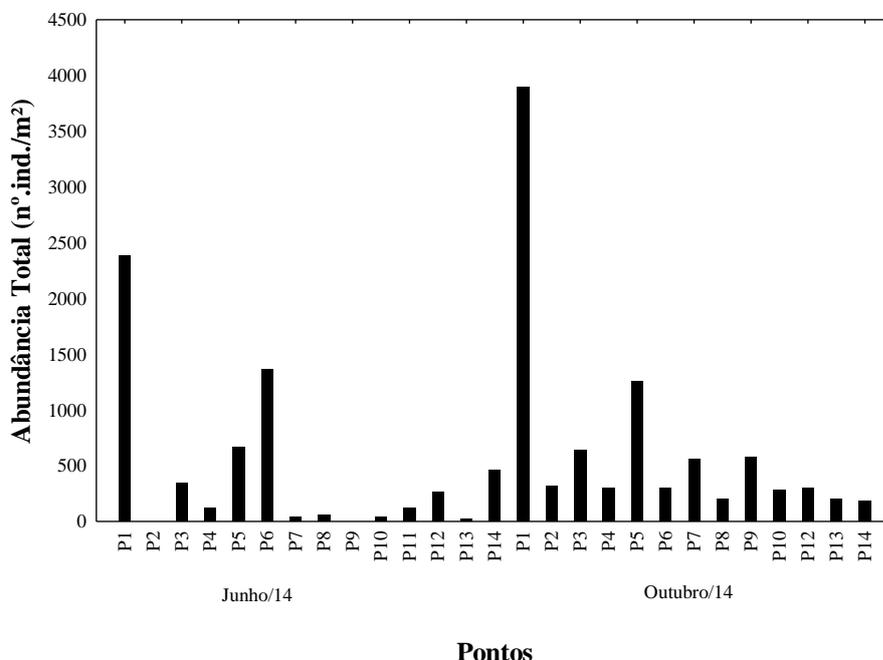


FIGURA 6.2 - 367 - ABUNDÂNCIA TOTAL (Nº.IND./M²)

De maneira geral foram identificados valores extremamente baixos de riqueza taxonômica, sendo os maiores valores identificados em outubro de 2014. Em junho foram registrados valores extremamente baixos, sendo a maior riqueza verificada no ponto 14 (5 táxons). Por outro lado, em outubro, a maior riqueza foi anotada no ponto 6 (7 táxons), o que resultou no maior índice de diversidade registrado nas duas campanhas (0,845). De acordo com a classificação proposta por Barbosa e Calisto (2000) para invertebrados de ambientes aquáticos, índices de diversidade menores que 1,8 são indicativos de locais com baixa diversidade; valores entre 1,8 e 3,0 indicativos de média diversidade e acima de 3,0 indicativos de alta diversidade. Ao utilizarmos esta classificação para o presente estudo, podemos considerar que as unidades amostrais, em ambas as campanhas apresentaram índices de diversidade considerados baixos, pois foram abaixo de 0,845. Entretanto, devemos ressaltar que os baixos valores de diversidade não são necessariamente indicadores de impactos antrópicos. Deve-se levar em consideração o tipo de substrato amostrado no estudo, pois observa-se na literatura trabalhos relatando sua influência na comunidade de macroinvertebrados bentônicos (ALLAN 1975, RABENI e MINSHALL 1977, REICE 1980, ERMAN e ERMAN 1984). Nos referidos trabalhos, é relatada a relação positiva entre a riqueza e diversidade de organismos bentônicos com o tamanho e a heterogeneidade do substrato. Desta forma, o substrato inconsolidado característico nestes pontos pode estar relacionado aos baixos valores de riqueza e diversidade encontrados.

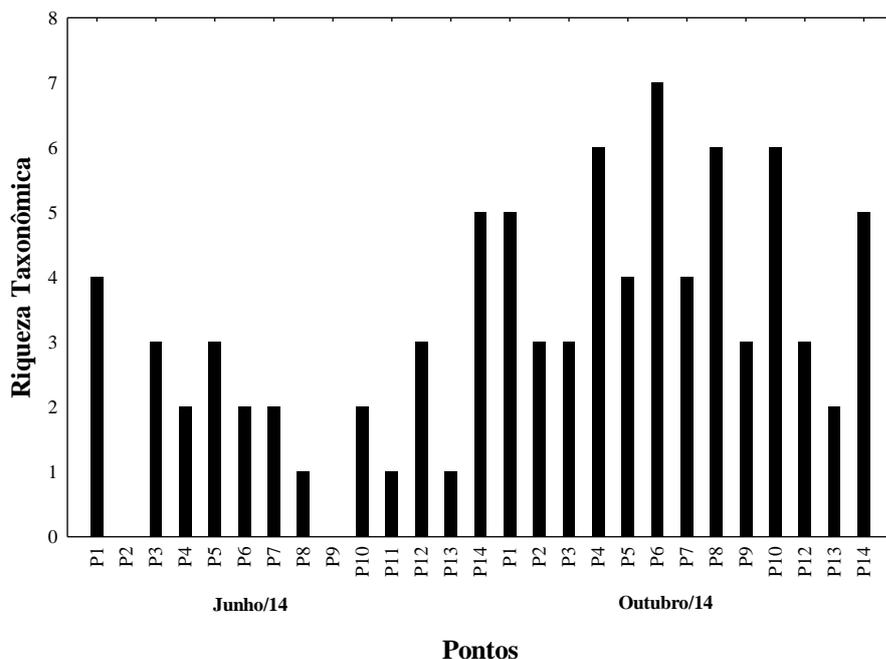


FIGURA 6.2 - 368 - RIQUEZA DE TÁXONS

A análise de cluster realizada a partir da matriz logaritimizada de densidade de táxons demonstrou uma separação evidente dos meses avaliados, não sendo evidenciada separação espacial de maneira geral (FIGURA 6.2 - 369). Como os maiores valores de riqueza e abundância foram registrados em outubro de 2014, fica evidente que na época da amostragem ainda não havia começado a chover, portanto conclui-se que os maiores valores para esses atributos podem ser atribuídos a alta estabilidade do período seco.

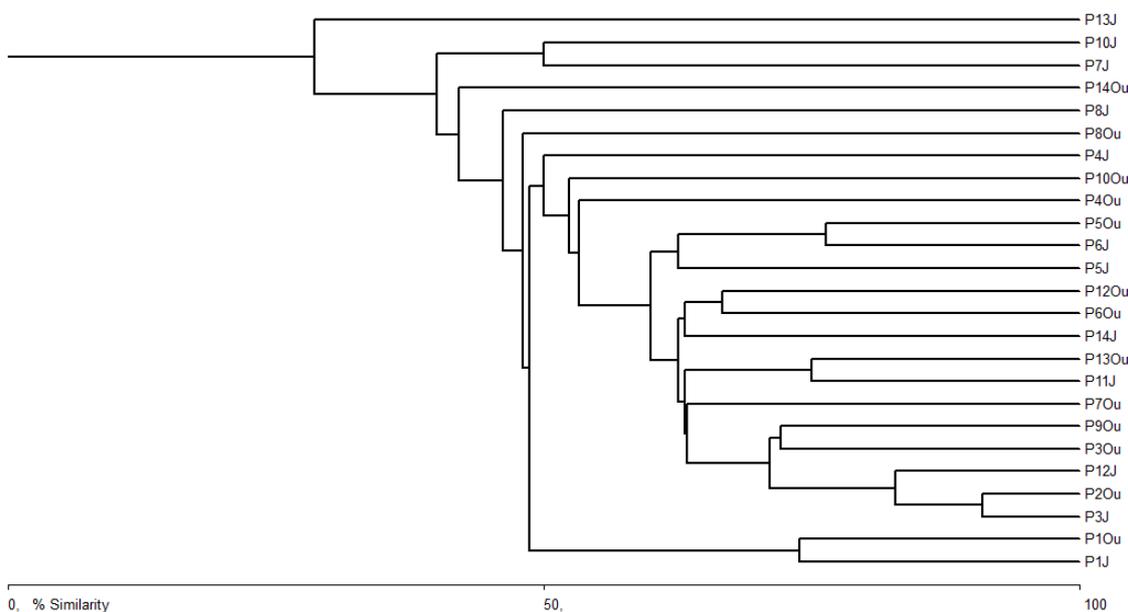


FIGURA 6.2 - 369 - ANÁLISE DE CLUSTER A PARTIR DA MATRIZ DE ABUNDÂNCIA LOGARITIMIZADA, JUNHO (J) E OUTUBRO (OU).

Ictiofauna

Conforme citado anteriormente, mediante emissão da Autorização de captura nº 467/2014, foi dispensada a amostragem de ictiofauna, sendo apresentados neste estudo apenas os dados secundários da região do empreendimento.

DISCUSSÃO

Ictiofauna

A ictiofauna de possível ocorrência para a área do empreendimento caracteriza-se principalmente por possuir grande influência do Oceano Atlântico, tendo inclusive o registro de algumas espécies da Classe Chondrichthyes, que ocupam essencialmente ambientes marinhos, sendo este fator extremamente limitante quando em comparação a outras regiões que não possuem influência marinha.

Devido à influência salina, foram registradas espécies com características migratórias diádromas, que habitam rios e mares como também estuários, correspondendo a 17,10% dos registros, assim como Oceanódromas, que habitam preferencialmente oceanos (3,76%).

Foram também registradas muitas espécies Potamódromas (6,08%), que realizam migrações longitudinais nos rios, possivelmente por esta região possuir recursos de forrageio essenciais para a manutenção destas.

De acordo com os resultados também foi possível perceber uma grande quantidade de espécies endêmicas/raras correspondendo a 13,62% dos registros secundários. Dentre as espécies sendo analisadas, pela Prévía Lista vermelha do Estado da Bahia, foram destacadas 28,11% dos registros referidos nos dados secundários. Já a Lista Vermelha Brasileira destaca 2,89% dos registros referidos nos dados secundários.

A grande presença de espécies ameaçadas sugere que possivelmente a região do empreendimento, já possua perturbações sobre os ambientes aquáticos.

Segundo Nogueira *et al.*, (2010), que analisaram a conservação das bacias hidrográficas brasileiras através da avaliação física dos corpos hídricos e da presença de espécies restritas, a Bacia do Atlântico Leste, região onde encontra-se o futuro empreendimento está entre as que possuem grande quantidade de áreas críticas para a conservação de peixes e habitats. Quando comparada às bacias do Atlântico Nordeste Oriental, do Rio São Francisco e do Atlântico Sudeste, que encontram-se adjacentes ao oceano, a Bacia do Atlântico Leste é a que possui maior quantidade de áreas críticas para conservação com uma porcentagem de 46%.

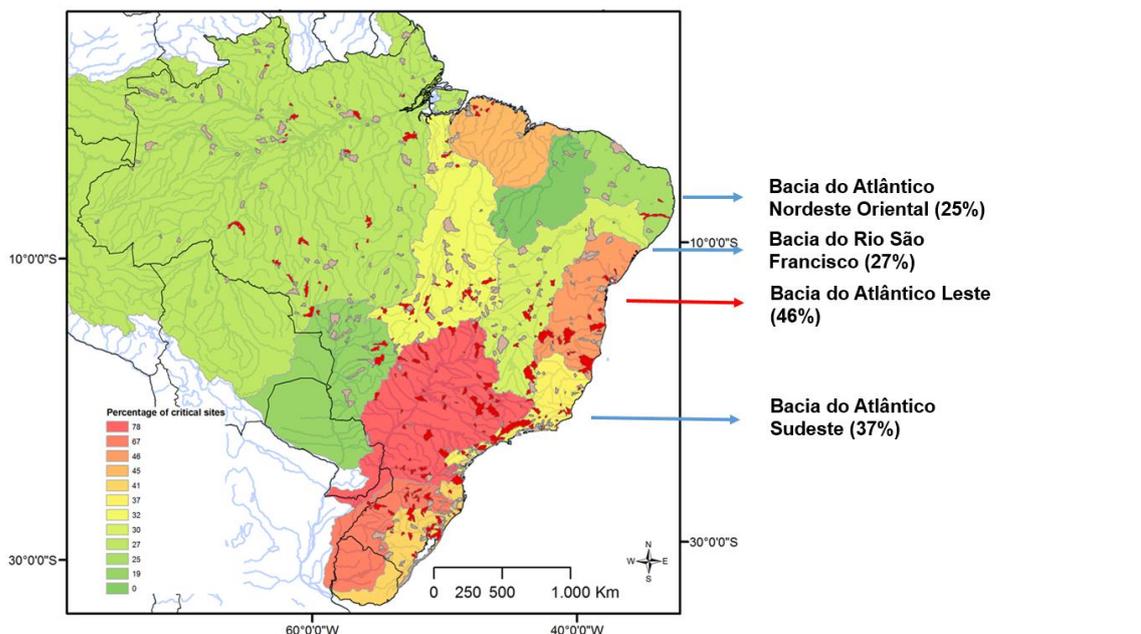


FIGURA 6.2 - 370 - PORCENTAGEM DE ÁREAS CRÍTICAS PARA CONSERVAÇÃO NAS PRINCIPAIS BACIAS HIDROGRÁFICAS DO BRASIL. REGIÕES MARCADAS EM VERMELHO REPRESENTAM AS ÁREAS COM IMPACTO DIRETO. FONTE: NOGUEIRA ET AL., 2010. RESTRICTED-RANGE FISHES AND THE CONSERVATION OF BRAZILIAN FRESHWATERS.

Outros estudos também indicam que a qualidade física dos ambientes aquáticos, principalmente a das zonas ripárias, contribuem com a manutenção ictiofaunística, viabilizando a ocorrência de espécies de hábitos mais especializados e comunidades mais diversificadas (TERESA & CASSATTI, 2010; RABENI & SMALE 1995, STAUFFER *et al.* 2000, LORION & KENNEDY 2009).

CONCLUSÕES

Invertebrados bentônicos

A comunidade de invertebrados bentônicos registrada na área de implantação da duplicação foi composta por um total de 15 táxons, nas duas campanhas estudadas. A comunidade não apresentou um padrão de variação sazonal evidente para abundância total e riqueza taxonômica, apesar do aumento da riqueza e abundância taxonômica verificada em outubro de 2014. As características do substrato e a antropização do entorno constituíram o fator principal para a composição da comunidade, com predominância daqueles táxons adaptados aos substratos mais finos e inconsolidados (lama/areia). As duas campanhas apresentaram baixos valores de riqueza taxonômica, com registro de baixa riqueza de táxons mais sensíveis a alterações ambientais apenas no ponto 8 em outubro (Ephemeroptera e Trichoptera) e predominância de Chironomidae e Oligochaeta em todos os pontos.

Ictiofauna

De acordo com os resultados obtidos através dos registros secundários, foi possível diagnosticar uma grande quantidade de espécies migradoras (26,94%). Este grupo de

peixes pode ser impactado em maiores proporções caso as passagens de água sejam mal projetadas, ou que de alguma forma obstruam a passagem. Segundo Pépino, *et al.*, 2012, que avaliou 157 km de Rodovia no Parque Jacques-Cartier e na Reserva de vida selvagem de Laurentides, localizadas no Canadá, passagens de água mal elaboradas podem influenciar mais a fragmentação de habitats e consequentemente a densidade à montante e jusante do eixo estradal, do que os impactos de curto prazo decorrentes das atividades de construção.

Segundo Bouska & Paukert, 2009, que analisaram passagens de fauna em riachos no nordeste de Kansas - USA, com captura e re-captura de peixes em ambientes naturais, assim como em ensaios em laboratório, foi percebido que a ictiofauna possui limitações para se deslocar entre as passagens, sendo principalmente influenciada pelo tipo de substrato, vazão do rio, e inclinação da passagem. Já para o Brasil ainda não existem referências que analisam passagens de peixes em rodovias.

De maneira geral, analisando as informações expressas nas referências acima, os principais impactos que podem ocorrer sobre a ictiofauna, são decorrentes da fragmentação de habitats e na diminuição da densidade que pode advir de passagens mal projetadas. Porém uma vez que o eixo estradal já existe, a preocupação deve ser focada no melhoramento das passagens existentes, principalmente nas que possuem configuração de bueiro, que podem possuir obstruções em maior quantidade do que pontes.

Outro ponto relevante, é que assim como discutido anteriormente estudos indicam que a qualidade física dos ambientes aquáticos, principalmente a das zonas ripárias, contribuem com a manutenção ictiofaunística, sendo assim caso haja desmatamentos nas áreas onde haverá duplicação, ou mesmo em outras áreas sob-responsabilidade deste empreendimento, sugere-se que haja como forma de mitigação o adensamento de zonas ripárias que serão interceptadas pela rodovia.